

F Ó R U M

L I N G U Í S T I C O

FLORIANÓPOLIS - VOLUME 15 - NÚMERO 2 - ABR./JUL. 2018.



REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA DA UFSC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

REITOR | Ubaldo Cesar Balthazar

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

DIRETOR | Arnaldo Debatin Neto
VICE-DIRETORA | Silvana de Gaspari

DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

CHEFE | Marcos Antonio Rocha Baltar
SUB-CHEFE | Marco Antônio Esteves da Rocha

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

COORDENADOR | Marco Antonio Martins
VICE-COORDENADORA | Cristine Görski Severo

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA / DIRECCIÓN POSTAL / MAILING ADDRESS

Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Lingüística
CCE - Bloco B, Sala 315, 88040970, Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis, SC, Brasil. E-mail:
forumlinguistico.cce@contato.ufsc.br/ Tel. (48) 3721-9581/ Fax (48) 3721-6604

(CATALOGAÇÃO NA FONTE PELA DECTI DA BIBLIOTECA DA UFSC)

Fórum lingüístico/ Programa de Pós-graduação em Lingüística.
Universidade Federal de Santa Catarina. v. 15, Número 2 (2018)
Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, Pós-graduação
em Lingüística, 2018 –Trimestral
Irregular 1998-2007;
Resumo em português, espanhol e inglês
A partir de maio de 2008, disponível no portal de periódicos da UFSC em:
<http://www.periodicos.ufsc.br>
pISSN 1516-8698
eISSN 1984-84121. Lingüística. 2. Linguagem. 3. Língua Portuguesa I. Universidade
Federal de Santa Catarina. Pós-graduação em Lingüística. Curso de
Letras

INDEXADORES / INDEXACIÓN / INDEXATION

CAPES - Portal de Periódicos - <http://www.periodicos.capes.gov.br>
DRJI - Directory of Research Journal Indexing - <http://www.drji.org>
Diadorim - <http://diadorim.ibict.br>
Dialnet - <https://dialnet.unirioja.es>
DOAJ - <https://doaj.org>
EBSCO - <http://www.ebsco.com>
Genamics JournalSeek - <http://journalseek.net>
Latindex - <http://www.latindex.org>
Sumários.org - <http://www.sumarios.org>

F Ó R U M L I N G U Í S T I C O

VOLUME 15 | NÚMERO 2 | ABR./JUL.2018

eISSN 1984-8412

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA | UFSC

Forum linguist. | Florianópolis | v. 15 | n.2 | p. 2950-3110 | abr./jul.2018

EDITOR-CHEFE / EDITOR JEFE / EDITOR-IN-CHIEF

Atilio Butturi Junior - UFSC, Florianópolis, BR

EDITORES EXECUTIVOS / EDITORES EJECUTIVOS / EXECUTIVE EDITORS

Edair Maria Görski . UFSC, Florianópolis, BR | Izabel Christine Seara . UFSC, Florianópolis, BR | **Leandra Cristina de Oliveira** . UFSC, Florianópolis, BR | Maria Inez Probst Lucena . UFSC, Florianópolis, BR | **Núbia Ferreira Rech** . UFSC, Florianópolis, BR | Rodrigo Acosta Pereira . UFSC, Florianópolis, BR | **Rosângela Pedralli** . UFSC, Florianópolis, BR | Sandro Braga . UFSC, Florianópolis, BR

EDITORES ASSISTENTES / EDITORES ADJUNTOS / ASSISTANT EDITORS

Amanda Machado Chraim . UFSC, Florianópolis, BR | Anderson Jair Goulart. UFFS, Erechim, BR | **Gabriel Neves Flaquer**. UFSC, Florianópolis, BR | João Paulo Zarelli Rocha . UFSC, Florianópolis, BR | **Josa Coelho da Silva Irigoite** . UFSC, Florianópolis, BR | Lygia Barbachan Schmitz. UFSC, Florianópolis, BR| **Suziane da Silva Mossmann**- UFSC, Florianópolis, BR

CONSELHO EDITORIAL / CONSEJO EDITORIAL / EDITORIAL BOARD

Adail Ubirajara Sobral . UCPEL, Pelotas, BR | **Adelaide Hercília Pescatori Silva** . UFPR, Curitiba, BR | Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão . UFSC, Florianópolis, BR | **Aleksandra Piasecka-Till** . UFPR, Curitiba, BR | Angela Bustos Kleiman . UNICAMP, Campinas, BR | **Ani Carla Marchesan** . UFFS, Chapecó, BR | Benedito Gomes Bezerra . UFP, Recife, BR | **Benjamin Meisnitzer**, Johannes Gutenberg Universität Mainz, GER | Bento Carlos Dias da Silva . UNESP, Araraquara, BR | **Christina Abreu Gomes** . UFRJ, Rio de Janeiro, BR | Cláudia Regina Brescancini . PUCRS, Porto Alegre, BR | **Dóris de Arruda C. da Cunha** . UFPE, Recife, BR | Dulce do Carmo Franceschini . UFU, Uberlândia, BR | **Edwiges Maria Morato** . UNICAMP, Campinas, BR | Eleonora Albano . UNICAMP, Campinas, BR | **Eliana Rosa Sturza** . UFSM, Santa Maria, BR | Elisa Battisti . UFRGS, Porto Alegre, BR | **Fábio José Rauen** . UNISUL, Tubarão, BR | Fernanda Coelho Liberali . PUC-SP, São Paulo, BR | **Francisco Alves Filho** . UFPI, Terezina, BR | Gabriel de Ávila Othero . UFRGS, Porto Alegre, BR | **Georg A Kaiser**, Universität Konstanz, GER | Heloísa Pedroso de Moraes Feltes . UCS, Caxias do Sul, BR | **Heronides M. de Melo Moura** . UFSC, Florianópolis, BR | Jane Quintiliano Silva . PUCMINAS, Belo Horizonte, BR | **João Carlos Cattelan** . UNIOESTE, Cascavel, BR | João Wanderley Geraldi . UNICAMP, Campinas, BR | **José Luís da Câmara Leme** . Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, PT | Leonor Scliar Cabral . UFSC, Florianópolis, BR | **Letícia Fraga** . UEPG, Ponta Grossa, BR | Lilian Cristine Hübner . PUCRS, Porto Alegre, BR | **Lucília Maria Sousa Romão** . USP, Ribeirão Preto, BR | Luiz Francisco Dias . UFMG, Belo Horizonte, BR | **Lurdes Castro Moutinho** . Univ. de Aveiro, Aveiro, PT | Marci Fileti Martins . UNIR, Campus Guajara-Mirim, BR | **Maria Cristina da Cunha Pereira Yoshioka** – PUCSP, São Paulo, BR | Maria Cristina Lobo Name . UFJF, Juiz de Fora, BR | **Maria de Lourdes Dionísio**, Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho, PT | Maria Izabel Santos Magalhães . UNB, UFC, Fortaleza, BR | **Maria Margarida M. Salomão** . UFJF, Juiz de Fora, BR | María Ángeles Sastre Ruano, Universidad de Valladolid, ESP | **Mariangela Rios de Oliveira** – UFF, Niterói, BR | **Marília Ana de Moura Aguiar** . UNICAP, Recife, BR | Marta Cristina Silva – UFJF, Juiz de Fora, BR | **Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti** . UFSC, Florianópolis, BR | Morgana Fabíola Cambrussi . UFFS, Chapecó, BR | **Nicanor Nicanor Rebolledo Recendiz** . Universidad Pedagógica Nacional, Cidade do México, MX | Nívea Rohling da Silva . UFTPR, Curitiba, BR | **Rainer Enrique Hamel** . Univ. Autónoma Metropolitana, Cidade do México, MX | Rosângela Hammes Rodrigues . UFSC, Florianópolis, BR | **Sinfree Makoni**, Universidade Estadual da Pennsylvania, EUA | Solange Coelho Vereza . UFF, Niterói, BR | **Telisa Furlanetto Graeff** . UPF, Passo Fundo, BR | Tony Berber Sardinha . PUC-SP, São Paulo, BR | **Vânia Cristina Casseb Galvão** . UFG, Goiânia, BR | Wander Emediato de Souza . UFMG, Belo Horizonte, BR

IMAGEM DA CAPA / IMAGEN DE LA PORTADA / COVER IMAGE

Guy Yanai, *Berck sur Mer Tourist Website* – 2018 – oil on linen 30x40 cm
 Guy Yanay – Israel – www.guy-yanay.com
 Courtesy of the artist and Flatland Gallery, Amsterdam

DESIGN GRÁFICO / TAPA Y DISEÑO GRÁFICO / COVER AND GRAPHIC DESIGN

Pedro P. V. – Florianópolis, Brasil

SUMÁRIO / TABLA DE CONTENIDOS / TABLE OF CONTENTS

APRESENTAÇÃO / *Presentación* / Presentation

2958

ATILIO BUTTURI JUNIOR

ARTIGO / ARTÍCULO / ARTICLE

**SADIAS DIRETRIZES PARA RAPAZES DO DR. HAROLDO SHRYOCK: UMA
ANALÍTICA DA IMAGEM EM DISCURSO** | *Saludables directrices para muchachos del
Dr. Shryock: un análisis de la imagen en discurso* | Dr. Shryock's healthy guidelines for
young men: an analysis of picture in discourse

2962

RAFAEL DE SOUZA BENTO FERNANDES E ISMARA TASSO

**DISCURSOS DE VERDADE E BIOPOLÍTICA EM REDAÇÕES DE VESTIBULANDOS:
A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NEGRAS** | *Discursos de verdad y biopolítica en
redacciones de candidatos: la producción de subjetividades negras* | Discourses and
truth, and biopolitics in writings of *vestibulandos*: the production of black
subjectivities

2974

CARMEN BRUNELLI DE MOURA, EDGLEY FREIRE TAVARES E MARLUCE PEREIRA
DA SILVA

-
- UM OLHAR PARA A ESFERA JURÍDICA: O GÊNERO DENÚNCIA EM FOCO** | *Una mirada hacia la esfera jurídica: en foco el género denuncia* | A look at the legal sphere: the complaint genre in focus 2986

MÁRCIA HELENA DE MELO PEREIRA, ANNE CAROLLINE DIAS ROCHA PRADO E LARISSA CARVALHO DE MACÊDO PEREIRA

-
- A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO OBITUÁRIO BRASILEIRO NO JORNAL FOLHA DE S. PAULO** | *La construcción discursiva del obituario brasileño en el periódico Folha de S. Paulo* | The discursive building of the brazilian obituary in the *Folha de S. Paulo* newspaper 3001

JONATHAN HENRIQUE SEMMLER E SÔNIA CRISTINA PAVANELLI DAROS

-
- DISCURSOS MIDIÁTICOS: O JOGO DISCURSIVO EM FUNCIONAMENTO NO PROCESSO DE VALIDAÇÃO DE MATÉRIAS DE UM JORNAL ON-LINE DO ESTADO DO PARANÁ** | *Discursos mediáticos: el juego discursivo en funcionamiento en el proceso de validación de materias de un periodo en línea del estado del Paraná* | Media discourses: the discursive game in montion in the process of validation of articles from an online newspaper from the state of Paraná 3017

EDNALDO TARTAGLIA

-
- TRADIÇÕES DISCURSIVAS: UMA ÁREA ENTRE O LEGADO COSERIANO E A INOVAÇÃO METODOLÓGICA – REFLEXÕES TEÓRICAS E UMA MICROANÁLISE DAS CARTAS OFICIAIS NORTE-RIO-GRANDENSES (1713-1931)** | *Tradiciones discursivas: un área entre el legado coseriano y la innovación metodológica – reflexiones teóricas y una microanálisis de las cartas oficiales norte-rio-grandenses (1713-1931)* | Discourse traditions: an area between the coserian legacy and the methodological innovation – theoretical reflections and a microanalysis of the Rio Grande do Norte official letters (1713-1931) 3025

FELIPE MORAIS DE MELO E MARIA HOZANETE ALVES DE LIMA

GÊNERO E POSSESSIVOS EM PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA <i>Género y posesivos en el Portugués Lengua Eranjera</i> Gender and possessives in Portuguese Foreign Language	3043
---	------

DIOCLECIANO NATHUVE

RAMO RÊ SE RAI DÁ CERTO: O ENFRAQUECIMENTO DA FRICATIVA /V/ NO FALAR DE FORTALEZA-CE <i>Ramo rê se rai dá certo: el debilitamiento de la fricativa /v/ en el hablar de Fortaleza-CE</i> <i>Ramo rê se rai dá certo: lenition of the fricative /v/ in the speech of Fortaleza-CE</i>	3055
--	------

ANA GERMANA PONTES RODRIGUES, ALUIZA ALVES DE ARAÚJO E MARIA LIDIANE DE SOUSA PEREIRA

CONSTRUÇÕES SUPERLATIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: TRI [X], BAITA [X] E PUTA [X] <i>Construcciones superlativas en Portugués Brasileño: tri [x], baita [x] y puta [x]</i> Superlative constructions in Brazilian Portuguese: <i>tri [x], baita [x]</i> and <i>puta [x]</i>	3072
--	------

HELOÍSA PEDROSO DE MORAES FELTES E MARCIELE BORCHERT

RETROSPECTIVA / RETROSPECTIVO / RETROSPECTIVE

QUINHENTOS ANOS DE HISTÓRIA SOCIAL LINGÜÍSTICA DO BRASIL: UMA RETROSPECTIVA <i>Quinientos años de historia social-lingüística de Brasil: una retrospectiva</i> Five hundred years of Brazil's social-linguistic history: a retrospective	3093
---	------

WAGNER ARGOLO NOBRE

F Ó R U M L I N G U Í S T I C O

APRESENTAÇÃO

VOLUME 15, NÚMERO 2, ABR./JUL.2018

Este segundo número de 2018 da revista *Fórum Linguístico (FL)*, periódico do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, conta com dez artigos, cujas temáticas abrangem campos tão distintos quanto a biopolítica, a sociolinguística, os estudos de gênero e a história dos estudos linguísticos.

O primeiro dos artigos da presente edição intitula-se **Sadias diretrizes para rapazes do Dr. Haroldo Shryock: uma analítica da imagem em discurso**. Escrito por Rafael de Souza Bento Fernandes e Ismara Tasso, pesquisadores da Universidade Estadual de Maringá, o texto traça uma análise do discurso – notadamente, foucaultiana – de enunciados acerca da virilidade, materializados no manual publicado nos anos sessenta do século XX, *O môle e seus problemas*, e em propagandas e *posts* no *Facebook* da empresa Oi.

Carmen Brunelli de Moura, Edgley Freire Tavares e Marluce Pereira da Silva (respectivamente, pesquisadores da Universidade Potiguar, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e da Universidade Federal da Paraíba) são os autores do segundo artigo deste número 2, volume 15, da *Fórum Linguístico*. Também produzido segundo uma perspectiva foucaultiana, o escrito **Discursos de verdade e biopolítica em redações de vestibulandos: a produção de subjetividades negras** traz à tona, no campo da linguagem e da produção de sentidos, as discussões sobre a governabilidade, a biopolítica e a racialização, tomando como objeto de problematização as redações do vestibular de 2013 de uma instituição federal de ensino superior, cuja temática era *A participação do negro na atual sociedade brasileira*.

Um olhar para a esfera jurídica: o gênero denúncia em foco, escrito pelos pesquisadores da Universidade Estadual do Sudeste da Bahia Márcia Helena de Melo Pereira, Anne Carolline Dias Rocha Prado e Larissa Carvalho de Macêdo Pereira, é o terceiro trabalho da presente *FL* (v.15, n.2, 2018). O texto volta-se para a teoria bakhtiniana dos gêneros do discurso e investiga, a partir de um *corpus* formado por vinte e dois exemplares de denúncias (da Vara Crime da Comarca de Mutuípe-BA e retirados da internet), como se organiza e se materializa a denúncia, entendida como um gênero bastante rígido e padronizado.

O quarto artigo que vem a lume nesta *Fórum* permanece na senda dos estudos de gênero bakhtinianos. Intitulado **A construção discursiva do obituário brasileiro no jornal Folha de S. Paulo** e escrito por Jonathan Henrique Semmler (pesquisador da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) e Sônia Cristina Pavanelli Daros (pesquisadora da Universidade Metodista de Piracicaba), epetende também averiguar o funcionamento do gênero obtuário no Brasil, materializado no discurso midiático da Folha de S. Paulo. Para os autores, o obituário se caracteriza pela intersecção entre o jornalismo informativo e o que chamam de “traços do jornalismo interpretativo e literário”.

Discursos midiáticos: o jogo discursivo em funcionamento no processo de validação de matérias de um jornal on-line do estado do Paraná, de autoria de Ednaldo Tartaglia, pesquisador da Universidade Federal do Amapá, é o quinto dos artigos a figurar no volume 15, número 2, da *Fórum Linguístico*. Tartaglia parte da Análise do Discurso de Linha Francesa e, como no artigo precedente, elege como objeto de pesquisa os discursos midiáticos – especificamente, a matéria *Tudo sobre a greve e a ocupação nas escolas do Paraná*, publicada em 2016 no jornal Gazeta do Povo – e a rede de enunciados que produziram e reproduziram sentidos sobre a ocupação das escolas, os estudantes e, no limite, os movimentos sociais e suas memórias discursivas.

O sexto artigo a figurar no volume 15, número 2, da *Fórum Linguístico* é **Tradições discursivas: uma área entre o legado coseriano e a inovação metodológica – reflexões teóricas e uma microanálise das cartas oficiais norte-rio-grandenses (1713-1931)**. Seus autores, Felipe Moraes de Melo e Maria Hozanete Alves de Lima (respectivamente, pesquisadores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte), ancoram-se nos estudos das Tradições Discursivas (TD), levando em conta suas análises diacrônicas e de viés pragmático-discursivo, relacionando-os com algumas propostas metodológicas de Coseriu. Depois de debater a pertinência de tais relações, os autores analisam quatro cartas oficiais de um corpus diacrônico, utilizando-se dos pressupostos teóricos coseriano e das TD.

O pesquisador da Universidade do Zimbabwe, Diocleciano Nhaturu, é o autor do artigo **Gênero e possessivos em Português Língua Estrangeira**, o sétimo deste número da *FL*. Como evidencia o título do texto, trata-se de um escrito que discute os resultados de uma pesquisa com estudantes de Português Língua Estrangeira da Universidade do Zimbabwe, cujo objetivo é a descrição da concordância nominal de gênero entre os possessivos e os nomes em PLE. Partindo das teorias variacionistas e daquelas que investigam o processo de ensino e aprendizagem de línguas, o autor reflete acerca do papel exercido pelo Shona e pelo Inglês no funcionamento da concordância do Português, apontando algumas tendências do uso dos possessivos encontradas entre os estudantes.

Por sua vez, Ana Germana Pontes Rodrigues, Aluiza Alves de Araújo e Maria Lidianne de Sousa Pereira, pesquisadoras da Universidade Estadual do Ceará, são as autoras do oitavo artigo desta segunda *Fórum* de 2018, **Ramo rê se rai dá certo: o enfraquecimento da fricativa /v/ no falar de Fortaleza-CE**. O artigo toma a sociolinguística variacionista como pressuposto teórico-metodológico e analisa o falar popular de Fortaleza, mais detidamente o uso e as variações da fricativa /v/ em início de palavra. As autoras, a partir de um corpus de quarenta e oito informantes (do NORPOFOR), pretendem inquirir acerca dos fatores que “condicionam o enfraquecimento de /v/ no falar da capital cearense”.

Nono artigo da presente edição da *Fórum Linguístico* (v.15, n.2, 2018), **Construções superlativas no Português Brasileiro: tri [x], baita [x] e puta [x]**, de autoria de Heloísa Pedroso de Moraes Feltes e Marcele Borchert, pesquisadoras da Universidade de Caxias do Sul, oferece uma descrição, baseada na Gramática das Construções e na literatura sobre a superlatividade no PB, de construções coloquiais do PB – *tri*, *baita* e *puta* –, cujas ocorrências aparecem no *Corpus* do Português. Para as autoras, a análise proposta não apenas consegue categorizar as expressões, como oferece a possibilidade de ampliar a “rede construcional superlativa no Português Brasileiro”.

Na seção *Retrospectiva* – que fecha esta edição número dois de 2018 da *FL* –, o artigo **Quinhentos anos de história social linguística do Brasil: uma retrospectiva**, de Wagner Argolo Nobre (pesquisador da União Metropolitana de Educação e Cultura) oferece um amplo painel crítico da história social-linguística brasileira. Nobre recobre um período que vai desde a colonização e as tensões diante das línguas indígenas, passando pela presença das línguas de África e pelas relações linguísticas da imigração europeia e asiática, questionando-se, segundo a literatura da área, sobre um hipotético quadro geral da língua portuguesa no Brasil atual.

Por fim, depois de apresentar os trabalhos que compõem este segundo número de 2018 da *Fórum Linguístico* (v.15, n.2), é tempo de agradecer aos autores e autoras dos artigos, aos avaliadores e avaliadoras *ad hoc*, às leitoras e aos leitores da revista, aos membros do corpo editorial, editores, revisores e revisoras, bolsista e artistas gráficos. Além disso, aos funcionários do Setor de Periódicos da UFSC e, finalmente, ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, pelo apoio constante e irrestrito dado ao periódico. Ademais, é mister deixar registrado o convite para a leitura das instigantes pesquisas que perfazem mais este número da *Fórum* e que, de diferentes perspectivas, trazem questionamentos relevantes para a pesquisa no campo da linguagem.

ATILIO BUTTURI JUNIOR

Editor-chefe

SADIAS DIRETRIZES PARA RAPAZES DO DR. HAROLDO SHRYOCK: UMA ANALÍTICA DA IMAGEM EM DISCURSO

SALUDABLES DIRECTRICES PARA MUCHACHOS DEL DR. SHRYOCK: UN ANÁLISIS DE LA
IMAGEN EN DISCURSO

DR. SHRYOCK'S HEALTHY GUIDELINES FOR YOUNG MEN: AN ANALYSIS OF PICTURE IN
DISCOURSE

Rafael de Souza Bento Fernandes *

Ismara Tasso **

Universidade Estadual de Maringá

RESUMO: Sob a perspectiva da Análise do Discurso de orientação franco-brasileira, em especial a partir da teoria foucaultiana, objetiva-se compreender como se constitui o objeto do discurso “virilidade” em manual da década de sessenta *O môço e seus problemas*, do Dr. Shryock (1969), estabelecendo relação com anúncios de campanha publicitária contemporânea da empresa de telefonia móvel Oi e dois *posts* de páginas de site de relacionamento *Facebook*, cujos padrões de elementos repetíveis em termos de iconografia do corpo (posturas, gestos, olhares) desvelam efeitos de verdade e de poder sobre o que é ser homem “de verdade”. Conjectura-se que a construção da virilidade, vinculada ao domínio médico, perpassa a apreciação moral (e religiosa) sobre condutas modelares de corpos em vigília, estabelecendo regimes de exclusão de toda sorte que fazem reverberar (regidos por dispositivo da tradição) efeitos de verdade segundo os quais masculinidade é sinônimo de dominância.

PALAVRAS-CHAVE: Verdade. Virilidade. Corpo.

RESUMEN: Bajo la perspectiva del Análisis del discurso de orientación franco-brasileño, en especial de la teoría foucaultiana, se objetiva comprender cómo se constituye el objeto del discurso “virilidad” en manual de la década de sesenta *O môço e seus problemas*

* Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Maringá – PLE/UEM, com período “sanduíche” (CAPES-PSDE/Edital 2016) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal – FLUC. Membro do GEDUEM/CNPq. E-mail: rafaelsbfernandes@hotmail.com.

** Pós-doutora pelo IEL/UNICAMP. Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara. Professora do Departamento de Língua Portuguesa e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UEM/PR. Líder do GEDUEM/CNPq. E-mail: tassojs@terra.com.br.

(El muchacho y sus problemas), de Dr. Shryock (1969), estableciendo relación con anuncios de campaña publicitaria contemporánea de la empresa de telefonía móvil *Oi* y dos *posts* de páginas del sitio de relacionamiento *Facebook*, cuyos patrones de elementos repetibles en términos de iconografía del cuerpo (posturas, gestos, miradas) desvelan efectos de verdad y de poder sobre lo que es ser hombre “de verdad”. Se conjetura que la construcción de la virilidad, involucrada al dominio médico, atraviesa la apreciación moral (y religiosa) sobre conductas modelares de cuerpos en vigilancia, estableciendo todo tipo de regímenes de exclusión que hacen reverberar (bajo el dispositivo de la tradición) efectos de verdad según los cuales masculinidad es sinónimo de dominancia.

PALABRAS CLAVE: Verdad. Virilidad. Cuerpo.

ABSTRACT: The discourse on ‘virility’ constructed by Dr. Shryock’s handbook *On becoming a man: A book for teenage boys*, published in 1968, is analyzed from the point of view of French and Brazilian Discourse Analyses. Current study investigates the relationship between publicity advertisements by the telecommunications company *Oi* and two Facebook posts whose patterns of repetitive factors in terms of body iconography (poses, gestures, gaze) reveal truth and power effects on what means being a man. We assumed the construction of manliness, foregrounded on medical evidence, involves a moral (and religious) stance on attentive model body behaviors and establishes comprehensive exclusion regimens that insist of real effects (ruled by tradition) according to which masculinity is synonymous to dominance.

KEY WORDS: Truth. Manliness. Body.

Como, por que e a que preço, temos nos empenhado em sustentar um discurso verdadeiro sobre o sujeito, sobre o sujeito que não somos, enquanto sujeito louco ou sujeito delinquente, sobre o sujeito que, de modo geral, nós somos enquanto falamos, trabalhamos, vivemos, e enfim sobre o sujeito que, no caso particular da sexualidade, nós somos direta e individualmente para nós mesmos? (FOUCAULT, 2006, p. 308).

1 INTRODUÇÃO

O livro *O moço e seus problemas*, tradução do original inglês para *On becoming a man*, é um manual escrito pelo médico religioso Dr. Haroldo Shryock (1969), que se propõe a explicar os fatos do mundo para adolescentes que prontamente assumirão os riscos e os prazeres da vida adulta. Em formato de lições, cada capítulo apresenta um ensinamento necessário ao jovem rapaz como, por exemplo, o *Jogo do Amor* (capítulo sete), o *Segredo sobre as Meninas* (capítulo quatro) e *O Trato com o Dinheiro* (capítulo dezessete), bem como apresenta explicações médicas sobre puberdade e o nascimento das crianças, como é o caso de *De Onde Veio Você?* (capítulo dois).¹

O moço que, no fim de sua meninice, nota as *Evidências da Virilidade* (capítulo três) em si deve, conforme o Shryock (1969), tomar cuidado com os perigosos desvios do ideário masculino (embora “natural”), o que requer mecanismos de (auto) vigilância – uma espécie de óbvio que precisa constantemente ser dito e retomado. Tais sadias diretrizes contemplam desde o que se deve ler (“[...] eles [sic] não podem esperar alcançar boas notas em matérias como física, química e matemática se lerem livros de ficção” (SHRYOCK, 1969, p. 187)) e até mesmo quais sonhos que se deve ter (“[...] embora seu sonho envolvesse tanto quanto um milhão de cruzeiros, parecia que o que você desejava comprar ou fazer com o dinheiro ficava ainda muito além do montante que possuía” (SHRYOCK, 1969, p. 187)), citando apenas duas passagens.

Mais do que um passeio ao “cemitério de verdades mortas”, nas palavras de Veyne (2008) ou de uma proposta de revisão de literatura, este estudo tem por objetivo analisar, na dispersão de dois domínios de saberes que se entrecruzam (o médico e o religioso), a constituição do objeto “virilidade” em materialidade de linguagem datada da década de sessenta do século XX, que circulou no Brasil nos anos setenta e que retorna como efeito de memória à contemporaneidade. Para tanto, exploram-se dizeres e

¹ “Pondo de lado todas as histórias e contos de fadas sobre crianças que são levadas pela cegonha [...], o presente capítulo pretende dar-lhe uma explicação simples e verdadeira sobre o início da vida [sic]” (SHRYOCK, 1969, p. 17).

ilustrações do livro *O môm e seus problemas*, bem como anúncios de campanha publicitária de 2010 e 2007 da empresa de telefonia móvel *Oi* e dois *posts* de páginas de site de relacionamento social *Facebook*, cujos padrões de repetição em termos de iconografia do corpo (posturas, gestos, olhares) desvelam efeitos de verdade e de poder sobre o que é ser homem, assim como deflagram regimes de exclusão da conduta desviante, o não homem.

Em um primeiro momento, há uma discussão teórica sobre o corpo como espaço de sentido na produção dos sujeitos sob a perspectiva da Análise do Discurso de orientação franco-brasileira, em especial a partir da teoria foucaultiana (FOUCAULT, 2005, 2006, 2008, 2015). Em um segundo momento, tomando por base analítica de imagem centrada nos efeitos de regularidade sobre o sujeito viril, empreende-se o gesto de leitura. Desse modo, o estudo esboça movimento interpretativo que leva em consideração reflexões sobre a imagem (BEGER, 1999; MANGUEL, 2011), o corpo (ALDERSEY-WILLIAMS, 2016; ECO, 2013, 2014; GÉLIS, 2011; TASSO, 2013) e a virilidade (CAROL, 2013; CORBIN, 2013; NOLASCO, 2001; THOMASSET, 2013). Conjectura-se que o discurso sobre o “homem de verdade” reverbera em práticas midiáticas brasileiras atuais, as quais, diferente do tom de seriedade das diretrizes do Dr. Shryock (1969), expandem a ordem do discurso vigente pela derrisão, pelo jocoso.

2 CORPO, SABER E PODER

Corpo é lugar de sentidos. Não podemos sê-lo, senão como sujeitos encarnados, transvestidos pela carne. Nesse “espaço”, recaem acúmulos de impressões, gestos e de produções históricas que normatizam, sujeitam, enquadram, impõem censuras, coíbem prazeres, haja vista designios de beleza, bem-estar, pureza ou pecado. Há que se corrigir o corpo, há que se purificá-lo, há que se domar as necessidades fisiológicas e, além, há que se potencializá-lo de modo a torná-lo útil e produtivo.

O processo de fabricação de sujeitos se torna campo de observação fortuito quando, sob o traço de um desenhista, sob a câmera de um cineasta ou sob o pincel de um pintor, por exemplo, compõem-se produções culturais que fazem do corpo metáfora do que é certo (e do que é errado) em dada posição-sujeito, no jogo das verdades contingentes. Manguel (2001) assinala que o processo de leitura de imagens é, inevitavelmente, produto da experiência simbólica do homem, o qual, segundo as diretrizes da experiência vivencial de mundo, “[...] vê o sol se pôr ciente de que isso assinala o fim cíclico de um deus cujo nome sua tribo não pronuncia” (MANGUEL, 2011, p. 24).

A percepção da imagem é aprofundada por Berger (1999), para quem há um “abismo” entre o *ver* e o *falar*. A tese do relativismo é condensada na seguinte asserção: “[...] a maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos e pelo que acreditamos” (BERGER, 1999, p. 10). Corroborar Blake (apud MANGUEL, 2011, p. 22): “[...] como saber se cada pássaro que cruza os caminhos do ar não é um imenso mundo de prazer, vedado por nossos cinco sentidos?” Ao exemplificar seu posicionamento, Berger (1999) argumenta que, na Idade Média, quando o homem acreditava na existência física do inferno, a visão do fogo possuía significado inteiramente diferente do que o de hoje. Não obstante, a ideia que se fazia de inferno devia-se à visão do fogo que tudo consome, bem como era resultado da dor das queimaduras.

Essa discussão sobre a maneira pela qual os homens compreendem a realidade circundante é tema ulterior da filosofia, que remete às bases do solo fundador grego. Foi Platão que, segundo consta de *Timeu* V (séculos V-VI a.C.) e *Fedro* XXX (séculos V-VI a.C.), estabeleceu duas das concepções com as quais se reconhece a beleza e, por conseguinte, a verdade: *harmonia* e *esplendor* (ECO, 2013). De acordo com Eco (2013, p. 45), para Platão, beleza não tem existência autônoma, distinta do suporte físico que acidentalmente a exprime. Ela não está vinculada, portanto, a este ou àquele objeto físico, pois resplandece em toda parte². A beleza não corresponde àquilo que se vê: a “visão sensível” deve ser superada pelo exercício intelectual da “arte dialética” (ou seja, da filosofia), que revela as essências imutáveis e perfeitas. Por essa razão, a arte (como cópia do real, “mimese”) é deseducativa; melhor seria bani-la e substituí-la pela beleza das formas geométricas, constructos matemáticos perfeitamente proporcionais.

² O ideal grego de perfeição era representado pela *kallokagathia*, termo que mescla as palavras *kállos* (genericamente traduzido como “belo”) e *agathós* (termo usualmente traduzido como “bom”). Observou-se que a virtude de ser *kalos* e *agathos* definia uma pessoa de aspecto digno, de coragem, estilo, habilidade e concludadas virtudes esportivas, militares ou morais. À luz desse ideal, o helenismo elaborou vasta literatura no que diz respeito à relação entre feiura física e feiura moral (ECO, 2014, p. 23).

A mesma lógica se aplica à apreciação do corpo em Platão: “sepulcro” que prende a alma ao mundo das formas mutáveis e imperfeitas deve ser suplantado pelo exercício da autocontemplação:

Pois bem: os arremedos humanos da justiça e da sabedoria, e todas as outras qualidades da alma, não têm fulgor nas suas imagens terrestres e, observando-as com sentidos obtusos, somente poucos, e com dificuldade, reconhecem nessas imagens o modelo daquilo que representam. Mas a beleza era visível em todo o seu esplendor quando, na corte dos bem-aventurados, deparávamos com o espetáculo ditoso em que alguns de nós seguíamos Zeus e o restante outros deuses. Iniciados nos mistérios divinos, nós os celebrávamos íntegros e puros, isentos das imperfeições em que mergulhamos no curso ulterior do nosso caminho. Integridade, simplicidade, imobilidade, felicidade eram as visões que a iniciação nos revelara, imersas numa pura e clara luz. Não tínhamos mácula nem tampouco contato com esse sepulcro que carregamos conosco e que chamamos de corpo, ao qual estamos acorrentados como a ostra à sua concha. (PLATÃO apud ECO, 2013, p. 49).

Tal exercício de autocontemplação, mais de um milênio depois, na Europa medieval, adota contornos de penitência, que conduz à celebração do Cristo mutilado como prova de entrega à fé. Como prega Santo Agostinho em *Sermão* (ECO, 2014, p. 51), a deformidade de Cristo na cruz é sinal inequívoco da beleza de seu amor à humanidade. Assim, nada mais nobre do que proceder de igual modo, castigando o corpo, essa “coacla imunda” de pecados e vícios (GELIS, 2012, p. 55). A agressão contra a carne é detalhada em tratado do século XVII sobre os procedimentos de mortificação de Santo Inácio, que incluía a ascese alimentar, a aplicação de urtigas erriçadas sobre a pele e o autoflagelo pelo *silex*, que deveria ser batido furiosamente contra o peito desnudo (ECO, 2014, p. 61).

Sob modos de racionalidade outros, a medicina, no triunfo do tempo das luzes, apropriou-se do corpo como objeto de estudo, de exame, de contemplação anatômica, fisiológica e, em certo sentido, também de entretenimento. Parafraseando Aldersey-Williams (2013, p. 28), em Amsterdã, no inverno de 1631-32, Adriaen Adriaenszoon foi pego surripando a capa de um homem. Foi então julgado e condenado à morte na forca, a ser seguida da dissecação pública de seu corpo, punição costumeira para crimes graves.

No século XVII, uma dissecação era um evento teatral. Só poderia ser realizada quando havia disponível um cadáver recente e quando o frio preservaria o corpo tempo suficiente para o procedimento ser demonstrado, antes que o mau cheiro se tornasse insuportável. Segundo Aldersey-Williams (2013, p. 29), as entradas custavam seis ou sete soldos (mais caro do que a entrada para uma peça de teatro à época). A dissecação de Adriaenszoon se tornou conhecida com a célebre pintura *A Lição de Anatomia do Dr. Tulp* (do então jovem artista contratado para o serviço, Rembrandt), símbolo da curiosidade do homem que contempla a máquina perfeita de Deus, desnudando pouco a pouco seus mistérios.

Nesses três casos, o corpo é superfície material de inscrição discursiva: como instância material desprezível na relação aparência e essência; como lugar de vícios que exige comedimento, marca indelével do pecado; como conjunto de sistemas articulados cujos segredos podem (e devem) vir a ser desvendados. É belo porque é harmônico, é belo porque é símbolo do divino e é belo porque funciona. Compreender esses deslocamentos da verdade implica a assunção da tese segundo a qual os objetos dos quais tratamos na/pela língua (ou outras instância de inscrição material) não têm existência fixa, anterior. Pelo contrário: os objetos do discurso se fundam no próprio discurso, no exercício da função enunciativa de acordo com a arqueologia foucaultiana (FOUCAULT, 2008). O adjetivo “belo” ao qual relacionamos ao corpo, desse modo, refere-se a um “regime de olhar” do que é desejável, útil, apreciável sob uma dada perspectiva.

Esse “nó numa rede” associativa (FOUCAULT, 2008, p. 26) não acontece de forma caótica, mas corresponde a uma ordem: não é qualquer um, em qualquer lugar que pode dizer qualquer coisa. Das relações de poder (conceito ressignificado em relação ao quadro ortodoxo da teoria marxista e da teoria hobbesiana) deriva o pressuposto segundo o qual “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2005 p. 10).

O que está em questão, em outras palavras, é: quem determina o discurso verdadeiro sobre o (corpo do) sujeito? Especificamente: quem pode estabelecer o modelo de masculinidade que o rapaz deve seguir no crepúsculo de sua meninice e alvorecer de sua vida adulta? No *corpus* de análise, a gestão de condutas do homem perpassa o âmbito religioso (lugar do discurso verdadeiro sobre apreciação moral do sujeito) e o âmbito médico (lugar do discurso verdadeiro sobre o funcionamento e manutenção da vida) e estabelece formas de verificação específicas involucradas ao adjetivo viril, conforme o exemplo:

Assim como num menino adolescente os órgãos de reprodução começam a funcionar mais cedo do que a idade em que lhe é apropriado ser pai, também numa adolescente os órgãos reprodutores começam a funcionar muito mais cedo do que a época em que uma jovem pode casar e criar filhos. Este período de tempo entre a idade em que os seus órgãos reprodutores começam a funcionar, e o tempo em que ela se torna esposa, fornece-lhe a oportunidade para ela se poder ajustar ao seu novo papel de mulher [sic] (SHRYOCK, 1969, p. 39).

De acordo com Foucault (2015, p. 235), relações de poder são fenômenos complexos, que não obedecem a fórmulas dialéticas estanques. O domínio e a consciência do próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo investimento do corpo pelo poder, em práticas como a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo etc. Tudo isso conduz ao desejo do próprio corpo por meio de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerce sobre corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio etc. É preciso afastar uma tese muito difundida segundo a qual o poder nas sociedades burguesas teria negado a realidade do corpo em proveito da alma (como o fez Platão): em realidade, nada é mais material, nada é mais físico, nada é mais corporal que o exercício do poder.

Tasso (2013, p. 114) cunha a expressão “corpos em vigília” para definir complexo de redes discursivas, circunscrita às condições de emergência e de existência em espaços de contradição à conduta política e social de um povo, a qual se adota, no estudo, para definir a gestão das condutas em termos de produção do sujeito da moral “homem de verdade”. No *corpus* de análise, nesse sentido, saberes de ordem científica (o conhecimento verdadeiro) sustentam existência do objeto do discurso “órgãos de reprodução” que, parte de um organismo, ao se desenvolverem plenamente, possibilitam a dádiva (que é também o caminho natural) da maternidade à mulher – ainda que estranhamente (dada que a prerrogativa de perfeição da obra de Deus) as genitálias (de ambos) comecem a funcionar mais cedo do que deveriam.

À sequência, empreende-se análise que visa compreender modos governamentalidade de corpos em vigília (TASSO, 2013), cujos jogos de verdade circunscrevem regimes de ver e de dizer o homem “de verdade”, o homem belo (física e moralmente), o sujeito “ligador”³. O homem viril, enfim.

3 PADRÕES ICONOGRÁFICOS DA IMAGEM EM DISCURSO

Ao menino que cresce e se desenvolve, diferenciando-se paulatinamente das meninas, o Dr. Shryock (1969) oferece uma série de explicações, que contemplam desde o funcionamento anatômico do corpo até a administração do dinheiro. É um manual, que passo a passo mostra ao moço que já não é mais criança, como este deve ocupar o seu novo papel na sociedade⁴. Não interessa à análise ora desenvolvida centrar-se na individualidade de uma voz, mas refletir sobre o funcionamento do discurso que estabelece modos de racionalidade – nesse caso, sobre a condução e gestão da conduta correta para produção de “homens de bem”.

³ Termo que provém de slogan de campanha publicitária da empresa de telefonia Oi, de 2010, conforme se discute na sequência.

⁴ “Durante a infância as evidências de seu desenvolvimento se acumularam tão lentamente que muitas vezes ficou impaciente e desejou poder transpor de uma vez o resto dos anos e ficar homem de pronto. Agora que atingiu a adolescência, este desejo cumpriu-se afinal. Na vida de todo menino chega um tempo em que, em poucos meses, ele toma as características de homem”. (SHRYOCK, 1969, p.27).

As ilustrações abaixo recepcionam o leitor, que as encontra, respectivamente, na abertura do livro e após o sumário:

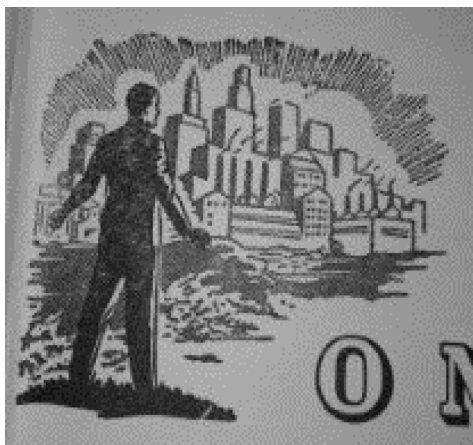


Figura 1: Ilustração de capa
Fonte: Shryock (1969, p. 5)

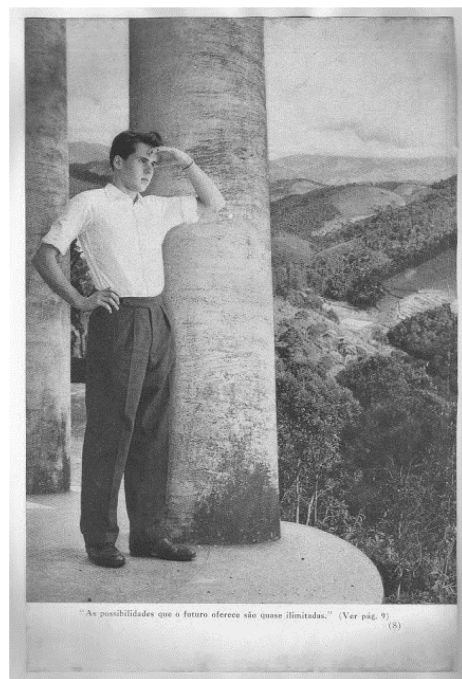


Figura 2: Ilustração do capítulo 1
Fonte: Shryock (1969, p.8)

Ressalta-se que o olhar dos rapazes se projeta para frente, em direção ao futuro de “possibilidades ilimitadas” (segundo enunciado linguístico da Figura 2). Em traço icônico, na Figura 1, as mãos do jovem homem estão espalmadas como que reagindo previamente às surpresas que o mercado de trabalho lhe oferecerá. Não é, no entanto, uma atitude amedrontada, mas de êxtase: é o momento singular na vida de um rapaz quando, no início de um novo dia, percebe-se pronto. Já as linhas paralelas sobre a cidade a apresentam como lugar novo, reluzente, como expressão da liberdade da vida que começa.

Por sua vez, na Figura 2 (colorida, que ocupa uma página inteira e é correlata à seção *Vantagens da Adolescência* (capítulo 1)), a excitação é refreada por momento de contemplação, de sabedoria e de maturidade. Essa contemplação, contudo, não é passiva; ao contrário, é a própria manifestação da segurança do homem que certifica as condições adversas que terá de enfrentar, protegendo-se dos raios do sol que lhe podem nublar a visão, acomodando-lhe a mão à cintura (onde outrora se quedava a bainha da espada), sob o plano de fundo do que parece ser uma floresta. É a expressão simbólica, em traços indiciais, da preparação do guerreiro pouco antes de adentrar o campo de batalha.

Esse ideal de potência do corpo foi examinado, no decorrer do século XX, sob o crivo da medicina no que diz respeito a critérios anatômicos (presença do aparelho genital adequado) e fisiológicos com vistas à definição do ato sexual (o que torna uma ereção possível para a penetração). Se até o século XIX acreditava-se que era no sangue que estava a supremacia do homem, o nascimento da endocrinologia e, consequentemente, do paradigma hormonal, deslocou a definição de masculinidade para a testosterona (em substituição ao esperma) como agente de virilização (CAROL, 2013).

Parafraseando Carol (2013, p. 45), a ciência foi, além disso, tentada a atribuir à testosterona efeitos sobre o comportamento, em particular sobre a agressividade, considerada até então qualidade especificamente masculina no cenário evolucionista. A medicina, ademais, comprometeu-se em restaurar a virilidade perdida ou acentuá-la com transplantes de glândulas endócrinas de animais (como cachorros e bois), de modo a combater a feminização, a homossexualidade e a disfunção erétil. Entre 1916 e 1921, o médico austríaco Eugen Steinach, pioneiro da opoterapia, pautando-se na premissa de que o déficit de hormônio masculino é causa dos problemas de identidade sexual, realizou transplantes cruzados entre cobaias macho e fêmea para descrever que, após a operação,

os dois animais adotaram comportamentos sexuais próprios ao outro sexo. Outros médicos avançaram com tratamento em humanos e relataram “resultados promissores” (CAROL, 2013, p. 72).

Explica o Dr. Shryock (1969, p. 31) que as mudanças da adolescência, que “[...] ocorrem no corpo de um rapaz no período de transição da meninice para a varonilidade, são motivadas e controladas pelos *testículos*. Estes testículos são duas glândulas localizadas no interior do escroto. Durante a meninice estes testículos permanecem pequenos e inativos, aguardando o ataque da virilidade [sic]”.

A virilidade é um “ataque”, já que tudo no homem é pensado em termos de guerra. Parafraseando Corbin (2013, p. 8), desde a mais tenra idade o menino deve endurecer-se. Muitas vezes, precisa suportar a separação da mãe e da família, provar sua capacidade de vencer a dor e o frio, reprimir as lágrimas, receber, sem pestanejar, punições e maus-tratos. Desde a infância ele se acha confrontado com cenas de violência. É o homem, no “triunfo da virilidade do século XX”, que deverá resistir ao cansaço físico, executar tarefas perigosas, defender o país quando dele se precisa e sustentar os seus para que não morram de fome. “Seja homem!”: a injunção, que deriva de uma memória religiosa (CORBIN, 2011), é tanto um fardo quanto a manifestação da glória; por isso o homem deve, permanentemente, manifestar a virilidade por seus atos:

[...] nessa perspectiva, a virilidade se identifica com a grandeza – noção essencial –, com a superioridade, a honra, a força – enquanto virtude –, com o autodomínio, no sentido do sacrifício, com o saber-morrer por seus valores. A virilidade se realiza na exploração e na conquista de territórios, na colonização, em tudo aquilo que demonstra domínio sobre a natureza, na expansão econômica. Tudo isso constituiu a grandeza (CORBIN, 2011, p.9).

O efeito de verdade, atravessado por memórias gregas, latinas e medievais acerca do homem e cindido por um dado estado de saberes dos domínios médico (afirmação do vigor de traços anatômicos do corpo do soldado), religioso (de centralidade masculina no seio da família) e econômico (função de provedor do lar), prevê, segundo uma leitura possível, cinco características que definem a relação virilidade-dominação, quais sejam: poder, força, beleza (física e moral), segurança e maturidade. Na materialidade imagética, corpo é lugar de sentido na medida em que a constituição histórica da manifestação da virilidade está marcada na postura, na prontidão do corpo que enfrenta o desconhecido, o novo, o perigoso.

Essa produção de subjetividade a que se denominou “homem de verdade”, haja vista o olhar vigilante sobre os corpos na gestão das condutas (TASSO, 2013), nesse caso, fixadas no enunciado “Seja homem!”, foi alvo de críticas e de esvaziamentos de toda ordem na contemporaneidade. É o que afirma Nolasco (2001), ao adotar como parâmetros mitos significativos da cultura ocidental, fundada, em grande parte, pelos modos de organização greco-romanos. Há, assim, uma dicotomia metafórica que dá título ao seu estudo (*De Tarzan a Homer Simpson*): por um lado, representação prototípica de virilidade do homem, que domina a natureza; por outro, da personagem de cultura de massa, representação da banalização de antigos valores de masculinidade.

Para Nolasco (2001), o homem, sufocado pelos chamados discursos da minoria, teve suas insígnias masculinas negligenciadas por organizações simbólicas e culturais que coíbem sua emergência, prescindindo dos elementos através dos quais se institui o certo e o errado no “novo” modelo de família e de sociedade. Eis a origem da suposta crise da identidade masculina, que promove a circulação de discursos depreciativos em relação às demonstrações de virilidade, e fazem frente ao discurso presente no manual do Dr. Shryock, denominando-o “machista”, “sexista”, “ultrapassado” e “nocivo”.

A argumentação do autor é a seguinte: a *Revolução Industrial*, principalmente na Europa em fins do século XIX, promoveu um clima de esperança e progresso, o qual propiciou uma série de mudanças no mundo privado e na relação homem-mulher. A luta pela igualdade das minorias cresceu a partir de reivindicações proletárias e promoveu mudanças nas representações sociais dos indivíduos. De certo modo, esses discursos, ao mesmo tempo em que promoveram a igualdade, opuseram-se à representação de masculinidade vigente até então (NOLASCO, 2001).

Em função de tal desestabilização discursiva, marcada por inúmeros acontecimentos que agenciaram e trouxeram à tona novas representações (e memórias) sobre o que é ser homem (e, principalmente, sobre o que é ser mulher), provavelmente o livro do Dr.

Shryock (1969) não poderia circular da forma como circulou décadas passadas no Brasil, já que não expressa mais uma verdade (científica-médica ou moral-religiosa) aceita como tal. É uma estranheza de tempos passados que provoca riso e assombro nos leitores contemporâneos.

Constata-se, no entanto, que diversas campanhas publicitárias contemporâneas (re)afirmam traços e valores da subjetividade que outrora foi construída nas sadias diretrizes, expandindo a ordem do dizível ao quase impúblicável por contrariar, justamente, a posição sujeito do discurso para a qual os gêneros estão (ou devem estar) em situação de equidade.

Reguladas pelo “dispositivo da tradição”, o qual, em sentido foucaultiano, captura, determina, modela, intercepta, assegura e controla os gestos, as opiniões e as condutas dos seres viventes para a produção de verdades (AGAMBEN, 2009, p. 40), há inúmeros canais de mídias sociais e publicitárias que devolvem o homem ao seu “lugar de direito”, como se as lutas sociais pela igualdade que se desenrolaram no século XX tivessem distendido os bons valores, que se perderam em um passado idealizado (é o porquê da nomenclatura tradição).

São exemplos de mídias sociais *posts*⁵ das páginas *Sujeito Homem* (1.194.199 assinantes) e *Homem Tradicional* (529.773 assinantes):



Figura 3: Página de Facebook: *Sujeito Homem*
Fonte: Sujeito Homem (2016)



Figura 4: Página de Facebook: *Homem Tradicional*
Fonte: Homem Tradicional (2016)

A postura dos soldados é inflexível. Tanto a armadura (Figura 4) quanto o traje social (ainda que sem o paletó) – na Figura 3 – representam a fortaleza do homem que tem o peso do mundo em responsabilidades nas suas costas, embora, mesmo assim, não demonstre fraqueza (fica mais forte) e não reclame (não revele onde dói). Esse discurso está materializado pelo efeito de recorrência dos padrões iconográficos do corpo: fixidez na postura, cabeça à direita, olhar compenetrado dirigido a uma ameaça que o observador da imagem não vê (mas eles sim).

Esse ideal de beleza (do que é desejável, útil e apreciável) masculina é absolutamente excludente. O sujeito que aparece nessas páginas sociais é, com algumas exceções, sempre o mesmo: homem branco, de meia idade, alto, magro e heterossexual. A produção do “homem de verdade” ou, conforme as denominações, o “sujeito homem”, “homem tradicional” perpassa, assim, certa estética da existência restritiva quanto ao corpo, o gesto e a conduta. Ou seja, são corpos em vigília.

⁵ Nome que se dá aos conteúdos divulgados pelos dirigentes das páginas virtuais, que podem ser assinadas pelos usuários do Facebook.

A produção de propagandas dirigidas ao grande público é mais sutil e, ainda que se valha das mesmas prerrogativas na produção da verdade na trama discursiva, o faz mediante o humor, que quase tudo permite dizer. É o caso de campanha publicitária de 2010 da operadora de telefonia móvel Oi, que produziu, em parceria com a agência NBS, o comercial *Oi Agenor* a propósito da divulgação de um pacote de minutos que daria ao cliente “liberdade” para usá-lo como bem entendesse. Enuncia-se na propaganda cinematográfica de trinta segundos:

Se você quer ser um ligador, cuidado com o chip errado. Você pode virar um Agenor. Agenor não é popular. O bônus da sua operadora tem limite para o fixo até da mãe dele. Só o ligador ganha até novecentos reais por mês para ligar para fixo e Oi móvel e tem liberdade para usar o bônus como quiser, sem limite para fixo. Não seja um Agenor. Exija o chip da Oi, vire um ligador. 6

Em comercial anterior da mesma série, a distinção se dava entre aqueles que eram os *ligadores* (condição de prestígio) e aqueles que eram os *recebedores* (condição de desprestígio). Agenor⁷ (jogo de linguagem com o sufixo de língua portuguesa - or, o qual morfológicamente constitui o agente de ação, assim como “encanador” é aquele que trabalha com encanamentos ou “lutador” é aquele que luta) é a materialização dos perigos que Dr. Shryock (1969) tanto alertou em suas diretrizes: o homem desvirilizado. Ei-lo imagetivamente descrito:



Figura 5: Cena de comercial “Oi Agenor”
Fonte: COMERCIAL Oi... (2010)

A postura é inferiorizada e o olhar é submisso ante a mãe dominadora que, segundo vocabulário do livro *O môm e seus problemas*, é quem veste as calças naquela família. Essa “morte social” da condição histórica da masculinidade, no entanto, pode ser completamente invertida: basta o Agenor (que é condição, não nome de personagem) comprar o *chip* (o produto anunciado) e, com isso, tornar-se ligador com as liberdades (novamente esse léxico aparece) e o protagonismo que a condição ativa lhe reserva:

⁶ Conforme transcrição de COMERCIAL Oi... (2010).

⁷ Cabe observar que a palavra “recebedor”, apesar de morfológicamente se referir ao autor da ação de receber, semanticamente descreve uma atitude “passiva”, já que é resposta a uma ação anterior (depende de um “ligador”, no caso). O que está em análise é a atribuição da dominância à constituição da masculinidade, que é um fato discursivo.

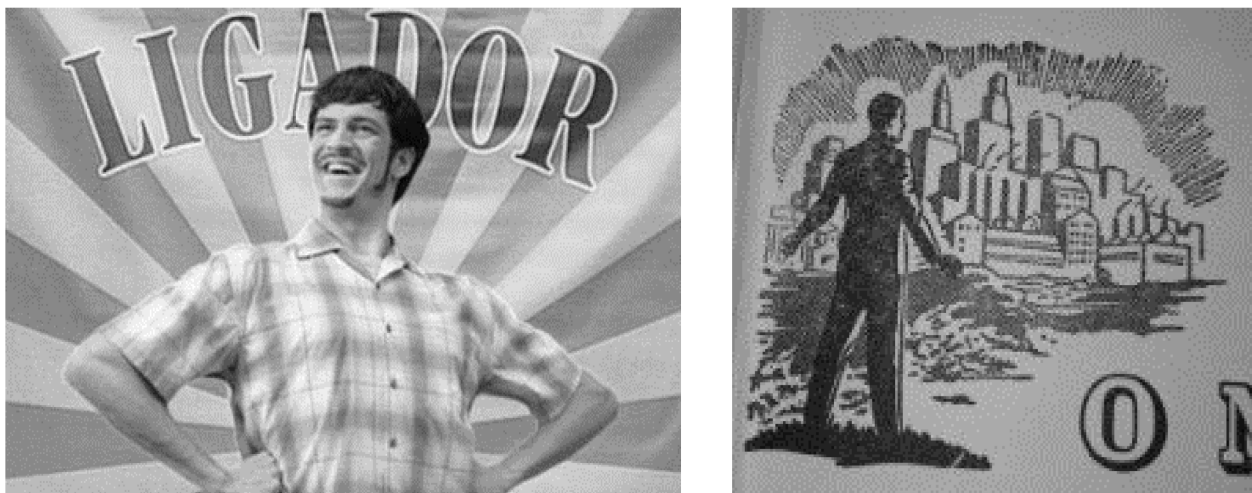


Figura 6: Cena de comercial “Oi ligador”
Fonte: COMERCIAL Oi... (2007)

Segundo uma leitura possível, há regularidades no que diz respeito tanto à postura do corpo masculino na campanha publicitária quanto às “sadias diretrizes para adolescentes”. Trata-se de um padrão repetível de elementos iconográficos, cuja composição é histórica na medida em que, segundo Thomasset (2013, p. 159), o gesto do homem é amplo, mobiliza toda a força muscular e se realiza maximamente. Ele é o libertador da energia do corpo. Parafraseando o autor, em contrapartida, o ato realizado pela mulher é curto, repetitivo, obedece a um ritmo de vai e vem, por exemplo: ancinhar, limpar, rastelar, tecer, etc. Na iconografia clássica, o gesto augusto – amplo e harmonioso – é realizado por um semeador e não por uma semeadora. Assim, instalando na ostentação e na eficiência de sua força, o homem parece não ter nenhuma rival. É o que também alerta a Bíblia, tantas vezes citada pelo Dr. Shryock (1969), “[...] pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador” (Efésios 5:23)⁸.

Se a ninguém interessa ser um Agenor, ou seja, um perdedor (que não pode ligar nem mesmo para a mãe), é necessário que se adotem condutas viris (“Seja Homem!”). Ter dinheiro (prerrogativa da liberdade) é, assim, só a primeira das condições da expressão da masculinidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Problematizou-se, neste estudo, o discurso excludente de virilidade masculina que se materializa em práticas midiáticas brasileiras contemporâneas, as quais emergem e fazem circular padrões imagéticos repetíveis. Esses padrões tomam dados elementos de corporeidade do homem (de verdade), como a postura e olhar (no caso das páginas de rede social *Facebook*), como sistemas regulares que possuem espessura histórica no rigoroso processo de produção das condutas do belo – desejável, útil e apreciável, para Eco (2013).

Nessa trama enunciativa, associam-se campos do saber aparentemente tão díspares como a religião e a medicina (no caso do manual do Dr. Shryock), bem como atravessamento de um discurso econômico que, como tal, presta-se à venda de um produto e de bons valores associados a ele (como o caso da campanha publicitária da agência de telefonia *Oi*).

Se os discursos, como séries de enunciados que caminham juntas, respaldam práticas sociais, há que se considerar os possíveis efeitos da produção da subjetividade “homem de verdade”. Uma hipótese de pesquisa é que, pela positividade das formações discursivas, o paradigma conservador (denominado de “dispositivo da tradição”), em função de um dado estado de instabilidades político-sociais do Brasil na contemporaneidade, faz irromper discursos danosos. Utiliza-se o adjetivo “danoso” para se referir a dizeres e imagens

⁸ Conforme site Bíblia on-line ([2016]).

que, de alguma forma, endossem problemas endêmicos como a agressão doméstica contra mulheres, o estupro, o assassinato de homossexuais e a rejeição ao sujeito gordo, para citar alguns exemplos.

Dado seu interesse em tratar dos sujeitos marginalizados, Foucault (2006) questiona, conforme epígrafe do estudo, por que é a que preço temos nos empenhado tanto em produzir um discurso verdadeiro sobre o sujeito que *não* somos. Em outros termos: há grande dificuldade de se aceitar condutas desviantes a determinados padrões de certo e de errado que tendem a serem ajustadas, enquadradas, normatizadas até que, eventualmente, desapareçam. Há que se eliminar o diferente em nome de um regime de verdade hermético em relação às diversas formas de expressão do ser (que se reduz a uma só). Ninguém quer ser o Agenor, mesmo que seja só uma brincadeira.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALDERSEY-WILLIAMS, H. *Anatomias*. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Record, 2016.

BERGER, J. *Modos de ver*. Trad. Lúcia Alento. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BÍBLIA on-line. [2016]. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/nvi/ef/5>>. Acesso em: 20 set. 2016.

CAROL, A. A virilidade diante da medicina. In: CORBAIN, A. et al. *História da virilidade* – 3. A virilidade em crise? Trad. Noeli Correria et al. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 35-81.

COMERCIAL Oi recebedor que vira ligador [2010]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b6QqOx1eyYg>>. Acesso em: 01 out. 2016.

_____. Oi – Agenor [2007]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oGga6qopZsw>. Acesso em: 01 out. 2016.

CORBAIN, A. A virilidade reconsiderada sob o prisma do naturalismo. In: CORBAIN, A. et al. *História da virilidade* – 2. O triunfo da virilidade: o século XIX. Trad. João Batista Kreuch e Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p.7-12.

ECO, U. *História da feiura*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2014.

_____. *A história da beleza*. Trad. Eliana Aguiar. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

FOUCAULT, M. Poder-corpo. In: _____. *Microfísica do poder*. Revisão técnica Roberto Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. p.234-243.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 25. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *A arqueologia do saber*. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves, 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GÉLIS, J. O corpo, a igreja e o sagrado. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. (Org.). *História do corpo: da Renascença às Luzes*. Trad. Lúcia M. E. Orth. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p.19-130.

HOMEM Tradicional. Disponível em: < <https://www.facebook.com/homemtradicional/?fref=ts>>. Acesso em: 01 out.2016.

MANGUEL, A. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. Trad. Rubens Figueiredo et al. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NOLASCO, S. *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. (Gênero Plural).

OI Agenor-ligador da OI. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oGga6qopZsw>>. Acesso em: 01 out. 2016.

SHRYOCK, H. *O môço e seus problemas*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1969.

SUJEITO Homem. Disponível em: <<https://www.facebook.com/OSujeitoHomem/?fref=ts>>. Acesso em: 01 out.2016.

TASSO, I. Discurso em imagem: verdade, fotografia-documentário e inventário do real. *Revista Científica em Curso*, Palhoça, SC, v.2, n.2, p.113-124, jul./dez. 2013.

THOMASSET, C. O medieval, a força e o sangue. In: CORBAIN, A. et al. *História da virilidade – 1. A invenção: da Antiguidade às Luzes*. Trad. Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p.153-201.

VEYNE, P. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Trad. Luís Lima. Lisboa: Albin Michel, 2008.

Recebido em 31/10/2017. Aceito em 30/01/2018.

DR. SHRYOCK'S HEALTHY GUIDELINES FOR YOUNG MEN: AN ANALYSIS OF PICTURE IN DISCOURSE

SADIAS DIRETRIZES PARA RAPAZES DO DR. HAROLDO SHRYOCK: UMA ANALÍTICA DA
IMAGEM EM DISCURSO

SALUDABLES DIRECTRICES PARA MUCHACHOS DEL DR. SHRYOCK: UN ANÁLISIS DE LA
IMAGEN EN DISCURSO

Rafael de Souza Bento Fernandes *

Ismara Tasso **

Universidade Estadual de Maringá

ABSTRACT: The discourse on 'virility' constructed by Dr. Shryock's handbook *On becoming a man: A book for teenage boys*, published in 1968, is analyzed from the point of view of French and Brazilian Discourse Analyses. Current study investigates the relationship between publicity advertisements by the telecommunications company *Oi* and two Facebook posts whose patterns of repetitive factors in terms of body iconography (poses, gestures, gaze) reveal truth and power effects on what means being a man. We assumed the construction of manliness, foregrounded on medical evidence, involves a moral (and religious) stance on attentive model body behaviors and establishes comprehensive exclusion regimens that insist of real effects (ruled by tradition) according to which masculinity is synonymous to dominance.

KEY WORDS: Truth. Manliness. Body.

RESUMO: Sob a perspectiva da Análise do Discurso de orientação franco-brasileira, em especial a partir da teoria foucaultiana, objetiva-se compreender como se constitui o objeto do discurso "virilidade" em manual da década de sessenta *O môm e seus problemas*, do Dr. Shryock (1969), estabelecendo relação com anúncios de campanha publicitária contemporânea da empresa de telefonia móvel *Oi* e dois *posts* de páginas de site de relacionamento *Facebook*, cujos padrões de elementos repetíveis em termos de iconografia do corpo (posturas, gestos, olhares) desvelam efeitos de verdade e de poder sobre o que é ser homem "de verdade". Conjectura-se que a construção da virilidade, vinculada ao domínio médico, perpassa a apreciação moral (e religiosa) sobre condutas modelares de corpos em vigília, estabelecendo regimes de exclusão de toda sorte que fazem reverberar (regidos por dispositivo da tradição) efeitos de verdade segundo os quais masculinidade é sinônimo de dominância.

PALAVRAS-CHAVE: Verdade. Virilidade. Corpo.

* Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Maringá – PLE/UEM, com período "sanduíche" (CAPES-PSDE/Edital 2016) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal – FLUC. Membro do GEDUEM/CNPq. E-mail: rafaelsbfernandes@hotmail.com.

** Pós-doutora pelo IEL/UNICAMP. Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara. Professora do Departamento de Língua Portuguesa e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UEM/PR. Líder do GEDUEM/CNPq. E-mail: tassojs@terra.com.br.

RESUMEN: Bajo la perspectiva del Análisis del discurso de orientación franco-brasileño, en especial de la teoría foucaultiana, se objetiva comprender cómo se constituye el objeto del discurso “virilidad” en manual de la década de sesenta *O môço e seus problemas* (El muchacho y sus problemas), de Dr. Shryock (1969), estableciendo relación con anuncios de campaña publicitaria contemporánea de la empresa de telefonía móvil *Oi* y dos *posts* de páginas del sitio de relacionamiento *Facebook*, cuyos patrones de elementos repetibles en términos de iconografía del cuerpo (posturas, gestos, miradas) desvelan efectos de verdad y de poder sobre lo que es ser hombre “de verdad”. Se conjetura que la construcción de la virilidad, involucrada al dominio médico, atraviesa la apreciación moral (y religiosa) sobre conductas modelares de cuerpos en vigilancia, estableciendo todo tipo de regímenes de exclusión que hacen reverberar (bajo el dispositivo de la tradición) efectos de verdad según los cuales masculinidad es sinónimo de dominancia.

PALABRAS CLAVE: Verdad. Virilidad. Cuerpo.

Como, por que e a que preço, temos nos empenhado em sustentar um discurso verdadeiro sobre o sujeito, sobre o sujeito que não somos, enquanto sujeito louco ou sujeito delinquente, sobre o sujeito que, de modo geral, nós somos enquanto falamos, trabalhamos, vivemos, e enfim sobre o sujeito que, no caso particular da sexualidade, nós somos direta e individualmente para nós mesmos? (FOUCAULT, 2006, p. 308).

1 INTRODUCTION

The Brazilian edition of *On becoming a man: A book for teenage boys*, titled *O môço e seus problemas* [The teenager and his problems], is a handbook written by the physician and religious counselor Dr. Harold Shryock in 1969. It shows the facts of life to young people who will have to cope with the risks and responsibilities of adulthood. The book is divided into lectures, each provides the necessary information to young men. For instance, Chapter 7 deals with ‘The Game of Love’; Chapter 4 deals with ‘The Secret on Girls’; Chapter 17 deals with ‘Dealing with Money’. It also gives medical explanations on puberty and birth, as is Chapter 2 entitled ‘Where did you come from?’¹

By the end of childhood, the young man who observes “Evidences of Manhood” (Chapter 3) on his own body, should, according to Shryock (1969), beware the dangerous byways from the masculine, albeit “natural”, ideal. This fact requires strategies of (self) vigilance – a kind of obviousness that has to be said and resaid, even if it is obvious. These healthy guidelines range from what should be read (“[...] boys should not expect high scores in Physics, Chemistry and Math if they indulge in fiction books”, SHRYOCK, 1969, p. 187) and expectations that one should have (“[...] although you dream of millions of dollars, it seems what you desire to buy or to do with your money is always beyond what you really have.” SHRYOCK, 1969, p. 187)².

The present study is more than a ride through “a cemetery of dead truths” (Veyne, 2008) or a proposal for a literature review. Within the dispersion of two domains of intertwined knowledge (the physician and the religious person), we analyzed the constitution of ‘manhood’, which was widely spread in Brazil during the 1970s and returns as a contemporary memory effect, in the materiality of language dated from the 1960s. The text and the pictures of *On becoming a man*, and 2010 publicity advertisement campaign of the telecommunications company *Oi* and two Facebook posts were also investigated. Their patterns of repetitive factors in terms of body iconography (poses, gestures, gaze) reveal truth and power effects on what means being a man and trigger exclusion regimes of wayward behavior, or, rather, not being a man.

In the first place, we present a theoretical discussion on the body as a space for significance within the production of subjects from the point of view of French and Brazilian Discourse Analysis, based on Foucauldian theory (FOUCAULT, 2005; 2005; 2008; 2015). Secondly, the reading gesture is foregrounded on the image centered on the effects of regularity on the virile subject. We designed an interpretative movement that discusses image (BEGER, 1999; MANGUEL, 2011), the body (ALDERSEY-WILLIAMS, 2016;

¹ “Putting aside all types of stories and fables on babies delivered by storks [...], current chapter will give you a simple and true explanation on the facts of life” (SHRYOCK, 1969, p. 17).

² All citations originally in Portuguese were translated by the author (Editor’s Note).

ECO, 2013, 2014; GÉLIS, 2011; TASSO, 2013) and virility (CAROL, 2013; CORBIN, 2013; NOLASCO, 2001; THOMASSET, 2013). In overview, the discourse on the “true man” resounds in current Brazilian media practices that, differently than Dr. Shryock’s grave guidelines, expand the order of current discourse through derision and jocosity.

2 BODY, KNOWLEDGE AND POWER

The Body is the site of significance and meanings. This is because we are bodied Subjects, clothed in flesh. A multitude of impressions, gestures and historical productions make up this ‘space’. They normalize, subjectify, frame, impose censorship and restrict pleasures, in the wake of beauty, well-being, purity or sin. The body must be amended and purified. Physiological needs should be reined, although they should be capacitated to become useful and productive.

The process of fabrication of Subjects becomes the field of casual observation when, for instance, through the sketch of a designer, under the camera of a filmmaker or by the brush of a painter, several cultural productions are composed and make the body a metaphor of what is correct (and wrong) in a position-subject, within contingent truth. Manguel (2001) remarks the process of picture reading is necessarily the product of man’s symbolic experience. According to the guidelines of experience, “[...] man sees a sunset and knows that this means the cyclic end of a god whose name the tribe does not pronounce.” (MANGUEL, 2011, p. 24).

In his in-depth perception of the image, Berger (1999) insists there is a chasm between *seeing* and *discourse*. The thesis of relativism is condensed in the following remark: “The manner we see things is influenced by what we know and by what we believe” (BERGER, 1999, p. 10). Manguel (2011, p. 22), quoting Blake, questions: “How do you know but every bird that cuts the air is an immense world of delight, clos’d by your senses five?” Berger (1999) argues when people from the Middle Ages believed in the physical existence of hell, fire had a different meaning from what we have today. The idea of hell followed the notion of fire as that which consumes everything and in relation to the pain of the burning body.

Discussions on the way people understand the surrounding reality is the ulterior theme of Philosophy which makes leads us to the Greek founder, Plato. In *Timaieus* V (V-VI century BC) and *Phaedo* XXX (V-VI century BC), Plato established two ideas through which one acknowledges beauty and, consequently, truth: *Harmony* and *Splendor* (ECO, 2013). According to Eco (2013, p. 45), Plato thought beauty did not have an autonomous existence, distinct from the physical support by which it was accidentally expressed. Therefore, beauty is not linked to a particular physical object but shines through all.³ Beauty does not correspond to that which is perceived: the “sensitive perception” should be overcome by the intellectual exercise of the “dialectic art” (philosophy) which reveals immutable and perfect essences. Art (a copy of the real, “mimesis”) is not an educating factor and should be banished and replaced by the beauty of geometric forms and by perfectly mathematical constructions.

The same logic is applied to Plato’s appreciation of the body: “a grave” harnessing the soul to the world of mutable and imperfect forms should be replaced by the exercise of self-contemplation:

Now in the earthly copies of justice and temperance and the other ideas which are precious to souls there is no light, but only a few, approaching the images through the darkling organs of sense, behold in them the nature of that which they imitate, and these few do this with difficulty. But at that former time they saw beauty shining in brightness, when, with a blessed company—we following in the train of Zeus, and others in that of some other god—they saw the blessed sight and vision and were initiated into that which is rightly called the most blessed of mysteries, which we celebrated in a state of perfection, when we were without experience of the evils which awaited us in the time to come, being permitted as initiates to the sight of perfect and simple and calm and happy apparitions, which we saw in the pure light, being ourselves pure and not entombed in this which we carry about with us and call the body, in which we are imprisoned like an oyster in its shell. (PLATO, 1925, 250a-250b).

³ The Greek ideal of perfection is given by the term *kallokagathia*, a compound of *kállos* (normally translated “beauty”) and *agathós* (normally translated “good”). The quality of being *kalos* and *agathos* defined a person by dignity, courage, style, capacity and renowned sporting, military or moral qualities. According to this ideal, Hellenism established a vast literature on physical and moral ugliness (ECO, 2014, p. 23).

After more than a thousand years, the exercise of self-contemplation was transformed into penance in Medieval Europe, leading towards the celebration of the mutilated Christ as a proof of commitment to faith. In Augustine's sermons, Christ's deformity on the cross is an unmistakable sign of his love for the human race (ECO, 2014, p. 51). Consequently, the noblest thing is to imitate his example by punishing the body, the 'dirty hole' of sin and vice (GELIS, 2012, p. 55). Aggression against the flesh is treated in detail in a 17th century treatise on the mortifications of St. Ignatius of Loyola, comprising deprivation of food, application of thorns on the flesh and self-flogging with the *silex* which must be furiously struck on one's bare breast (ECO, 2014, p. 61).

During the Age of Reason and the Enlightenment, Medicine appropriated the human body as an object of study and investigation. The body was used for anatomical and physiological analysis and even for entertainment. According to Aldersey-Williams (2013, p. 28), in the 1631-32 winter, in Amsterdam, Adriaen Adriaenszoon was caught stealing a man's cap. He was sentenced to death and his body was dissected for all to see – a common punishment for graver crimes.

In the 17th century, the dissection of the human body had theatrical nuances. It could be undertaken when a corpse was available and when the cold weather could conserve the body for the period necessary for the demonstration until the bad smell made the job unbearable. Aldersey-Williams (2013, p. 29) writes that entrance to the 'show' cost between six and seven pence (more expensive than admittance to a contemporary play). Adriaenszoon's dissection is known through the famous painting "The Anatomy Lesson of Dr. Nicolaes Tulp" by Rembrandt. It was a symbol of man's curiosity in his contemplation of God's perfect machine, making bare the body's mysteries.

In these three cases, the body is the material surface of a discursive inscription: as a disposable material with regard to its appearance and essence; as a site of vices that requires restraint since it is sin's indelible mark; as a set of connected systems whose secrets may and should be revealed. The body is beautiful because it is a harmonic site; the body is beautiful because it is the symbol of the divine; it is beautiful because it works. Understanding such shifts in truth implies in the fact that all things dealt with in language or by language (or other types of material inscription) fail to have any fixed and prior existence. On the contrary, the objects of discourse are blended within the same discourse, within the exercise of the enunciation function, following Foucauldian archeology (2008). The adjective 'beautiful' related to the body refers to the 'gaze regime' as desired, useful, appreciated, under the given perspective.

The "knot in the net" (FOUCAULT, 2008, p. 26) does not occur in a chaotic manner. It actually corresponds to order: it is not any other thing, in any place where you can say anything. The presupposition that "[...] discourse is not simply that which brings struggle or the domination system, but that for which one struggles, the power which we would like to dominate" (FOUCAULT, 2005 p. 10) is derived from power relationships (a re-signified concept with regard to orthodox Marxist and Hobbesian theories).

In other words, the following is at issue: what determines true discourse with regard to the [body of the] subject? More specifically: who establishes a model of maleness which the young man has to follow at the end of childhood and the beginning of adulthood? Within the analysis, the administration of masculine behavior passes through the religious (the site of the true discourse on the subject's moral appreciation) and the medical (the site of true discourse on the function and maintenance of life) milieus and establishes ways of specific verifications wrapped in the adjective 'manly'.

In a young man, the reproductive organs start functioning much earlier than at the age in which he is prepared to father a child. Likewise, the reproductive organs of a young woman start functioning prior to the time when she may marry and bear children. The period between the age in which the reproductive organs start functioning and the time in which she marries gives her the opportunity to adjust herself to her new feminine role. (SHRYOCK, 1969, p. 39).

According to Foucault (2015, p. 235), power relationships are complex phenomena and do not comply with compartmented dialectic formulae. The dominion and conscience of the body may be acquired by investing in the body through power, physical training, exercises, muscle building, nudity, the exaltation of the beautiful and others. All these factors lead towards the desire of the body through insistent, meticulous, hard labor which power exercises on the body of children, soldiers, healthy bodies and others. One should discard a highly advertised doctrine according to which the power of bourgeoisie societies would have denied the body's

reality in favor of the soul's (as in Plato): actually, nothing is more materialistic, nothing is more physical or more corporal than the exercise of power.

Tasso (2013, p. 114) coined the expression “bodies on guard” to define sets of discursive networks circumscribed to conditions of emergency and existence in contradictory spaces to political and social behavior of a population. In the present analysis, this expression is used to define the administration of behavior in terms of the production of the ‘true man’s subject and story. Consequently, scientific knowledge (true knowledge) foregrounds the existence of the discourse object ‘reproductive organs’, which, in their full development as parts of the organism, enable the gift (the natural path) of motherhood to the female – even though, strangely enough (the prerogative of God’s perfect work), the genital organs start functioning prior to the appropriate time.

We will now analyze the governability of the body on guard (TASSO, 2013) whose truth games circumscribe regimens of perceiving the “true man”, the beautiful man (physically and morally), the “link subject”.⁴ Or rather, man as male.

3 ICONOGRAPHIC STANDARDS OF THE IMAGE IN DISCOURSE

Dr. Shryock (1969) describes the growing and developing young man that slowly distinguishes himself from the young woman. In fact, he provides a series of explanations ranging from the body’s anatomy to money administration. It is a handbook that gradually shows the young man that he is no longer a boy and that he should take up his new role in society.⁵ Our analysis will not focus on the individuality of a voice but will discuss the functioning of discourse that establishes modes of rationality. In other words, it will discuss the administration of correct behavior for the production of ‘worthy gentlemen’.

The pictures below may be found respectively at the beginning of the book and after the contents:

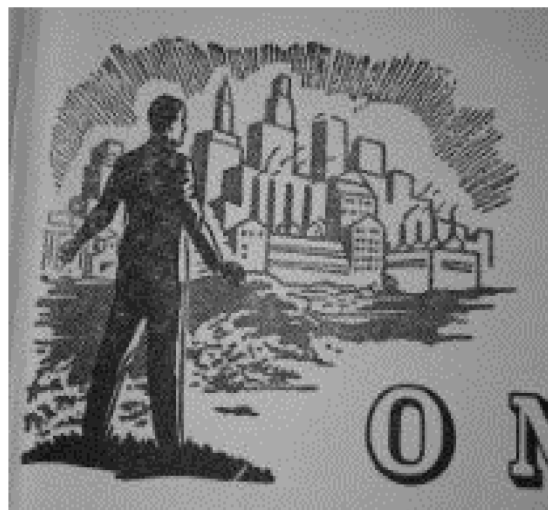


Figure 1: Illustration of the book's cover
Source: Shryock (1969, p. 5)

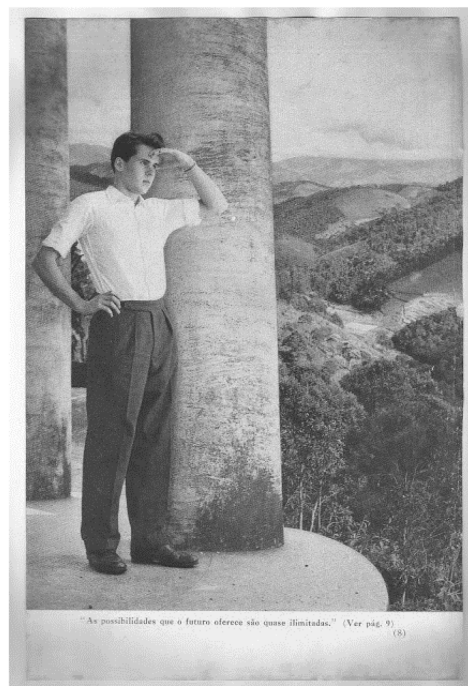


Figure 2: Illustration at Chapter 1
Source: Shryock (1969, p.8)

⁴ The term used by the advertising slogan of the telecommunications company Oi in 2010, as discussed below.

⁵ “During childhood, the evidences of his development accumulate slowly and he frequently becomes impatient and desires to skip the remaining years and become a ready-made man. Now that he has reached the adolescent stage, his expectations are satisfied. A time arrives in the life of a boy when in a few months he acquires the traits of a young man.” (SHRYOCK, 1969, p. 7).

The young man gazes the future or “unlimited possibilities” (according to the linguistic enunciation of Figure 2). Figure 1 iconically reveals the hands of the young man wide open, as if reacting to the surprises that the labor market will offer to him. However, it is not a fearful attitude but one of ecstasy. It is the unique moment in the life of the young man when, at the start of a new day, he feels himself prepared to face life. The parallel lines above the city present it as a new place, full of light, the expression of freedom that starts soon.

On the other hand, Figure 2 (a full-page colored picture, related to the section ‘The Advantages of Adolescence’, Chapter 1) shows a reined enthusiasm brought about by reflection, wisdom and maturity. Reflection is not a passive factor; on the contrary, it is the manifestation of the safety of the man who verifies the adverse conditions that he has to cope with, protecting himself from the sun rays that may darken his vision, placing his hands on the waist (where, at other times, the sword sheath lay), while a forest looms at the background. It is the symbolic and primary expression of the warrior’s preparation to enter the battle field.

In the 20th century the ideal of the body’s capacity was examined under the aegis of medicine, focusing on anatomic (an adequate genital apparatus) and physiological criteria for sexual intercourse (what brings about an erection for penetration). If during the 19th century it was believed that man’s supremacy lay in the blood, the birth of endocrinology and hormonal paradigms shifted the definition of masculinity towards testosterone (which replaced the sperm) as the agent of virility (CAROL, 2013).

Carol (2013, p. 45) states Science was also urged to attribute behavior effects to testosterone, particularly aggressiveness, which was considered a male-linked feature in evolution. However, Medicine committed itself to restore the lost manhood or enhance it through the transplantation of animal endocrine glands (dogs and bulls) to combat feminization, homosexuality and erectile dysfunction. Between 1916 and 1921, the Austrian physician Eugen Steinach, a pioneer in opotherapy, emphasized the lack of male hormones caused problems in sexual identity. He succeeded in making crossed transplants in male and female guinea pigs. After the operation, the two animals adopted the sexual behavior of the other gender. Other researchers made experiments on humans with alleged “promising results” (CAROL, 2013, p. 72).

Dr. Shryock (1969) explains that body changes during adolescence:

[...] occur in the young man’s body during the transition from childhood to manhood. They are motivated and controlled by the *testicles*. Testicles are two glands in the scrotum. They are small and inactive during boyhood, preparing for the attack of manhood. (SHRYOCK, 1969, p. 31).

Manhood is an “attack” since man is thought in war terms. According to Corbin (2013, p. 8), the boy should stiffen his upper lip from the earliest age. Frequently he has to endure the divorce of his parents, overcome pain and cold, refrain from shedding tears, receive punishments and ill-treatment without blinking. From early childhood he has to face violent scenes. Within the “triumph of 20th century manhood”, man should resist physical fatigue, execute dangerous tasks, defend his country when needed and forebear his parents and friends so that they would not die of hunger. “Be a man” – the imperative, evoking a religious stance (CORBIN, 2011), is a burden and the manifestation of glory. This is the reason why man has to show constantly his manhood through his acts.

[Within] this perspective, manhood is identical to greatness – an essential term –, superiority, honor, strength – as virtue –, self-restraint as sacrifice, knowing how to die for true values. Manhood occurs in the exploration and conquest of territories, in colonization, in everything that reveals supremacy over nature within economic expansion. This is the stuff of greatness. (CORBIN, 2011, p. 9).

The effect of truth, shown through Greek, Roman and Medieval memories on man and split by data from Medicine (highly defined anatomic profile in the soldier's body), Religion (male centrality within the family) and Economics (bread earner), underlines, according to one interpretation, five characteristics that define the manhood-domination relationship: power, strength, physical and moral beauty, self-assurance and maturity. Within the materiality of images, the body is the place of feeling in so far as the historical constitution of the manifestation of manhood reveals itself in attitudes, in body promptness that faces the unknown, the novel and the perilous.

The production of subjectivity, called 'the true man', due to the watchful gaze on bodies within the administration of behavior (TASSO, 2013), fixed in the enunciation 'Be a man!', has been currently criticized and rebuked. According to Nolasco (2001), it has been adopted as a significant mythical parameter of Western culture, mainly foregrounded on Greek-Roman models. There is a metaphoric dichotomy that tags his study ("From Tarzan to Homer Simpson"): on the one hand, it presents the prototypical representation of manhood dominating Nature; on the other hand, the representation of the character in mass culture, depicted in the trivialization of old forms of manhood.

According to Nolasco (2001), man, suffocated by the so-called minority discourses, had his male features neglected by symbolic and cultural organizations. The latter impaired his emergence, skipping the factors through which right and wrong were instituted in the 'new' model for family and society. It may be the origin of the crisis of male identity what enhances the circulation of depreciative discourses with regard to demonstrations of virility and opposes the discourse in Dr. Shryock's handbook, tagging it "chauvinist", "sexist", "outdated" and "dangerous".

The author argues the Industrial Revolution in 19th century Europe sparked an age of hope and progress, which triggered a series of changes in the private world and in male-female relationships. The struggle for equality of minority groups increased with the vindications of the proletariat and changed the individual's social representations. These discourses brought about equality and an opposition to the representation of maleness that was common at the time (NOLASCO, 2001).

Due to this discursive unstableness, underscored by several occurrences that mediated and brought forth new representations (and memories) on manhood (and especially on womanhood), Dr. Shryock's book may not be advertised as it was decades ago in Brazil. In fact, it does not provide a scientific-medical and moral-religious truth accepted by all. In fact, it is a strange remnant from bygone times that would cause laughter and confusion to contemporary readers.

However, one may perceive that several contemporary publicity campaigns insist on the values of a type of subjectivity that once upon a time was built upon "healthy guidelines". They range from the speakable order to the almost non-publishable due to their opposition to the position of the subject of discourse that the genders are (or should be) on an equal standing. Regulated by "tradition" which, in the Foucauldian sense, captures, determines, intercepts, ensures and control gestures, opinions and behavior of living beings for the production of truth (AGAMBEN, 2009, p. 40), there are numberless channels in social and publicity media that return man to his 'rightful place', as if the social struggles for equality throughout the 20th century had ruptured the good values lost in an idealized past (which composes the reason for the term 'tradition').

The following are social media posts⁶ from *Sujeito Homem* (1.194.199 subscribers) and *Homem Tradicional* (529.773 subscribers):

⁶ Content published by the administrators of virtual pages that may be followed by Facebook users by subscribing to them.



Figure 3: Facebook Page: *Sujeito Homem*.
Source: Sujeito Homem (2016)



Figure 4: Facebook Page: *Homem Tradicional*.
Source: Homem Tradicional (2016)

The soldier's pose is inflexible. The armor (Figure 4) and clothes (Figure 3) represent the man's strength. He has the world's responsibilities on his shoulders. He is undaunted (he becomes even stronger) and does not complain (he does not show any pain). Such discourse is materialized by the recurrence of the body's iconographic standards: a stiff pose, head turned to the right, the fixed gaze towards a threat which the viewer does not see (even though these men do so).

Such idealized male beauty (desirable, useful and appreciated) is totally excluding. With very few exceptions, the subject highlighted by these pages is always the same: white, middle-aged, tall, thin and heterosexual. The production of the 'true man' or, according to certain nomenclature, 'the male subject' and the 'traditional man' goes through the restrictive aesthetic of existence with regard to the body, gestures and behavior. In other words, they are "bodies standing vigil".

The production of advertisements directed to the general public is more subtle. Even though they use the same strategies in the production of truth within the discursive plot, humor is included and, thus, everything is allowed. The 2010 publicity campaign of the mobile telecommunications company Oi, together with NBC, showed the advertisement *Oi Agenor* favoring the client with a package of free phone minutes. He may use them as he likes. The 30-sec advertisement says:

If you want to remain connected, beware of the wrong chip. You may become Agenor. Agenor is not a popular person. The bonus of his telephone operator limits calls even to his mother's wireline. Only the caller receives up to nine hundred Brazilian reais to make wireline calls or to Oi phones. He is free to use the bonus as he likes, without any restrictions to a fixed phone. Do not be Agenor, demand Oi's chip and become a caller.⁷

In the previous advertisement of the same series, there was a distinction between people who were *callers* (a privileged condition) and people who were *receivers* (a non-privilege condition). Agenor⁸ (a language trait: the *-or* suffix in Portuguese means the agent of the activity, similar to the English *-er* in *fighter*) is the materialization of perils that Dr. Shryock (1969) also reveals on the demasculinized man. The picture below describes him:

⁷ Transcription of the advertisement from COMERCIAL Oi... (2010).

⁸ The term "receiver", though morphologically referring to the agent, semantically describes a "passive" attitude since it is an answer to a previous action (which depends on the caller). The attribution of dominance to the constitution of maleness is a discursive fact, and thus it is analyzed.



Figure 5: Scene from the advertisement “Oi Agenor”.

Source: COMERCIAL Oi... (2010)

The man's pose is degraded and the gaze is subjected to the dominating mother who, as the book *On becoming a man* explains, she wears man's trousers in that family. The “social death” of the historical condition of manhood may be totally turned upside down: Agenor (he is a condition, not the name of the character) merely needs to buy a chip (the advertised product) and he turns into a caller with all the freedom (the word appears once more) and the agency that such an active condition provides him.

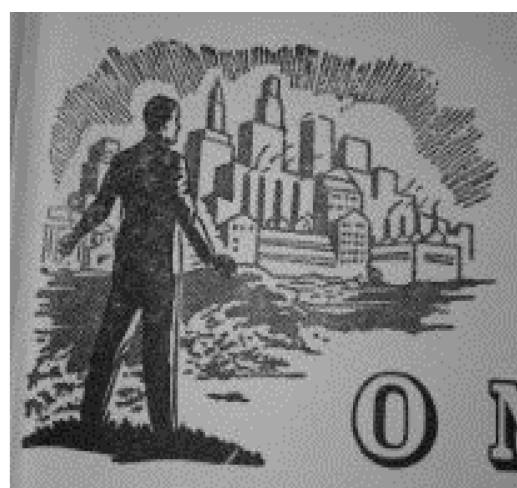
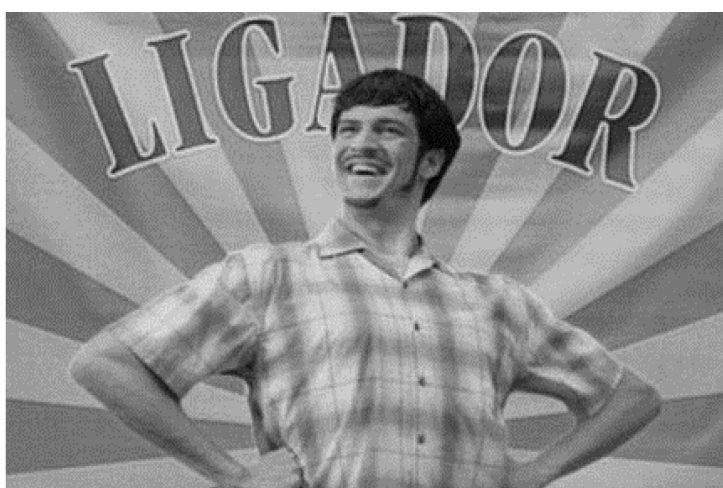


Figure 6: Scene from the advertisement “Oi ligador”

Source: COMERCIAL Oi... (2007)

One interpretation shows certain constants with regard to the posture of the male body in the advertisement and to the “healthy guidelines for young men”. It is a repetitive standard of iconographic elements with a historical composition in so far as man's gesture is broad and mobilizes all muscular strength to be exerted to the utmost” (THOMASSET, 2013, p. 159). He releases energy

from the body. On the other hand, the female's act is short, repetitive and follows a two-way rhythm, such as harrowing, winnowing, weaving, sewing and others. In classical iconography, the supreme deed – inclusive and harmonious – is undertaken by a male sower and not a female one. Exhibiting the efficiency of his strength, the man lacks rivals. This is what the Bible insists, as Dr. Shryock (1969) repeatedly says: "For the husband is the head of the wife as Christ is the head of the Church, his body, and is himself its savior" (Ephesians 5:23).

If anyone insists in being Agenor, a loser (who cannot even call his mother on the phone), manly behavior is required ("Be a man!"). Money (the prerogative of freedom) is the first condition that foregrounds maleness.

4 FINAL CONSIDERATIONS

The exclusive discourse of maleness is problematized in the current analysis. Such discourse has been materialized in contemporary Brazilian media practices, which provide and circulate repetitive image patterns. These patterns incorporate factors of the (true) man's corporality, such as the pose and the gaze (from posts from Facebook pages), as regular systems that have historic substance within the strict process in the production of beauty (desirable, useful and appreciated, as Eco (2013) insists).

Disparate fields of knowledge, such as Religion and Medicine (as in the handbook of Dr. Shryock) and the discussion of an economic discourse which features the sale of a product and the good values are associated within the enunciation plot (such as in the publicity campaign of the telecommunications company Oi).

If discourses, as a series of paired enunciations, foreground social practices, the possible effects of the production of the "true man's" subjectivity should be taken into account. One research hypothesis is that, due to the positivity of discourse formations, the conservational paradigm (the tradition design) ruptures perilous discourses due to the Brazilian social and political events. The adjective 'perilous' is employed to refer to words and images that somehow support endemic issues such as the aggression of females at home, rape, the murder of homosexuals, the shunning of fat people, and others.

Owing to his interests in analyzing marginalized subjects, Foucault (2005) asks why and at what price have we made every effort in producing a true discourse on the subject that is *not* us. In other words, there is great difficulty in accepting deviant behavior to certain patterns of the correct and the incorrect which tend to be adjusted and normalized until they disappear from sight. One should eliminate the different factor in the name of a regime of hermetic truth with regard to different forms of expression in being (reducing it to one). No one wants to be Agenor, even if for sport's sake.

REFERENCES

- AGAMBEN, G. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ALDERSEY-WILLIAMS, H. *Anatomias*. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- BERGER, J. *Modos de ver*. Trad. Lúcia Alento. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BÍBLIA on-line. [2016]. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/nvi/ef/5>>. Acesso em: 20 set. 2016.
- CAROL, A. A virilidade diante da medicina. In: CORBAIN, A. et al. *História da virilidade* – 3. A virilidade em crise? Trad. Noeli Correria et al. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 35-81.

COMERCIAL Oi receptor que vira ligador [2010]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b6QqOx1eyYg>>. Acesso em: 01 out. 2016.

_____. Oi – Agenor [2007]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oGga6qopZsw>. Acesso em: 01 out. 2016.

CORBIN, A. A virilidade reconsiderada sob o prisma do naturalismo. In: CORBAIN, A. et al. *História da virilidade* – 2. O triunfo da virilidade: o século XIX. Trad. João Batista Kreuch e Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p.7-12.

ECO, U. *História da feiura*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2014.

ECO, U. *A história da beleza*. Trad. Eliana Aguiar. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

FOUCAULT, M. Poder-corpo. In: _____. *Microfísica do poder*. Revisão técnica Roberto Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. p.234-243.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 25. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *A arqueologia do saber*. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves, 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GÉLIS, J. O corpo, a igreja e o sagrado. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. (Org.). *História do corpo: da Renascença às Luzes*. Trad. Lúcia M. E. Orth. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p.19-130.

HOMEM Tradicional. Disponível em: <<https://www.facebook.com/homemtradicional/?fref=ts>>. Acesso em: 01 out.2016.

MANGUEL, A. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. Trad. Rubens Figueiredo et al. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NOLASCO, S. *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. (Gênero Plural).

OI Agenor-ligador da OI. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oGga6qopZsw>>. Acesso em: 01 out. 2016.

SHRYOCK, H. *O môço e seus problemas*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1969.

SUJEITO Homem. Disponível em: <<https://www.facebook.com/OSujeitoHomem/?fref=ts>>. Acesso em: 01 out.2016.

TASSO, I. Discurso em imagem: verdade, fotografia-documentário e inventário do real. *Revista Científica em Curso*, Palhoça, SC, v.2, n.2, p.113-124, jul./dez. 2013.

THOMASSET, C. O medieval, a força e o sangue. In: CORBAIN, A. et al. *História da virilidade* – 1. A invenção: da Antiguidade às Luzes. Trad. Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p.153-201.

VEYNE, P. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Trad. Luís Lima. Lisboa: Albin Michel, 2008.

Received in October 31, 2017. Approved in January 30, 2018.

DISCURSOS DE VERDADE E BIOPOLÍTICA EM REDAÇÕES DE VESTIBULANDOS: A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NEGRAS

DISCURSOS DE VERDAD Y BIOPOLÍTICA EN REDACCIONES DE CANDIDATOS: LA
PRODUCCIÓN DE SUBJETIVIDADES NEGRAS

DISCOURSES AND TRUTH, AND BIOPOLITICS IN WRITINGS OF VESTIBULANDOS: THE
PRODUCTION OF BLACK SUBJECTIVITIES

Carmen Brunelli de Moura*
Universidade Potiguar

Edgley Freire Tavares**
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Marluce Pereira da Silva***
Universidade Federal da Paraíba

RESUMO: Neste artigo, objetiva-se entrever que discursos e regimes de verdade foram aceitos e valorizados em redações de vestibulandos de uma instituição federal de ensino superior, no ano de 2013, sobre a temática: *A participação do negro na atual sociedade brasileira*. Entre as regularidades discursivas presentes nas redações, os enunciados acerca das políticas públicas, configuradas como dispositivos biopolíticos, passam a constituir o *corpus*. Assume-se uma postura analítica fundamentada em uma teoria do discurso de inspiração foucaultiana, em teóricos do campo dos estudos da linguagem e em teorizações sociais referentes à história dos negros. Conclui-se que os discursos de verdade, que atravessam as redações, são produzidos pelo Estado e reproduzidos e valorizados pelos candidatos quando reforçam efeitos de sentido de positividade das políticas públicas.

PALAVRAS-CHAVE: Discursividade. Biopolítica. Subjetividades negras.

* Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora da Universidade Potiguar. E-mail: carmenbm2005@gmail.com.

** Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor no Departamento de Letras Vernáculas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Central. Membro do Grupo de Estudos do Discurso – GEDUERN/UERN. E-mail: edgleyfreire1981@gmail.com.

*** Doutora em Letras pela UNESP/ Araraquara. Professora do Mestrado Profissional em Letras PROFLETRAS/UFPB e professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem PPGEU/UFRN. E-mail: marlucepereira@uol.com.br.

RESUMEN: En este artículo, se pretende entrever los discursos y regímenes de verdad que se aceptaron y valorizaron en redacciones de candidatos en las pruebas de acceso a una institución federal de enseñanza superior, en el año 2013, sobre la temática: *La participación del negro en la sociedad brasileña actual*. Entre las regularidades discursivas presentes en las redacciones, los enunciados acerca de las políticas públicas, configuradas como dispositivos biopolíticos, pasan a constituir el *corpus*. Se asume una postura analítica basada en una teoría del discurso de inspiración foucaultiana, en teóricos del campo de los estudios del lenguaje y en teorizaciones sociales referentes a la historia de los negros. Se concluye que los discursos de verdad, que traspasan las redacciones, son producidos por el Estado y reproducidos y valorizados por los candidatos cuando refuerzan efectos de sentido de positividad de las políticas públicas.

PALABRAS CLAVE: Discursividades. Biopolíticas. Subjetividades negras.

ABSTRACT: The purpose of this article is to understand which discourses and Regimes of Truth were accepted and valued in the texts from candidates for the admittance exam from a federal institution of higher education in 2013. The theme for the text was the participation of the Negro in the current Brazilian society. Among the discursive regularities from these writings, the enunciations on public policies configured as biopolitical devices composed, the analysis *corpus*. This study has an analytical position based on a Foucauldian-inspired discourse theory, theorists of the field of language studies, and social theorizations about the history of the black people. We concluded the discourses of truth that cross these compositions are produced by the State and reproduced and valued by the candidates when reinforcing the effects of a positive public policy.

KEY WORDS: Discursiveness. Biopolitics. Black subjectivities.

1 INTRODUÇÃO

*Preconceito racial permanece há gerações.
A luta por um lugar digno na sociedade.
Com paciência, a gente chega lá.*

As seqüências discursivas acima são alguns dos títulos propostos pelos candidatos do Processo Seletivo Seriado de uma instituição pública de ensino superior, ocorrido em 2013, acerca de um artigo de opinião solicitado a vestibulandos sobre a temática: *A participação do negro na atual sociedade brasileira*. Naquela ocasião, a proposta de redação¹ orientava a refletir, de forma comparativa, a condição do negro nos anos 30, do século XX, e na contemporaneidade, a partir de dois textos de apoio, a saber, um texto de José Lins do Rego, extraído de seu livro *Usina* e a reprodução de uma campanha publicitária da UNICEF (2010) veiculada em 2010 sobre a questão da igualdade racial.

Nestas epígrafes, evidenciam-se sentidos que apontam para a emergência de uma história de governo dos sujeitos negros, materializada nos itens lexicais “permanece”, “luta” e “paciência” que legitimam uma regularidade discursiva no modo como os candidatos atualizam nas suas escritas certos discursos em relação à condição histórica e ao lugar do negro na sociedade atual. De uma construção de indivíduo “coisificado”, inferiorizado nos anos 30, na qual as “[...] negras [eram] tratadas como cachorros [...]” (REGO, 2010, p.89), há uma busca e uma “luta” pacientes, materializadas nas políticas públicas e nas campanhas da UNICEF que passam a evidenciar sentidos de igualdade em meio às diferenças.

A leitura inicial das redações apontou uma série de regularidades discursivas nos modos como os candidatos exploraram a temática proposta no vestibular. De uma forma geral, a escrita dos candidatos pôde ser problematizada em sua correlação com tramas discursivas mais complexas e em referência a uma diversidade de mecanismos de governo e jogos de verdade nos quais sempre é possível “[...] descobrir alguma coisa diferente e de mudar mais ou menos tal e tal regra [...]” (FOUCAULT, 2004, p.283). Além disso, despertou-nos a atenção as conclusões registradas no relatório da comissão avaliadora das redações, para quem havia: *Um número*

¹ As redações não serão identificadas pelo número de inscrição do aluno por questões éticas. As redações serão nomeadas por letras maiúsculas. Quando o enunciado for da mesma redação será identificado por letra maiúscula e número.

expressivo de textos que apresentavam afastamento em relação à delimitação temática, discorrendo sobre o racismo, o preconceito, a discriminação, o sistema de cotas, a participação do negro no âmbito internacional, sem fazer menção especificamente à participação do negro no contexto brasileiro. Assim, diante desta conclusão da comissão, do relato de alguns dos docentes avaliadores e, sobretudo, do modo como a escrita dos alunos tematizava a constituição histórica dos negros no Brasil, propusemos a seguinte questão norteadora: Que práticas discursivas e regimes de verdade atravessam as redações na produção de efeitos de sentido sobre a atual condição do negro na sociedade brasileira?

Nesta escrita da análise, objetivamos entrever que discursos e regimes de verdade foram aceitos e valorizados pelos candidatos como premissas na construção de seus argumentos e de suas tematizações sobre a condição histórica do negro na sociedade brasileira. E isto, assumindo uma postura analítica fundamentada numa teoria do discurso de inspiração foucaultiana, em teóricos do campo dos estudos da linguagem e em teorizações sociais referentes à história dos negros, pressupostos estes que foram imprescindíveis no processo de seleção, organização e análise do *corpus*, constituído a partir das redações dos vestibulandos, disponibilizadas pela comissão do certame.

Para tanto, buscamos organizar o texto da seguinte forma. Na primeira seção, abordaremos a questão dos regimes de verdade que compõem as políticas públicas de cotas para negros. Na segunda, discorreremos acerca da intervenção da governamentalidade do Estado que não mais regulamenta as ações, os discursos, mas garante, por meio das ações afirmativas, a disseminação das verdades, da biopolítica. As duas seções são atravessadas pela análise dos enunciados presentes nas redações dos candidatos. E, por fim, apresentamos ao leitor conclusões do nosso percurso analítico.

2 AS MATERIALIDADES DISCURSIVAS E OS REGIMES DE VERDADE

A problematização em torno dos modos de subjetivação numa perspectiva discursiva implica considerar a centralidade da linguagem em meio aos diversos regimes de verdade que se configuraram historicamente em nossa sociedade. Enquanto arranjo teórico-metodológico fundamental, concebemos as redações como enunciados em uma formação discursiva (FOUCAULT, 2007), ou seja, enquanto fragmentos de discurso numa rede de memória e de sentidos, enunciados que retomam, repetem ou deslocam verdades que estabelecem o que pode ser dito em um determinado campo discursivo e contexto histórico. A perspectiva de verdade será aqui tomada como orientação argumentativa, buscando efeitos de verdade enquanto efeitos de sentido, pressupondo que não exista uma verdade como essência e tomada como anterior às práticas discursivas que instituíram este ou aquele saber, valor ou estado de coisas aceito como verdade (FOUCAULT, 2007). Neste aspecto, sondamos os enunciados dos candidatos para buscar ali a relação de suas posturas enunciativas com uma série de já ditos que funcionam como vozes que atravessam o dizer e ressoam como verdades na escrita dos candidatos, configurando a constituição de uma ordem do saber sobre o passado e o presente da população negra brasileira, algo que constitui efeitos de sentido a partir da própria delimitação da proposta da redação.

É deste modo que os candidatos retomam saberes e correlações de força instituídos historicamente como verdades, entendidas aqui não como “[...] conjunto de coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar”, mas como um “[...] conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 2003, p.11). Por isso, as verdades são deste mundo e são produzidas por regimes que instituem uma discursividade, como numa das redações, cujo título “Negro também é ser humano” (redação H), aponta para uma supostamente necessária afirmação da condição humana do negro, regime de verdade que é recorrente em outros títulos e na própria argumentação de algumas redações, que traduzem as representações do negro desde o século XIX, período que coincide com o governo regencial no qual já era possível evidenciar *tecnologias de segurança* (FOUCAULT, 2008, p. 15) na construção da nacionalidade brasileira. Essas tecnologias movediças produziram historicamente verdades e buscaram naturalizar a ideia de uma “raça superior”, constituída pela inteligência e pela civilidade do branco, e também, pela inocência e pureza do índio.

Mas o que é esse regime de verdade que atravessa as redações escritas pelos candidatos? É um regime construído para colocar em funcionamento a sociedade, pois são produzidos historicamente nas relações sociais, como assevera Foucault (2003, p.12):

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

Esse regime de verdade não se constitui naquilo que devemos aceitar ou descobrir como único, mas como um conjunto de procedimentos regulado para o funcionamento dos enunciados que está ligado a certas estratégias biopolíticas produzidas pelo Estado, o qual passa a apoiá-las e a reproduzi-las. Isso faz com que estas verdades promovam uma interpretação de como se constitui o lugar social do negro no Brasil, tendo como base um passado de segregação social como evidenciado na sequência discursiva na qual o candidato precisa reafirmar a condição humana do negro e, para isso, usa o modalizador “também”, argumentando a favor da igualdade entre os sujeitos brancos, negros e índios. Em vista da constituição do sujeito negro a partir destes discursos segregadores (GUIMARÃES, 2004), que passam a instituir inúmeros processos objetivadores, torna-se relevante tentar compreender como estes regimes de verdade retornam na enunciabilidade dos candidatos aos cursos da UFPB.

Nas práticas discursivas do Processo Seletivo, evidenciam-se uma rede de tecnologias objetivadoras que vem se desenvolvendo desde o século XVII e que se tornam cada vez mais legitimadas como táticas de biopoder, como nos mostra Foucault (2003), forma de poder que institui formas de controle e regulação da população por meio de técnicas que tendem a evidenciar a divisão, a segregação e o afrontamento entre os sujeitos. As táticas de biopolítica produziram uma “invisibilidade” instituída em relação ao negro na sociedade, acontecimento atado a inúmeros saberes e correlações de força, uma vez que a “[...] ‘verdade’ é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem [...]” (FOUCAULT, 2003, p. 13).

Estas verdades, tão recorrentes no século XIX, ultrapassaram as fronteiras temporais e conseguiram se esgueirar furtivamente pelos séculos XX e XXI. Isso se deve ao fato de a produção de subjetividades negras ser construída a partir de estratégias do Estado, que programa e implementa verdades sobre a população negra com base em leis, incentivos e instituições que se materializam nas “senzalas”, como evidenciado na materialidade de uma redação na qual o candidato afirma: “Mas isso não quer dizer que a escravidão acabou, que as senzalas não mais existem (sic) agora mudaram o jeito de oprimir.” (redação A). Analisadas em seus efeitos de sentido, o trecho dessa redação possibilita-nos refletir que as senzalas de hoje devem ser compreendidas como “[...] espaço moderno em que [o Estado] opera a exclusão inclusiva da vida humana” (RUIZ, 2012, p. 16).

Essa exclusão inclusiva se materializa também na redação já mencionada que tem como título “Negro também é ser humano”. No jogo argumentativo discursivo, notamos uma enunciação que opera como efeito de sentido a necessidade de uma reafirmação da condição humana do negro. E isto, sem dúvida, é um arranjo de saber-poder-subjetividade próprio de uma série de discursos e práticas que construíram historicamente a condição do povo negro no Brasil. Esta inclusão que faz ressoar práticas históricas de exclusão e segregação é demarcada linguisticamente com a expressão “também”, servindo de indício de um posicionamento no qual o candidato tende a reproduzir o esquecimento da condição histórica de exclusão do negro, algo que pode ser interpretado como estratégia de uma governamentalidade neoliberal que não machuca, não mata, pois “[...] morrer não dói, o que dói é o esquecimento.” (DI FELICE; MUÑOZ; 1998).

Mas, não é apenas esse passado de segregação que atravessa os títulos das redações. Há outros campos de força que não são criados pelo sujeito, mas que ele não pode controlá-los no interior de um regime de verdades. Se bem entendido, estamos propondo que este regime de verdade é o que possibilita a produção e a compreensão dos efeitos de sentido recorrentes nas redações que apontam para a exclusão do negro das práticas sociais e uma discursividade imperativa centrada no preconceito e na discriminação, como no título de outra redação: “Somos todos iguais”, que reafirma um discurso da democracia racial (GUIMARÃES, 2004). No entanto, o item lexical “todos” desvela poderes sobre as subjetividades negras e evidencia sentidos de uma “[...] suspensão de direitos, pela negação da cidadania e dos direitos fundamentais da pessoa humana.” (RUIZ, 2012, p. 38). É a “animalização do humano” (AGAMBEN, 2004) ou uma forma biopolítica de redução de alguns grupos a uma condição de “vida nua”, na qual as linhas de fuga se tornam um tanto tênues, como nesta história contada por Fanon (2008, p. 103):

O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe, um preto! Faz frio, o preto treme, o preto treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino bonito treme porque pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mamãe, o preto vai me comer!

A citação ilustra mais uma prática objetivadora presente nos processos de constituição subjetiva do negro, que traz à tona uma história de segregação consolidada e reafirmada em um “[...] conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 3). Ou seja, são os focos de biopoderes.

Em outra redação, o título “Superando barreiras” também serve de mote para a discussão acerca de como os candidatos ao vestibular da UFPB elaboram discursivamente nos títulos de seus textos modos de subjetivação do negro. Essa assimetria social recuperada na forma verbal “superando” evidencia o lugar ocupado pelo negro e uma história construída a partir de inúmeras barreiras, historicidade que aparece em outras redações como espécie de pré-construído ou memória discursiva para articular sentidos com este passado de adversidade histórica, efeito que passa pela afirmação das práticas de discriminação e preconceito e desliza para o sentido de transformação social. A escrita de alguns candidatos recorre a este jogo discursivo, muitas vezes, por meio de um argumento ilustrativo quando retoma certas figuras públicas como signos de uma superação. O recorte abaixo materializa esta regularidade discursiva do *corpus*,

Apesar dos preconceitos que ainda presenciamos, em pleno século XXI, também presenciamos muitos progressos, hoje em dia o Brasil tem um dos maiores lutadores do mundo, o seu nome é Anderson Silva, e um pequeno detalhe ele é negro. (redação B).

E alude também a outra dinâmica recorrente nas escritas dos candidatos: a pouca criticidade e reflexividade das suas disposições argumentativas. Na maioria dos casos, o que lemos nas redações é apenas a reprodução acrítica de certos discursos que cerceiam efeitos de sentido negativos, como no exemplo acima, no qual o candidato deixa interpretar que o fato de o lutador ser negro evidenciaria ainda mais seu lugar como grande atleta. Movimento enunciativo semelhante aparece nesta outra redação: “[...] hoje temos médicos negros, professores negros, até um presidente negro.” (redação C). O item lexical “até” funciona na discursividade como índice linguístico de uma gradação semântica na qual a ascensão de pessoas negras aparece como algo exótico, excêntrico, raro e inusitado. Nessa projeção, a ilustração do sucesso é sustentada pelo estigma da pele negra, um “pequeno detalhe”, como modaliza um dos trechos acima, uma ascensão que surpreende e se torna exótica, tornando muitas vezes caricaturada a imagem que se faz do sucesso das pessoas negras. Nestes termos, a enunciabilidade dos vestibulandos, ao optarem por tais argumentos de ilustração, não inverte os sentidos e nem as representações do estigma racial, e sim, os atualizam, como aspectos que definem e refratam a subjetividade e a sociabilidade dos negros.

Trazidas já algumas das regularidades surgidas na leitura do *corpus* discursivo, podemos agora precisar a importância teórica e metodológica desta noção para o percurso analítico do qual resultou este artigo. Na análise discursiva, as regularidades representam certas formas recorrentes, atravessadas por singularidades e diferenças, na forma como os candidatos atualizaram em suas escritas determinados discursos em relação à condição histórica e ao lugar do negro na sociedade atual. Tais regularidades foram assim sistematizadas: (I) As redações centravam-se na interpretação do lugar social do negro no Brasil de hoje a partir de uma memória discursiva em torno do passado de segregação social; (II) Uma discursividade centrada no preconceito e na discriminação como ainda categorias definidoras da sociabilidade e das identidades dos negros brasileiros na atualidade; (III) Uma discursividade relativa à ascensão social de sujeitos negros como algo exótico, excêntrico; (IV) A discursividade em torno das políticas públicas.

Enquanto princípio de organização e delimitação da análise, estas regularidades discursivas representaram na leitura do *corpus* aquilo que verificamos como sendo os discursos de verdade que mais definiram e embasaram a construção das opiniões e dos argumentos dos vestibulandos em torno da questão proposta na redação. Entre tais permanências e redefinições temáticas, a questão em torno das políticas públicas mostrou-se central na construção de argumentos que sugerem transformações ou melhorias na condição social do negro. Evidentemente, esta recorrência possibilitou algumas considerações sobre o jogo discursivo presente nas redações, revelando-se nisto, o modo como os candidatos pensam o lugar social e histórico do negro na sociedade brasileira

contemporânea. Em curtas palavras, a análise discursiva destas redações de vestibular apontou a correlação com regimes de verdade que ao longo da história remetem a uma memória em torno de certas relações de saber e poder que incidem até os dias de hoje no modo de governo dos negros no Brasil.

A regularidade discursiva no modo como os candidatos tematizam a atualidade das subjetividades e sociabilidades do negro no Brasil ajuda-nos a compreender como as políticas públicas passam a incorporar em suas práticas algumas tecnologias de governo que evidenciam efeitos de uma nova rede de governamentalidade que faz surgir uma relação um tanto diferente entre Estado e sociedade. É a biopolítica que se constitui tanto em uma modulação do poder como também aquilo que possibilita formas de resistência, invenção. Em termos foucaultianos, seria uma *atitude de modernidade* que compreende os processos de subjetivação e que se traduzem em um corte com a concepção de poder negativo. Na próxima parte do texto, circunscrevemos nossa análise à descrição e à interpretação do modo como esta regularidade discursiva em torno de políticas públicas produziu sentidos em torno do lugar social dos negros na sociedade e como, a partir dos indícios de sentido deixados pelas redações, podemos refletir acerca das estratégias do biopoder e seus impactos produzidos nos modos de subjetivação e na própria condição do negro no Brasil.

3 DISCURSO, GOVERNAMENTALIDADE E BIOPOLÍTICA

Assim como as sociedades já não são as mesmas, consequentemente, as formas de exercício do poder também sofreram alterações. Como afirma Foucault (2003), de uma sociedade soberana, com seus poderes centralizadores e assimétricos que confiscavam coisas, corpos e vida passamos para uma sociedade disciplinar, com seus poderes controladores sobre os corpos e, posteriormente, para uma sociedade de governo, na qual o poder aumenta a força do Estado e se espalha por múltiplas governamentalidades, materializadas, por exemplo, nas ações afirmativas, definidas pelo Ministro Joaquim Barbosa como

[...] um mecanismo sócio-jurídico destinado a viabilizar primordialmente a harmonia e a paz social, que são seriamente perturbadas quando um grupo social expressivo se vê à margem do processo produtivo e dos benefícios do progresso, bem como a robustecer do próprio desenvolvimento econômico do país, na medida em que a universalização do acesso à educação e ao mercado de trabalho tem como consequência inexorável o crescimento macroeconômico, a ampliação generalizada dos negócios, numa palavra, o crescimento do país como um todo. (GOMES, 2001, p. 132)

E este é o interesse do Estado que governa para mitigar as desigualdades sociais tendo como alvo as minorias ou como ironiza Fanon (2008, p. 46), o alvo seria o negro que “[...] não tem cultura, não tem civilização, nem ‘um longo passado histórico’”. Em outras palavras, “[...] vivemos na era da governamentalidade” (FOUCAULT, 2003, p.292) na qual o Estado engendra mecanismos biopolíticos nos quais vão se desenhando, neste caso, subjetividades negras que devem ser responsáveis pelos seus destinos.

Essa transformação se materializa nos discursos dos candidatos quando, ao lançarmos um olhar para as redações, evidencia-se por entre o viés da linguagem uma arte de governar localizada em um amplo campo discursivo com fins e técnicas singulares. Técnicas que passam a forjar os negros como certas subjetividades e passam a ser materializadas nas redações quando apontam que as ações afirmativas vêm mudando a realidade pois, “[...] as atuais políticas governamentais de inclusão social têm aberto espaços para os negros em diversos segmentos da sociedade” (redação D) e que, para mudar o quadro de segregação, “[...] as políticas públicas e institucionais são de extrema importância” (redação E).

Materializa-se nestes dois enunciados dos candidatos a ideia de que o poder do Estado se dissemina por múltiplos lugares, a partir, como pontua Castelo Branco (2014, p.5), de uma “[...] série de parceiros e instituições que compartilham, numa gigantesca rede, todo um domínio de poder e de intervenção social que vai das grandes instituições até os pequenos acontecimentos e relações interpessoais”. Os efeitos de uma positividade das políticas públicas apontada nas redações e sobre o modo de ser sujeito desses candidatos, levou-nos a problematizar esta governamentalidade biopolítica, uma vez que agia sobre os candidatos, controlava suas

subjetividades, comportamentos e discursos. Mas o que é governamentalidade biopolítica? Vamos, inicialmente, desmembrar estes dois conceitos para depois, demonstrar como eles se associam na contemporaneidade.

Tomando as palavras de Foucault (2008, p.144):

[...] por 'governamentalidade', entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de "governo" sobre todos os outros - soberania, disciplina - e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e, por outro lado] o desenvolvimento de toda uma série de saberes.

É em torno desse governo e produção de saberes que o Estado passa a gerenciar a vida da sociedade, a constituir tecnologias ou uma lógica biopolítica, em que diferentemente do biopoder e suas tecnologias de poder/saber, o interesse está na produção de subjetividades protagonistas de si mesmas. Dessa maneira, o surgimento de políticas públicas voltadas ao governo da população não é sem intenção. Instrumentos, táticas, técnicas permitem que a governamentalidade biopolítica seja colocada em funcionamento, de forma cada vez mais sutil e dissipada, mas que atue cada vez mais sobre os sujeitos, ou melhor, sobre a sociedade. Conforme Lopes (2011, p.9), as políticas públicas "[...] podem ser entendidas como manifestações/materialidades da governamentalidade ou da governamentalização do Estado moderno". Na contemporaneidade, mecanismos de poder do Estado deixam de subjetivar os sujeitos a partir da violência e passam a exercer mecanismos biopolíticos, administrando e otimizando as tecnologias de subjetivação.

Estas tecnologias surgem como parte de um emaranhado de mecanismos de regulação social do Estado quando institui um regime de verdades que envolve certo número de regras das quais se veem surgir práticas, entre as quais, uma que objetiva reparar erros e responsabilidades e ainda, definir tipos de subjetividades negras em meio a outras formas de ser, saber e estar. Ou como diz um candidato, "Em prol de uma sociedade de direitos iguais estão sendo criadas várias propostas governamentais para a melhoria e reconhecimento da população negra" (redação F).

Mas, este discurso reparador não é novidade. Sob a alegação inicial de combater a discriminação, as ações afirmativas foram implementadas nos Estados Unidos na década de 60. Mas, elas não foram suficientes para minimizar os danos causados pelas práticas segregacionistas. A mídia nos apresenta várias situações² que vêm de encontro a estas ações, pois se constituem apenas como uma reparação de um passado "branco" ou uma camuflagem de uma questão social que se arrasta há muito tempo.

No Brasil, a história parece se repetir. Aqui, nos anos 90, com vistas a práticas igualitárias, ações afirmativas são adotadas para a promoção da igualdade de grupos subjetivados por práticas discriminatórias pautadas na cor, nas escolhas religiosas, na sexualidade ou qualquer outra situação adversa. Essas "[...] medidas temporárias e especiais, tomadas ou determinadas pelo Estado, de forma compulsória ou espontânea [...]" (VILLAS-BÔAS, 2003, p. 29) têm como objetivo a exclusão das desigualdades construídas no decorrer de um passado segregador. No caso dos negros, "Antigamente ninguém aceitava os negros no meio da sociedade, só serviam para serem escravos" (redação G) como afirma este candidato, pois era um tempo em que havia "[...] a suspensão total ou parcial dos direitos sobre a vida de algumas pessoas" (RUIZ, 2012, p.14).

Mas, de acordo com os enunciados dos candidatos em suas redações, o "[...] Brasil é um dos países que mais vem buscando a igualdade social implantando leis" (redação I) e "[...] políticas públicas e iniciativas não-governamentais têm sido criadas para reverter esse quadro de exclusão da raça negra na sociedade, como por exemplo, o estabelecimento das cotas raciais [...]" (redação G1). E, em 2000, as universidades brasileiras criam as primeiras cotas para a inclusão do negro oriundo de escolas públicas. Esta "lei" constitui-se numa tática de governamentalidade biopolítica, uma vez que a preocupação do Estado não é apenas com o indivíduo, mas com os problemas que afetam a sociedade.

É a arte de governar do Estado que se constitui em ações afirmativas para atender às reivindicações de grupos desfavorecidos e que recebem um tratamento diferente de outros grupos considerados favorecidos social e culturalmente. A correlação entre as políticas

² Estamos nos referindo às práticas de discriminação e racismo.

públicas nacionais e a constituição social do negro na atual sociedade brasileira aparece, sem dúvidas, como a principal regularidade no *corpus* discursivo analisado. Do ponto de vista teórico aqui assumido, a política de cotas representa estratégias biopolíticas de inclusão do negro, oriundo de escolas públicas, nas universidades e, como afirma um candidato em sua redação,

[...] eu poderia dizer que a situação está melhor e melhorando. O governo tem investido na integração do negro na sociedade. Um dos principais exemplos, são as famosas cotas. Realmente ajuda para que eles possam ingressar em uma universidade, ter um futuro. (redação M)

Esta discursividade é própria das táticas da biopolítica e atravessa a escrita do aluno legitimando como efeito de verdade a ideia na qual é o Estado quem investe na integração do negro na sociedade. É proveitoso destacar como a série enunciativa de redações de vestibular, considerada como *corpus* analítico, é algo que atravessa e é atravessada por uma série de outras práticas, discursivas ou não, e faz refletir os efeitos e alcances de certas táticas de biopoder, posto que a preocupação estatal é a de tornar a vida dos sujeitos negros produtiva, pois a tática biopolítica não é de abandonar o que não é produtivo, mas tornar a todos úteis à realização de determinados fins que sejam convenientes e funcionais e “realmente ajuda [...] ter um futuro” como aponta o candidato. Mas, não é só isso. O mesmo candidato afirma que “O governo tem investido na integração do negro na sociedade” evidenciando uma política de condução das subjetividades. Estas subjetividades negras precisam passar a empresariar a si mesmas, ou seja, aos negros é dada oportunidade de inclusão pelo sistema de cotas e de direitos iguais. Resta a cada um aproveitar estes benefícios e saber gerir seu “futuro” ao “ingressar em uma universidade” a partir desta ação afirmativa.

O ministro da educação Aloisio Mercadante, na época da implantação e discussão da adoção das cotas pelas universidades, em 2013, afirmou que as cotas eram “[...] uma oportunidade única para o país”. É possível perceber neste enunciado a funcionalidade utilitarista alimentada pela lógica biopolítica, pela ideia do “Estado como regulador dos interesses, e não mais como princípio ao mesmo tempo transcendente e sintético da felicidade de cada um” (FOUCAULT, 2008, p. 466). Esta tática de governamentalidade biopolítica do Estado implica a produção de uma parceria entre os sujeitos e o jogo de verdades atraente e fascinante que vai sendo construído na sociedade como evidencia-se nesta redação quando o candidato aponta que as

Práticas governamentais ajudam de certo modo para que essas pessoas sintam-se acolhidas e protegidas As cotas sociais para o ingresso nas universidades públicas mostram claramente uma dessas formas criada em respeito ao sofrimento árduo e contínuo dessa população... (redação N)

A escrita do candidato é atravessada pelos efeitos do biopoder que reafirmam a fala do Ministro quando este diz que a política de cotas se constitui em uma “oportunidade única” para os negros. O Estado e as instituições modernas descobrem a relevância da vida dos sujeitos e o quanto os resultados deste cuidado são produtivos para todos e “para o país”, como afirma o Ministro, que parece resgatar a ideia de que a “[...] escravidão é a experiência biopolítica [...]” (RUIZ, 2012) cuja origem está no Estado e não em interesses pessoais.

Esses mecanismos de inclusão das subjetividades negras são inerentes aos tempos biopolíticos, uma vez que a “[...] biopolítica demarca e conjuga o papel que a vida humana vem adquirindo como ‘recurso’ útil na lógica do governo instrumental das populações.” (RUIZ, 2012, p. 41). Os modos de subjetivação do negro que vão sendo elaborados discursivamente nas redações da UFPB (2013) apontam para a positividade desta política de inclusão e para o jogo biopolítico de condução da conduta do negro, estratégia imperativa na governamentalidade neoliberal. Articulação esta que organiza sentidos nesta redação na qual o candidato, ao problematizar o “passado injusto” do negro, afirma que, atualmente, as

Políticas públicas e iniciativas não-governamentais têm sido criadas para reverter esse quadro de exclusão da raça negra na sociedade, como por exemplo o estabelecimento de cotas raciais em instituições públicas de ensino. (redação M).

A prática de governo que atravessa o enunciado do candidato quando afirma que as ações afirmativas “têm sido criadas para reverter” a exclusão vivida pelos negros e negras no passado faz ecoar um regime de verdades cuja autoridade, neste caso, o Estado, funciona como um guia. Este guia tem o poder de promover mudanças significativas nas subjetividades daqueles que são

beneficiados pelo sistema de cotas e por um regime de verdades necessário à manutenção do Estado que precisa “[...] extirpar as ameaças internas que desafiam seu crescimento ou até sua existência [...]” (RUIZ, 2012, p.42).

Em vista disso, o Estado, ao governar as subjetividades negras a partir das políticas públicas de cotas raciais, propõe a criação de poderes biopolíticos cujas técnicas de governo vão guiar, administrar, conduzir a conduta dos sujeitos, à luz de certos regimes de verdades. Regimes pautados em exceções que passam a se tornar regras quando atravessam os enunciados dos candidatos que reafirmam as ações positivas do Estado na manutenção de uma ordem discursiva possível de ser evidenciada na materialidade linguística desta redação quando o candidato toma as políticas governamentais como norte da subjetivação do negro:

[...] os programas que visam [sic] inserir os negros às universidades criando assim, direitos de igualdade a todos no que compete à área de conhecimento, como também, abrindo oportunidades de trabalhos qualificados. (redação D).

Esses “programas” a que se refere o candidato em seu enunciado apontam para as tecnologias de governo empreendidas pelo Estado a partir das políticas de cotas cujos discursos fazem ecoar um processo de subjetivação constituído “[...] de saberes, de medidas, de instituições cujo objetivo é gerir, governar, controlar e orientar, num sentido que se supõe útil, os gestos e os pensamentos dos homens [...]”. (AGAMBEN, 2009, p.38). Neste caso, os discursos de “igualdade” e “oportunidade” desta política afirmativa de cotas raciais, que atravessam o enunciado do candidato, passam a evidenciar um jogo de verdades cujo objetivo é constituir as subjetividades negras a partir de um conjunto de “medidas compensatórias”. Isso se deve ao que vem sendo preconizado acerca da inserção de candidatos negros nas universidades que se constitui pela reparação de um passado extremamente branco ou pela inclusão social em vista de uma exclusão que ainda persiste na sociedade.

Em outras palavras, a Lei de cotas ajudaria “[...] a incluir o negro dentro de uma universidade dando-lhe mais oportunidades” (redação G). A pedra de toque desta política parece ter sido internalizada pelos candidatos, pois a “oportunidade” oferecida pelo Estado parece ser a única prática transformadora das subjetividades negras na sociedade. Os candidatos conseguem apreender de forma positiva este discurso das políticas públicas ao materializarem em seus textos a positividade ou domesticação das diferenças. Nas redações analisadas, não há questionamento às ações afirmativas e nem às práticas de governo que atravessam esta lei. Vejamos outras redações que valorizam e tornam recorrente esta temática de transformação das subjetividades negras a partir destas ações.

O investimento biopolítico do Estado é notado nas redações destes candidatos quando afirmam que “O governo como medida criou políticas para compensar esta situação como a lei das cotas que aumenta a chance do ingresso do negro na universidade.” (redação I) ou que “Existem políticas públicas para defender e melhorar as condições de vida” (redação J) do negro. Ou ainda, “As políticas públicas foi o mecanismo que o governo adotou, introduziu na contemporaneidade numa tentativa de corrigir todas as atrocidades geradas pelos brancos aos negros” (redação I). “Compensar, defender, melhorar, corrigir” evidenciam um jogo de verdades “[...] destinado a viabilizar primordialmente a harmonia e a paz social, que são seriamente perturbadas quando um grupo social expressivo se vê à margem do processo produtivo e dos benefícios do progresso” (GOMES, 2003, p.132).

Deste modo, ao retomarem a discursividade das políticas públicas em suas redações, os candidatos evidenciam uma outra arte de governar as subjetividades negras que se torna mais econômica e útil para o Estado. Isso se deve ao fato de que as tecnologias de segurança não são reguladoras, mas fluidas e que se insurgem em momentos críticos para a população. Por isso, o modo de conduzir as condutas não se dá com ações sobre os sujeitos, mas sobre suas ações, comportamentos, discursos, enfim sua subjetividade. Em outras palavras, governo não se refere apenas ao governo dos outros, mas também, ao governo de si ou à “[...] maneira de se comportar num campo mais ou menos aberto de possibilidades [...]” (FOUCAULT, 1995, p. 243-244).

São estas “possibilidades” que atravessam as redações e passam a evidenciar sentidos da existência de uma condição favorável do negro na sociedade atual. Essa postura biopolítica é reafirmada por um jogo de verdades cujo alvo do governo é a população. Deste modo, novas práticas discursivas são instituídas em torno do nascimento de uma economia política e de novas tecnologias para a gestão dessa população, evidenciada no enunciado deste candidato:

Felizmente com o passar dos anos essa realidade está mudando, inúmeros são os projetos de inclusão social, fato este que está contribuindo para a melhora da qualidade de vida desses cidadãos. Entre os benefícios está a educação que é fundamental para um futuro melhor e a cada dia que passa os cidadãos negros estão buscando-a; essa busca pelo conhecimento está facilitando a integração dessa raça na sociedade brasileira. (redação L).

“Essa realidade está mudando”, “inúmeros são os projetos de inclusão”, “essa busca [...] está facilitando a integração desta raça”. Esta regularidade discursiva é encontrada em muitas redações que reafirmam a constituição da subjetividade negra em torno de uma prática biopolítica de governo, denominada por Foucault (2003) de governamentalidade. Evidencia-se no modalizador “felizmente” a negação de um passado ou a falta de criticidade sobre este passado para conferir sentidos ao presente. Enfim, os enunciados não cessam nem “[...] a integração dessa raça na sociedade brasileira [...]”, pois o jogo de interesses particulares, princípios e formas desta arte de governar das políticas públicas propostas pelo Estado também não para de se multiplicar e de criar novas estratégias de governo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, nosso objetivo foi descrever os discursos e regimes de verdade que atravessaram as redações dos candidatos ao vestibular sobre a temática: *A participação do negro na atual sociedade brasileira* e analisar o modo como tais regimes de verdade produziram a enunciabilidade, a interpretatividade, assim o posicionamento dos candidatos sobre as subjetividades negras na contemporaneidade. Na análise apresentada, foram observadas quatro regularidades discursivas e entre estas destacou-se uma centralidade em torno das políticas públicas de cotas raciais que garantem o acesso de negros às instituições de ensino superior e são reconhecidas para a correção de práticas de discriminação ao longo da história brasileira.

No entanto, na análise das redações, evidenciou-se que a história de lutas empreendida pelos negros, durante séculos, foi corrompida pelos discursos do Estado que reafirmam suas senzalas como campo de ações e governamentalidade. Os discursos e regimes de verdade, aceitos e valorizados pelos candidatos como premissas na construção de seus argumentos e de suas tematizações sobre a condição histórica do negro na sociedade brasileira, correlacionam-se aos discursos das políticas públicas cujos efeitos de sentido apontam que a política de cotas é utilizada como uma tática de governo, uma vez que produz um modo de agir, pensar e governar as subjetividades negras.

Evidenciamos, também, nesta análise, que os regimes de verdade em torno das políticas públicas são engendrados pelo Estado como estratégias biopolíticas para o governo dos negros. São as cotas raciais que passam, segundo as redações analisadas, a “reverter um quadro de exclusão da raça negra”, a “garantir o espaço do negro nas universidades” e a revelar com pesquisas que as “cotas estão dando certo”. Assim, a postura enunciativa dos candidatos é atravessada por já ditos que ressoam em suas redações e constituem uma maneira de ver o mundo. Os candidatos apenas apreendem os discursos das políticas públicas que formam os regimes de verdade. Em outras palavras, os discursos de verdade que atravessam as redações são produzidos pelo Estado e reproduzidos e valorizados pelos candidatos quando reforçam efeitos de sentido de positividade das políticas públicas.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *Homo sacer*. O poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

BRANCO, G. C. Violência de Estado. *Revista Eopolítica*, São Paulo, n. 9, maio-ago, p. 2 - 12, 2014.

DI FELICE, M.; MUÑOZ, C. (Org.). *A Revolução invencível*: cartas e comunicados: Subcomandante Marcos e o Exército Zapatista de Libertação Nacional. São Paulo: Boitempo, 1998.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: Edufba, 2008.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. (Org.). *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p.231-49.

_____. Verdade e poder. In: _____. *Microfísica do poder*. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003. p. 1-14

_____. A governamentalidade. In: _____. *Microfísica do poder*. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003. p. 277- 293.

_____. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: _____. *Ditos & escritos V: Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 258-280.

_____. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GOMES, J. B. B. A recepção do instituto da ação afirmativa pelo Direito Constitucional brasileiro. *Revista de Informação Legislativa*. Brasília, ano 38, n. 151, p. 129-152, jul./set. 2001.

GUIMARAES, A. S. A. Preconceito de cor e racismo no Brasil. *Rev. Antropol.*, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 9-43, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012004000100001>.

Acesso em: 03 set. 2016.

LOPES, M. C. Políticas de inclusão e governamentalidade. In: THOMA, A. da S.; HILLESHEIM, B. (Org.). *Políticas de inclusão: gerenciando riscos e governando as diferenças*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011. p. 7-15.

REGO, J. L do. *Usina*. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

RUIZ, C. M. M. Bartolomé. A Sacralidade da vida na exceção soberana, a testemunha e sua linguagem: (re)leituras biopolíticas da obra de Giorgio Agamben. *Cadernos IHU*, São Leopoldo, ano 10, n. 39, 2012.

_____. Genealogia da biopolítica. Legitimações naturalistas e filosofia crítica. *Revista IHU On-Line*, São Leopoldo, n. 386, 2012.

Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4308&secao=386>.

Acesso em: 03 set. 2017.

UNICEF. Campanha Unicef por uma infância e adolescência sem racismo. 2010. Disponível em: <<http://www.arquidioceseolindarecife.org/2010/12/campanha-unicef-por-uma-infancia-e-adolescencia-sem-racismo>>. Acesso em: 10 maio 2016.

VILLAS-BÔAS, R. M. *Ações afirmativas e o princípio de igualdade*. Rio de Janeiro: América Jurídica, 2003.

Recebido em 08/09/2017. Aceito em 11/12/2017.

UM OLHAR PARA A ESFERA JURÍDICA: O GÊNERO DENÚNCIA EM FOCO

UNA MIRADA HACIA LA ESFERA JURÍDICA: EN FOCO EL GÉNERO DENUNCIA

A LOOK AT THE LEGAL SPHERE: THE COMPLAINT GENRE IN FOCUS

Márcia Helena de Melo Pereira*

Anne Caroline Dias Rocha Prado**

Larissa Carvalho de Macêdo Pereira***

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

RESUMO: Tendo em vista que várias áreas da nossa vida em sociedade estão organizadas em termos legais, conhecer os gêneros jurídicos é de suma importância para que exerçamos nossos direitos. Nessa perspectiva, nosso propósito é investigar um desses gêneros, a denúncia, do ponto de vista de seus aspectos temáticos, estilísticos e composicionais, e também do ponto de vista de suas condições de produção. Para isso, recolhemos 12 exemplares de denúncias da Vara Crime da Comarca de Mutuípe-BA, e outros 10 exemplares da internet, de comarcas diferentes. No que diz respeito ao conceito de gêneros discursivos, encontramos em Bakhtin (2011) o nosso aporte teórico. No âmbito jurídico, nossa base teórica está em Felippi Filho (2012), no Código de Processo Penal e em manuais de Direito. A partir de nossas análises, pudemos constatar que a denúncia é um gênero bastante rígido, padronizado e pouco acomodatório a entradas individuais.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros discursivos. Esfera jurídica. Denúncia.

RESUMEN: Teniendo en cuenta que varias áreas de nuestra vida en sociedad están organizadas en términos legales, conocer los géneros jurídicos es de suma importancia para ejercer nuestros derechos. En esta perspectiva, nuestro propósito ha sido investigar uno de esos géneros, la denuncia, desde el punto de vista de sus aspectos temáticos, estilísticos y composicionales y también desde el punto de vista de sus condiciones de producción. Para ello, recogimos 12 ejemplares de denuncias de la Vara Criminal de la Comarca de Mutuípe-BA, y otros 10 ejemplares de internet, de otras comarcas. En lo que concierne al concepto de géneros discursivos, encontramos en Bakhtin (2011) nuestro aporte teórico. En el ámbito jurídico, nuestra base teórica está en Felippi Filho

* Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários e docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística, ambos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: marciahelenad@yahoo.com.br.

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Possui graduação em Letras Vernáculas (Português e suas respectivas literaturas) pela mesma Universidade. E-mail: annerochaprado@gmail.com.

*** Bacharela em Direito pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: larihmacedo@gmail.com.

(2012), en el Código de Proceso Penal y en manuales de Derecho. A partir de nuestros análisis, pudimos constatar que la denuncia es un género bastante rígido y estandarizado y poco acomodaticio a entradas individuales.

PALABRAS CLAVE: Géneros discursivos. Esfera jurídica. Denuncia.

ABSTRACT: Since most of the spheres of our life in society are organized in legal terms, knowing those legal terms is fundamental to exercise our legal rights. In this perspective, our purpose is to investigate a specific genre named complaint, from the point of view of its thematic, stylistic and compositional aspects. For that, we reviewed 12 criminal complaints from the police station/court “Vara Crime da Comarca de Mutuípe – BA” and another 10 criminal complaints from other police station/courts retrieved from the Internet. Regarding the concept of discursive genres, we found in Bakhtin (2011) our theoretical support. In the legal framework, our theoretical basis is Felippi Filho (2012), the Código de Processo Penal and in law books. We confirmed the complaint genre is extremely rigid, standardized and not so flexible to individual inputs.

KEY WORDS: Discursive genres. Legal process. Complaint.

1 INTRODUÇÃO

A noção de gênero, segundo Bakhtin (2011), reporta ao funcionamento da língua em práticas comunicativas, reais e concretas, construídas por sujeitos que interagem nas esferas das relações humanas e da comunicação. Essa interação social produz enunciados concretos e únicos, de acordo com as condições específicas e as finalidades de cada esfera da atividade humana. Cada enunciado se liga a outros pela identidade da esfera de comunicação discursiva da qual faz parte, e cada esfera “[...] elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 262, grifos do autor), chamados *gêneros do discurso*. Uma dessas esferas é a jurídica. Ela constitui uma instância discursiva autônoma, que é capaz de produzir suas próprias exigências e de influenciar outras instâncias que a cercam.

Diversas pesquisas, em consonância com o pensamento bakhtiniano, têm demonstrado que, quanto mais dominamos os gêneros com os quais precisamos lidar, melhor nos comunicamos. Assim, tendo em vista a importância dos papéis desempenhados pelos operadores do Direito na vida dos cidadãos, já que a esta área é dado o poder de decidir sobre o patrimônio e até a liberdade das pessoas, tem-se considerado necessário o estudo de suas práticas sociais desempenhadas por meio da linguagem. Portanto, conhecer os gêneros jurídicos é de suma importância para que os cidadãos exerçam seus direitos. Nesse sentido, nosso propósito, neste trabalho, é investigar um desses gêneros, a denúncia, que carece de um olhar mais estrito do ponto de vista dos estudos da linguagem.

A denúncia é um texto acusatório que inicia a ação penal pública e tem como objetivo levar ao conhecimento do juiz uma ação criminosa, solicitando que o suposto infrator seja punido, de acordo com a lei. Pretendemos investigá-la de acordo com os três pilares formadores do gênero, postulados por Bakhtin (2011), quais sejam: os aspectos temáticos, estilísticos e composicionais e, também, na condição de vetor de ação social, pois cumpre funções específicas, envolve participantes e lugares também específicos.

Para alcançar nossos objetivos, recolhemos 12 exemplares de denúncias da Vara Crime da Comarca de Mutuípe-BA, e outros 10 exemplares da internet, de comarcas diferentes, compreendendo, no total, 22 denúncias.

O presente artigo, sem a pretensão de aprofundar questões teóricas, espera contribuir no processo de contextualização de atividades típicas do trabalho realizado na esfera jurídica, especificamente relacionadas ao gênero denúncia. É nossa intenção realizar um estudo que se concentre na construção do texto, nos sentidos produzidos no e pelo discurso, na caracterização formal e léxico-gramatical desse gênero textual. Assim, pretendemos demonstrar como certas regularidades linguísticas (uso de certos tipos de avaliação, tipos de orações, estrutura temática etc.) caracterizam as práticas desenvolvidas pelos operadores do direito por meio da linguagem, no que concerne a esse gênero.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a realização das nossas análises, é de fundamental importância compreendermos o conceito de gênero do discurso empreendido por Bakhtin (2011), abordando, sobretudo, seus três pilares constitutivos: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Além disso, consideraremos, nesta seção, os postulados do Direito Penal a respeito do gênero denúncia.

2.1 OS GÊNEROS DO DISCURSO

A ideia de que a linguagem é essencialmente dialógica é o princípio de toda a discussão empreendida por Bakhtin (2011, 2014). Para o autor, a linguagem se constrói entre dois ou mais interlocutores e nas relações com outros discursos ou textos. No primeiro caso, o papel ativo do *eu* e do *outro*, no processo de comunicação discursiva, ganha destaque. Ainda conforme o autor, a *real unidade da comunicação discursiva* é o enunciado, que está intrinsecamente ligado aos contextos verbal e extraverbal do discurso e às enunciações do *outro*, e se constrói levando em consideração atitudes responsivas do falante e do ouvinte. Assim, o enunciado é delimitado pela alternância dos sujeitos do discurso. Portanto, é através da interação entre indivíduos socialmente organizados que se dá a enunciação (BAKHTIN, 2014, p. 116).

Bakhtin (2011) salienta que o sujeito não é um “Adão bíblico”, passivo, dono do seu dizer; ao contrário, desde o início da enunciação, o falante aguarda a resposta do ouvinte, espera uma “ativa compreensão responsiva”, e o ouvinte, ao compreender o discurso, ocupa uma “ativa posição responsiva”, concordando ou discordando, completando, reformulando etc. Além disso, o *outro* é quem orienta a enunciação, uma vez que as escolhas linguísticas do sujeito falante são feitas sob a influência do destinatário e da sua resposta antecipada. Dessa forma, a construção de um enunciado só é possível na relação falante-ouvinte, eu-*outro*: “[...] o direcionamento, o endereçamento do enunciado é sua peculiaridade constitutiva sem a qual não há nem pode haver enunciado” (BAKHTIN, 2011, p. 305).

No que diz respeito à relação entre os discursos, Bakhtin (2011, p. 297) afirma que “[...] cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados”, uma vez que o próprio objeto de discurso do falante representa o encontro de opiniões, apresentando pontos de vista, visões de mundo, teorias, correntes de pensamento etc., que se coadunam ou divergem entre si (BAKHTIN, 2011). Assim, o que é produzido na comunicação discursiva é um *tecido de muitas vozes* que se relacionam umas com as outras, sendo o *outro*, para Bakhtin (2011), também, os outros discursos que atravessam toda a enunciação.

De acordo com Bakhtin (2011), toda e qualquer atividade comunicacional só é possível por meio de gêneros discursivos. A *intenção discursiva* ou a *vontade discursiva* do falante se realiza, antes de tudo, com base na *escolha de determinado gênero do discurso*. Essa escolha é determinada pelas especificidades de cada esfera discursiva, por aspectos temáticos, pela situação concreta de comunicação, pela composição dos seus participantes etc., e, portanto, a *intenção discursiva* do falante se adapta aos parâmetros do gênero escolhido. Vale destacar, ainda, que, uma vez que a atividade humana é inesgotável, a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas. Essa diversidade é justificada pelo fato de os gêneros serem diferentes em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação.

Bakhtin (2011) ainda postula a existência de forças centrípetas e centrífugas que atuam nos gêneros, no sentido de estabilizá-los ou desestabilizá-los. Essas forças estão relacionadas à padronização dos gêneros e impactam nossas escolhas linguísticas, uma vez que, segundo o autor, há gêneros que exigem uma forma mais padronizada, enquanto outros são mais maleáveis, suscetíveis a entradas subjetivas.

De acordo com os postulados bakhtinianos, os gêneros do discurso são constituídos de três elementos ligados indissolivelmente: o conteúdo temático, o estilo da linguagem e a construção composicional (BAKHTIN, 2011). Todavia, embora estes elementos estejam completamente ligados, é possível refletir sobre cada um individualmente, o que não significa entendê-los de forma estanque, visto que somente na relação entre eles é possível formar um todo. Nesse sentido, vejamos como Bakhtin explica cada um desses elementos. Começemos pelo conteúdo temático.

O conteúdo temático dos gêneros abarca aspectos linguísticos/textuais e também aspectos enunciativos e discursivos, como o papel dos sujeitos envolvidos na cena enunciativa. Travaglia (2007) explica que o conteúdo temático está relacionado ao que pode ser dito em determinada categoria de texto, ou seja, à natureza do que se espera encontrar dito em um tipo, gênero ou espécie de texto. Para Ribeiro (2010), esse elemento contempla aspectos característicos do sujeito, como a sua vontade, sua singularidade, conhecimentos semânticos construídos coletivamente nas práticas sociais, que participam diretamente da enunciação. Segundo a autora, o conteúdo temático cumpre o papel de orientador da comunicação discursiva.

Em relação à estrutura composicional, Bakhtin (2011, p. 266) salienta que ela se refere aos “[...] tipos de construção do conjunto, de tipos de acabamento”. Isso quer dizer que são as unidades composicionais que sustentam e dão acabamento ao gênero, ou seja, trata-se do padrão de organização de suas partes. Ribeiro (2010) explica que essas unidades cumprem a função de integrar, sustentar e ordenar as propriedades do gênero. Nas palavras da autora, a estrutura composicional “[...] é apropriada pela forma arquitetônica, que está vinculada com o ‘projeto do dizer’ do locutor, constituindo o aspecto por assim dizer técnico da realização do gênero, contribuindo para identificá-lo e distingui-lo diante de outros gêneros” (RIBEIRO, 2010, p. 60). Para Travaglia (2007), a estrutura composicional está relacionada à superestrutura do texto. Segundo ele, todas as categorias da superestrutura podem realizar-se de diferentes formas, de acordo com o gênero, e é isso que o caracteriza.

Por fim, na concepção de Bakhtin (2011, p. 261), o estilo se refere à “[...] seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua”. O autor salienta que existe uma relação orgânica e indissolúvel entre este e o gênero, e não se pode estudar o gênero sem levar em consideração o estilo. “Onde há estilo há gênero” (BAKHTIN, 2011, p. 268), ratifica o autor, e as mudanças dos estilos de linguagem implicam diretamente as mudanças dos gêneros do discurso. Assim, o estilo é visto sob dois prismas: o estilo individual e o estilo do gênero. O filósofo russo salienta que cada enunciado é individual e, por isso, pode refletir a individualidade do falante, embora nem todos os gêneros sejam flexíveis a esse reflexo. Os gêneros mais favoráveis ao aparecimento da individualidade do falante são os gêneros literários, pois, neles, “[...] o estilo individual integra diretamente o próprio edifício do enunciado, é um dos seus objetivos principais” (BAKHTIN, 2011, p. 265). Por outro lado, há gêneros cujas formas são mais padronizadas e que requerem certo rigor, não sendo propícios ao reflexo dessa individualidade, como muitas modalidades de documentos oficiais.

E quanto ao gênero denúncia? O que ele nos revela sobre os sujeitos envolvidos no discurso? Ele possuiu uma forma prototípica? Ele revela ser um gênero mais padronizado ou permite que o sujeito expresse sua subjetividade? Acreditamos que, por ser um gênero pertencente à esfera jurídica, a denúncia se mostrará um gênero mais padronizado, com elementos constitutivos mais rígidos. Todavia, antes de investigá-lo mais de perto, precisamos esclarecer o que o Direito Penal diz sobre ele.

2.2 O QUE DIZ O DIREITO PENAL A RESPEITO DA DENÚNCIA?

Denúncia é a peça exordial da ação penal pública, ou seja, é o ato mediante o qual o representante do Ministério Público (MP) formula sua acusação, respaldado em provas colhidas no inquérito policial ou em outras peças de informação, perante o juiz competente, a fim de que se inicie a ação penal contra a pessoa a quem se imputa a autoria de um crime ou contravenção.

Importa saber que a denúncia é de titularidade exclusiva do Ministério Público e pode ser subdividida em ação penal pública condicionada ou ação penal pública incondicionada. A primeira ocorre quando o oferecimento da denúncia depende da prévia existência de alguma condição específica e pode ser condicionada à representação da vítima ou à requisição do Ministro da Justiça. Já a segunda se dá quando o oferecimento da denúncia independe de qualquer condição específica. No silêncio da lei, o crime é de ação pública incondicionada (Art. 100, caput, do CP).

O Código de Processo Penal (CPP), em seu Art. 41, delinea requisitos fundamentais para que a denúncia seja aceita pelo órgão julgador. São eles: a exposição do fato criminoso, com todas as suas circunstâncias; a qualificação do acusado, com dados que possibilitem a sua identificação; a classificação do crime; o rol de testemunhas, quando necessário. Trataremos com mais detalhes desses requisitos na seção *Esmiuçando o gênero denúncia*, tópico em que esse gênero será discutido em detalhes.

A ausência dos requisitos essenciais na confecção da denúncia é uma das razões que podem levá-la a ser rejeitada pelo juiz. De acordo com Felippi Filho (2012), conforme previsto no Artigo 395 do CPP, uma denúncia será rejeitada quando: 1) for inepta; 2) faltar qualquer pressuposto processual ou condição de ação penal; 3) faltar causa para o exercício da ação penal. O primeiro caso acontece quando a denúncia não preenche os requisitos mínimos para o seu processamento. Nesse sentido, o autor ressalta a importância da correta elaboração da acusação. O segundo caso está relacionado aos requisitos necessários para a validade da relação jurídico-processual, quais sejam: que haja um órgão investido de jurisdição, que haja o pedido e as partes, e que haja os requisitos para que se possa exercer o direito de ação e, assim, ter direito ao julgamento do mérito, ou seja, a possibilidade jurídica do pedido, a legitimidade da parte ou legitimidade de agir e o interesse de agir ou interesse legítimo. O último caso acontece quando o fato for manifestamente atípico, quando já estiver extinta a punibilidade e quando a acusação não estiver respaldada em um mínimo de provas possíveis que demonstrem a sua viabilidade e seriedade.

É importante ainda dizer que, no Brasil, existe mais de um tipo de ação penal. Uma delas é a queixa-crime, peça muito similar à denúncia quanto à finalidade, e, por isso, cabe mencioná-la. A queixa-crime é a peça inaugural da ação penal privada, que se difere pela sua titularidade, que é concedida ao ofendido ou seu representante legal. Na ação penal privada, o interesse da vítima se sobrepõe ao interesse do Estado; assim, no caso de alguns crimes, é permitido que a vítima decida se lhe causa maior dano a impunidade do criminoso ou o escândalo do processo. Passemos, agora, aos aspectos metodológicos que nortearam a investigação aqui proposta.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para procedermos nossa investigação, ter acesso a exemplares de denúncias era fundamental. Para isso, recolhemos 12 denúncias da Vara Crime da Comarca de Mutuípe-BA, e encontramos outras 10 na internet, sendo: da Comarca de Minas Gerais-BH, da 4ª Vara Crime do Rio de Janeiro, da Comarca de São Paulo, da 1ª Vara Crime de São Vicente, da Comarca de Araguari-MG, da Comarca do Estado do Ceará, da 1ª Vara Crime da Comarca de Poços de Caldas-MG, e da 3ª Vara Crime da Comarca de Rio Largo-AL. Ao todo, reunimos 22 denúncias, que configuraram o nosso acervo.

Com os exemplares em mãos, demos início ao trabalho de análise, com a elaboração de planilhas que sintetizaram os significados de cada denúncia e suas especificidades, e planilhas que destacavam as peculiaridades dos termos técnicos utilizados. Em seguida, elencamos os crimes que podem originar uma denúncia, por meio da observação individual de cada crime do Código Penal, distinguindo entre os crimes que acarretam uma queixa-crime ou uma denúncia. Por fim, nos debruçamos sobre os exemplares que possuímos, observando minuciosamente seus aspectos característicos, no que diz respeito aos pilares do gênero: conteúdo temático, estrutura composicional e estilo.

Abordar gêneros discursivos socialmente relevantes, tal como estamos investigando, significa considerar a língua como um artefato social. Nesse sentido, utilizar a língua, para qualquer atividade, não implica retirá-la de dicionários e gramáticas, mas, sim, do outro, isto é, assumir uma voz social. O texto, por sua vez, deve ser considerado algo que é dado por um amplo e complexo quadro de relações axiológicas, que se relaciona com condições de produção específicas. A vida de um texto está, nessa perspectiva, nas relações dialógicas que são prévias a ele e nas relações dialógicas que dele emanam.

Bakhtin (2014, p. 117) também postula que a “[...] situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação”. Portanto, a subjetividade se constrói na intersubjetividade. Além disso, é relevante destacarmos que, para Bakhtin, a comunicação verbal jamais pode ser compreendida fora de situações concretas, visto que a língua vive e evolui historicamente e não na abstração de um sistema (linguístico ou psicológico).

A partir da consideração de que os sujeitos são históricos e de que há uma unidade dialética entre o mundo da cognição e o mundo da vida, esse campo de estudo procura analisar problemas linguísticos relevantes socialmente, como o impacto da escrita na sociedade e os processos de letramento, temática abarcada pela investigação do gênero jurídico que estamos realizando, o que

expande o campo de análise linguística para as relações sociais, para os contextos sociais, para a interação social como um todo. É o resultado dessa investigação que passamos a mostrar a seguir.

4 ESMIUÇANDO O GÊNERO DENÚNCIA

Iniciamos nossa análise tratando dos aspectos temáticos da denúncia. Em seguida, verificamos os aspectos composicionais e, por fim, seus aspectos estilísticos.

Como dissemos anteriormente, o papel dos sujeitos envolvidos na cena enunciativa é um dos aspectos contemplados pelo conteúdo temático. No gênero denúncia, temos como interlocutores o Promotor de Justiça, o acusado e o Juiz de Direito.

O Promotor de Justiça é o agente público que representa o Ministério Público. É o promotor quem requisita as investigações e faz a instauração de inquérito policial; é quem avalia se os indícios de autoria são suficientes para promover uma ação penal. Em outras palavras, é o Promotor de Justiça que apresenta a denúncia.

O acusado é um sujeito com função peculiar na denúncia. É em torno dele que funciona esse gênero. Vale lembrar que a denúncia é um pedido para que seja instaurado um processo a quem se diz, baseado em provas, ter cometido certo crime. Desde o início da denúncia, a pessoa do acusado detém relevância.

O Juiz de Direito tem importante papel no procedimento da denúncia. É ele quem recebe ou não a denúncia encaminhada. É ele quem analisa se a denúncia tem todos os requisitos elementares para apontar indícios de autoria, de tal maneira que ela será rejeitada quando for inepta, quando faltar qualquer pressuposto processual ou condição da ação penal, ou ainda faltar justa causa para o exercício da ação penal.

Vejamos um recorte de uma denúncia que mostra os sujeitos envolvidos na ação, conforme o Exemplo 1 a seguir:

Exemplo 1: Sujeitos envolvidos na denúncia

Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito da Vara Criminal da Comarca da Capital
IP nº 248/2003
O MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO vem, através de seu representante abaixo assinado, no uso de suas atribuições legais, com fundamento no artigo 129, inciso I da Constituição da República Federativa do Brasil, oferecer DENÚNCIA em face de M. da G. S., já qualificada às fls. 32 do inquérito policial supracitado, pela prática da conduta delituosa a seguir transcrita

Fonte: Banco de dados das pesquisadoras.

Como podemos observar, logo no início da denúncia os sujeitos envolvidos na cena enunciativa são apresentados. Primeiramente, é mencionado o Juiz de Direito, a quem a peça é endereçada. Em seguida, aparece o Promotor Público, identificado como “representante abaixo assinado”. E, por fim, o nome completo do acusado é citado¹.

Na seara jurídica, diversos princípios norteiam a relação entre as partes. Os princípios do contraditório e da ampla defesa são fundamentais a todas as esferas, unanimemente. Esses princípios garantem paridade de “armas” no curso do processo e asseguram a possibilidade de defesa. Para que o acusado produza sua defesa, é preciso que, primeiramente, ele seja noticiado da denúncia que

¹ Embora a denúncia seja um documento público, optamos por utilizar em nossos exemplos apenas as iniciais dos indivíduos mencionados, já que, em se tratando de uma pesquisa científica, as identidades dos sujeitos devem ser preservadas.

lhe fora feita e de que ele é parte ré de um processo. O réu deverá ser citado (terminologia jurídica no sentido de que deve se apresentar ao juízo para se defender) no processo e, então, um Oficial de Justiça levará cópia da inicial (denúncia).

Reforçando o que já fora dito, o ramo penal é diferente dos demais ramos do Direito por ser feito de maneira mais simplificada. Os Códigos são feitos com o intuito de que o réu consiga entender e se defender. Sendo assim, a denúncia deveria ser produzida da forma mais clara e objetiva possível. Em outras palavras, deveria ser fundamental que a peça fosse entendida pelo acusado, para que pudesse compreender a razão de ter sido indiciado e, assim, escolher a melhor maneira para se defender, mas, como veremos mais adiante na análise do estilo do gênero, não é bem isso que acontece na interação em situações reais de uso, na esfera jurídica.

O conteúdo temático da denúncia, como vemos, é construído socialmente por sujeitos na interação dialógica, histórica e ideológica. Conforme dissemos anteriormente, o papel dos sujeitos envolvidos na cena enunciativa é um dos aspectos que o conteúdo temático abarca. No gênero denúncia, todos esses sujeitos são mencionados e ocupam um papel já estabelecido, e, sem a presença de um deles, a denúncia deixa de ser uma denúncia. A explicação para isso é que, por fazer parte da área jurídica, a denúncia segue o princípio da segurança jurídica, que visa garantir ao cidadão os seus direitos naturais, demonstrando que, embora o Estado tenha um poder maior, existe um controle na utilização deste poder. Ainda, segundo salienta Travaglia (2007), o conteúdo temático está relacionado à natureza do que se espera encontrar dito em um tipo, gênero ou espécie de texto. Nesse sentido, por se tratar de um gênero da esfera jurídica, espera-se que a denúncia tenha uma construção mais rígida, com elementos linguísticos característicos dessa esfera, e é exatamente o que confirmamos em nossa análise.

Passemos, agora, aos aspectos composicionais do gênero. Como exposto anteriormente, o Código de Processo Penal (CPP) exige que a denúncia contenha quatro itens: a *exposição do fato criminoso* com todas as suas circunstâncias, a *qualificação do acusado* com dados que possibilitem a sua identificação, a *classificação do crime* e o *rol de testemunhas*. Sendo assim, já elencamos previamente estes elementos como parte da sua estrutura composicional.

No entanto, observando minuciosamente cada item das denúncias que compõem nosso *corpus*, identificamos outros seis elementos que fazem parte de sua constituição, que, somados aos postulados pelo CPP, totalizaram 10 elementos. Para facilitar nossa discussão, optamos por listar esses elementos estruturais considerando a ordem em que eles acontecem, no texto, na maior parte dos exemplares. Reconhecemos a seguinte forma arquitetônica da denúncia: 1) endereçamento; 2) número de identificação do inquérito policial; 3) titularidade; 4) qualificação do acusado; 5) descrição do fato criminoso; 6) classificação do crime; 7) pedido de condenação do acusado; 8) data; 9) posição funcional e assinatura do denunciante; 10) rol de vítimas e testemunhas. Vale ressaltar que destacamos esses aspectos uma vez que todos se fizeram presentes na maioria das denúncias investigadas. Conforme aponta Ribeiro (2010), a estrutura composicional de um gênero nos permite identificá-lo e distingui-lo de outros gêneros, ou seja, a forma estrutural que identificamos na denúncia é que nos faz reconhecê-la como tal.

Vejamos, então, um exemplo de denúncia tal como costuma ser textualizada pelo órgão competente, o Ministério Público, representado pelo Promotor de Justiça. Como podemos notar, os 10 elementos que fazem parte de sua estrutura composicional estão presentes.

Exemplo 2: Estrutura composicional da denúncia

EXMO. SR. DR. JUIZ DE DIREITO DA VARA CRIME DA COMARCA DE MUTUÍPE

Inquérito Policial nº 032/2010

SIMP: 189.0.210646/2010

Origem: Depol. De Mutuípe-BA

O MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA, pelo Promotor de Justiça infrafirmado, no uso da atribuição legal conferida pelo artigo 129, I Constituição Federal, vem, perante V. Exa., oferecer **DENÚNCIA** contra:

A. A. dos S., brasileiro, solteiro, nascido em 27/02/1991, natural de Mutuípe- BA, filho de J. D. dos S. e E. S. A., residente na Rua xxxxxxxx nº xx, Mutuípe – BA,

pela prática dos seguintes fatos:

De acordo com o Inquérito Policial nº 032/2010, proveniente da Delegacia de Polícia de Mutuípe-BA, em data incerta, entre dezembro de 2009 e maio de 2010, A. A. dos S., mediante abuso de confiança, já que tinha fácil acesso a casa da vítima, em razão de sua genitora trabalhar no local, subtraiu para si o cartão bancário e a respectiva senha, pertencentes a A. S. dos S.

De posse do referido cartão e senha, nos dias 07 de dezembro de 2009, 18 de dezembro de 2009 e 14 de maio de 2010, A. A. dos S. dirigiu-se ao Banco do Brasil em Mutuípe e realizou empréstimos bancários em terminal eletrônico com o cartão do Sr. A. S. dos S., sem a autorização do mesmo, subtraindo para si, naquelas datas, respectivamente, as quantias de R\$ 300,00 (trezentos reais), R\$ 350,00 (trezentos e cinquenta reais) e R\$ 400,00 (quatrocentos reais), pertencentes à vítima.

Apurou-se, ainda, que, no mesmo período, o Denunciado, aproveitando-se da confiança que recebera da vítima, subtraiu para si, também, o cartão de crédito de A. S. dos S. e, com o mesmo, realizou compras no valor de R\$ 329,09 (trezentos e vinte e nove reais).

Verifica-se que os crimes aconteceram sempre sob a mesma forma de execução e sob condições de tempo e lugar semelhantes.

Diante do exposto, requer o Parquet Estadual seja recebida e autuada a presente Denúncia, sendo A. A. dos S. citado para apresentação de respostas, procedendo-se a instrução do feito com a oitiva de testemunhas e interrogatórios, devendo, ao final, ser o Réu condenando nas penas do art. 155, § 4º, II (abuso de confiança), combinado com o art. 71, ambos do Código Penal Pátrio.

Na oportunidade, pugna, ainda, pelo cumprimento das seguintes diligências:
seja **enviado ofício ao CEDEP**, solicitando os antecedentes policiais do acusado;
sejam juntados os antecedentes do Denunciado nesta Comarca.

Santo Antônio de Jesus para Mutuípe, 03 de fevereiro de 2011.

A. A. S. J.

Promotor de Justiça Substituto

ROL DE TESTEMUNHAS:

A. S. dos S. (VÍTIMA), qualificado às fls. 06 do IP;

M. G. dos S., qualificada às fls. 09 do IP;

F. C. C., qualificado às fls. 16 do IP.

Fonte: Banco de dados das pesquisadoras.

Agora vejamos cada um desses elementos, em particular:

1) O primeiro elemento a aparecer na denúncia é o endereçamento, que nada mais é que o vocativo dela, o elemento que se refere ao representante da justiça comum: o Juiz de Direito, especificando a que comarca ele pertence. Nesse caso específico, o Juiz de Direito a quem a denúncia é endereçada é da Vara Crime da Comarca de Mutuípe.

2) O número de identificação do inquérito policial é uma característica que não aparece em todas as denúncias. Mas, uma vez que o inquérito policial é basicamente um procedimento que objetiva reunir elementos informativos a fim de iniciar a ação penal,

entendemos que, sem o inquérito policial, não é possível iniciar a denúncia. Dessa forma, consideramos de suma importância a menção ao número de identificação do inquérito. A denúncia analisada possui o número 032/2011, posicionado no canto superior esquerdo, logo abaixo do endereçamento. Acompanhando o número do inquérito policial estão, ainda, o número do Sistema Integrado do Ministério Público, ferramenta utilizada para controlar protocolos, e a origem do inquérito, o Departamento de Polícia de Mutuípe-BA.

3) A titularidade é o que chamamos de apresentação da denúncia. É nela que o representante do Ministério Público se apresenta como tal, colocando-se no direito de oferecer uma denúncia contra alguém. No exemplar que analisamos, é possível verificar que o Promotor de Justiça faz menção à Constituição Federal de 1988, que proclama que uma das funções do Ministério Público é promover a ação pública, para ratificar sua atribuição legal de titular da denúncia.

4) A qualificação do acusado é um dos elementos obrigatórios e diz respeito às informações referentes ao indivíduo que está sendo acusado. Segundo Felippi Filho (2012), o objetivo da qualificação do acusado é individualizar a pessoa contra quem incidirá o processo. Para isso, é preciso que haja o máximo de informações possíveis a respeito do suposto infrator, como, por exemplo, nome e sobrenome do acusado, nome de família ou apelido, pseudônimo, estado civil, filiação, cidadania, nacional ou estrangeira, idade, sexo, além de características físicas, sinais de nascença etc. Na denúncia em questão, as informações apresentadas a respeito do acusado (além do nome completo, que aparece em caixa alta e negrito) são: a data de nascimento, a naturalidade, a filiação e o endereço. Embora essas informações pareçam poucas, acreditamos que foram suficientes para individualizar o acusado, visto que Mutuípe é uma cidade de pequeno porte.

5) É fundamental que, em uma denúncia, o fato delituoso seja descrito. Essa descrição deve ser precisa e incluir todas as circunstâncias que cercaram o fato, sejam elas elementares ou acidentais. A denúncia que ora analisamos apresenta a descrição de uma ação criminosa cometida pelo denunciado A. A. dos S. contra A. S. dos S. No relato, ficam claras as circunstâncias do crime, ou seja, onde, quando e como aconteceu: são apresentados valores, datas, locais e a maneira como o acusado agiu.

6) A classificação do crime nada mais é que a indicação do dispositivo legal que descreve o fato criminoso, ou seja, dizer a que artigo da Lei Penal o autor pertence. Como podemos observar, o crime cometido por A. A. dos S. se enquadra no Artigo 155, parágrafo 4º, combinado com o Artigo 71 do Código Penal Brasileiro. O Artigo 155, parágrafo 4º, refere-se à subtração de coisa alheia para si ou para outro, abusando da confiança oferecida. O Artigo 71 corresponde à prática de dois ou mais crimes da mesma espécie, sob as mesmas condições de tempo, lugar, maneira de execução etc.

7) O pedido de condenação do acusado, como o próprio nome sugere, é a solicitação do promotor para que o denunciado seja condenado pelo suposto crime que cometeu. Esse pedido pode ou não ser explícito. No exemplar em discussão, o Promotor de Justiça requer explicitamente que, após ouvir as testemunhas e o criminoso, este deve ser condenado de acordo com o que manda o Código Penal Brasileiro.

8) Na denúncia, como em qualquer documento, a data é uma informação que não deve ser negligenciada. Acreditamos que, uma vez que a denúncia inicia a ação penal, a data em que ela foi apresentada pode ser fundamental para o andamento do processo e até mesmo para a decisão do juiz. A data de oferecimento da denúncia, em epígrafe, é 03 de fevereiro de 2011. Ela aparece logo depois do pedido de condenação do acusado e é seguida pela posição funcional e assinatura do denunciante.

9) A posição funcional e a assinatura do denunciante são muito importantes também, uma vez que, sem elas, a denúncia pode ser invalidada. Além disso, é essencial que não haja dúvidas quanto a autenticidade da assinatura.

10) O rol de vítimas e testemunhas é um elemento que pode ou não aparecer, uma vez que pode não haver testemunhas presenciais para a infração, ou mesmo elas podem não ter sido identificadas. Em nossa denúncia, três testemunhas foram mencionadas, sendo uma delas a própria vítima. Os nomes das testemunhas aparecem enumerados e em caixa alta, como último elemento do texto. Em linhas gerais, a denúncia em discussão está sendo direcionada ao juiz da Vara Crime da Comarca de Mutuípe, que a aceitará ou não, e será o responsável por decidir a favor do denunciado ou do denunciante. O Promotor de Justiça faz menção ao Artigo 129 da

Constituição Federal de 1988 para oferecer denúncia contra A. A. dos S., cuja descrição é apresentada logo em seguida. Então, a ação criminosa cometida pelo denunciado contra A. S. dos S. é relatada. A descrição se dá por meio de texto narrativo-descritivo, apresentando datas, locais, a forma como o furto foi cometido e, ainda, a descrição dos demais atos que o denunciado praticou em posse do objeto subtraído. O crime cometido por A. A. dos S. se enquadra no Artigo 155, parágrafo 4º, combinado com o Artigo 71 do Código Penal Brasileiro. O pedido de condenação do acusado aparece explicitamente. O Promotor de Justiça requer que, após ouvir as testemunhas e o próprio A. A. dos S., acusado, este seja condenado. Por fim, vemos que três testemunhas foram mencionadas, já qualificadas no Inquérito Policial.

Portanto, por se tratar de um gênero pertencente ao âmbito jurídico, a denúncia possui regras de construção bastante rígidas e ritualizadas, tendo, inclusive, a presença de elementos legalmente indispensáveis, constituindo, assim, um gênero com “[...] condições menos propícias para o reflexo da individualidade na linguagem” (BAKHTIN, 2011, p. 265), ou seja, a denúncia é um gênero que requer uma forma padronizada.

Para discutirmos a respeito das características estilísticas do gênero, precisamos, antes, refletir um pouco mais acerca da esfera jurídica. De acordo com Andrade e Bussinger (2006, p. 22), “[...] a esfera jurídica constitui uma instância discursiva autônoma, que é capaz de produzir suas próprias exigências e de influenciar outras instâncias que a cercam”, ou seja, as práticas sociais desenvolvidas pelos operadores do Direito criam uma esfera de produção de discurso específica, com características próprias e com suas peculiaridades. Dessa forma, os que não estão inseridos nessa esfera têm dificuldade em compreender tal discurso. Assim, conforme salientam as autoras, no Direito existe uma hierarquia entre quem sabe e quem não sabe, ou seja, um distanciamento entre o povo e as práticas jurídicas.

Conforme postula Bakhtin (2011), todos os campos da atividade humana são marcados por uma construção social, histórica e ideológica, proveniente da relação dialógica existente entre um enunciado e outros enunciados ligados a ele, que se conhecem e se refletem uns nos outros e, ainda, possuem, cada um, ecos de ressonâncias de outros enunciados. O campo jurídico, pouco a pouco, foi se apropriando do discurso do Estado, resultando na obtenção de poder deste sobre a sociedade. Assim, o discurso regulador se organiza por meio de uma linguagem técnica, rebuscada, arcaica e, geralmente, inacessível ao público leigo. Esse estilo do discurso, de acordo com Bakhtin (2011), é um dos elementos constituídos social, histórica e ideologicamente. Nesse sentido, Pereira (2006, p. 68) destaca: “O estilo do discurso jurídico é proveniente não apenas dos termos técnicos, mas também da utilização de jargões jurídicos, arcaísmos, expressões em latim, bem como brocados latinos, que devem produzir efeitos de sentido que sejam específicos e eficientes”.

Dadas essas considerações, observemos três exemplos de descrição de um fato criminoso presentes em nossos exemplares de nosso *corpus*, a seguir. No Exemplo 3, temos o relato do crime cometido por A. A. S. contra A. S. S. Nessa descrição, constam datas e locais das várias ações do acusado; o Exemplo 4 apresenta a ação criminosa cometida por S. S. S. Nele, verificamos a presença, além da data, do horário em que o indivíduo foi abordado por policiais em situação criminosa; no Exemplo 5, encontramos o crime do qual M. da G. S. é acusada. Podemos observar, já no primeiro parágrafo da descrição, quando, onde, como, e contra quem o crime foi cometido. Nos parágrafos seguintes, as ações criminosas são expostas com mais detalhes.

Exemplo 3: Características de estilo na descrição do fato criminoso

De acordo com Inquérito Policial nº..., proveniente da Delegacia de Polícia de Mutuípe-BA, em data incerta, entre dezembro de 2009 e maio de 2010, A. A. S., mediante abuso de confiança, já que tinha fácil acesso a casa da vítima, em razão de sua genitora trabalhar no local, subtraiu para si, o cartão bancário e a respectiva senha, pertencentes a A. S. S.

De posse do referido cartão e senha, nos dias 07 de dezembro de 2009, 18 de dezembro de 2009 e 14 de maio de 2010, A. A. S. dirigiu-se ao Banco do Brasil em Mutuípe e, realizou empréstimos bancários em terminal eletrônico com o cartão do Sr. A. S. S., sem a autorização do mesmo, subtraindo para si, naquelas datas, respectivamente, as quantias de R\$300,00 (trezentos reais), R\$350,00 (trezentos e cinquenta) e R\$400,00 (quatrocentos reais), pertencentes à vítima.

Apurou-se, ainda, que, no mesmo período, o Denunciado, aproveitando-se da confiança que recebera da vítima, subtraiu para si, também o cartão de crédito de A. S. S. e com o mesmo realizou compras no valor de R\$329,09 (trezentos e vinte e nove reais).

Verifica-se que os crimes aconteceram sempre sob a mesma forma de execução e sob condições de tempo e lugar semelhantes.

Fonte: Banco de dados das pesquisadoras.

Exemplo 4: Características de estilo na descrição do fato criminoso

Consta do Inquérito Policial nº..., oriundo da Delegacia de Polícia de Mutuípe-BA, que, no dia 07 de outubro de 2011, por volta das 20h30min, Policiais Militares apreenderam, em poder de S. S. S., nas imediações do ponto de ônibus escolar da Escola..., em Mutuípe – BA, 04 (quatro) papétes da substância entorpecente conhecida como cocaína, que o Denunciado trazia consigo, com a finalidade de venda.

Também foi apreendido em poder do Denunciado a quantia de R\$22,00 (vinte e dois reais) proveniente da venda da droga. Segundo o apuratório, o acusado vendia cocaína no local e, ao ser abordado por Policiais Militares, tentou se desfazer da droga, jogando os papétes que portava no chão, o que, todavia, foi presenciado pelos prepostos da polícia, que o prenderam em flagrante delito.

Fonte: Banco de dados das pesquisadoras.

Exemplo 5: Características de estilo na descrição do fato criminoso

No dia 13 de agosto de 2003, por volta das 23:00, na Rua Vítório Libonatti, nº 129, nesta cidade e comarca, a denunciada matou sua mãe L.S., mediante recurso que dificultou sua defesa, causando-lhe os ferimentos descritos no exame necroscópico acostado às fls 71/72.

Segundo se apurou, M. da G. S., com o fim torpe de obter o dinheiro da herança de sua mãe, adentrou à noite em seu quarto e, valendo-se do fato de que a mesma encontrava-se dormindo, efetuou dois disparos de arma de fogo, modelo XX, calibre 38, na cabeça da vítima, que foram a causa instantânea e eficiente de sua morte.

O dinheiro a ser recebido seria empregado na fuga para o exterior do namorado da denunciada, C. M., já que este é procurado pela Polícia Civil Brasileira pelo cometimento dos crimes de roubo e estelionato.

Fonte: Banco de dados das pesquisadoras.

Comparando os três exemplos de descrição dos fatos, compreendemos que ela tende a seguir um padrão. No parágrafo inicial, são apresentados a data, o horário (quando possível) e o local do crime. Nesses parágrafos, os fatos são descritos com base no inquérito policial. Verificamos, também, expressões que se correlacionam, como, por exemplo, ‘apurou-se, ainda, que’, ‘segundo apuratório’ e ‘segundo se apurou’. Elas são bastante similares, pois são conjugações do verbo ‘apurar’. ‘Apurar’ significa ‘procurar a verdade’ sobre alguma coisa ou determinado assunto. As expressões em destaque foram usadas para afirmar que foi feita uma investigação para descobrir a verdade sobre tais fatos. No caso de ‘apuratório’, temos uma palavra derivada do verbo que sintetiza o processo da apuração e que, por não ser muito comum no dia a dia, pode gerar um estranhamento quando lida. É o estilo jurídico prevalecendo. O ponto nodal de uma denúncia é o pedido de acusação do acusado. Analisemos um exemplo dessa parte do gênero, conforme o Exemplo 6, a seguir, pois ela nos diz muito a respeito do seu estilo:

Exemplo 6: Características de estilo no pedido de condenação do acusado e no rol testemunhas

Diante do exposto, requer o Ministério Público

a citação do acusado para responder à acusação, por escrito, no prazo de dias, o recebimento da denúncia,

a designação de audiência de instrução e julgamento, com a intimação do acusado e de seu defensor,

a intimação das testemunhas abaixo arroladas,

o interrogatório dos acusados,

a condenação do acusado, logo após a regular instrução processual.

Mutuípe, 09 de janeiro de 2012.

F.L.C.V.S.

Promotor de Justiça

ROL DE TESTEMUNHAS

- 1 – J.B., já qualificada nos autos do Inquérito Policial
- 2 – F.S. dos S., já qualificada nos autos do Inquérito Policial
- 3 – Ten PM M. de O. C., já qualificado nos autos do Inquérito Policial
- 4 – ST/PM L.A. de A. N., já qualificado nos autos do Inquérito Policial
- 5 – V. S. de J., já qualificado nos autos do Inquérito Policial
- 6 – DPC C.L. de O., já qualificada nos autos do Inquérito Policial

Fonte: Banco de dados das pesquisadoras.

O pedido exemplificado é bem direto, apontando o que o Ministério Público deseja em relação ao caso, ‘diante do exposto’, na denúncia. Ele solicita que: o acusado seja informado (‘citação’) por escrito para responder à acusação em um prazo de 10 (dez) dias do recebimento da denúncia; seja realizada uma audiência para que o acusado e seu defensor compareçam; as testemunhas citadas (‘abaixo arroladas’) ao final do texto sejam ordenadas (‘intimação’) a testemunhar; haja a instauração ‘do interrogatório do acusado’ e sua condenação. Os nomes das testemunhas são introduzidos pelo título ROL DE TESTEMUNHAS, que indica a lista enumerada com o nome completo de cada uma delas e sua qualificação. Nesse caso, todas as testemunhas listadas já foram qualificadas no Inquérito Policial e, portanto, não necessitam ser novamente introduzidas.

Os termos típicos e expressões da área jurídica encontrados nesse excerto são: ‘acusado’/‘acusação’; ‘audiência’; ‘julgamento’; ‘testemunhas abaixo arroladas’; ‘intimação’; ‘interrogatório’ e ‘regular instrução processual’. Porém, a maioria desses termos está presente no cotidiano e são comuns no vocabulário do cidadão, com exceção das expressões: ‘testemunhas abaixo arroladas’, que significa que as testemunhas estarão listadas (em rol) logo abaixo ao texto; e ‘regular instrução processual’, que faz referência às instruções de padrões acerca do processo às quais o sujeito denunciado deverá se submeter.

No entanto, os preciosismos e rebuscamentos lexicais não demoram a aparecer no texto. Observemos, agora, exemplos que ilustram essa particularidade dos gêneros jurídicos, presentes também em nossas denúncias, como mostra o Exemplo 7.

Exemplo 7: Rebuscamento lexical na titularidade da denúncia

EXMA. SRA. DRA. JUÍZA DE DIREITO DA VARA CRIME DA COMARCA DE MUTUÍPE-BAHIA

O MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA, por intermédio da Promotora de Justiça infra firmada, no uso de uma de suas atribuições legais, lastreada no Inquérito Policial nº 026/03, vem, perante V. Ex^a. com esteio no art. 100, § 1º do CPB, oferecer DENÚNCIA contra: [...].

Fonte: Banco de dados das pesquisadoras.

Neste exemplo, destacamos três termos: ‘infra firmada’, ‘lastreada’ e com ‘esteio’. A palavra ‘infra firmada’ significa ‘Assinado abaixo’ e foi utilizada em substituição ao nome da promotora, que só aparece ao final do documento. O termo ‘lastreada’ foi usado no sentido de ‘se garantir’; em outras palavras, o fato de se basear em inquérito policial dá à promotora embasamento e garantia de credibilidade para oferecer denúncia. ‘Esteio’, por sua vez, significa ‘suporte, apoio’, ou seja, a expressão ‘com esteio’ foi utilizada nessa denúncia para dizer que a promotora, ao denunciar o acusado, o fez ancorada no Código Penal.

Da mesma maneira, no Exemplo 8 a seguir podemos observar que o Promotor lança mão de um texto mais rebuscado para determinar os pedidos que faz ‘no uso de suas atribuições legais’. Em um único período, ele apresenta as leis que apoiam sua denúncia e, em seguida, faz os pedidos de intimação de testemunhas para que o pedido seja considerado coerente (‘procedente’), e pede a condenação do denunciado.

Exemplo 8: Rebuscamento lexical no pedido de condenação do acusado

Os fatos acima descritos enquadram-se nos tipos penais previstos nos: at. 33 da Lei 11.343/2006; art. 14, da Lei 10.826/2003 e 146. Do CP, pelo que, requer o Ministério Público do Estado da Bahia a tramitação da presente na forma da Lei retromencionada, requerendo o signatário que contra o primeiro denunciado seja instaurada a decorrente revelia, intimando-se as testemunhas do rol infra, para, ao final, ser o pedido julgado procedente, condenando-se o primeiro denunciado e seja decretada a extinção da punibilidade em relação ao segundo denunciado que foi a óbito após disparar arma de fogo contra a força pública, nos termos do artigo 107, inciso I, do CP.

P. deferimento.

De Ubaíra para Mutuípe, 17 de junho de 2012.

I. M. B. C.

Promotor de Justiça, 4.º Substituto

Fonte: Banco de dados das pesquisadoras.

Expressões tais como ‘retromencionada’ (aquilo anteriormente mencionado), ‘signatário’ (aquele que escreve o texto), ‘tramitação’ (conjunto de medidas prescritas para o andamento de um processo), ‘instaurada a decorrente revelia’ (falta de contestação do réu sobre as acusações feitas a ele), e ‘extinção da punibilidade’ (que não haja punição) são particulares à esfera jurídica, são muito técnicas, e complicam a interpretação pelos leigos à área.

Como vemos, embora a denúncia seja um documento público, que deveria primar pela clareza e ser compreensível para leigos da esfera jurídica, acaba sendo opaca para quem a lê fora dessa área. Temos encontrado, em nossa investigação, demasiado uso de palavras e expressões rebuscadas que, para grande parte da população, não passam de construções vazias de sentido. Confirmando o que dissemos anteriormente, podemos observar que a linguagem utilizada no gênero denúncia revela um fator ideológico da esfera jurídica que já mencionamos: o afastamento da população e a manutenção de poder estatal.

Ainda considerando o rebuscamento, não é incomum o uso de palavras e expressões latinas. De acordo com Marques (2010), o objetivo deste uso é, entre outras coisas, demonstrar conhecimento sobre o tema em um sentido histórico. Todavia, a autora ressalta que não é raro o uso desses termos de maneira descontextualizada, tornando-se incompreensível, como forma de se mostrar superior a quem não compreende, ou seja, as expressões latinas também são utilizadas na manutenção do chamado *status quo*.

Nessa perspectiva, Brito e Panichi (2015) afirmam que a complexidade do discurso jurídico ajuda a sustentar a ideia de que a linguagem do poder confere “prestígio” a quem a emprega e, dessa forma, tem maior poder de convencimento, pois termos rebuscados e latinizados impressionam o interlocutor de uma esfera social diferente, e o tornam “imponente” para contra-argumentar.

O estilo, na visão bakhtiniana, como já dissemos, abarca duas faces: há o estilo individual, resultante da singularidade do sujeito enunciador, e o estilo do gênero, que é reiterado em um dado contexto enunciativo. Vimos emergir um estilo mais próprio do gênero, o qual pode ser ilustrado com as escolhas lexicais/expressões feitas para textualizá-lo: ‘infra firmado’, ‘autuado’, ‘conduta delituosa’, ‘no uso e gozo de suas atribuições legais’, ‘infortuito fatídico’, ‘peça vestibular acusatória’, ‘nesta urbe’, ‘Comarca’, ‘acusado’, ‘defensor’, ‘delito’, ‘penas’, ‘réu’ e ‘o denunciado’, e a recorrência dos verbos: ‘infringir’, ‘intimar’, ‘incorrer’, ‘denunciar’, ‘custodiar’, ‘apurar’, ‘processar’ e ‘depor’, muito comuns na seara jurídica. Portanto, não encontramos um ambiente propício para o aparecimento do estilo individual, uma vez que as escolhas operadas não são particularizadas.

Considerando os limites de tempo e de espaço dos quais dispomos, finalizamos nossa discussão nas *Considerações finais*, a seguir. Mas, antes, vale salientar que utilizamos como exemplos denúncias de diferentes Comarcas, sendo inclusive de Estados variados. Dessa forma, uma vez que as nossas observações não ficaram restritas a um único “modelo”, consideramos que pudemos compreender com mais exatidão o gênero denúncia em seus aspectos característicos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, ancorados na abordagem dialógica de Bakhtin (2011, 2014) a respeito dos gêneros discursivos, propusemo-nos a investigar um gênero pertencente à esfera jurídica: a denúncia.

Ao propor uma investigação sobre este gênero, esperávamos contribuir para o processo de contextualização de atividades típicas do trabalho realizado na esfera jurídica, especificamente relacionadas ao gênero denúncia, mostrando como certas regularidades linguísticas (uso de certos tipos de avaliação, tipos de orações, estrutura temática etc.) caracterizam as práticas desenvolvidas pelos operadores do Direito por meio da linguagem no que concerne a esse gênero. Propusemo-nos a investigar o gênero em seus aspectos temáticos, estilísticos e composicionais, procurando saber um pouco do sujeito que está por trás das denúncias.

O conteúdo temático diz respeito aos aspectos linguísticos/textuais, bem como aos aspectos enunciativos e discursivos, como o papel dos sujeitos envolvidos na enunciação. Nessa perspectiva, vimos que a denúncia é um texto acusatório escrito, que inicia a ação penal pública. Nela, o Promotor de Justiça, representante do Ministério Público, formula sua acusação contra determinada pessoa, baseado em indícios de autoria de algum crime. Ela é endereçada ao Juiz de Direito, que tem o poder de recebê-la ou não. Em relação à estrutura composicional, como qualquer outro gênero, a denúncia possui uma arquitetura que lhe é típica. Segundo Bakhtin, todo gênero possui certa padronização, o que nos permite identificá-los. No entanto, como o autor insere a questão do gênero dentro de uma teoria enunciativa, essas estruturas não são estanques; elas variam em decorrência do estilo individual, havendo gêneros mais e menos propícios a essa individualização. A denúncia, por sua vez, possui formas típicas da esfera judiciária, com elementos constitutivos mais rígidos, revelando poucas possibilidades de entradas subjetivas. Em nossas investigações, reconhecemos a seguinte forma estrutural do gênero: 1) Endereçamento; 2) Número de identificação do inquérito policial; 3) Titularidade; 4) Qualificação do acusado; 5) Descrição do fato criminoso; 6) Classificação do crime; 7) Pedido de condenação do acusado; 8) Data; 9) Posição funcional e assinatura do denunciante; 10) Rol de vítimas e testemunhas. Vale ressaltar que destacamos esses aspectos uma vez que todos se fizeram presentes na maioria das denúncias analisadas.

No que diz respeito ao seu estilo, descobrimos que é pouco variável. A denúncia é um documento público, mas o acesso a ela envolve muita burocracia, por uma questão de ordem pública. Assim sendo, ela passa a circular apenas entre o Promotor, quem a escreve, o Juiz, a quem é endereçada, e o representante legal do acusado. Uma característica marcante do estilo da denúncia é a recorrente escolha rebuscada do léxico que é utilizado para textualizá-la. Tais escolhas podem ser justificadas se levarmos em consideração que é um Promotor quem escreve o documento e o endereçamento é a um Juiz de Direito. O vocabulário possui marcas de acordo com a esfera social e econômica do gênero. Como o texto acaba por circular apenas na esfera jurídica, não há a preocupação em torná-lo acessível aos cidadãos leigos ou com baixa escolaridade.

Como vimos, a linguagem utilizada no gênero denúncia reflete um fator ideológico da esfera jurídica: o afastamento da população e a manutenção do *status quo*, ou seja, a linguagem rebuscada e arcaica é uma forma de demonstrar o poder do Estado em relação à população. Nesse caso, a participação social mais eficaz é a dos indivíduos que dominam a escrita forense. Portanto, o discurso jurídico pressupõe uma autoridade de imposição de quem o produz e se caracteriza por ser monológico, situando-se nos níveis mais abstratos e sofisticados de uso da escrita, como demonstramos.

No entanto, vale lembrar que a denúncia deve ser feita de maneira que leigos da esfera jurídica a compreendam. Ou melhor, ela deveria ser produzida especificamente para que o acusado conseguisse entender pelo o que foi indiciado e desta forma pudesse escolher a melhor maneira para se defender. Entretanto, o rebuscamento é uma barreira entre as pessoas e o Direito, pois a quantidade de termos técnicos e palavras desconhecidas do cotidiano popular impedem o entendimento do que é descrito. O próprio indivíduo denunciado pode não compreender pelo o que exatamente está sendo acusado e o que isso significa para sua vida.

Ressaltamos, por último, que a compreensão de determinados termos jurídicos de seu contexto é o que torna possível, em princípio, o efetivo exercício da cidadania. Esse paradoxo da cultura legal contemporânea é ainda mais agravado se for considerado que o Direito, dentre os diversos campos do conhecimento especializado, é um dos que mais interessa à sociedade, uma vez que é a ordem jurídica que proíbe, obriga ou permite certas ações, penalizando aqueles que não se comportam conforme o estabelecido. Portanto, através de um “[...] discurso legitimador de suas próprias elaborações, cristalizadas em conceitos hipostáticos”, o Direito “[...] não descreve uma ordem imanente, objetivamente pressuposta, mas a constrói ideologicamente” (COELHO, 2003, p. 2 e 6).

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, V. da S. R.; BUSSINGER, M. de A. A linguagem jurídica como estratégia de acesso à justiça: uma análise do processo de interação linguística entre o magistrado e as partes. *Panóptica*, Vitória, ano 1, n. 1, p. 22-45, set. 2006.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- _____. (Volochnov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BRASIL. *Código penal*. 20. ed. São Paulo: Rideel, 2014.
- BRITO, D. T. de; PANICHI, E. *Crimes contra a dignidade sexual*: A memória jurídica pela ótica da estilística léxica. Londrina: Edue, 2015.
- COELHO, L. F. *Teoria crítica do direito*. 3. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2003.
- FELIPPI FILHO, M. C. Denúncia no processo penal. *Revista Jus Navigandi*, Teresina, ano 17, n. 3310, jul. 2012. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/22269>>. Acesso em: 3 ago. 2015.
- MARQUES, C. de F. L. Acerca do uso de expressões e palavras latinas no Direito em Língua Portuguesa. *Revista Diálogos*, Garanhuns-PE, v. 1, n. 3, p. 63-72, 2. sem. 2010.
- PEREIRA, E. G. S. *Retórica e argumentação*: os mecanismos que regem a prática do discurso jurídico. 2006. 111f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- RIBEIRO, P. B. Funcionamento do gênero do discurso. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 54-67, 1. sem, 2010.
- TRAVAGLIA, L. C. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. *Alfa*, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 39-79, 2007.

Recebido em 03/09/2017. Aceito em 10/10/2017.

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO OBITUÁRIO BRASILEIRO NO JORNAL *FOLHA DE S. PAULO*¹

LA CONSTRUCCIÓN DISCURSIVA DEL OBITUARIO BRASILEÑO EN EL PERIÓDICO *FOLHA DE S. PAULO*

THE DISCURSIVE BUILDING OF THE BRAZILIAN OBITUARY IN THE *FOLHA DE S. PAULO* NEWSPAPER

Jonathan Henrique Semmler*

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Sônia Cristina Pavanelli Daros**

Universidade Metodista de Piracicaba

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados da análise de 2.284 obituários publicados na *Folha de S. Paulo*, entre os anos de 2007 a 2012, com o objetivo de reconhecer as características de estilo, tema e composição do gênero, considerando o enquadramento deste enunciado nas categorias jornalísticas defendidas por Costa (2010) e Marques de Mello (2010), sob as perspectivas discursivas de Bakhtin (2011) e de Maingueneau (2013). Para tanto, demonstra os resultados obtidos em dois procedimentos metodológicos que visam a elencar, quantitativa e qualitativamente, a estabilização dos elementos da composição, da temática e do estilo deste gênero discursivo e a sua relação com o jornalismo literário. Na investigação, aponta-se que o obituário brasileiro apresenta elementos que permitem comprovar a hipótese de que este enunciado enquadra-se como um gênero jornalístico informativo e utilitário, utilizando-se do diversional como recurso estilístico para amenizar o peso da morte, buscando uma forma de celebração da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Obituário. Discurso. Gênero discursivo. Gêneros jornalísticos.

¹ Este artigo, elaborado em coautoria, fundamenta-se no Projeto de Iniciação Científica "Obituário no Brasil, um gênero para a celebração da vida", desenvolvido por Jonathan Henrique Semmler e orientado pela Profa. Dra. Sônia Cristina Pavanelli Daros em 2013/2014, no Curso de Letras – Língua Portuguesa – da Universidade Metodista de Piracicaba, UNIMEP, S.P.

* Mestrando em Língua Portuguesa pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PEPGLP/PUC-SP). E-mail: jonathan.semmler@clq.pro.br.

** Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba e professora da Faculdade de Ciências Humanas da UNIMEP. E-mail: scpdaros@gmail.com.

RESUMEN: Este artículo presenta los resultados de análisis de 2.284 obituarios publicados en el periódico *Folha de S. Paulo*, entre los años de 2007 a 2012, con el objetivo de reconocer las características de estilo, tema y composición del género, considerando el encuadramiento de este enunciado en las categorías periodísticas defendidas por Costa (2010) y Marques de Mello (2010), según las perspectivas discursivas de Bakhtin (2011) y de Maingueneau (2013). Para eso, se presentan los resultados obtenidos en dos procedimientos metodológicos que objetivan enumerar, cuantitativa y cualitativamente, la estabilización de los elementos de la composición, de la temática y del estilo de este género discursivo y su relación con el periodismo literario. En la investigación, se observa que el obituario brasileño presenta elementos que permiten comprobar la hipótesis de que este enunciado se encuadra como un género periodístico informativo y utilitario, a la vez que utiliza el periodismo “diversional” como recurso estilístico para amenizar el peso de la muerte, buscando una forma de celebración de la vida.

PALABRAS CLAVE: Obituario. Discurso. Género discursivo. Géneros periodísticos.

ABSTRACT: This paper presents the analysis results of 2.284 obituaries published in the *Folha de S. Paulo* newspaper between 2007 and 2012. The goal is to recognize the stylistic, thematic, and compositional characteristics of the speech genre, considering such characteristics within the Journalistic Categories’ framework from Costa (2010) and Marques de Mello (2010), under the discursive perspective of Bakhtin (2011) and Maingueneau (2013). To accomplish that, results obtained from two methodological procedures were used in order to present, quantitatively and qualitatively, the stabilization of stylistic, thematic, and compositional elements of this specific speech genre and its relation to New Journalism. The investigation pointed out the Brazilian obituary presents elements that confirm the hypothesis of this speech genre as an informative and utilitarian journalism genre that uses New Journalism as a stylistic resource in order to soften the mourning of someone’s death by celebrating the person’s life.

KEYWORDS: Obituaries. Speech. Speech genre. Journalism genres.

1 INTRODUÇÃO

O obituário, construído no Brasil como um texto biográfico curto e simples que narra a vida de um indivíduo normalmente não-famoso, mas com um certo destaque em sua comunidade, é recente no país e tem como jornal pioneiro a *Folha de S. Paulo*² (doravante *Folha*). Embora o berço seja o jornalismo diário inglês do século XIX, o obituário tem seu desenvolvimento no *The New York Times*, para onde foi levado durante o século XX.

Apesar de ainda recente no Brasil, alguns jornalistas e pesquisadores começaram a discutir a questão do obituário. Suzuki Jr. (2008), ex-jornalista da *Folha* e editor da Companhia das Letras, trouxe a primeira contribuição sobre o tema em uma coletânea de obituários do *The New York Times*³. Ao concluir o livro, o jornalista engendra no posfácio algumas considerações sobre o gênero trazendo as defesas de obituaristas norte-americanos e ingleses.

Na perspectiva de Suzuki Jr. (2008), em acordo com Alden Withman – pai dos obituários modernos – o obituário não deve ser visto como uma forma de ensaio biográfico ou tributo, mas como um retrato instantâneo do sujeito, no qual se inserem elementos da vida desse indivíduo e trazem o que foi de mais importante para a pessoa obituarizada. Withman não só trouxe uma nova maneira de escrever obituário, como inseriu o obituário *norte americano* na categoria do *New Journalism* por meio de seu método de entrevista⁴ e de escrita do texto. Vale lembrar que o jornalista estava ligado a Gay Talese, ícone dessa corrente jornalística do século XX, o que nos permite refletir sobre a hipótese de o obituário brasileiro também ser um gênero dessa corrente jornalística.

² Além da *Folha*, os jornais *Zero Hora*, *Jornal de Londrina* e *Diário Catarinense* também publicam o obituário com as características do retrato biográfico do sujeito. Todavia, desconsideramos este *corpus* no presente artigo para propor um foco à *Folha de S. Paulo*, por considerarmos o jornal pioneiro na produção do gênero no Brasil.

³ Essa coletânea não traz textos selecionados diretamente do *Times*, mas a compilação de outras duas que já apresentam uma antologia de obituários. As seleções utilizadas por Suzuki Jr. são *52McGs: The Best Obituaries from Legendary The New York Times Writer Robert McG. Thomas Jr.*, de 2001, organizada por Chris Calhoun; e *The Last Word: The New York Times Book of Obituaries and Farewells. A celebration of Unusual Lives*, de 1997, organizada por Marvin Siegel.

⁴ Withman entrevistava o futuro morto ainda em vida para dar maior veracidade e precisão ao texto. Essa metodologia, embora eficaz, não era a única. Segundo conta o jornalista no livro “*The Obituary Book*”, era realizado um levantamento biográfico para ampliar e fortalecer a composição do texto.

Além de Suzuki Jr (2008), Silva (2009) também se debruçou sobre os obituários em análise comparativo-diacrônica para desenvolver uma monografia. Como metodologia, utilizou um *corpus* em que trazia textos de jornais ingleses, norte-americanos e brasileiros, discutindo a relação entre esses obituários no decorrer de alguns anos. Silva (2009), nesse texto, visa a responder se os obituários contemporâneos são uma forma de celebração ou vulgarização da vida. Hipótese válida, uma vez que os obituários atuais – principalmente os brasileiros e estadunidenses – são compostos de forma mais sucinta, prevalecendo a parcimônia dos elementos narrativos, descritivos e biográficos.

Cimminiello e Tambelli (2012) realizaram um estudo mais consistente sobre o gênero – todavia, sem grandes conclusões – observando em exemplares publicados em 2007 a construção do obituário. Nesse artigo, as autoras decompõem o gênero para compreender a composição e a estabilização, observando se é ainda um gênero em construção. Marocco (2013) também contribui para o estudo desse gênero e discute as diferenças de estilo e composição dos obituários publicados na Folha de S. Paulo e no Zero Hora.

Por sua vez, Martinez (2012, 2013, 2014) esboçou considerações sobre o obituário em relação ao jornalismo literário em textos também publicados em 2007 (e alguns de 2009), ressaltando que o obituário pode ser considerado uma variação do gênero *perfil*. A autora assinala o obituário como “perfil biográfico do morto”, o que, na nossa visão, é uma forma de compreensão arriscada. O obituário é, sem exceção, um gênero fúnebre, enquanto o perfil pode ser biográfico e/ou do morto. O jornal Estadão, por exemplo, publicou um perfil biográfico de José Wilker, logo após a notícia do óbito, em 8 abril de 2014.

Além do trabalho de Suzuki Jr. (2008), podemos considerar a pequena coletânea de obituários elaborada por Serva (2015) com 150 obituários publicados na Folha. Essa coletânea traz uma proposta de catalogação e diagramação similares a de Suzuki Jr, todavia, inserindo apenas os obituários brasileiros.

Em todos os estudos, observamos uma análise restrita a, no máximo, 150 exemplares, trazendo algumas conclusões iniciais sobre o estudo do gênero. Este artigo, por outro lado, considera o gênero *obituário*, publicado na Folha de S. Paulo, um modelo de relato biográfico, como um gênero discursivo, de natureza fúnebre, distinto de outros gêneros que narram uma história de vida ou que noticiam a morte de indivíduos famosos ou anônimos.

Para tanto, apresenta os dados de estudo realizado, o qual utiliza como metodologia de pesquisa o levantamento dos obituários publicados entre 24/10/2007 a 31/12/2012 no acervo digital da Folha (totalizando 2.284 exemplares), a catalogação desses obituários em coletâneas, uma proposta de classificação e a análise de trinta exemplares (selecionados aleatoriamente), embasada por um aporte teórico, explicitado cuidadosamente. O estudo contou, também, com preciosas informações advindas de uma entrevista realizada com um dos obituaristas da Folha, Estêvão Bertoni, em 21 julho de 2014. O levantamento da publicação do gênero em outros jornais brasileiros permitiu comparar a materialização do gênero em outros contextos.

Vale destacar que foram utilizados dois procedimentos de análise: o primeiro, quantitativo, considerou as informações “gerais” do gênero para observar o público obituarizado, o gênero (masculino/feminino) e outras características composicionais (mais/menos literário, mais/menos biográfico). O segundo, qualitativo, observou a construção composicional, temática e estilística do gênero, demonstrando que, como gênero fúnebre e biográfico, precisa de graus diferentes de subjetividade para preservar a história oficial em contato com a família e com os leitores do jornal.

O presente artigo se baseia nos pressupostos teóricos de Marques de Melo (2010) sobre as categorias jornalísticas e busca relacionar o obituário a essas categorias, levando em conta a função básica de ler/descrever o real, a partir da perspectiva discursiva de Bakhtin (2011) e de Maingueneau (2013), para definir tal categorização. Além disso, nosso estudo defende que o gênero analisado aqui, apesar de já ter sido objeto de certas discussões que esboçam algumas propostas iniciais, ainda não é compreendido como enunciado autônomo (no caso brasileiro), com características próprias e função social determinada.

É importante destacar que as pesquisas desenvolvidas sobre obituários pouco consideram como o gênero tem se estabilizado no Brasil e normalmente analisam uma quantidade inferior de exemplares em comparação aos analisados no presente estudo, sobressaindo a concepção do obituário como “variante fúnebre” do perfil, propondo que o gênero seja considerado no Brasil – no

rol do Jornalismo Literário – como ocorre nos EUA, onde o ato de “contar uma história” tem seus recursos potencializados através de uma narrativa mais saborosa, cujo estilo visa romper com os padrões do *lead*, a fim de proporcionar visões amplas da realidade.

A ideia que será defendida é a de que se equacione as relações do obituário com um jornalismo diversional (COSTA, 2010), preservando sua relação com o jornalismo interpretativo e utilitário, valorizando a característica do gênero como uma proposta de construção do retrato instantâneo do morto junto à informação de falecimento, enterro e entes deixados, mas que dá destaque à celebração da vida.

2 OS GÊNEROS DO DISCURSO

Toda sociedade cria formas de comunicação que facilitam as relações comunicativas entre os diferentes indivíduos que nela vivem. Por serem elementos que organizam as mais diversas formas de atividade humana, os gêneros do discurso são considerados práticas sociais enunciativas relativamente estáveis que surgem a partir de uma necessidade discursiva – o que determina a função social desses enunciados.

Bakhtin (2011), em texto clássico sobre a compreensão de gêneros do discurso, defende que todos os campos de atividade humana relacionam-se por meio de formas multiformes denominadas gêneros discursivos. Essas formas se manifestam em enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, a partir de uma relação altamente responsiva entre os interlocutores, estabelecendo assim a sua função social através da finalidade em que são empregadas.

Segundo o autor, toda a compreensão de um enunciado é *prenhe* de sua resposta, já que o enunciador e o coenunciador alteram seus papéis mutuamente dentro da situação comunicativa. Os gêneros são formas complexas e variáveis de comunicação cultural materializadas dentro de um *mutatis mutandis* do discurso escrito e lido. Para Bakhtin (2011, p.272),

O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não só espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas dobre seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, em concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc (os diferentes gêneros discursivos pressupõem diferentes diretrizes de objetivos, projetos de discurso dos falantes ou escreventes).

Apesar dessa variedade de composição e compreensão, os gêneros do discurso podem ser reconhecidos cognitivamente pelos interlocutores através da tríade categorizada em estilo (recursos lexicais e fraseológicos), composição (construção composicional) e tema (conteúdo temático) que, segundo Bakhtin (2011), são os elementos relativamente estáveis e plásticos que se moldam no gênero mediante à função comunicativa desses enunciados, refletindo as condições e finalidades específicas de cada campo de atividade da língua.

Esses enunciados, de riqueza inesgotável e possibilidades multiformes, integram o mútuo e heterogêneo repertório de gêneros do discurso, criado e ampliado conforme a necessidade que uma sociedade tem de se comunicar. Para Bakhtin (2011), cada enunciado é particular, individual e determinado pelos diferentes campos de utilização da língua. Dessa forma, os gêneros devem ser divididos mediante à sua natureza enunciativa primária e secundária.

O valor ideológico e as possibilidades de construção de um determinado gênero devem ser descobertos e analisados, a fim de determinar se o gênero pertence a uma ou a outra categoria discursiva. Os gêneros primários e mais simples são de natureza pouco variável e menos ideológicos, uma vez que estão ligados a diálogos cotidianos ou a enunciados com pouca variação, como é o caso das certidões de nascimentos, notas fúnebres e lista de óbitos.

Em contrapartida, os gêneros secundários são mais complexos, pois partem de situações comunicativas mais complexas e desenvolvidas no convívio cultural, predominando o meio escrito em seu processo de comunicação. Esses enunciados incorporam e reelaboram gêneros simples e formados em condições imediatas. A compreensão dos gêneros secundários é variável conforme a situação social, já que ela é fator determinante para a natureza enunciativa e para a ação dialógica de responsividade desses gêneros discursivos.

As diferentes características de um gênero podem provocar algumas confusões conceituais sobre o enunciado, já que a relação dialógica dos gêneros é bastante subjetiva. Observando essa questão, Possenti (2012), em artigo dedicado às questões teóricas e metodológicas que envolvem a análise dos gêneros de discurso, destaca que, dentre os métodos a serem testados, é importante ressaltar o conceito de cenografia defendido por Maingueneau (2013).

Para Maingueneau (2013), é fundamental observar o gênero a partir dos discursos que ele concretiza, por ser esse o percurso responsável por estabelecer a cenografia e os papéis sociais do gênero. Na concepção teórica do analista do discurso, cada gênero estabelece os seus papéis sociais em um esforço para construir progressivamente os seus próprios dispositivos de fala e, diante dessa perspectiva, cenografia implica

[...] um processo de *entrelaçamento paradoxal*. Logo de início, a fala supõe uma certa situação de enunciação que, na realidade, vai sendo validada progressivamente, por intermédio da própria enunciação. Desse modo a cenografia é *ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra*; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, estabelecendo essa cenografia onde nasce a fala é precisamente a cenografia exigida para enunciar como convém [...]. O que diz o texto deve permitir validar a própria cena por intermédio da qual conteúdos se manifestam. (MAINGUENEAU, 2013, p. 98).

Este princípio permite articular os teóricos aqui citados para o recorte teórico-metodológico deste estudo. O leitor é quem deve ser considerado na constituição discursiva de um gênero, validando o enunciado por meio de recursos que permitem o sucesso de determinada enunciação no estabelecimento das coerções genéricas. Diante disso, Cavalcanti (2013) propôs uma aproximação teórica entre Bakhtin e Maingueneau para pensar as categorias propostas por esses teóricos refletindo sobre a presença do conceito de gênero discursivo nas reflexões de Maingueneau.

Para Cavalcanti (2013), essas coerções permitem situar o gênero em um espaço enunciativo que o permite ganhar sentido. A cenografia, conceito que interessa para pensar as categorias jornalísticas, não é apenas a imposição de uma forma única composicional, mas do próprio discurso, a partir da finalidade dos gêneros. Segundo a autora, esse conceito aproxima-se na noção de estilo, de Bakhtin (2011), cuja proposta é compreender que os recursos individuais de um gênero permitem manifestar um estilo expressivo individual, comprovando que um gênero discursivo tem caráter maleável conforme a sua finalidade, pressupondo o estilo dentro da relação com o código linguageiro construído na cenografia.

É pela cenografia, considerando o modo de discurso e a resposta desejada pelo leitor, que um gênero discursivo constitui sua significação. Por isso, não se pode deixar de tocar no conceito de categorias jornalísticas defendidas por Marques de Melo (2010) e Costa (2010), cuja proposta assinala que o jornalismo deve ser dividido em diferentes categorias fundamentadas pela função de ler/descrever o real, construindo a proposta do gênero em relação aos fatos e aos leitores dos jornais.

2.1 OS GÊNEROS E O ESTUDO JORNALÍSTICOS

A noção de gêneros jornalísticos (MARQUES DE MELLO, 2003 apud COSTA, 2010) deve estar baseada na função básica de ler ou descrever o real, levando em consideração os parâmetros estáveis que indicam os agentes da interação social e os propósitos comunicativos por eles suscitados. Diante disso, os gêneros podem ser organizados em cinco categorias jornalísticas: informativa, opinativa, interpretativa, utilitária e diversional. Costa (2010) concorda com Marques de Mello (2003 apud COSTA, 2010) quando este afirma que uma unidade textual pode ter mais de um propósito comunicacional.

A categoria do jornalismo informativo baseia-se no tripé *objetividade, imparcialidade e veracidade*, cuja fundação ocorre através da maneira como os acontecimentos ocorrem, e na apresentação dos assuntos e dos fatos narrados à maneira como aparecem na realidade. Todavia, essa categoria pode criar uma dicotomia indesejada com o jornalismo opinativo, cuja constituição acontece através dos textos em que a visão da empresa, da redação e de outros filtros que garantem a cobertura dos acontecimentos se fundem.

Costa (2010) também defende que o jornalismo possa ser praticado dentro da categoria interpretativa, determinada pelos gêneros que exigem um esforço analítico e documental para situar de maneira precisa o cidadão diante dos acontecimentos, entendendo, nesse recurso, o procedimento explicativo. Quanto às categorias utilitária e a diversional, o autor propõe que a primeira se estabelece como uma forma de publicidade que auxilia o consumidor e o jornal enquanto produtores de cultura, com foco para a viabilização de conteúdo de utilidade pública; a segunda visa afastar-se do modo de comunicação da primeira, buscando tornar a narrativa mais atrativa e saborosa para o leitor (WERNECK, 2004, p. 525 apud COSTA, 2010, p. 72).

Segundo Muggiati et al. (1971 apud COSTA, 2010, p. 72), deve-se compreender que o jornalismo diversional relaciona-se ao *New Journalism* (conhecido no Brasil como Jornalismo Literário). O autor afirma que esta categoria tem por objetivo ampliar os recursos jornalísticos implementando os modos de escrita da literatura e da ficção. Normalmente, constituem-se através de gêneros que narram histórias de vidas ou ensaios pessoais que privilegiam as facetas particulares dos agentes noticiosos recorrendo aos artifícios literários, características essas que devem ser levadas em consideração ao pensar na constituição discursiva do obituário e no modo de analisá-lo diante das concepções teóricas do presente estudo.

3 O GÊNERO OBITUÁRIO NO BRASIL

Considerando a posição de Costa (2010) sobre a possibilidade de “[...] uma unidade textual carregar em si mais de um propósito comunicativo [...]” (COSTA, 2010, p. 43), pretendemos lançar a ideia de que apesar da possibilidade do obituário poder transitar por diferentes categorias jornalísticas através de uma associação de elementos enunciativos, devido a sua cenografia biográfica e menos noticiosa, o gênero estabelece maior correspondência com os moldes do jornalismo interpretativo e utilitário, ainda que não seja possível negar que ocorra também a utilização de alguns recursos estilísticos do jornalismo literário, como acontece em maior escala nos perfis, nas crônicas e nas minibiografias.

Todavia, antes de afirmar que o obituário pertence a esta ou àquela categoria jornalística, ou defender que parte deste ou daquele gênero discursivo, é necessário observar o gênero enquanto materialidade autônoma de discursos, com cenografia própria e função social definida pelos meios aos quais está discursivamente relacionado. A partir desta hipótese, os procedimentos metodológicos iniciais desta pesquisa foram aplicados para a análise de todos os 2.284 obituários selecionados no acervo digital da Folha de S. Paulo. Com caráter quantitativo, esta análise teve por objetivo reconhecer as características temáticas, composicionais e estilísticas do gênero, considerando o levantamento de dados sobre o gênero dos obituariados (masculino e feminino), a idade e a importância midiática.

A maior parte do público contemplado pelos obituaristas é de homens, correspondendo a um percentual de 76%, enquanto 24% são de mulheres. Desses 76%, 62% apresentavam fama na área, ou seja, certo reconhecimento midiático no local em que vivia, 31% eram de anônimos e 7% de famosos. Esses dados distanciam a temática do obituário brasileiro do norte-americano, cuja proposta é publicar obituários de pessoas que sejam de interesse nacional pela importância midiática, científica, cultural ou pela relevância dos trabalhos sociais realizados durante a vida.

Um dado bastante interessante observado foi em relação à rotatividade de jornalistas, autores de obituários. O número de obituaristas foi crescente no decorrer dos anos, o que pode demonstrar o fato de a coluna ter se estabilizado como publicação do jornal preservando o estilo literário (Figura 1). É importante ressaltar que a coluna sempre manteve um jornalista fixo e responsável pela escrita da maior quantidade de textos/ano.



Figura 1: Análise da rotatividade de obituaristas/ ano
Fonte: Elaboração dos autores (2017)

O estilo e a forma de composição do obituário começaram a ser estabilizados no ano de 2008, tendo sido adotado um toque mais literário, excluindo-se os casos de indivíduos que tenham sofrido morte trágica, de maneira a focalizar uma cenografia que estabelece uma forma de ode à vida dos que partiram. Nesta análise (Figura 2), consideramos como características da literatura a parcimônia das informações biográfico-cronológicas do morto e das notas utilitárias (data da morte, causa, local/data/hora do enterro e missa de 7º a 30º dia etc), ou seja, os elementos que evitam a construção de um texto excessivamente curricular.

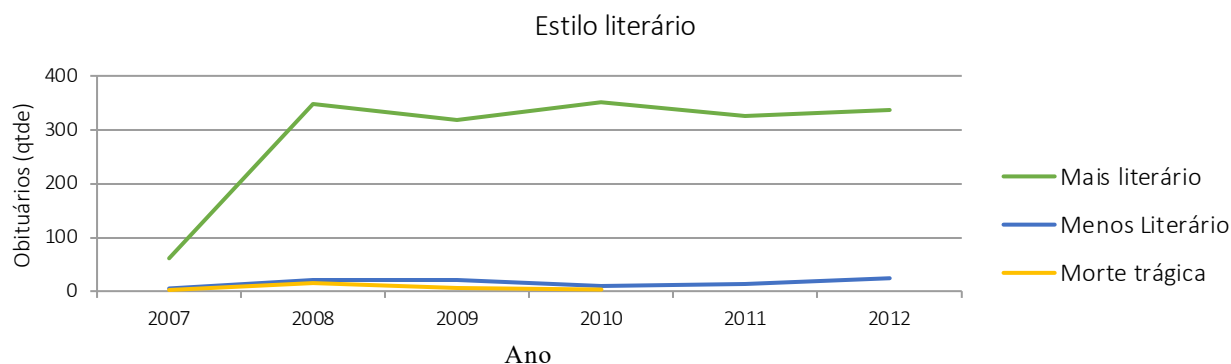


Figura 2: Análise da literariedade do gênero obituário entre 2007-2012
Fonte: Elaboração dos autores (2017)

De certo modo, o estilo literário colabora para distanciar o obituário da notícia, sem torná-lo uma nota de falecimento expandida. Na Tabela 1, há exemplos de diferentes gêneros publicados na Folha de S. Paulo. Em **Notícia**, publicado em 08 novembro de 2008, é possível observar a utilização do elemento biográfico relacionado ao acontecimento da morte que é noticiado em duas páginas dedicadas à atuação do PCC na cidade de São Paulo. A *causa mortis*, porém, é o tema principal do texto, junto a uma breve nota biográfica sobre a vida do soldado morto a tiros. Dois dias após a morte do soldado, foi publicado um obituário com autoria de Estêvão Bertoni.

Em **Obituário**, publicado em 10 novembro de 2008, também na Quadro 1, a morte – ou a maneira como o obituariado morreu – não é foco do gênero, o que faz a história de vida se tornar o tema ao qual se anexam informações profissionais, familiares e pessoais do morto, dentro dessa cenografia biográfica e celebrativa. A falta de ênfase à morte determina que o estilo do obituário está mais voltado à história de vida do que à informação do óbito, sendo esta apenas um elemento final do texto. Os dois exemplares, em comparação, permitem ilustrar as diferenças composicionais, estilísticas e temáticas de ambos os gêneros.

Quadro 1: Comparação entre a notícia de falecimento e o obituário de Ailton Tadeu Lamas

Notícia (08/11/2008)

Soldado morto por ladrões era conhecido como ‘parteiro da PM’

DA REPORTAGEM LOCAL

O parteiro da Polícia Militar. Era assim que os outros policiais militares da zona norte de São Paulo conheciam o soldado Ailton Tadeu Lamas, morto a tiros ontem quando tentava prender alguns dos ladrões que roubaram a agência do banco Real do centro de Guarulhos.

Ao longo de 22 anos de carreira na Polícia Militar, Lamas ganhou notoriedade por ter conseguido a incrível marca de auxiliar 14 mulheres a darem à luz em bairros pobres da zona norte, inclusive no Jardim Tremembé, onde ele morreu ontem.

Ailton Lamas virou soldado da PM em 1986 e atualmente estava na 3ª Companhia do 43º Batalhão, responsável pelo atendimento à população de uma área bastante pobre da zona norte —na divisa com Guarulhos.

Em março, quando foi homenageado por conta dos partos que fez, Lamas deu a seguinte declaração ao “Diário Oficial” sobre uma das primeiras ações como parteiro: “Naquele dia ocorreu um acidente terrível

aqui na região e eu estava sozinho. Quando recebi a ligação, corri para o local e consegui ajudar a mulher. O parto foi complicado, pela posição do bebê. Respirei fundo, mas no final deu tudo certo e nasceu um garotão”, disse, orgulhoso.

Filhos

Na mesma entrevista, ele lembrou até o endereço da casa do primeiro parto: “Recebemos o chamado do 190 e, quando chegamos à rua Bernardo Fonseca Lobo, na Vila Albertina, no Morro do Piolho, o bebê já estava nascendo. Não tivemos tempo para colocar a mãe na viatura, um Opala, e realizamos o parto na residência. Fiquei nervoso, mas lembrei dos ensinamentos de pronto-socorrismo que recebi no Centro de Formação de Soldados e o bebê nasceu bem”.

Por conta do trabalho, ironicamente, Lamas não pôde assistir ao parto dos dois filhos. “Nas vezes em que minha mulher foi para o hospital eu estava de prontidão. Quando chegava lá, meus filhos já haviam nascido”, disse o soldado, em março deste ano. (AC)

Obituário (10/11/2008)

AILTON TADEU LAMAS (1964-2008)

O PM parteiro e o pagode em velório

ESTÊVÃO BERTONI
DA REPORTAGEM LOCAL

Houve uma reunião de familiares e amigos naquele agosto de 2003. Partiu do policial militar Ailton Tadeu Lamas a iniciativa de puxar o pagode. Até aí, tudo normal.

De festa, porém, o encontro não tinha nada: era um velório. Um câncer no esôfago havia matado o sogro do policial, aos 62 anos.

Enquanto o corpo era velado, no cemitério da Cantareira, em São Paulo, Ailton juntou alguns amigos, também PMs, e os levou para os fundos do local. Lá, começou a cantoria, para satisfazer um desejo que o próprio sogro havia manifestado.

Era fanático por pagode, fã de grupos como Fundo de Quintal, Exaltasamba e Revelação. Tanto que, na sexta, quando morreu, aos 44, baleado na cabeça após confronto com bandidos que roubaram um banco em Guarulhos, tinha um samba marcado no Cumbuca, boteco que freqüentava no Tre-

membé, zona norte de SP.

No batalhão, além de ter ficado conhecido como o “PM parteiro”, por ter ajudado em 14 partos, era também o Caraca, pelo físico franzino. Para os sobrinhos, era o tio Ito. Na infância, foi o Barata no bairro onde morava.

Antes de entrar para a polícia, há mais de 22 anos, Ailton era encarregado pelos frios num supermercado que já não existe. No trabalho, conheceu a mulher, então repostora de produtos.

No seu velório, não houve pagode, mas a camisa do São Paulo estava sobre o caixão. Apaixonado pelo tricolor, apostava que o time seria campeão brasileiro neste ano. “Já preparava a comemoração”, lembra o sobrinho, que quer ser policial.

Ao ser questionada se o pai costumava lhe dar presentes, a filha Aline, 13, respondeu: “Meu presente era ter ele comigo”. Ailton deixa viúva e dois filhos. Suas córneas foram retiradas para doação.

obituário@folhasp.com.br

Fonte: SOLDADO... (2008) e Bertoni (2008)

O foco do texto é o que acontece no decorrer da vida do indivíduo e a interpretação dos fatos à maneira como ocorreram na realidade são importantes para a construção do gênero, uma vez que a história de vida precisa manter um contrato de fidelidade com a “história oficial” do morto, excluindo qualquer “intenção” de escrita ficcional.

A cenografia do obituário constitui-se de modo simples, como uma conversa casual entre amigos, uma lembrança de quem foi essa pessoa, uma memória efemeramente preservada no jornal. Como se observa, o foco para a vida do obituariado e o destaque para o lado pessoal, profissional e familiar distanciam o obituário das notas de falecimento, cujos elementos composicionais e temáticos são pouco flexíveis, ou seja, no caso da Folha de S. Paulo, apresenta-se o nome do morto em negrito, a idade, a data do falecimento, os parentes deixados e o local do enterro, o que pode ser observado na coluna **Mortes** apresentada abaixo (Figura 3).

MORTES

ADONE FRAGANO (1923-2014)

Viveu cercado por ‘italianidades’

DE SÃO PAULO

Adone Fragano era um paulistano que passou a vida cercado por “italianidades”. Viajou diversas vezes à terra natal de seus pais a trabalho e era casado com uma filha do “país da bota” —curiosamente, uma prima.

Maria chegou ao Brasil aos 17 anos para morar na mesma casa do futuro marido, pois suas mães eram irmãs por parte de pai. Casaram-se dois anos depois.

Enquanto construía uma família, Adone dedicou-se ao cinema. Em 1955, criou a Paulistânia Filmes, em socieda-

de com um casal de italianos ligados à cinematografia, produzindo os filmes “O Pão Que o Diabo Amassou” e “Macumba na Alta”.

Foi ainda distribuidor de filmes (viajou diversas vezes à Itália para comprar películas) e produtor de cinema —é considerado o primeiro do país. Trabalhou como executivo em empresas como a Paris Filmes até fundar a sua própria, a Olympus Filme, em 1980, no mercado até hoje.

Adone foi responsável por distribuir produções que fizeram grande sucesso no Brasil, caso de “Marcellino Pane e Vino” (1955) e “King Kong”

(1976). Foi premiado diversas vezes como cineasta. Apreciava as obras de Vittorio De Sica e Michelangelo Antonioni. Também demonstrou talento no esporte, colecionando medalhas na esgrima.

Gostava de acompanhar jogos de futebol e tênis e de fazer ginástica e caminhadas.

Morreu na segunda (29), aos 91 anos, de falência de múltiplos órgãos. Deixa Maria, dois filhos, cinco netos e uma irmã. A missa do sétimo dia será na terça (6), às 19h, na paróquia São Dimas, na Vila Nova Conceição.

coluna.obituario@uol.com.br

EGBERTO MONTEIRO DE BARROS - Aos 94, em 31 de dezembro. Deixa a mulher Helena, os filhos Helena Maria e Cícero, a nora Ivone e os netos Fernando, Renato e Alice. Cemitério São Paulo.

LUIZ VALDSTEIN - Aos 81, casado com Raísa Valdstein. Deixa as filhas Suely, Simone, Paulette, Gisele, o irmão Moyses, netos e bisnetos. Cemitério Israelita do Butantã.

ROSITA KAHN - Aos 72. Deixa os filhos Ranan, Ziva e Itamar, a irmã Amalia e netos. Cemitério Israelita do Butantã.

SABINA FRANKEL - Aos 93, viúva de Biniamin Frankel. Deixa os filhos Abrão Elias e Tamara, netos e bisnetos. Cemitério Israelita do Butantã.

7º DIA

ANA LAURA AMARO CARPINELLI AMORIM - Amanhã (3/1), às 9h, na paróquia Nossa Senhora do Rosário de Fátima, av. Dr. Arnaldo, 1.831, Sumaré.

ANTONIO ATALLA - Amanhã (3/1), às 11h, na paróquia São Dimas, r. Domingos Fernandes, 588, Vila No-

va Conceição.

CYRO RUBENS SILVEIRA GODOY - Hoje (2/1), às 19h30, na paróquia de Santa Tereza, praça Irmã Maria Clara Neumaier, em São José do Rio Pardo (SP).

DORA MORAES DE OLIVEIRA CARNEIRO - Hoje (2/1), às 18h30, na paróquia Nossa Senhora de Lourdes, alameda dos Piratinins, 679, Planalto Paulista.

ELZA SOARES DE VILHENA MORAES - Hoje (2/1), às 19h30, na paróquia São João de Brito, r. Nebraska, 868, Brooklin.

HED ARRUDA CAMARGO - Amanhã (3/1), às 18h, na paróquia Sagrada Família, r. Padre Rodolfo, 28, Vila Ema, em São José dos Campos.

LAURA FRAGA DE ALMEIDA SAMPAIO - Amanhã (3/1), às 10h45, na capela das Irmãs de São Pedro Fourier, r. Juarez Távora, 335, Morumbi.

1º ANO

WALDEMAR NEDDERMAYER BELFORT MATTOS - Amanhã (3/1), às 18h, na paróquia Assunção de Nos-

sa Senhora, al. Lorena, 665, Jardim Paulista.

SERVIÇO

VOCÊ DEVE PROCURAR O SERVIÇO FUNERÁRIO MUNICIPAL DE SP:
tel. (11) 3247-7000
e 0800-10-9850
fax (11) 3242-1203

Serão solicitados os seguintes documentos do falecido: Cédula de Identidade (RG); Certidão de Nascimento (em caso de menores); Certidão de Casamento.

ANÚNCIO PAGO NA FOLHA:

tel. (11) 3224-4000
segunda à sexta, das 8h às 20h, sábados e domingos, das 9h às 17h.

AVISO GRATUITO NA SEÇÃO:

tel.: (11) 3224-3505 ou (11) 3224-3105
e-mail: necrologia@uol.com.br
até as 15h, ou até as 19h da sexta-feira para publicação aos domingos. Se utilizar o e-mail, coloque um número de telefone para a checagem das informações. Aos domingos, ligue para (11) 3224-3602, das 15h às 18h.

Figura 3: Em vermelho, a coluna de notas de falecimento ao lado do obituário, em azul. Ambas na seção Mortes da Folha.

Fonte: VIVEU... (2014)

O tema do obituário é, portanto, a narrativa dos eventos importantes da vida de um indivíduo cuja morte tenha ocorrido até trinta dias antes da publicação do texto. O estilo, maioritariamente, é literário – o que deixa a leitura do texto mais leve, interessante e casual – embora não se utilize em excesso as figuras de linguagem ou os elementos ficcionais que possam comprometer o sentido do texto dentro de seu caráter linguageiro de celebração da vida. A interpretação e a análise dos dados após a entrevista com os familiares do morto constituem o material a ser trabalhado para o resultado final da escrita. É importante lembrar que o obituário, atualmente, é distribuído em até três colunas no final da página, agregado à seção específica para informes de falecimento.

Foi possível observar que o obituário estabelece-se no jornalismo interpretativo, o que pressupõe a análise e a interpretação dos dados levantados para serem inseridos no texto, trazendo uma cenografia do Literário no que tange à escrita mais leve com economia de informações excessivamente biográficas ou noticiosas, o que o diferencia da notícia e das notas fúnebres. Além disso, há uma grande confusão que relaciona o obituário ao perfil, à minibiografia ou ao resumo biográfico, fator que pode comprometer a compreensão do obituário como gênero discursivo autônomo.

Tanto o perfil quanto a biografia fazem parte do Jornalismo Literário, corrente jornalística que visa a uma ruptura nos padrões informacionais, trazendo uma escrita com mais verossimilhança à realidade. Porém, embora o obituário possa, nos EUA, ter sido fruto dessa corrente jornalística desde a década de 1960, no Brasil, o obituário se relaciona melhor com as categorias do jornalismo informativo e utilitário, podendo trazer elementos e recursos estilísticos do Literário.

Por isso, considerando uma análise com viés qualitativo, foi possível observar a proposta de Suzuki (2008) e Stefanelli (2013) em considerar o obituário como uma ode à vida, um gênero discursivo ligado à morte como atividade humana, fazendo dela a matéria prima para a produção do sentido.

No obituário de André Godim Pereira (Figura 4), por exemplo, escrito por Estêvão Bertoni, é possível observar a maneira como a seleção dos eventos importantes é inserida de forma interpretativa, como um retrato “fiel” à vida do obituariado, em tom de celebração e sem juízos de valor explícito. A narrativa, com uma simples projeção literária, propõe uma sucessão de fatos ambientados no cotidiano de Godim. No texto, é possível notar que o foco é a família e, principalmente, a paixão pelo computador, sendo esse um dos fatos marcantes da vida do obituariado, junto à descoberta da doença.

ANDRÉ GONDIM PEREIRA (1982-2011)

O computador e o transplante

ESTÊVÃO BERTONI
DE SÃO PAULO

O primeiro contato de André Godim Pereira com um computador foi aos sete anos, quando vivia em Rondônia.

Natural de Campina Grande (PB), o filho de um professor universitário com uma funcionária pública mudou-se para o Norte porque os pais arrumaram emprego por lá.

Aos 13 anos, voltou para sua cidade natal. Como vivia em casa, preso ao oxigênio, passava o tempo todo com os olhos grudados no monitor.

A paixão pelo computador o fez se formar em sistema de

informação e a se tornar o maior tradutor no Brasil do Ubuntu, sistema operacional gratuito baseado em Linux.

Aos 21, mudou-se para Porto Alegre (RS), pelo status da cidade como referência em transplante de pulmão. A mãe, Vânia, conseguiu transferência da Universidade Federal de Campina Grande para a do Rio Grande do Sul.

André recebeu o diagnóstico aos sete anos, na mesma época em que descobriu o computador: nascera com fibrose cística, uma doença genética que ataca os pulmões.

A mãe, durante os tratamentos, jurou fazer de tudo

para ver o filho adolescente e conseguiu. Depois, na festa de 15 anos, prometeu que veria o menino ficar adulto.

Em outubro de 2008, depois de um ano e dez meses na fila, o rapaz conseguiu um transplante. Com uma vida nova, casou-se com uma moça que conheceu na Paraíba, formou-se, trabalhou, passou a cozinhar, viajou para a Europa e até mergulhou no mar.

Era descontraído o tempo todo e nunca se queixava.

Começou, porém, a ter rejeição ao órgão transplantado. Entraria na fila de novo. Morreu na quinta (3), aos 29.

coluna.obituario@uol.com.br

Figura 4: Obituário de André Godim Pereira, com autoria de Estêvão Bertoni.

Fonte: Bertoni (2011a)

Considerando uma análise taxionômica do gênero, como proposto em Costa (2010), pautada numa aproximação com as concepções discursivas de Bakhtin (2010) e Mainguenu (2013), é possível – na nossa visão – inserir o obituário nas categorias jornalísticas informativa e utilitária, pressupondo a concepção de Costa (2010) de que os gêneros jornalísticos partem da função básica de ler/descrever o real. A cenografia da celebração da vida e o estilo dos textos tendem a inclinar o gênero para o jornalismo diversional (literário/*New Journalism*) na medida em que se propõe a uma história de interesse humano, como também exigirá, em certa medida, as habilidades do jornalismo interpretativo para a produção do texto.

Na escrita do texto, como informa Bertoni (*e-mail*⁵), o processo de seleção do morto, o levantamento de dados, a entrevista com os familiares, a interpretação dos dados, os elementos coletados e a produção do obituário duram cerca de cinco horas. Algo bastante diferente do perfil, das biografias e dos obituários norte-americanos (que, nesse caso, levavam uma vida toda de pesquisa relacionada ao morto).

Com o uso de elementos que informam a causa da morte e os familiares deixados, o gênero não se exclui da esfera do jornalismo informativo, adotando um leve grau de objetividade na narrativa do texto. Ao indicar o local do evento, o velório ou a missa de 7º e

⁵ Em 21 jul. 2014, realizamos uma entrevista por e-mail com o jornalista Estêvão Bertoni, da qual extraímos a informação.

30º dia, não apenas presta um serviço ao público que se interessa sobre a informação dos óbitos ocorridos no período próximo à data da publicação, mas também ao jornal, como forma de propaganda gratuita que traz um público maior de leitores para o jornal.

O obituário não deixa de ser uma história saborosa, todavia é diferente do perfil por optar por indivíduos anônimos ou com reconhecimento local. Além disso, o “estar morto” é fundamental para que seja possível a construção temática do gênero, afinal, como destaca Suzuki (2008), o leitor, ponto base dessa relação dialógica do discurso, já conhece o final dessa história antes mesmo de começar a lê-la.

A nota de falecimento pode ser considerada como um gênero primário com informações elementares, já que indica exclusivamente a idade do morto, a data do óbito, os entes deixados e o local de enterro, cremação, velório, etc. O obituário, em contrapartida, traz como tema elementos da vida do indivíduo, em estilo de conversa, narrando os feitos, desejos e realizações pessoais do morto, como no obituário duplo (mais incomum) de Roberto Pires de Jesus e Alex Damaceno de Souza⁶ (Figura 5), também escrito por Estêvão Bertoni.

ROBERTO PIRES DE JESUS (1975-2011) E ALEX DAMACENO DE SOUZA (1984-2011)

Duas vidas interrompidas na marginal

ESTÊVÃO BERTONI
DE SÃO PAULO

No dia 10 deste mês, Alex Damaceno de Souza, 26, foi contratado pela A Tonanni Construções e Serviços Ltda.

Oito dias depois, Roberto Pires de Jesus, 36, conseguiu na empresa que presta serviço para a Prefeitura de São Paulo o mesmo emprego que ele: ajudante de jardinagem, com um salário de R\$ 610,40.

Alex, filho de pai pedreiro e mãe desempregada, era na-

tural de São Paulo e morava com os pais e um irmão na Freguesia do Ó (zona norte).

Na mesma região vivia Roberto, um baiano de Ilhéus filho de um motorista e de uma dona de casa. Desde que seu barracão pegou fogo há um ano, morava numa casa de um cômodo no Jd. Carumbé, na Brasilândia, com mulher, três filhos, nora e netinha.

Alex, que trabalhava antes montando tubos de papelão, era também pai. Gabriel, o fi-

lho, tem quatro anos. Suspeitava que o segundo, de uma “aventura” recente, estivesse a caminho, conta um irmão.

Roberto conheceu a mulher, Marineide, em Ilhéus, quando ela já tinha um filho. Ex-funcionário de uma loja de ferragens, criou o garoto com se fosse seu. Migrou há 15 anos, e nunca mais voltou à Bahia para rever os pais.

Alex também não via mais um parente: o irmão gêmeo, Alexandro, que cumpre pena

por porte de entorpecentes, foi transferido para o interior. Extrovertido e alegre, como é descrito pela família, Roberto gostava de funk e reggae. Nos domingos de folga, jogava bola com os amigos.

Alex é visto de forma parecida: um brincalhão que só fazia gracinha. Fã dos rappers Snoop Dogg e Negra Li, adorava andar de bicicleta e ir às peladas no Cingapura.

Nenhum dos dois concluiu os estudos. Ambos tinham

apelidos semelhantes: Roberto era chamado de Nego Leco ou Negão; Alex de Nego.

O baiano falava em retornar a Ilhéus; o paulistano sonhava em comprar uma casa para mãe e uma motocicleta.

Quando os dois conseguiram emprego (para fazer a limpeza dos canteiros da marginal Pinheiros), mostraram às famílias o uniforme novo, com orgulho. Estavam felizes.

Alex e Roberto se conheceram há pouco e ficaram amigos; viviam contando piada.

Na manhã do sábado (22), dia em que Alex completou 12 dias no serviço, e Roberto,

quatro, a Hilux dirigida em alta velocidade pelo gerente de banco Fernando Mirabelli, 32, arrastou os dois pela marginal. Segundo a polícia, o motorista admitiu ter bebido.

Mirabelli foi solto após pagar fiança de R\$ 50 mil, quantia que cada um dos dois só conseguiria juntar depois de quase sete anos de trabalho.

O pai de Roberto, que nunca tinha vindo a São Paulo visitar o filho, pegou um voo correndo para enterrá-lo. A dupla foi sepultada na segunda-feira, no cemitério da Vila Nova Cachoeirinha, em SP.

coluna.obituario@uol.com.br

Figura 5: Obituário de Roberto Pires de Jesus e de Alex Damaceno de Souza, com autoria de Estêvão Bertoni.

Fonte: Bertoni (2011b)

O obituário é necessariamente ligado à morte como atividade humana, sendo ela condição base para a construção da cenografia e do estilo como código linguageiro que concretiza o discurso de celebração da vida. É através dessa relação com o fúnebre que o obituário tem validade e permite a materialidade dos seus conteúdos, diferenciando-se do perfil. Em outras palavras, o obituário se restringe à seção de Mortes, enquanto o perfil costuma aparecer em cadernos de Cultura e Diversidades, em situações específicas, perfilando indivíduos com reconhecimento na mídia e na área em que atuam.

⁶ Devido ao layout da página, optamos adaptar o tamanho do texto dividindo-o ao meio. No original, é composto por seis colunas, tamanho incomum para o obituário brasileiro, o qual se estabeleceu com, no máximo, três ou quatro colunas.

Outra característica é a periodicidade. O obituário na Folha é uma publicação diária e, devido a isso, estabilizou-se rapidamente e conquistou um público cativo de leitores, obtendo, em 2008, o seu formato atual e mais estável. Além disso, a interpretabilidade dos dados e a relação com uma cenografia do literário são importantes para tornar o texto mais agradável, amenizando o peso das notícias e as tragédias corriqueiras das reportagens diárias.

Vilas Boas (2002, p.93), ao trazer algumas discussões sobre o gênero perfil, o determina como

[...] um texto biográfico curto [...] publicado em veículo impresso ou eletrônico, que narra episódios e circunstâncias marcantes da vida de um indivíduo, famoso ou não. Tais episódios e circunstâncias combinam-se, na medida do possível, com entrevistas de opinião, descrições (de espaços físicos, épocas, feições, comportamentos intimidades, etc) e caracterizações a partir do que o personagem revela (às vezes sem dizer).

O perfil mantém certa similaridade com o obituário, pois ocorre dentro da esfera do jornalismo interpretativo, cuja proposta é narrar uma boa história de vida em narrativas curtas que retratam momentos da vida das pessoas (VILASBOAS, 2003 apud COSTA, 2010) e também não deixa de ser uma história de interesse humano. O que se observa é que o perfil traz uma redação mais aprofundada sobre a caracterização de um indivíduo, elencando descrições mais verossímeis de diversas categorias. No perfil de José Wilker (Figura 6), publicado no jornal *O Estado de São Paulo* em 8 de abr. 2014, temos um exemplo do que pode ser considerado um “perfil biográfico do morto”.

PERFIL

Se transformou em artista completo

Transitou com sucesso pelo cinema, teatro e TV; nasceu em Juazeiro do Norte, chegou ao Rio aos 19 anos, na época do Golpe Militar

Luiz Carlos Merten
Roberta Pennafort
Mônica Ciarelli / RIO

Existem atores que se tornam ícones. Hollywood sempre foi pródiga nisso. A rebeldia de Marlon Brando, o rosto esculpido na pedra de John Wayne e Gary Cooper, o sorriso cínico de Clark Gable. São tantos exemplos. José Wilker morreu ontem pela manhã, no Rio. Morreu de enfarte,

durante o sono. Havia ficado até tarde, conversando e rindo com amigos como Ary Fontoura. José Wilker! Pense nele e as imagens virão no seu inconsciente. É o que constrói os ícones, os mitos.

Vadinho em *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, de Bruno Barreto, ao lado de Sônia Braga. Lorde Cigano em *Bye-Bye Brasil*, de Cacá Diegues, ao lado de Betty Faria, a Salomé. Foram muitos trabalhos no cinema, no teatro e na televisão.

Wilker foi melhor ator da Associação Paulista de Críticos de Artes na categoria TV, pela novela *Fera Fera*. Foi melhor ator no Festival de Gramado como *O Homem da Capa Preta*, de Sérgio Rezende. Criou bordões inesquecíveis – chamava de “pe-

ladinha” a intimidade de *Dona Flor*.

Cearense de Juazeiro do Norte, descobriu o amor à arte pelo rádio. Quando tinha 13 anos, seus pais se mudaram para Pernambuco, onde ele começaria a trabalhar como radialista e ator. Idealista, e já interessado em política (dizia-se comunista ainda na infância), fazia peças pelo Estado, difundindo as ideias revolucionárias do pedagogo Paulo Freire entre trabalhadores rurais e operários.

Começo. Foi para o Rio aos 19 anos, exatamente há 50 anos, chegando à cidade justamente na época do Golpe Militar de 1964. Na capital fluminense, começou no cinema e no teatro, para depois ir para a TV. Envolveu-se em espetáculos de vanguarda, como *A ópera dos três vinténs*, de Bertold Brecht, e *O Rei da Vela*, do Grupo Opinião, ambas em 1971, e em montagens do Teatro Ipanema.

Wilker estudou Sociologia na PUC do Rio e norteou suas escolhas iniciais por seu engajamento. Esteve em peças-ícone dos anos 1970, como *Hoje é dia de rock e*

Hair, que discutiam as mudanças na sociedade da época e ecoavam os anseios da juventude do mundo todo por mais liberdade e menos guerras.

Ele trabalhava numa peça de Gil Vicente, no Rio, quando foi intimado a substituir um ator no filme que Cacá Diegues rodava em Diamantina, Minas Gerais. Nem conhecia o diretor, mas foi. O filme era *Xica da Silva*, com Zezé Motta e Walmor Chagas. O cinema já estava em sua vida desde que apareceu, sem crédito, em *A Falecida*, de Leon Hirszman. Fez grandes e pequenos papéis em *El Justiciero*, de Nelson Pereira dos Santos; *Vida Provisória*, de Maurício Gomes Leite; *Os Inconfidentes*, de Joaquim Pedro de Andra-

de. Com Cacá, seguiu fazendo *Bye-Bye Brasil*, *Trem para as Estrelas*, *Dias Melhores Virão*, *O Maior Amor do Mundo*.

Lorde Cigano foi criado pelo diretor, mas o ator somou tanto ao personagem que Cacá hoje diz que houve uma coautoria. *Bye-Bye Brasil* foi um grande êxito, não só no Brasil. E o que dizer de *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, de Bruno Barreto? Até ser destronado por *Tropa de Elite 2*, de José Padilha, foi o maior sucesso de público do cinema no País.

Oscar. Gostava tanto de cinema que virou comentarista do Oscar. Ainda se arriscou como crítico, assinando uma coluna semanal sobre o assunto no *Jornal do Brasil*, e como comentarista em programas na TV a cabo.

Pergunte aos artistas que trabalharam com ele. Todos vão destacar ainda o humor de Wilker. Era autoirônico. Brincava com o próprio ego. Reconhecia dever isso aos grandes atores da chanchada, que foram seus mestres – Oscarito, Grande Otelo, José Lewgoy.



NA WEB
Carreira. Veja galeria de imagens que retratam os trabalhos do artista

estadao.com.br/e/josewilker

Figura 6: Perfil de José Wilker publicado no caderno Metrôpole do jornal O Estado de São Paulo.

Fonte: Merten, Pennafort e Ciarelli (2014)

Nesse perfil, algumas características merecem destaque. Primeiramente, a relação do perfilado com outros grandes nomes do cinema junto a uma abordagem geral sobre a importância do autor, a carreira, em tom de reportagem. Além disso, a informação de óbito, muitas vezes deixada de lado nos perfis “convencionais” como os de Talese ou os publicados na Piauí, por exemplo.

A informação biográfica do morto aparece como elemento composicional nítido no perfil, envolvendo desde o começo da carreira, o informe do falecimento e, a partir disso, a ascensão na carreira, concluindo com o prêmio do oscar. Outro fator é a periodicidade. O perfil foi publicado no Estado para homenagear Wilker, em meio às duas páginas do “Caderno A” (Figura 7) dedicadas ao autor, envolvendo matérias, cronologias, inúmeras fotos da carreira e a repercussão da morte do autor, elementos temáticos que vão além dos presentes na simplicidade composicional e temática dos obituários.

A22 | Metrópole | 16/04/2014, 12:24

O ESTADO DE S. PAULO

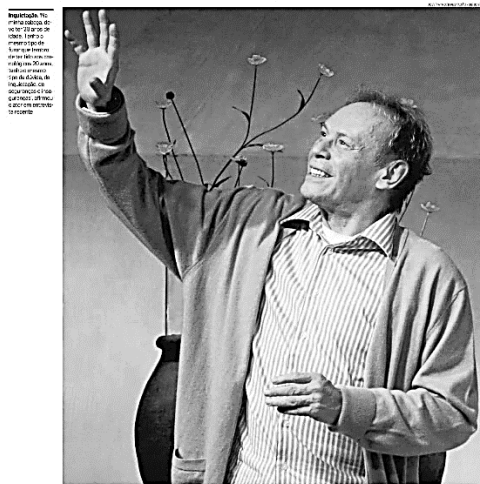
O ESTADO DE S. PAULO

O ESTADO DE S. PAULO | Metrópole | A23

JOSÉ WILKER • 1944-2014

Morre de enfarte o ator, diretor e crítico de cinema José Wilker

Ele teve um ataque fulminante na casa da namorada e nem chegou a ser socorrido ao hospital; o corpo será cremado na tarde de hoje



Roberto Franchini

Um dos grandes atores brasileiros, com 40 anos de carreira, o brasileiro faleceu vítima de um enfarto, aos 69 anos, na manhã desta quarta-feira, 16 de abril, em sua casa, no bairro de São Paulo. O falecimento ocorreu em uma casa de 100 metros quadrados, no bairro de São Paulo, onde ele vivia com a esposa, a atriz e diretora de cinema, a brasileira Roberta Franchini. O casal se conheceu em 1974, quando ele estava trabalhando no teatro. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr.

Roberta Franchini nasceu em 1944, em São Paulo. Ela é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

REPERCUSSÃO

Roberta Franchini A atriz e diretora de cinema Roberta Franchini nasceu em 1944, em São Paulo. Ela é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr.

Roberta Franchini A atriz e diretora de cinema Roberta Franchini nasceu em 1944, em São Paulo. Ela é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr.

Roberta Franchini A atriz e diretora de cinema Roberta Franchini nasceu em 1944, em São Paulo. Ela é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr.

Roberta Franchini A atriz e diretora de cinema Roberta Franchini nasceu em 1944, em São Paulo. Ela é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr.

Roberta Franchini A atriz e diretora de cinema Roberta Franchini nasceu em 1944, em São Paulo. Ela é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr.

Se transformou em artista completo

Tragou seu sucesso pessoal e profissional para o cinema, o teatro, a televisão e a música. O ator, diretor e crítico de cinema José Wilker morreu em 16 de abril, aos 69 anos, em sua casa, no bairro de São Paulo.

Roberta Franchini nasceu em 1944, em São Paulo. Ela é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Era esperado em 'Falso Balthazar', próxima novela das 9

Roberta Franchini

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Roberta Franchini também é uma atriz e diretora de cinema. Ela começou a atuar no teatro em 1964, quando conheceu José Wilker. Eles se casaram em 1978 e tiveram dois filhos: a atriz Roberta Franchini e o ator José Wilker Jr. Ela também é diretora de cinema e produtora. Ela produziu o filme "O Homem do Ano" (1998), dirigido por José Wilker.

Figura 7: Páginas A22 e A23 dedicadas a José Wilker.

Fonte: Estadão, Metrópole (2014)

Há uma composição específica para a publicação desse texto, na qual se reitera a carreira de Wilker em um texto que traz para o leitor um resumo da sua vida em forma de homenagem. O perfil ainda está relacionado a outros gêneros com os quais o obituário brasileiro não costuma dialogar, caso da cronologia, *tweets* de famosos prestando últimas homenagens e reportagem estendida destacando as causas da morte e as informações da carreira do morto. O espaço de duas páginas do jornal é dedicado exclusivamente para Wilker, sem abrir espaço para outros informes de falecimento ou para inserção de obituários e notas fúnebres.

A partir deste argumento, defendemos que, ao considerar o obituário como uma variação do perfil, ocorre: 1) um equívoco na compreensão, deixando de observá-lo como um gênero discursivo; 2) uma descon sideração da natureza desse enunciado; 3) o esquecimento do que o leitor espera ao ler o texto; e, principalmente, 4) uma descaracterização do tema, da composição e do estilo nos quais o obituário está inserido.

Sempre vinculado aos gêneros fúnebres e com função de informar (como serviço) a morte de um indivíduo, celebrando seus feitos durante a vida, o obituário mantém seu caráter utilitário e celebra a vida de um determinado indivíduo através de um relato bastante sintético e, no caso do Brasil, em cerca de 100 linhas, o que concretiza seu formato de jornalismo interpretativo, com algumas características de diversional/literário.

Os discursos que envolvem o jornalismo interpretativo e utilitário são utilizados em busca da celebração da vida, tema que se constrói através do obituário. Withman (1971), pai do obituário moderno, sublinha que o obituário não é uma biografia, um ensaio acadêmico ou um tributo, mas um retrato instantâneo do sujeito, ou, então, “[...] uma visão rápida do sujeito, de suas conquistas, de suas riquezas, de seu tempo [...]” cuja força se obtém por demonstrar com extrema singularidade cada existência humana (WITHMAN, 1971 apud SUZUKI, 2008, p. 297).

4 CONCLUSÃO

Este artigo analisou o gênero obituário considerando o seu modo de construção no jornal *Folha de S. Paulo*. Diante disso, constatou que o obituário, embora se utilize da morte como ponto de partida do texto e se envolva na esfera do jornalismo informativo e utilitário, carrega alguns traços do jornalismo interpretativo e literário (diversional) que possibilitam ao leitor, de imediato, enquadrá-lo nos moldes desta corrente jornalística.

Observou que o obituário brasileiro se distingue de gêneros do discurso como perfil e biografia, textos comuns do jornalismo literário, por ainda trazer as informações e *causa mortis* das notas de falecimento. Não apenas por isso, demonstrou que o obituário não se constrói em uma narrativa tão elaborada quanto a das biografias e dos perfis⁷, estabelecendo-se no Brasil como um gênero que visa à celebração da vida do sujeito que está sendo retratado, utilizando com parcimônia os recursos da literatura.

Além disso, reconheceu que o gênero não pode ser completamente desconsiderado do rol do Jornalismo Literário (diversional), já que insere alguns recursos narrativos visando a uma narrativa saborosa do texto que, apesar de não utilizar os modos ficcionais da escrita literária ou a ruptura de padrões típicas do Jornalismo Literário, compõe-se como um texto leve e com toque de crônica, possibilitando ao leitor da Folha um momento de deleite diante das corriqueiras e pesadas notícias do dia a dia.

Ao discutir a hipótese de o obituário enquadrar-se como uma espécie de “perfil biográfico do morto”, obteve como constatação que as características do obituário, diferentemente do perfil, visam a um indivíduo, na maioria das vezes, sem grande fama na área ou, então, com certo reconhecimento local, exigindo, todavia, que este indivíduo esteja obrigatoriamente morto. O perfil, ao contrário, não se preocupa com o “estado de existência” do indivíduo, embora prefira pessoas com importância na área, notoriedade ocasional ou de grande reconhecimento midiático.

Diante disso, verificou que o perfil, um gênero exclusivamente interpretativo e com características vertidas para o Jornalismo Literário, busca como matéria-prima indivíduos vivos ou mortos com certa notoriedade ou fama ocasional, sem distinguir se vivo ou morto, podendo, portanto, ser um perfil, quando se traz um texto sobre a pessoa com características mais voltadas à personalidade ou à família; perfil biográfico quando, junto à primeira proposta, é elencada uma cronologia mais extensa de informações biográficas; e perfil biográfico do morto quando trazem as duas propostas anteriores na elaboração do texto sobre um morto. Além disso, os autores de perfis buscam pessoas de maior importância ou notoriedade ocasional.

O presente artigo ainda asseverou que o enquadramento do obituário enquanto variante do perfil pressupõe uma vontade de fazer do obituário brasileiro um gênero do jornalismo literário, tal qual ele tem se estabelecido em jornais como o *The New York Times*, desconsiderando as condições de produção e de elaboração do gênero no Brasil. A produção do obituário brasileiro ocorre em cerca

⁷ Como ilustração, indicamos a leitura do perfil escrito por João Moreira Salles com o brilhantismo de um Jornalismo Literário de excelência. O texto foi publicado em uma edição especial da Revista Piauí que homenageava Artur Avila pela conquista da Medalha Fields. Para tanto, Cf. João Moreira Salles (2014), *Questões da ordem e do caos: Artur tem um problema, Piauí*, Edição Especial, ago. 2014, p. 14-21.

de cinco horas, como informa Bertoní (*e-mail*), levando em consideração a seleção do morto, a pesquisa biográfica e a redação do obituário.

O foco do gênero produzido no Brasil é, portanto, a celebração da vida de um indivíduo que tenha ou não produzido algo de relevância para o grupo em que vivia, narrando esta história de maneira singela que, embora não seja típica à do Jornalismo Literário dos perfis e das biografias, insere alguns recursos da literatura para deixar o gênero mais leve e sem uma característica apenas noticiosa. Além disso, enquadra-se como um gênero informativo e utilitário de natureza fúnebre não só por trazer a informação de óbito junto à interpretação dos dados sobre a vida do indivíduo, mas também por exigir que ele esteja morto, a fim de que a função social de celebração da vida seja compreendida como um todo ilusório obtenha e o sentido de uma história de vida que mereça ser contada.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.
- BERTONI, E. Ailton Tadeu Lamas (1964-2008): O PM parteiro e o pagode em velório. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, C4, ano 88, n. 29.076, 10 nov. 2008.
- _____. André Gondim Pereira (1982-2011): O computador e o transplante. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, C6, ano 91, n. 30.171, 10 nov. 2011a.
- _____. Roberto Pires de Jesus (1975-2011) e Alex Damasceno de Souza (1984-2011): Duas vidas interrompidas na marginal. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, C8, ano 91, n. 30.160, 10 out. 2011b.
- CAVALCANTI, J. R. A presença do conceito de gêneros de discurso nas reflexões de D. Maingueneau. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 13, n. 2, p. 429-p.448, maio/ago. 2013.
- CIMMINIELLO, M. C. S.; TAMBELLI, A. L. R. Obituário: um gênero em construção? *Revista Interfaces*, Suzano, ano 4, n. 3, p. 27-32, abr. 2012.
- COSTA, L. A. da. Gêneros jornalísticos. In: MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F. de. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p.43-83.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2013.
- MAROCCO, B. Fragmentos de vidas exemplares, *Revista FAMECOS mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 372-389, maio/ago. 2013.
- MARQUES DE MELO, J. Gêneros jornalísticos: conhecimento brasileiro. In: MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F. de. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.
- MARTINEZ, M. A vida em 20 linhas: obituários e jornalismo literário. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2012, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: 2012.
- _____. Uma questão de estilo: estudos dos obituários da Folha de S. Paulo. *Comunicação & Inovação*, São Caetano do Sul, v. 14, n. 26, p.28-35, jan./jul. 2013.

- MARTINEZ, M. A vida em 20 linhas: a representação da morte nas páginas da Folha de S. Paulo. *Intercom, Revista Brasileira de Ciência e Comunicação.*, São Paulo, v. 37, p. 71-90, jul./dez. 2014.
- MERTEN, L. C.; PENNAFORT, R.; CIARELLI, M. Se transformou em um artista completo. *O Estado de S. Paulo*, Metrópole, A22-A23, ano 135, n. 44.000, 8 abr. 2014.
- POSSENTI, S. Notas sobre gênero, uma questão teórica e metodológica, *Revista da ABRALIN*, v. 11, n. 2, p. 173-200, jul./dez. 2012.
- SOLDADO morto por ladrões era conhecido como 'parteiro da PM'. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano 1, C2, ano 88, n. 29.074, 8 nov. 2008.
- SALLES, J. M. Questões da ordem e do caos: Artur tem um problema. *Piauí*, Edição Especial, p. 14-21, ago. 2014.
- SERVA, L. *Um dia, uma vida*. São Paulo: Ed. Três Estrelas, 2015.
- SILVA, A. K. dos S. *Obituário contemporâneo: vulgarização ou celebração da vida?*. Brasília/DF2009. 51f. Monografia (Comunicação Social) – Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas (UniCEUB), Brasília, 2009.
- STEFANELLI, R. Obituário é um elogio à vida: Para o diretor de Redação ao contar a trajetória dos que morreram, o DC imagina estar abraçando os familiares. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 13 out. 2013. Disponível em: <<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/diario-da-redacao/noticia/2013/10/obituario-e-um-elogio-a-vida-4299356.html>>. Acesso em: 13 out. 2013.
- SUZUKI JR, M. A pauta de Deus. In: _____. *O livro das vidas: obituários no New York Times*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- VILAS BOAS, S. *Biografias & biografos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus, 2002.
- VIVEU cercado por "italianidades". *Folha de S. Paulo*. São Paulo: 02 jan. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/01/1569611-adone-fragano-1923-2014--viveu-cercado-por-italianidades.shtml>>. Acesso em: 23 mai. 2018.
- WITHMAN, A. The art of the obituary. In: _____. *The Obituary Book*. New York: Stein and Day/Publishers, 1971.

Recebido em 14/03/2017. Aceito em 12/09/2017.

THE DISCURSIVE BUILDING OF THE BRAZILIAN OBITUARY IN THE *FOLHA DE S. PAULO* NEWSPAPER

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO OBITUÁRIO BRASILEIRO NO JORNAL
*FOLHA DE S. PAULO*¹

LA CONSTRUCCIÓN DISCURSIVA DEL OBITUARIO BRASILEÑO EN EL PERIÓDICO FOLHA
DE S. PAULO

Jonathan Henrique Semmler*

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Sônia Cristina Pavanelli Daros**

Universidade Metodista de Piracicaba

ABSTRACT: This paper presents the analysis results of 2.284 obituaries published in the *Folha de S. Paulo* newspaper between 2007 and 2012. The goal is to recognize the stylistic, thematic, and compositional characteristics of the speech genre, considering such characteristics within the Journalistic Categories' framework from Costa (2010) and Marques de Mello (2010), under the discursive perspective of Bakhtin (2011) and Maingueneau (2013). To accomplish that, results obtained from two methodological procedures were used in order to present, quantitatively and qualitatively, the stabilization of stylistic, thematic, and compositional elements of

¹ This paper is based in the research carried out during a Research Initiation Program called "Obituaries in Brazil, a genre to celebrate life", developed by the student Jonathan Henrique Semmler and advised by Professor Dr. Sônia Cristina Pavanelli Daros in 2013/2014, within the undergraduate program of Portuguese Language in the Methodist University of Piracicaba, UNIMEP, SP - Brazil.

* Master's degree student of Portuguese Language at the Graduate Studies Program in Portuguese Language at Pontifical Catholic University of São Paulo (PEPGLP/PUC-SP). E-mail: jonathan.semmler@clq.pro.br.

** PhD in Education from the Methodist University of Piracicaba and professor in the Faculty of Humanities at UNIMEP. E-mail: scpdaros@gmail.com.

this specific speech genre and its relation to New Journalism. The investigation pointed out the Brazilian obituary presents elements that confirm the hypothesis of this speech genre as an informative and utilitarian journalism genre that uses New Journalism as a stylistic resource in order to soften the mourning of someone's death by celebrating the person's life.

KEYWORDS: Obituaries. Speech. Speech genre. Journalism genres.

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados da análise de 2.284 obituários publicados na Folha de S. Paulo, entre os anos de 2007 a 2012, com o objetivo de reconhecer as características de estilo, tema e composição do gênero, considerando o enquadramento deste enunciado nas categorias jornalísticas defendidas por Costa (2010) e Marques de Mello (2010), sob as perspectivas discursivas de Bakhtin (2011) e de Maingueneau (2013). Para tanto, demonstra os resultados obtidos em dois procedimentos metodológicos que visam a elencar, quantitativa e qualitativamente, a estabilização dos elementos da composição, da temática e do estilo deste gênero discursivo e a sua relação com o jornalismo literário. Na investigação, aponta-se que o obituário brasileiro apresenta elementos que permitem comprovar a hipótese de que este enunciado enquadra-se como um gênero jornalístico informativo e utilitário, utilizando-se do diversional como recurso estilístico para amenizar o peso da morte, buscando uma forma de celebração da vida.

PALAVRAS CHAVE: Obituário. Discurso. Gênero discursivo. Gêneros jornalísticos.

RESUMEN: Este artículo presenta los resultados de análisis de 2.284 obituarios publicados en el periódico *Folha de S. Paulo*, entre los años de 2007 a 2012, con el objetivo de reconocer las características de estilo, tema y composición del género, considerando el encuadramiento de este enunciado en las categorías periodísticas defendidas por Costa (2010) y Marques de Mello (2010), según las perspectivas discursivas de Bakhtin (2011) y de Maingueneau (2013). Para eso, se presentan los resultados obtenidos en dos procedimientos metodológicos que objetivan enumerar, cuantitativa y cualitativamente, la estabilización de los elementos de la composición, de la temática y del estilo de este género discursivo y su relación con el periodismo literario. En la investigación, se observa que el obituario brasileño presenta elementos que permiten comprobar la hipótesis de que este enunciado se encuadra como un género periodístico informativo y utilitario, a la vez que utiliza el periodismo “diversional” como recurso estilístico para amenizar el peso de la muerte, buscando una forma de celebración de la vida.

PALABRAS CLAVE: Obituario. Discurso. Género discursivo. Géneros periodísticos.

1 INTRODUCTION

The obituary in Brazil is written as a short and simple biographical text that narrates the life of an individual who usually is not famous, but is highly regarded by his own community. This genre is new to the country and was pioneered by the newspaper *Folha de S. Paulo*² (hereinafter *Folha*). Although it originated in the daily English journalism of the 19th century, the obituary was further developed on *The New York Times*, where it was taken to during the 20th century.

While it is still a recent topic in Brazil, some journalists and researchers have started to discuss the obituary's features. Suzuki Jr. (2008), former journalist for the *Folha* and editor in the publishing company Companhia das Letras, brought the first contribution to the theme in a collection of obituaries from *The New York Times*³. In the book's conclusion, the journalist adds some considerations about the genre on the postscript, presenting defenses of North American and English obituarists.

² Besides *Folha*, newspapers *Zero Hora*, *Jornal de Londrina* and *Diário Catarinense* also publish obituaries with characteristics of a biographical portrayal of the subject. However, we have not considered this *corpus* in this article in order to focus on *Folha de S. Paulo*, because we consider it the pioneering newspaper regarding obituary production in Brazil.

³ This collection does not present texts directly selected from the *Times*, but a compilation from two other collections that already present obituary anthologies. The selections utilized by Suzuki Jr. are 52McGs: *The Best Obituaries from Legendary The New York Times Writer Robert McG. Thomas Jr.*, published in 2001, organized by Chris Calhoun; and *The Last Word: The New York Times Book of Obituaries and Farewells. A celebration of Unusual Lives*, published in 1997, organized by Marvin Siegel.

According to Suzuki Jr. (2008), in agreement with Alden Withman – the father of modern obituaries – the obituary must not be regarded as a biographical essay or a tribute, but as an instant portrayal of the person in which the elements that represent what was most important in an individual's life are inserted. Withman has not only brought a new way of writing obituaries, but has also inserted the *North American* obituary into the *New Journalism* category by means of his interview and writing methods⁴. It is worth remembering that the journalist was associated with Gay Talese, an icon of this journalistic trend of the 20th century, and this allows us to consider the hypothesis that the Brazilian obituary also belongs to this journalistic trend.

In addition to Suzuki Jr. (2008), Silva (2009) has also analyzed obituaries comparatively and diachronically. The author utilized a *corpus* that presented English, North American and Brazilian texts and discussed the relationship between these obituaries throughout the years. Silva (2009) seeks to answer whether obituaries are a celebration or a vulgarization of life. This is a valid hypothesis, since current obituaries – especially Brazilian and North American ones – are brief, with a prevalence of the parsimony of narrative, descriptive and biographical elements.

Cimminiello and Tambelli (2012) conducted a more consistent study about the genre – without major conclusions, however – by observing the construction of the obituary in examples published in 2007. In that article, the authors break down the genre to understand its composition and stabilization, observing if the genre is still under construction. Marocco (2013) also contributes to the study of this genre and discusses the style and composition differences between obituaries published by the *Folha de S. Paulo* and the *Zero Hora*.

Furthermore, Martinez (2012; 2013; 2014) has outlined considerations about the obituary as related to literary journalism with texts published in 2007 (and some from 2009), emphasizing the obituary can be considered as a variation of the profile genre. The author highlights the obituary as a “biographical profile of the deceased”, which, in our opinion, is a risky form of comprehension. The obituary is, without exception, a funereal genre, while the profile can be biographical for the living and/or the deceased. The *Estadão* newspaper, for example, has published a biographical profile of José Wilker shortly after his death was announced, in April 8th, 2014.

Beside the work by Suzuki Jr. (2008), we may consider the small obituary collection compiled by Leão Serva in 2015 with 150 obituaries published by the *Folha*. This collection presented a proposal of listing and layout similar to Suzuki Jr., however, it included only Brazilian obituaries.

In all these studies, we observe analyses limited to, at most, 150 examples, with some initial conclusions about the genre studies. This article, on the other hand, considers the obituary genre, as published by the *Folha de S. Paulo*, as a model of biographical account, a discursive genre of funereal nature, distinct from other genres that narrated a life story or inform the death of famous or anonymous individuals.

For this, we collected data from obituaries published between 10/24/2007 and 12/31/2012 in the *Folha's* digital archive (a total of 2,284 examples), listing them into collections, and proposed a classification and an analysis of thirty (randomly selected) examples. The study also presents valuable information from an interview, conducted on July 21st, 2014, with one of the *Folha's* obituarists, Estêvão Berton. Data from the genre in other Brazilian newspapers allowed us to compare the genre's manifestation in other contexts.

Two analysis procedures were used: the first, quantitative, considered “general” information on the genre to observe the obituary audience, gender and other compositional characteristics (more/less literary, more/less biographical); the second, qualitative, observed compositional, thematic and stylistic construction of the genre, demonstrating, as a funereal and biographical genre, it requires different degrees of subjectivity to preserve the official story in contact with the family and the newspaper readers.

⁴ Withman would interview the soon to be deceased while the person was still alive, to add veracity and accuracy to the text. This methodology, while effective, was not the only one. According to the journalist in “The Obituary Book”, a biographical survey was conducted to expand and enhance the text composition.

This article is based on the theoretical notions presented by Marques de Melo (2010) about journalistic categories and seeks to relate the obituary to these categories. In order to do so, it takes into account the basic function of reading/describing the reality, through the discursive perspective of Bakhtin (2011) and Maingueneau (2013). Furthermore, we defend that although the genre analyzed in this study has already been object of some early discussion that have outlined a few proposals, it is not understood as an autonomous utterance (in the Brazilian case), with its own characteristics and determined social function.

The previous research on obituaries seldom consider how the genre has stabilized in Brazil and usually analyze an insignificant number of examples in comparison to the ones analyzed in this study. The conception of the obituary as a “funereal variant” of the profile stands out, proposing the genre should be considered – in Brazil – along the ranks of Literary Journalism – as it occurs in the USA – where “telling a story” has its features strengthened by a more palatable narrative, and its style seeks to break the standard of the *lead*, to provide a wider view of reality.

We believe, as Costa (2010), we should equate the relationship of the obituary with diversional journalism should be equated, preserving the obituary’s relation to interpretive and utilitarian journalism, and highlighting its characteristics as a proposal of construction of an instant snapshot of the deceased along with the information of death, burial and remaining relatives, but one that emphasizes the celebration of life.

2 SPEECH GENRES⁵

Every society creates forms of communication that make communicative relationships easier among the different individuals living in it. As these are elements that organize all distinct types of human activities, the speech genres are relatively stable declarative social practices that arise from the discursive need – this determines the social function of these utterances (BAKHTIN, 2011).

Bakhtin (2011) argues all branches of human activity are related through multiple forms called discourse genres. These forms manifest as concrete and unique utterances (oral or written), from a highly responsive relationship between speakers, thus establishing the social function through the purpose of these utterances.

According to the author, all understanding of an utterance is *imbued* within its response, since utterer and co-utterer alter their roles mutually within the communicative situation. Genres are complex and variable forms of cultural communication materialized inside a *mutatis mutandis* of written and read speech. To Bakhtin (2011, p.272),

The speaker himself is oriented precisely toward such an actively responsive understanding. He does not expect passive understanding that, so to speak, only duplicates his or her own idea in someone else’s mind... Rather, the speaker talks with an expectation of a response, agreement, sympathy, objection, execution, and so forth (with various speech genres presupposing various integral orientations and speech plans on the part of speakers or writers).

Despite the variation in composition and comprehension, speech genres can be cognitively recognized by the interlocutors through the triad categorization of style (lexical and phrasal features), composition (compositional construction) and theme (thematic content); which, according to Bakhtin (2011), are the relatively stable and plastic elements that are molded in the genre through the communicative function of these utterances, reflecting the conditions and specific purposes of each language activity branch.

⁵ Translator’s Note: The term “speech genres” was used throughout this paper to translate “gêneros do discurso/gêneros discursivos” due to the fact that, in English, all officially published translations of Bakhtin’s writings present this terminology instead of “discourse genres”, including “Speech Genres and Other Late Essays”, translated by Vern W. McGee and edited by Caryl Emerson and Michael Holquist, published by University of Texas Press in 1986 (ISBN: 978-0-292-77560-2). This collection includes the essay “The Problems of Speech Genres” that was used by the authors of this paper. This very same essay translated into Portuguese was published in “Estética da Criação Verbal”, a different collection of Bakhtin’s texts organized by Paulo Bezerra, translated from the French version by Maria Ermantina Galvão G. Pereira and first published by Martins Fontes in 1992 (the 6th edition published in 2011 was used by the authors).

These utterances, of inexhaustible richness and multiple possibilities, integrate the mutual and heterogeneous repertoire of speech genres, created and expanded by the society's need to communicate. To Bakhtin (2011), every utterance is particular, individual and determined by the different branches of language usage. This way, genres must be divided according to their primary and secondary enunciative natures.

The ideological value and construction possibilities of any given genre must be outlined and analyzed to determine if the genre belongs to one discursive category or another. Primary and simpler genres are less variable and less ideological, since they are linked to everyday dialogues or utterances with minor variations, such as birth certificates and casualty lists or notes, for instance.

On the other hand, secondary genres are more complex, as they arise from more intricate communicative situations developed in cultural interaction, with written speech as a predominant form in the communication process. These utterances incorporate and rework simple genres, formed in immediate conditions. The comprehension of secondary genres is variable according to the social situation, since it is a determining factor to the enunciative nature and dialogical responsiveness action of these discursive genres.

The distinctive characteristics of a genre can provoke some conceptual confusion about the utterance, since the dialogical relation between the genres is very subjective. Studying this matter, Possenti (2012), in an article addressing the theoretical and methodological issues involving speech genre analysis, highlights, among the methods tested, Maingueneau's (2013) concept of scenography.

According to Maingueneau (2013), the genre must be observed in the speeches it creates, because this is the path in charge of establishing the scenography and the social roles of the genre. In the theoretical conception of the speech analyst, every genre establishes its own social roles in an effort to progressively build its own speech devices and, by this perspective, scenography is [...] a process of *paradoxical interlacing*. As it starts, the speech presumes a certain situation of enunciation that, in fact, will be validated progressively, through the enunciation itself. Therefore, scenography is *both the speech source and what it engenders*; it legitimizes an utterance that, in turn, must legitimize it, establishing this scenography where speech is born is precisely the scenography demanded to utter as required [...] What the text says must allow for validation of the scene itself, through which content manifests. (MAINGUENEAU, 2013, p. 98).

This principle allows for articulation of the theorists mentioned herein for the theoretical-methodological framework of this study. The reader is the one that must be considered in the discursive constitution of a genre, validating the utterance through the features that allow the success of an enunciation in establishing generic coercion. With this, Cavalcanti (2013) proposes a theoretical proximity between Bakhtin and Maingueneau to consider the categories proposed by these theorists regarding the presence of the concept of discursive genres in Maingueneau's observations.

To Cavalcanti (2013), these coercions allow the genre to be situated in an enunciative space that enables it to gain meaning. Scenography, an interesting concept to think about journalistic categories, is not only the imposition of a single compositional form, but also of speech itself, from the genres' purposes. According to the author, this concept is similar to the notion of style from Bakhtin (2011), whose proposal is to understand that the individual features of a genre allow for the manifestation of an individual expressive style. This proves that a discursive genre has a malleable quality depending on its purpose, assuming style within the relationship with the language code built into scenography.

Through scenography, considering the speech mode and the response the reader wants, a discursive genre constitutes its significance. Marques de Melo's (2010) and Costa's (2010) journalistic categories highlight journalism must be divided into different categories. These categories are based on the function of reading/describing reality, and the proposal of the genre is built in relation to the facts and to the newspaper readers.

2.1 JOURNALISTIC GENRES AND STUDY

The notion of journalistic genres (MARQUES DE MELLO, 2003 apud COSTA, 2010) must be based on the core function of reading or describing reality, taking into consideration the stable parameters that indicate the social interaction agents and the communicative purposes prompted by them. In light of this, the genres can be organized into five journalistic categories: informative, opinionative, interpretative, utilitarian and diversional. Costa (2010) agrees with Marques de Mello (2003 apud COSTA, 2010) when he claims a text unit can have more than one communicational purpose.

The category of informative journalism is based on the triad of objectivity, impartiality and veracity, is built together with the events' progression, and with how the subjects related to the events are presented as they appear in reality. However, this category may create an unwanted dichotomy with opinionative journalism, which is constituted by texts where the points of view of the company, the editorial staff, and other filters that ensure coverage of occurrences merge.

Costa (2010) also defends journalism can be practiced within the interpretative category, which is determined by genres that demand analytical and documental effort to give citizens a more accurate portrayal of events, by understanding, with this feature, the explanatory process. As for the utilitarian and diversional categories, the author proposes the former is established as a form of publicity that aids the consumer and the newspaper as producers of culture, focusing on releasing relevant content to the public; the latter aims to stray away from the communication mode of the former, seeking to make the narrative more attractive and appealing for the reader (WERNECK, 2004, p. 525 apud COSTA, 2010, p. 72).

According to Muggiati et al. (1971 apud COSTA, 2010, p. 72), one must understand diversional journalism as related to *New Journalism* (known in Brazil as Literary Journalism). The author claims the purpose of this category is to enhance the journalistic features by implementing writing modes from literature and fiction. Usually, it comprises genres that narrate life stories or personal essays that emphasize on particular facets of news agents appealing to literary artifices. These characteristics need to be considered when thinking about the discursive constitution of the obituary and how we can analyze it in face of the theoretical concepts of this study.

3 THE OBITUARY GENRE IN BRAZIL

Considering the position of Costa (2010) on the possibility that "a single text unit can have more than one communicative purpose" (COSTA, 2010, p. 43), we intend to introduce the idea that, even though the obituary can move between multiple journalistic categories through the association of enunciative elements, due to its biographical, less "news coverage" scenography, the obituary establishes greater correspondence to the interpretative and utilitarian categories. In it, that some utilization of stylistic features of literary journalism occurs, as it happens in a larger scale in profiles, chronicles and minibiographies, is undeniable.

Nonetheless, before claiming the obituary belongs to this or that journalistic category, or defending it arises from this or that discursive genre, we must observe the genre as an autonomous materiality of speeches, with its own scenography and social function defined through the means that it is discursively related.

From this hypothesis, the initial procedures for this research were applied to analyze all 2,284 obituaries from the Folha de S. Paulo's digital archive. In a quantitative aspect, the purpose of this analysis was to recognize thematic, compositional and stylistic characteristics of the genre, considering data collected regarding the gender (male or female), the age, and the importance in the media of the deceased.

The people whose lives are the source material for obituarists is predominantly male (76% compared to 24% of females) and, within these, 62% had local fame – some media recognition in the place they lived in –, 31% were anonymous and 7% were famous. These data differ the Brazilian obituary from the North American, regarding the thematic, as the latter has the purpose of

publishing obituaries of people of national interest due to media, scientific, cultural importance, or due to the relevance of their social services done in life.

An interesting fact related to the turnover of obituary authors was observed. The number of obituarists grew throughout the years, and this may demonstrate the column was established in the newspaper publishing by preserving the literary style (Figure 1). It is important to highlight the column has always kept a permanent journalist, responsible for writing the largest amount of texts per year.

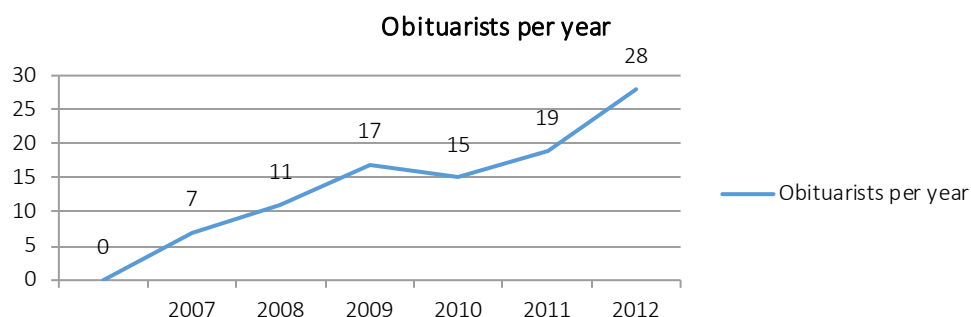


Figure 1: Analysis of obituarist turnover/year.

Source: authors (2017)

The style and composition of the obituary began stabilizing in 2008, when a greater literary style was adopted, and tragic death cases were excluded, focusing on a scenography that establishes an ode to the life of the deceased. In this analysis (Figure 2), we considered as literary characteristics the parsimony of chronological and biographical information of the deceased and utilitarian notes (date of death, cause, location/date/time of burial, and seventh to thirtieth day masses, etc.), in other words, the elements that avoid the construction of an excessively curricular text.

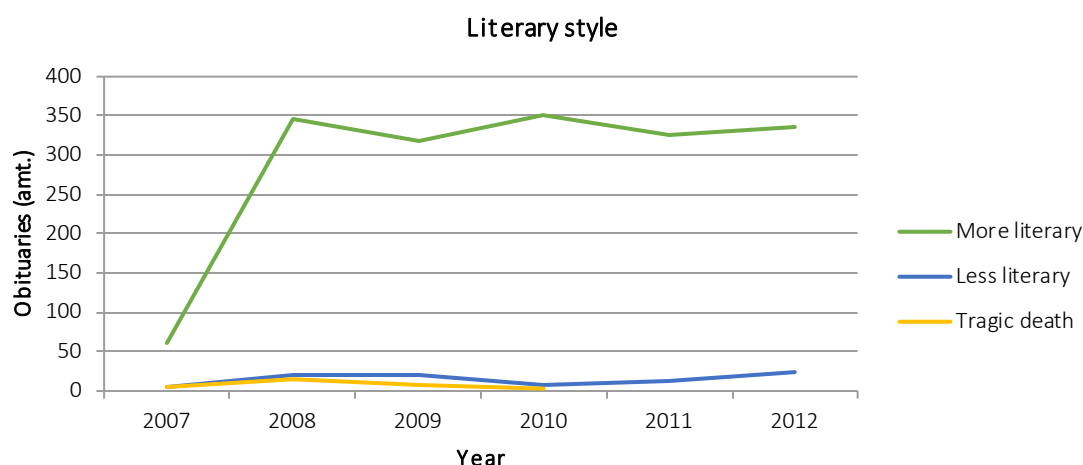


Figure 2: Analysis of literary terms in the obituary genre between 2007-2012.

Source: Authors (2017)

In a way, the literary style contributes to distance the obituary from regular news, without turning it into an expanded notice of demise. In Table 1, we present examples of different genres published in the *Folha de S. Paulo*. In **Notice**, published in November 8th, 2008, we can observe the usage of the biographical element in relation to the death reported in two pages dedicated to actions of the Primeiro Comando da Capital in the city of São Paulo. The *causa mortis*, however, is the main theme of the text, along with a brief biographical note about the life of the soldier shot to death. Two days after the soldier's death, an obituary was published, authored by Estêvão Bertoni.

In **Obituary**, published in November 10th, 2008, also in Table 1, the death – or the person departed – is not the focus of the genre, which makes the life story the central theme, where professional, family and personal information about the deceased are attached, within a celebratory and biographical scenography. The lack of emphasis on the death determines that the style of the obituary is guided more towards the life story than to the information on the death; this last one appears only as a final element of the text. Both examples, when compared, allow us to illustrate the compositional, stylistic and thematic differences in both genres.

Frame 1: Comparison between notice of demise and obituary of Ailton Tadeu Lamas

Notice (08/11/2008)

Soldado morto por ladrões era conhecido como 'parteiro da PM'

DA REPORTAGEM LOCAL

O parteiro da Polícia Militar. Era assim que os outros policiais militares da zona norte de São Paulo conheciam o soldado Ailton Tadeu Lamas, morto a tiros ontem quando tentava prender alguns dos ladrões que roubaram a agência do banco Real do centro de Guarulhos.

Ao longo de 22 anos de carreira na Polícia Militar, Lamas ganhou notoriedade por ter conseguido a incrível marca de auxiliar 14 mulheres a darem à luz em bairros pobres da zona norte, inclusive no Jardim Tremembé, onde ele morreu ontem.

Ailton Lamas virou soldado da PM em 1986 e atualmente estava na 3ª Companhia do 43º Batalhão, responsável pelo atendimento à população de uma área bastante pobre da zona norte —na divisa com Guarulhos.

Em março, quando foi homenageado por conta dos partos que fez, Lamas deu a seguinte declaração ao "Diário Oficial" sobre uma das primeiras ações como parteiro: "Naquele dia ocorreu um acidente terrível

aqui na região e eu estava sozinho. Quando recebi a ligação, corri para o local e consegui ajudar a mulher. O parto foi complicado, pela posição do bebê. Respirei fundo, mas no final deu tudo certo e nasceu um garotão", disse, orgulhoso.

Filhos

Na mesma entrevista, ele lembrou até o endereço da casa do primeiro parto: "Recebemos o chamado do 190 e, quando chegamos à rua Bernardo Fonseca Lobo, na Vila Albertina, no Morro do Piolho, o bebê já estava nascendo. Não tivemos tempo para colocar a mãe na viatura, um Opala, e realizamos o parto na residência. Fiquei nervoso, mas lembrei dos ensinamentos de pronto-socorrismo que recebi no Centro de Formação de Soldados e o bebê nasceu bem".

Por conta do trabalho, ironicamente, Lamas não pôde assistir ao parto dos dois filhos. "Nas vezes em que minha mulher foi para o hospital eu estava de prontidão. Quando chegava lá, meus filhos já haviam nascido", disse o soldado, em março deste ano. (AC)

Obituary (10/11/2008)

AILTON TADEU LAMAS (1964-2008)

O PM parteiro e o pagode em velório

ESTÊVÃO BERTONI
DA REPORTAGEM LOCAL

Houve uma reunião de familiares e amigos naquele agosto de 2003. Partiu do policial militar Ailton Tadeu Lamas a iniciativa de puxar o pagode. Até aí, tudo normal.

De festa, porém, o encontro não tinha nada: era um velório. Um câncer no esôfago havia matado o sogro do policial, aos 62 anos.

Enquanto o corpo era velado, no cemitério da Cantareira, em São Paulo, Ailton juntou alguns amigos, também PMs, e os levou para os fundos do local. Lá, começou a cantoria, para satisfazer um desejo que o próprio sogro havia manifestado.

Era fanático por pagode, fã de grupos como Fundo de Quintal, Exaltasamba e Revelação. Tanto que, na sexta, quando morreu, aos 44, baleado na cabeça após confronto com bandidos que roubaram um banco em Guarulhos, tinha um samba marcado no Cumbuca, boteco que freqüentava no Tre-

membé, zona norte de SP.

No batalhão, além de ter ficado conhecido como o "PM parteiro", por ter ajudado em 14 partos, era também o Caracaça, pelo físico franzino. Para os sobrinhos, era o tio Ito. Na infância, foi o Barata no bairro onde morava.

Antes de entrar para a polícia, há mais de 22 anos, Ailton era encarregado pelos frios num supermercado que já não existe. No trabalho, conheceu a mulher, então repositora de produtos.

No seu velório, não houve pagode, mas a camisa do São Paulo estava sobre o caixão. Apaixonado pelo tricolor, apostava que o time seria campeão brasileiro neste ano. "Já preparava a comemoração", lembra o sobrinho, que quer ser policial.

Ao ser questionada se o pai costumava lhe dar presentes, a filha Aline, 13, respondeu: "Meu presente era ter ele comigo". Ailton deixa viúva e dois filhos. Suas córneas foram retiradas para doação.

obituário@folhasp.com.br

Source: SOLDADO... (2008); Bertoni (2008)

The focus of the text lies in what happened during the individual's lifetime and the interpretation of the facts as they really occurred are important to the genre's construction, since the life story has to maintain a fidelity contract with the "official story" of the deceased, excluding any "intention" of fictional writing.

The scenography of the obituary is constituted, in a simple way, like a casual conversation between friends, a reminder of who was this person, an ephemeral memory preserved in the newspaper. As we can observe, the focus in the deceased's life and the highlight of the personal, professional and family aspects distance the obituary from the notices of demise, in which the compositional and thematic elements have little flexibility. In the Folha's case, the name (in bold type), age, the date of death, remaining relatives and burial site are presented. This can be observed in the column **Mortes** (Deaths) presented below (Figure 3).

MORTES

ADONE FRAGANO (1923-2014)

Viveu cercado por 'italianidades'

DE SÃO PAULO

Adone Fragano era um paulistano que passou a vida cercado por "italianidades". Viajou diversas vezes à terra natal de seus pais a trabalho e era casado com uma filha do "pais da bota" —curiosamente, uma prima.

Maria chegou ao Brasil aos 17 anos para morar na mesma casa do futuro marido, pois suas mães eram irmãs por parte de pai. Casaram-se dois anos depois.

Enquanto construía uma família, Adone dedicou-se ao cinema. Em 1955, criou a Paulistânia Filmes, em socieda-

de com um casal de italianos ligados à cinematografia, produzindo os filmes "O Pão Que o Diabo Amassou" e "Macumba na Alta".

Foi ainda distribuidor de filmes (viajou diversas vezes à Itália para comprar películas) e produtor de cinema —é considerado o primeiro do país. Trabalhou como executivo em empresas como a Paris Filmes até fundar a sua própria, a Olympus Filme, em 1980, no mercado até hoje.

Adone foi responsável por distribuir produções que fizeram grande sucesso no Brasil, caso de "Marcellino Pane e Vino" (1955) e "King Kong"

(1976). Foi premiado diversas vezes como cineasta. Apreciava as obras de Vittorio De Sica e Michelangelo Antonioni. Também demonstrou talento no esporte, colecionando medalhas na esgrima.

Gostava de acompanhar jogos de futebol e tênis e de fazer ginástica e caminhadas. Morreu na segunda (29), aos 91 anos, de falência de múltiplos órgãos. Deixa Maria, dois filhos, cinco netos e uma irmã. A missa do sétimo dia será na terça (6), às 19h, na paróquia São Dimas, na Vila Nova Conceição.

coluna.obituário@uol.com.br

EGBERTO MONTEIRO DE BARROS - Aos 94, em 31 de dezembro. Deixa a mulher Helena, os filhos Helena Maria e Cícero, a nora Ivone e os netos Fernando, Renato e Alice. Cemitério São Paulo.

LUÍZ VALDSTEIN - Aos 81, casado com Raísa Valdstein. Deixa as filhas Sueley, Simone, Paulette, Gisele, o irmão Moyses, netos e bisnetos. Cemitério Israelita do Butantã.

ROSITA KAHN - Aos 72. Deixa os filhos Ranan, Ziva e Itamar, a irmã Amalia e netos. Cemitério Israelita do Butantã.

SABINA FRANKEL - Aos 93, viúva de Binamin Frankel. Deixa os filhos Abrão Elias e Tamara, netos e bisnetos. Cemitério Israelita do Butantã.

76 DIA
ANA LAURA AMARO CARPINELLI AMORIM - Amanhã (3/1), às 9h, na paróquia Nossa Senhora do Rosário de Fátima, av. Dr. Arnaldo, 1.831, Sumaré.

ANTÔNIO ATALLA - Amanhã (3/1), às 11h, na paróquia São Dimas, r. Domingos Fernandes, 588, Vila No-

va Conceição.

CYRO RUBENS SILVEIRA GODOY - Hoje (2/1), às 19h30, na paróquia de Santa Tereza, praça Irmã Maria Clara Neumaier, em São José do Rio Pardo (SP).

DORA MORAES DE OLIVEIRA CARNEIRO - Hoje (2/1), às 18h30, na paróquia Nossa Senhora de Lourdes, alameda dos Piratinins, 679, Planalto Paulista.

ELZA SOARES DE VILHENA MORAES - Hoje (2/1), às 19h30, na paróquia São João de Brito, r. Nebraska, 868, Brooklin.

HED ARRUDA CAMARGO - Amanhã (3/1), às 18h, na paróquia Sagrada Família, r. Padre Rodolfo, 28, Vila Ema, em São José dos Campos.

LAURA FRAGA DE ALMEIDA SAMPAIO - Amanhã (3/1), às 10h45, na capela das Irmãs de São Pedro Fourier, r. Juarez Távora, 335, Morumbi.

1º ANO
WALDEMAR NEDDERMAYER BELFORT MATTOS - Amanhã (3/1), às 18h, na paróquia Assunção de Nos-

sa Senhora, al. Lorena, 665, Jardim Paulista.

SERVIÇO

VOCÊ DEVE PROCURAR O SERVIÇO FUNERÁRIO MUNICIPAL DE SP:
tel. (11) 3247-7000
e 0800-10-9850
fax (11) 3242-1203

Serão solicitados os seguintes documentos do falecido: Cédula de Identidade (RG); Certidão de Nascimento (em caso de menores); Certidão de Casamento.

ANÚNCIO PAGO NA FOLHA:
tel. (11) 3224-4000
segunda à sexta, das 8h às 20h, sábados e domingos, das 9h às 17h.

AVISO GRATUITO NA SEÇÃO:
tel. (11) 3224-3505 ou
(11) 3224-3305

e-mail: necrologia@uol.com.br
até as 15h, ou até as 19h da sexta-feira para publicação aos domingos. Se utilizar o e-mail, coloque um número de telefone para a checagem das informações. Aos domingos, ligue para (11) 3224-3602, das 15h às 18h.

Figure 3: In red, the column of notices of demise next to the obituary, in blue. Both from the section Mortes in the Folha.

Source: VIVEU... (2014)

Therefore, the theme of the obituary is the narrative of important events in an individual's life, whose death has occurred up to thirty days before the text's publishing date. The style is predominantly literary – which makes it lighter, more interesting and casual –, though figures of speech or fictional elements that could compromise the text's meaning within its linguistic aspect of celebrating life are not excessively used. The interpretation and data analysis after the interview with the deceased's relatives are the material to be worked with to reach the final written result. It is important to remember that, currently, the obituary is presented in up to three columns at the end of the page, attached to the section dedicated to notices of demise.

We can observe the obituary is established in the interpretative journalism, which presumes analysis and interpretation of the collected data to be inserted into the text, bringing a scenography from the Literary as related to a lighter writing, with less excessive biographical or news information, which differs it from the news and notices of demise. Furthermore, there is a major confusion between the obituary and the profile, the mini-biography, and the biographical summary, which may compromise the comprehension of the obituary as an autonomous discursive genre.

Both the profile and the biography are part of Literary Journalism, a journalistic current that seeks to break with informative standards, employing a writing style with closer verisimilitude to reality. Although, in the USA, the obituary may have been the outgrowth of this journalistic current since the 1960s, in Brazil, the obituary has closer relation to the informative and utilitarian journalism categories, and may also bring elements and stylistic features from the Literary.

For this reason, considering qualitative analyses, the proposals of Suzuki (2008) and Stefanelli (2013) consider the obituary as an ode to life, a discursive genre connected to death as a human activity, making it the raw material for the construction of meaning.

In André Godim Pereira's obituary (Figure 4), for instance, written by Estêvão Bertoni, we can observe how the selection of important events is inserted in an interpretative way, as a "faithful" portrayal of the deceased's life, with a celebratory tone and without explicit value judgement. With a simple literary projection, the narrative proposes a succession of facts taking place in Godim's daily life. In the text, the focus falls on family and, especially, the passion for computers, which is one of the most remarkable facts about the deceased's life, along with the discovery of his disease.

ANDRÉ GONDIM PEREIRA (1982-2011)

O computador e o transplante

ESTÊVÃO BERTONI
DE SÃO PAULO

O primeiro contato de André Gondim Pereira com um computador foi aos sete anos, quando vivia em Rondônia.

Natural de Campina Grande (PB), o filho de um professor universitário com uma funcionária pública mudou-se para o Norte porque os pais arrumaram emprego por lá.

Aos 13 anos, voltou para sua cidade natal. Como vivia em casa, preso ao oxigênio, passava o tempo todo com os olhos grudados no monitor.

A paixão pelo computador o fez se formar em sistema de

informação e a se tornar o maior tradutor no Brasil do Ubuntu, sistema operacional gratuito baseado em Linux.

Aos 21, mudou-se para Porto Alegre (RS), pelo status da cidade como referência em transplante de pulmão. A mãe, Vânia, conseguiu transferência da Universidade Federal de Campina Grande para a do Rio Grande do Sul.

André recebeu o diagnóstico aos sete anos, na mesma época em que descobriu o computador: nascera com fibrose cística, uma doença genética que ataca os pulmões.

A mãe, durante os tratamentos, jurou fazer de tudo

para ver o filho adolescente e conseguiu. Depois, na festa de 15 anos, prometeu que veria o menino ficar adulto.

Em outubro de 2008, depois de um ano e dez meses na fila, o rapaz conseguiu um transplante. Com uma vida nova, casou-se com uma moça que conheceu na Paraíba, formou-se, trabalhou, passou a cozinhar, viajou para a Europa e até mergulhou no mar.

Era descontraído o tempo todo e nunca se queixava.

Começou, porém, a ter rejeição ao órgão transplantado. Entraria na fila de novo. Morreu na quinta (3), aos 29.

coluna.obituário@uol.com.br

Figure 4: Obituary of André Godim Pereira, authored by Estêvão Bertoni.

Source: Bertoni (2011a)

Considering a taxonomical analysis of the genre, as proposed by Costa (2010), guided by the comparison with the discursive concepts of Bakhtin (2010) and Maingueneau (2013), it is possible – in our understanding – to insert the obituary into the informative and utilitarian journalistic categories, taking into account the concept described by Costa (2010) that journalistic genres have the basic function of reading/describing the reality. The scenography focused on celebrating life and the style of the text turn the genre toward diversional journalism (*literary/New Journalism*) since it proposes stories of human interest and, in a way, also demands skills from interpretative journalism for the production of the text.

The writing process, as informed by Bertoni (*e-mail*⁶), consists of selecting the deceased, collecting data, interviewing the relatives, interpreting the data and the collected elements, and producing the obituary, which takes approximately five hours. This is significantly different from the profile, biographies and North American obituaries (which would require a comprehensive research on the deceased's life related to the deceased).

By using elements that inform the cause of death and the remaining relatives, the Brazilian obituary does not exclude itself from the scope of informative journalism, adopting a slight degree of objectivity in the text narrative. By informing the location of the event, the wake or the Seventh and the Thirtieth Day Masses, it is not only providing service to an audience that is interested in information about the deaths occurred in the period next to the publishing date, but also to the newspaper, as a form of free propaganda that brings in a greater numbers of readers.

The obituary, despite being a delightful story, is different from the profile, as it opts for anonymous or locally recognizable individuals. Furthermore, "being dead" is fundamental to the thematic construction of the genre, after all, as highlighted by Suzuki (2008), the reader, as basis of the dialogical relation of the speech, already knows the ending to this story before he starts reading it.

⁶ In July 2014, we interviewed Estêvão Bertoni, former obituarist at Folha de S. Paulo Newspaper.

The notice of demise can be considered a primary genre with elementary information, since it exclusively states the deceased's age, date of death, the remaining relatives, and the burial, cremation, and wake sites, etc. The obituary, on the other hand, uses elements of the individual's life as a theme, in a conversational style, narrating facts, wishes and personal accomplishments of the deceased, as in the double obituary (more unusual) of Roberto Pires de Jesus and Alex Damaceno de Souza⁷ (Figure 5), also written by Estêvão Bertoni.

ROBERTO PIRES DE JESUS (1975-2011) E ALEX DAMACENO DE SOUZA (1984-2011)

Duas vidas interrompidas na marginal

ESTÊVÃO BERTONI
DE SÃO PAULO

No dia 10 deste mês, Alex Damaceno de Souza, 26, foi contratado pela A Tonanni Construções e Serviços Ltda.

Oito dias depois, Roberto Pires de Jesus, 36, conseguiu na empresa que presta serviço para a Prefeitura de São Paulo o mesmo emprego que ele: ajudante de jardinagem, com um salário de R\$ 610,40.

Alex, filho de pai pedreiro e mãe desempregada, era na-

tural de São Paulo e morava com os pais e um irmão na Freguesia do Ó (zona norte).

Na mesma região vivia Roberto, um baiano de Ilhéus filho de um motorista e de uma dona de casa. Desde que seu barracão pegou fogo há um ano, morava numa casa de um cômodo no Jd. Carumbé, na Brasilândia, com mulher, três filhos, nora e netinha.

Alex, que trabalhara antes montando tubos de papelão, era também pai. Gabriel, o fi-

lho, tem quatro anos. Suspeitava que o segundo, de uma "aventura" recente, estivesse a caminho, conta um irmão.

Roberto conheceu a mulher, Marineide, em Ilhéus, quando ela já tinha um filho. Ex-funcionário de uma loja de ferragens, criou o garoto com se fosse seu. Migrou há 15 anos, e nunca mais voltou à Bahia para rever os pais.

Alex também não via mais um parente: o irmão gêmeo, Alexandro, que cumpre pena

por porte de entorpecentes, foi transferido para o interior.

Extrovertido e alegre, como é descrito pela família, Roberto gostava de funk e reggae. Nos domingos de folga, jogava bola com os amigos.

Alex é visto de forma parecida: um brincalhão que só fazia gracinha. Fã dos rappers Snoop Dogg e Negra Li, adorava andar de bicicleta e ir às peladas no Cingapura.

Nenhum dos dois concluiu os estudos. Ambos tinham

apelidos semelhantes: Roberto era chamado de Nego Le-co ou Negão; Alex de Nego.

O baiano falava em retornar a Ilhéus; o paulistano sonhava em comprar uma casa para mãe e uma motocicleta.

Quando os dois conseguiram emprego (para fazer a limpeza dos canteiros da marginal Pinheiros), mostraram às famílias o uniforme novo, com orgulho. Estavam felizes.

Alex e Roberto se conheceram há pouco e ficaram amigos; viviam contando piada.

Na manhã do sábado (22), dia em que Alex completou 12 dias no serviço, e Roberto,

quatro, a Hilux dirigida em alta velocidade pelo gerente de banco Fernando Mirabelli, 32, arrastou os dois pela marginal. Segundo a polícia, o motorista admitiu ter bebido.

Mirabelli foi solto após pagar fiança de R\$ 50 mil, quantia que cada um dos dois só conseguiria juntar depois de quase sete anos de trabalho.

O pai de Roberto, que nunca tinha vindo a São Paulo visitar o filho, pegou um voo correndo para enterrá-lo. A dupla foi sepultada na segunda-feira, no cemitério da Vila Nova Cachoeirinha, em SP. coluna.obituario@uol.com.br

Figure 5: Obituary of Roberto Pires de Jesus and Alex Damaceno de Souza, authored by Estêvão Bertoni.

Source: Bertoni (2011b)

The obituary is necessarily connected to death as a human activity, as it is the basic condition for the construction of scenography and style as the linguistic code that achieves the life celebration speech. It is through this relationship to the funeral that the obituary is validated and allowed to materialize its content, distancing itself from the profile. In other words, the obituary is restricted to the 'Deaths' section, while the profile is usually seen in the Culture and Diversity sections, in specific situations, profiling individuals with media or practice area recognition.

Another characteristic is the frequency. The obituary is a daily publishing in the Folha and, due to that, has rapidly established itself and earned a captive audience, obtaining, in 2008, its current and more stable format. In addition, data interpretability and the relationship with literary scenography are important to make the text more pleasant, lightening the weight of the news and commonplace tragedies of daily reporting.

⁷ Due to the page layout, we have opted to adapt the text size by dividing it in half. The original is composed by six columns, an unusual size for the Brazilian obituary, which presents, at most, three or four columns.

Vilas Boas (2002, p.93) brings some discussions about the profile genre, establishing it as

[...] a short biographical text [...] published in printed or electronic media, narrating remarkable episodes and circumstances of a famous or non-famous individual's life. These episodes and circumstances are combined, when possible, with opinion pieces, descriptions (of physical spaces, periods, features, behaviors, intimacy, etc.) and profiling from what the character reveals (sometimes without saying).

The profile maintains some similarity to the obituary, since it works within the area of interpretative journalism and proposes to narrate a good life story. It presents short narratives portraying moments of people's lives (VILAS BOAS, 2003 apud COSTA, 2010) and is also a story of human interest. Profiles consist of deeper characterization of an individual, listing more credible descriptions of several categories. In José Wilker's profile (Figure 6), published in newspaper O Estado de São Paulo on April 8th, 2014, we have an example of what can be considered a "biographical profile of the deceased".

PERFIL

Se transformou em artista completo

Transitou com sucesso pelo cinema, teatro e TV; nasceu em Juazeiro do Norte, chegou ao Rio aos 19 anos, na época do Golpe Militar

Luiz Carlos Merten
Roberta Pennafort
Mônica Ciarelli / RIO

Existem atores que se tornam ícones. Hollywood sempre foi pródiga nisso. A rebeldia de Marlon Brando, o rosto esculpido na pedra de John Wayne e Gary Cooper, o sorriso cínico de Clark Gable. São tantos exemplos. José Wilker morreu ontem pela manhã, no Rio. Morreu de enfarte,

durante o sono. Havia ficado até tarde, conversando e rindo com amigos como Ary Fontoura. José Wilker! Pense nele e as imagens virão no seu inconsciente. É o que constrói os ícones, os mitos.

Vadinho em *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, de Bruno Barreto, ao lado de Sônia Braga. Lorde Cigano em *Bye-Bye Brasil*, de Cacá Diegues, ao lado de Betty Faria, a Salomé. Foram muitos trabalhos no cinema, no teatro e na televisão.

Wilker foi melhor ator da Associação Paulista de Críticos de Artes na categoria TV, pela novela *Fera Ferida*. Foi melhor ator no Festival de Gramado como *O Homem da Capa Preta*, de Sérgio Rezende. Criou bordões inesquecíveis – chamava de “pe-

ladinha” a intimidade de *Dona Flor*.

Cearense de Juazeiro do Norte, descobriu o amor à arte pelo rádio. Quando tinha 13 anos, seus pais se mudaram para Pernambuco, onde ele começaria a trabalhar como radiologista e ator. Idealista, e já interessado em política (dizia-se comunista ainda na infância), fazia peças pelo Estado, difundindo as ideias revolucionárias do pedagogo Paulo Freire entre trabalhadores rurais e operários.

Começo. Foi para o Rio aos 19 anos, exatamente há 50 anos, chegando à cidade justamente na época do Golpe Militar de 1964. Na capital fluminense, começou no cinema e no teatro, para depois ir para a TV. Envolveu-se em espetáculos de vanguarda, como *A Ópera dos três vinténs*, de Bertold Brecht, e *O Rei da Vela*, do Grupo Opinião, ambas em 1971, e em montagens do Teatro Ipanema.

Wilker estudou Sociologia na PUC do Rio e norteou suas escolhas iniciais por seu engajamento. Esteve em peças-ícone dos anos 1970, como *Hoje é dia de rock e*

Hair, que discutiam as mudanças na sociedade da época e ecoavam os anseios da juventude do mundo todo por mais liberdade e menos guerras.

Ele trabalhava numa peça de Gil Vicente, no Rio, quando foi intimado a substituir um ator no filme que Cacá Diegues rodava em Diamantina, Minas Gerais. Nem conhecia o diretor, mas foi. O filme era *Xica da Silva*, com Zézé Motta e Walmor Chagas. O cinema já estava em sua vida desde que apareceu, sem crédito, em *A Falecida*, de Leon Hirszman. Fez grandes e pequenos papéis em *El Justiciero*, de Nelson Pereira dos Santos; *Vida Provisória*, de Maurício Gomes Leite; *Os Inconfidentes*, de Joaquim Pedro de Andra-

de. Com Cacá, seguiu fazendo *Bye-Bye Brasil*, *Trem para as Estrelas*, *Dias Melhores Virão*, *O Maior Amor do Mundo*.

Lorde Cigano foi criado pelo diretor, mas o ator somou tanto ao personagem que Cacá hoje diz que houve uma coautoria. *Bye-Bye Brasil* foi um grande êxito, não só no Brasil. E o que dizer de *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, de Bruno Barreto? Até ser destronado por *Tropa de Elite 2*, de José Padilha, foi o maior sucesso de público do cinema no País.

Oscar. Gostava tanto de cinema que virou comentarista do Oscar. Ainda se arriscou como crítico, assinando uma coluna semanal sobre o assunto no *Jornal do Brasil*, e como comentarista em programas na TV a cabo.

Pergunte aos artistas que trabalharam com ele. Todos vão destacar ainda o humor de Wilker. Era autoirônico. Brincava com o próprio ego. Reconhecia dever isso aos grandes atores da chanchada, que foram seus mestres – Oscarito, Grande Otelo, José Lewgoy.



NA WEB

Carreira. Veja galeria de imagens que retratam os trabalhos do artista

estadao.com.br/e/josewilker

Figure 5: José Wilker's profile, published in section Metrôpole of newspaper O Estado de São Paulo.

Source: Marten, Pennafort and Ciarelli (2014)

In this profile, some characteristics deserve highlighting. Firstly, the relationship of the profiled with other great names of cinema along with a general approach about the author's importance and career, with a report tone. Furthermore, the death information, often times disregarded in "conventional" profiles like Talese's or the ones published in Revista Piauí, for example.

[illegible]

Dilma Rousseff
presidente da República
A nomeação de José Wilker não irá apagar a sombra de um grande ator. Soncho, aliado dos antigos bandidos, ambienta-se no sistema por meio de amigos, tendo a capacidade de viver com a sua realidade e o maior desejo que o caracteriza é a boa forma de agir de José Wilker.

Source: Estadão, Metrópole (2014)

From this argument, we defend, by considering the obituary as a variation of the profile, there is 1) a misunderstanding, by not observing it as a discursive genre; 2) a disregard for the nature of such utterance; 3) a neglect of what the reader expects when reading the text; and, mainly, 4) a disfigurement of the theme, composition and styles into which the obituary is inserted.

Forum lingüístic., Florianópolis, v.15, n.2, p.3001-3016, abr./jul. 2018.

case, it is composed of approximately 100 lines, which materializes its interpretative journalism format, with some characteristics from the diversionary/literary.

The speeches involving utilitarian and interpretative journalism are used, aiming for the celebration of life, theme that is built by the obituary. Withman (1971), father of the modern obituary, highlights the obituary is not a biography, an academic essay or a tribute, but an instant portrayal of the subject, or “a quick review of the subject, his conquests, his wealth, his time” which obtains its strength by portraying every human existence with extreme singularity (WITHMAN, 1971 apud SUZUKI, 2008, p. 297).

4 CONCLUSION

This article has analyzed the obituary genre by observing its construction in the newspaper *Folha de S. Paulo*. Considering this, although utilizing death as the text's starting point and working within the area of informative and utilitarian journalism, the obituary also carries some traces of interpretative and literary (diversionary) journalism that allow the reader to immediately read it within the frame of this journalistic category.

The Brazilian obituary is distinguished from speech genres like the profile and the biography, common texts in literary journalism, by presenting the information and *causa mortis* of the notices of demise. The obituary is not built with a narrative as elaborated as the biographies and the profiles⁸, establishing itself in Brazil as a genre that aims for the celebration of the deceased's life, using literary features with parsimony.

Furthermore, the genre cannot be completely distinguished from the category of Literary Journalism (diversionary), since it inserts some narrative features to give extra flavor to a text that, while not utilizing the fictional modes of literary writing or the disruption of standards typical of Literary Journalism, composes a lighter text with a touch of chronicles, allowing the *Folha* reader to have a moment of delight in face of the commonplace and heavy daily news.

By discussing the hypothesis of the obituary being a kind of “deceased's biographical profile”, we verified the obituary's characteristics focus on an individual that are not generally famous in their field of work, or have a certain local recognition; and demands this individual has to be, imperatively, dead. The profile, on the other hand, is not concerned with the “state of existence” of the individual, preferably presenting people with importance in their field, occasional notoriety or great media recognition.

Considering this, we have verified the profile, an exclusively interpretative genre with characteristics veered toward Literary Journalism, seeks living or dead individuals with certain notoriety or occasional fame as raw material, with no distinction between living or dead. Therefore, a text that presents more characteristics describing the person's personality or family can be a profile; when an extended chronology of biographical information is listed along the previous proposal, a biographical profile; and when the two previous proposals are presented when elaborating a text about a dead person, a deceased's biographical profile. Furthermore, profile authors search for people with greater importance or occasional notoriety.

This article also suggests framing the obituary as a variant of the profile assumes a desire to transform the Brazilian obituary into a genre of literary journalism, as established in newspapers such as *The New York Times*, which disregards the conditions of production and elaboration of the genre in Brazil. The production of the Brazilian obituary occurs in approximately five hours, as informed by Bertoni (*e-mail*), and is comprised of the selection of the deceased, biographical research, and the obituary writing.

Therefore, the focus of the genre as produced in Brazil is the celebration of the life of an individual that may or may not have produced something relevant to the group he lived with. It narrates this story in a simple way that, although not close to the Literary Journalism of the profiles and biographies, inserts some features from literature to make the genre lighter and with a less report

⁸ As illustration, we suggest reading the profile written by João Moreira Salles as an example of brilliant, excellent Literary Journalism. The text was published in a special issue of *Revista Piauí* that pays homage to Artur Avila for the conquest of the Fields Award. Cf. João Moreira Salles (2014), ‘Questões da ordem e do caos: Artur tem um problema’, *Piauí*, Edição Especial, ago. 2014, p. 14-21.

aspect. Furthermore, as an informative and utilitarian genre of funereal nature, it not only presents the death information along with the interpretation of the data about the individual's life, but also demands that the individual is deceased, so that the social function of the celebration of life is understood as a whole, and obtains the meaning of a life story that deserves being told.

REFERENCES

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.
- BERTONI, E. Ailton Tadeu Lamas (1964-2008): O PM parteiro e o pagode em velório. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, C4, ano 88, n. 29.076, 10 nov. 2008.
- _____. André Gondim Pereira (1982-2011): O computador e o transplante. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, C6, ano 91, n. 30.171, 10 nov. 2011a.
- _____. Roberto Pires de Jesus (1975-2011) e Alex Damaceno de Souza (1984-2011): Duas vidas interrompidas na marginal. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, C8, ano 91, n. 30.160, 10 out. 2011b.
- CAVALCANTI, J. R. A presença do conceito de gêneros de discurso nas reflexões de D. Maingueneau. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 13, n. 2, p. 429-p.448, maio/ago. 2013.
- CIMMINIELLO, M. C. S.; TAMBELLI, A. L. R. Obituário: um gênero em construção? *Revista Interfaces*, Suzano, ano 4, n. 3, p. 27-32, abr. 2012.
- COSTA, L. A. da. Gêneros jornalísticos. In: MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F. de. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p.43-83.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2013.
- MAROCCO, B. Fragmentos de vidas exemplares, *Revista FAMECOS mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 372-389, maio/ago. 2013.
- MARQUES DE MELO, J. Gêneros jornalísticos: conhecimento brasileiro. In: MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F. de. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.
- MARTINEZ, M. A vida em 20 linhas: obituários e jornalismo literário. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2012, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Editora, 2012.
- _____. Uma questão de estilo: estudos dos obituários da Folha de S. Paulo. *Comunicação & Inovação*, São Caetano do Sul, v. 14, n. 26, p.28-35, jan./jul. 2013.
- _____. A vida em 20 linhas: a representação da morte nas páginas da Folha de S. Paulo. *Intercom, Revista Brasileira de Ciência e Comunicação*, São Paulo, v. 37, p. 71-90, jul./dez. 2014.

MERTEN, L. C.; PENNAFORT, R.; CIARELLI, M. Se transformou em um artista completo. *O Estado de S. Paulo*, Metrópole, A22-A23, ano 135, n. 44.000, 8 abr. 2014.

POSSENTI, S. Notas sobre gênero, uma questão teórica e metodológica, *Revista da ABRALIN*, v. 11, n. 2, p. 173-200, jul./dez. 2012.

SOLDADO morto por ladrões era conhecido como 'parteiro da PM'. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano 1, C2, ano 88, n. 29.074, 8 nov. 2008.

SALLES, J. M. Questões da ordem e do caos: Artur tem um problema. *Piauí*, Edição Especial, p. 14-21, ago. 2014.

SERVA, L. *Um dia, uma vida*. São Paulo: Ed. Três Estrelas, 2015.

SILVA, A. K. dos S. *Obituário contemporâneo: vulgarização ou celebração da vida?*. Brasília/DF2009. 51 f. Monografia (Comunicação Social) – Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas (UniCEUB), Brasília, 2009.

STEFANELLI, R. Obituário é um elogio à vida: Para o diretor de Redação ao contar a trajetória dos que morreram, o DC imagina estar abraçando os familiares. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 13 out. 2013. Disponível em: <<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/diario-da-redacao/noticia/2013/10/obituario-e-um-elogio-a-vida-4299356.html>>. Acesso em: 13 out. 2013.

SUZUKI JR, M. A pauta de Deus. In: _____. *O livro das vidas: obituários no New York Times*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

VILAS BOAS, S. *Biografias & biografos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus, 2002.

VIVEU cercado por "italianidades". *Folha de S. Paulo*. São Paulo: 02 jan. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/01/1569611-adone-fragano-1923-2014---viveu-cercado-por-italianidades.shtml>>. Acesso em: 23 mai. 2018.

WITHMAN, A. The Art of The Obituary. In: _____. *The Obituary Book*. New York: Stein and Day/Publishers, 1971.

Received in March 14, 2017. Approved in September 12, 2017.

DISCURSOS MEDIÁTICOS: O JOGO DISCURSIVO EM FUNCIONAMENTO NO PROCESSO DE VALIDAÇÃO DE MATÉRIAS DE UM JORNAL ON-LINE DO ESTADO DO PARANÁ

DISCURSOS MEDIÁTICOS: EL JUEGO DISCURSIVO EN FUNCIONAMIENTO EN EL
PROCESO DE VALIDACIÓN DE MATERIAS DE UN PERIODO EN LÍNEA DEL ESTADO DEL
PARANÁ

MEDIA DISCOURSES: THE DISCURSIVE GAME IN MONTION IN THE PROCESS OF
VALIDATION OF ARTICLES FROM AN ONLINE NEWSPAPER FROM THE STATE OF PARANÁ

Ednaldo Tartaglia*

Universidade Federal do Amapá

RESUMO: Neste estudo, propôs-se analisar o funcionamento do jogo discursivo no processo de validação de dizeres do jornal on-line Gazeta do Povo. Para isso, tomamos como base teórica e metodológica a Análise do Discurso (AD) francesa, em sua linha pecheutiana. Objetivou-se verificar quais recursos discursivos e textuais foram utilizados na construção da matéria principal "Tudo sobre a greve e a ocupação nas escolas do Paraná" e das matérias secundárias que estão ligadas à principal, as quais conduzem à produção de sentido e à validação dessas matérias. A análise possibilitou colocar em visibilidade um jogo discursivo que foi construído a partir da organização textual e de um movimento discursivo que ora valida os dizeres dos sujeitos jornalistas, ora valida os discursos da equipe de redação, ora valida a própria instituição, Gazeta do Povo.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso midiático. Jogo discursivo. Hipertexto.

RESUMEN: En este estudio, se propuso analizar el funcionamiento del juego discursivo en el proceso de validación de las discursos del diario en línea Gazeta do Povo. Para ello, tomamos como base teórica y metodológica el Análisis del Discurso (AD) francesa, en su línea pecheutiana. Se objetivó verificar qué recursos discursivos y textuales se utilizaron en la construcción de la materia principal "Tudo sobre a greve e a ocupação nas escolas do Paraná" y de las materias secundarias que están ligadas a la principal, las cuales conducen a la producción de sentido y a la validación de esos materiales. El análisis posibilitó poner en visibilidad un juego discursivo que fue construido a partir de la organización textual y de un movimiento discursivo que valida los dichos de los sujetos periodistas, ora valida los discursos del equipo de redacción, ora valida la propia institución, Gazeta do Povo.

* Professor do Curso de Letras Português da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, *Campus Santana*, e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá – PLE/UEM. Integrante dos grupos de estudos: NELAM/UNIFAP, GEF/UEM e GELLSO/UNIR. E-mail: ednaldo.santos@unifap.br.

PALABRAS CLAVE: Discurso mediático. Juego discursivo. Hipertexto.

ABSTRACT: In this study, we analyzed the operation of the discursive game in the validation process of the online newspaper *Gazeta do Povo*. For this, we took as theoretical and methodological basis the French Discourse Analysis (AD), in its pecheutian line. The objective was to verify which discursive and textual resources were used in the construction of the featured article “Tudo sobre a greve e a ocupação nas escolas do Paraná” and the secondary articles that are linked to it, which lead to the production of meaning and the validation of these articles. The analysis allowed us to clarify a discursive game that was constructed from the textual organization and of a discursive movement that sometimes validates the sayings of journalistic subjects, sometimes validates the speeches of the writing team, and validates the institution itself, *Gazeta do Povo*.

KEYWORDS: Mediatic discourse. Discourse game. Hypertext.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente pesquisa é fruto do percurso de análise discursiva iniciado durante as aulas da disciplina de Metodologia de Pesquisa em Análise de Discurso, ministrada pela Professora Dra. Renata Marcelle Lara, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Assim, a partir de um movimento analítico, verificamos o funcionamento do jogo discursivo no processo de validação de dizeres de matérias jornalísticas do jornal on-line *Gazeta do Povo* do estado do Paraná. Elegemos, como materialidades discursivas, a matéria principal intitulada “Tudo sobre a greve e a ocupação nas escolas do Paraná”, em sua versão on-line, publicada no dia 27 de outubro de 2016, bem como as matérias secundárias que estão ligadas à principal.

Com isso, objetivamos verificar o efeito de validação dos dizeres da matéria principal, das matérias secundárias e da própria instituição jornalística, visto que a notícia principal não foi assinada por um jornalista, mas sim, pela redação, colocando em funcionamento um jogo discursivo nos dizeres das matérias do jornal *Gazeta do Povo*.

Para desenvolver nossa análise, tomamos como base os aportes teóricos e metodológicos da Análise do Discurso (AD) francesa, em sua vertente pecheutiana. Mobilizaremos alguns termos conceituais, como as condições de produção, relações de força, memória discursiva, interdiscurso e intradiscurso (PÊCHEUX, 1999, 2014, 2015; ORLANDI, 2015), que quando organizados e inter-relacionados dão possibilidades de compreender o funcionamento do jogo discursivo nas matérias, aqui analisadas.

Na sequência, procuramos especificar melhor a construção textual e discursiva da matéria principal, sua interface com os textos secundários e tecemos o nosso recorte de análise. Posteriormente, sequenciamos o movimento analítico, colocando em visibilidade o jogo discursivo que opera na validação de dizeres do/no jornal *Gazeta do Povo*.

2 DELIMITANDO O RECORTE DE ANÁLISE

Na tentativa de tecer um recorte analítico, mas ao mesmo tempo, iniciando um movimento de análise, trazemos a reflexão de Lara (2016, p. 6) na qual, discutindo a configuração de objetos de pesquisa propriamente discursivos a partir de material de mídia, adverte-se que, em uma determinada pesquisa, “[...] se o referencial teórico é a Análise de Discurso pecheutiana, o objeto de investigação tem que ser, por si só, discursivo [...]”. Nessa perspectiva, assumimos que o nosso objeto de pesquisa se configura como os discursos midiáticos que circularam no jornal *Gazeta do Povo*.

Assim como apresentado anteriormente, selecionamos a matéria jornalística “Tudo sobre a greve e a ocupação nas escolas do Paraná” do jornal *Gazeta do Povo* em sua versão on-line do dia 27 de outubro de 2016, assinado por “Da redação”. Esse texto foi constituído pelo gênero entrevista pingue-pongue e, no caso da presente matéria, a própria redação fez as perguntas e as respondeu.

Observamos que essa matéria possui vários links que direcionam os leitores para outras notícias publicadas anteriormente por esse jornal, também na versão on-line, constituindo, assim, um hipertexto, ou seja, o texto possui um conjunto de nós ligado a outros textos verbais e imagéticos em que se compartilham e complementam informações (LÉVY, 1996; MARCUSCHI, 1999).

Orlandi (2015, p. 38), discorrendo sobre condições de produção discursiva, destaca que no sentido estrito temos o contexto imediato e a respeito do sentido amplo, temos o contexto sócio-histórico, ideológico. Desse modo, elencamos as seguintes condições de produção dessas matérias jornalísticas, que se inscrevem tanto no contexto imediato, quanto no contexto histórico dessas produções discursivas, devido à interface dos fatos locais e nacionais: as ocupações das escolas estaduais paranaenses pelos alunos; a greve dos professores estaduais do Paraná; a aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e de vestibulares afetados pelas greves e ocupações; comprometimento do transporte escolar público; eleições municipais; reforma do Ensino Médio; PEC 241; o comprometimento do ano letivo 2016 e a volta às aulas para o ano de 2017.

Esse era o quadro sócio-histórico-político em que as matérias secundárias e principal do jornal Gazeta do Povo se discursivizavam em 2016. Com isso, percebemos que havia uma grande quantidade de textos noticiosos circulando na página on-line do jornal e que estavam ligados à matéria “Tudo sobre a greve e a ocupação nas escolas do Paraná”.

Assim, fizemos um recorte e selecionamos sequências discursivas da matéria principal, isto é, os trechos “linkados” e os títulos das matérias secundárias (além de observar os dizeres de seus conteúdos) e organizamos a Tabela 1:

Tabela 1: Sequências discursivas

Matéria principal	Matérias secundárias
Trechos linkados	Títulos das notícias dos links
“divergência de informações”	“Governo diz que ocupações encolheram 30%; estudantes contestam”
“estão em greve desde 17 de outubro”	“Professores aprovam greve geral a partir de segunda-feira; governo descontará dias parados”
“volta atrás do governo”	“Governo do Paraná estuda pedir ilegalidade da greve dos professores na Justiça”
“manter a greve no último dia 22 de outubro”	“Por cinco votos e contrariando a APP, professores decidem manter paralisação”
“reforma do ensino médio”	“Novo ensino médio” é contestado por duas ações no STF; entenda o que muda”
“medida provisória”	“ <i>Diário Oficial da união</i> , MEDIDA PROVISÓRIA No - 746, DE 22 DE SETEMBRO DE 2016.”
“contra a PEC 241”	“Planalto faz 359 votos e aprova ‘PEC dos gastos públicos’ na Câmara”
“Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)”	“Vai fazer o Enem? Entenda como você poderá ser afetado pelas ocupações das escolas”
“Veja aqui quais foram as alterações nos locais de votação”	“Locais de votação no Paraná mudam após ocupação de escolas; veja onde você vai votar”

“o vestibular da Universidade Estadual de Maringá (UEM) foi suspenso”	“Vestibular da UEM é suspenso por causa da greve dos servidores”
“diálogo entre as partes é praticamente inexistente”	“Morte torna evidente omissão no impasse das escolas ocupadas no Paraná”
“briga de forças entre os movimentos de ocupação e desocupação”	“159 escolas foram desocupadas no Paraná, afirma Secretaria de Educação”
“ilegalidade da greve”	“Governo do Paraná estuda pedir ilegalidade da greve dos professores na Justiça”
“terminarão o ano letivo em 2016”	“Ano letivo de 2016 das escolas ocupadas só vai terminar em fevereiro, diz o governo”

Fonte: TUDO... (2016)

A respeito das sequências discursivas da Tabela 01, na primeira coluna, selecionamos as palavras “linkadas” da matéria principal e, na coluna ao lado, colocamos respectivamente os títulos dos textos secundários que já estavam circulando na página on-line do jornal Gazeta do Povo. Mediante a esse recorte, é possível, desde já, observar 12 matérias jornalísticas (há dois links direcionados à mesma notícia) e uma Medida Provisória que foram produzidas anteriormente à matéria do dia 27 de outubro de 2016. Com isso, há um levantamento do quadro político local e nacional do ano de 2016, em relação às greves e ocupações.

Sob tal direção, podemos ter uma visão geral de como os discursos foram organizados na construção do hipertexto. As matérias pré-existentes do jornal complementam o texto principal, fazendo um movimento em que o uso do pronome indefinido “tudo”, presente no título da matéria principal, vai se definindo e se complementando conforme o sujeito leitor tem acesso ao conteúdo dos textos secundários.

3 DISCURSOS MIDIÁTICOS: O JOGO DISCURSIVO E A VALIDAÇÃO DE DIZERES

Nesta seção, procuramos pôr em visibilidade o nosso movimento de análise a partir das sequências discursivas demarcadas na Tabela 01 e da estrutura textual da matéria principal. Mobilizamos os termos conceituais de relações de força, intradiscorso, interdiscorso e memória discursiva (PÊCHEUX, 1999, 2014, 2015; ORLANDI, 2015) para este momento da análise, pois acreditamos que eles podem contribuir para compreender o jogo discursivo em funcionamento nas matérias, aqui, analisadas.

Ao pensar discursivamente o texto principal, bem como as palavras que levam às matérias secundárias postadas previamente, consideramos o primeiro como intradiscorso e as matérias secundárias como interdiscorso. Vejamos algumas especificidades teóricas que nos direcionaram a esse entendimento.

Encontramos, em *Semântica e Discurso*, uma discussão de Pêcheux em que o autor define esses dois termos conceituais, isto é, o intradiscorso e o interdiscorso. Vejamos o primeiro: “[...] *intradiscorso*, isto é, o funcionamento do discurso com relação a si mesmo (o que eu digo agora, com relação ao que eu disse antes e ao que eu direi depois; portanto, o conjunto de fenômenos de “co-referência” que garante aquilo que se pode chamar de “fio do discurso”, enquanto discurso de um sujeito” (PÊCHEUX, 2014, p. 153).

Com isso, podemos compreender que os discursos da matéria principal, constituídos também por dizeres das matérias secundárias que foram ditos antes, têm um efeito de intradiscorso, isto é, o discurso relacionado a si mesmo.

A respeito de interdiscurso, Pêcheux (2014, p. 149) propõe delimitá-lo como “todo complexo com dominante’ das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que [...] caracteriza o complexo das formações ideológicas”. Mediante essa discussão, Orlandi (2015, p. 29) compreende o interdiscurso como aquele que “[...] disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada [...]”, pois, como demonstra a autora, é o pré-construído, o já dito em outro lugar e assim possibilita todo dizer. Assim sendo, entende-se que, no processo de significação das matérias jornalísticas do jornal *Gazeta do Povo*, o interdiscurso afeta a produção de sentidos e ao mesmo tempo possibilita a produção de dizeres do texto principal.

Para Pêcheux (2014, p. 146), “[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc. não existe ‘em si mesmo’ [...]”, mas pelo contrário, “[o sentido] é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são (re)produzidas”. Sob tal direção, acreditamos que os termos das matérias secundárias do jornal *Gazeta do Povo*, como por exemplo, as sequências discursivas (ver Tabela 1), a saber: “Governo diz que ocupações encolheram 30%; estudantes contestam”, “Por cinco votos e contrariando a APP, professores decidem manter paralisação” e “Vestibular da UEM é suspenso por causa da greve dos servidores”, têm seus sentidos (re)produzidos por meio dos dizeres dos trechos discursivos “linkados” dentro da matéria principal, respectivamente, “divergência de informações”, “manter a greve no último dia 22 de outubro” e “o vestibular da Universidade Estadual de Maringá (UEM) foi suspenso”.

Diante desses apontamentos realizados, podemos dizer que os discursos das matérias secundárias, presentes na Tabela 1, agindo como interdiscursos, trazem dizeres que produzem sentido no intradiscurso, isto é, na notícia principal, como também podem reforçar o efeito de validação das matérias secundárias, principal e da própria instituição jornalística.

Pêcheux (1999, p. 50), em *Papel da Memória*, adverte sobre o entendimento do conceito de memória para, assim delinear a noção de memória pelo viés discursivo. Ele afirma que a “memória” deve ser entendida, não pelo viés estritamente psicologista da “memória individual”, mas sim “[...] nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador [...]”. Nesses termos, entendemos que a memória discursiva se dá no âmbito coletivo e social, possibilitando o surgimento e o funcionamento dos discursos.

Então, vejamos a definição proposta por Pêcheux acerca da noção de memória discursiva:

[...] a memória como estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização: a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem reestabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição legível em relação ao próprio legível (PECHEUX, 1999, p. 52).

Se a memória discursiva reestabelece os implícitos ou os pré-construídos, destacamos a existência de discursos outros que são retomados no dizer. Assim, retomamos o título da matéria principal “Tudo sobre a greve e a ocupação nas escolas do Paraná”, o pronome “tudo” traz o sentido de totalidade dos acontecimentos em que o estado do Paraná e o Brasil estavam envolvidos naquele período histórico, isto é, no ano de 2016. O sujeito leitor, ao se deparar com a matéria principal, estava diante de discursos restabelecidos, reorganizados por meio de discursos outros, ou seja, de matérias secundárias anteriormente publicadas pelo jornal *Gazeta do Povo*.

Além disso, Pêcheux (1999, p. 52) também chama a atenção para o acontecimento¹, pois este “[...] desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior [...]”, em outras palavras, pode provocar um deslocamento nos espaços da memória.

¹ Michel Pêcheux (2015, p. 16-18), em *O discurso: estrutura ou acontecimento*, entrecruza três caminhos para a análise discursiva: “o [caminho] do acontecimento, o da estrutura e da tensão entre descrição e interpretação”. Com isso, o autor nos conduz ao entendimento que o acontecimento discursivo é resultado do acontecimento histórico que passa ao nível discursivo. Assim, Pêcheux aponta o acontecimento discursivo como o “[...] ponto de encontro de uma atualidade e de uma memória [...]”.

Desse modo, a memória discursiva opera entre um jogo de forças, ora ideológico nos discursos implícitos (já citados, pré-construídos, etc.), ora como forças antagônicas que desestabilizam os já-ditos (com o acontecimento).

Nesse sentido, temos um jogo de forças (des)reguladoras que trabalha, na memória dos sujeitos, para a produção de sentidos. No caso da matéria principal, há um jogo de força, construído pelo hipertexto e pela modalidade textual escolhida pela redação, pingue-pongue, que regula os dizeres do texto principal e estabiliza os já-ditos nas matérias secundárias. É importante ressaltar que as matérias secundárias foram redigidas e assinadas por jornalistas da instituição Gazeta do Povo. Essa retomada de fatos político-históricos anteriores, na matéria que se propõe a dizer “tudo”, constitui um novo acontecimento em que são esclarecidos e retomados dizeres anteriores que, na visão dos editores do jornal, podem ser importantes para os sujeitos leitores.

De acordo com Pêcheux (1999, p. 56), a memória discursiva não poderia ser compreendida “como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório”. Pelo contrário, a memória discursiva é essencialmente um lugar móvel de separação, de conflitos regulatórios, de deslocamentos e de retomadas, de polémicas entre (contra)discursos. Assim, podemos dizer que é na opacidade do não-dito que acontecem os deslocamentos, ou seja, as transformações dos discursos nas redes de memória. Com isso, o autor chama a atenção para o papel da memória que não é a retomada de um grupo de discursos já-ditos (homogêneos), mas um processo, digamos que conflituoso, que ressignifica os dizeres.



Figura 1: Memória discursiva em Pêcheux

Fonte: Tartaglia (2018)

Com os apontamentos supracitados, retomamos a sistematização, na Figura 1, das abordagens de Pêcheux a respeito de memória. Entendemos que a memória discursiva sofre intervenções sócio-histórico-ideológicas, então, compete dizer que existe um discurso outro, pré-construído. No entanto, os discursos são afetados pelo acontecimento discursivo que desloca e desregula os dizeres. Pêcheux (1999, p. 56) salienta: “o fato de que exista assim o outro interno em toda memória é, a meu ver, a marca do real histórico como remissão necessária ao outro exterior, quer dizer, ao real histórico como causa do fato de que nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior”. Com isso, é possível compreender que os discursos já existem e são transpostos ideologicamente, ou seja, assujeitam os indivíduos por uma força exterior (social) constituída historicamente que, com o seu atravessamento, retomada e acontecimento, possibilita a (res)significação, isto é, a produção de sentido.

Em uma análise apressada das matérias principal e secundárias do jornal on-line Gazeta do Povo, poderíamos pensar que a primeira seria uma simples retomada da segunda, no entanto, como vimos anteriormente, a memória discursiva é lugar de conflitos, deslocamentos e retomadas. Movimentos estes que são reconfiguradas pelo acontecimento histórico da matéria principal. Não se trata de uma simples retomada, “Tudo sobre a greve e a ocupação nas escolas do Paraná” traz em seu bojo uma sequência de acontecimentos discursivos que estava presente na memória recente dos sujeitos (ver Tabela 01): divergência de informações entre Governo e estudantes em relação às ocupações; deflagração das greves dos professores; ações do Governo para pressionar a

retomada das aulas pelos professores; greve e ocupações proporcionariam problemas na aplicação do Enem, nas Eleições 2016, e na aplicação de vestibulares de instituições de ensino superior no Paraná; e, por fim, o comprometimento do encerramento do ano letivo de 2016 e início do ano letivo de 2017 das escolas da educação básica paranaense. Esses discursos foram retomados de modo que tivessem um efeito de esclarecimento que se constitui em um acontecimento histórico que passou ao nível do discurso na matéria principal, melhor dizendo, temos um ponto de encontro de uma atualidade e de uma memória (PÊCHEUX, 2015).

A respeito do funcionamento discursivo entre a matéria principal e as matérias secundárias, pensamos na noção de relações de força que, segundo Orlandi (2015, p. 37), determina que “[...] o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz [...]”. Desse modo, podemos pensar que o sujeito repórter, falando a partir da instituição jornalística, terá seu dizer determinado, num jogo de força, pelo jornal *Gazeta do Povo*. Com isso, os discursos dos sujeitos repórteres, que falam de um lugar institucional, podem validar seus próprios dizeres e os da própria instituição, por meio dos links que conduzem a outras notícias que foram ditas em outros momentos pelos jornalistas.

Tudo isso coloca em jogo alguns elementos que constituem a matéria principal, como exemplo, o gênero de entrevista (pingue-pongue), os recursos disponibilizados pelo hipertexto, o sujeito que assina a matéria principal, isto é, não um sujeito jornalista específico, mas a redação, colocando em funcionamento um jogo discursivo que valida a própria instituição *Gazeta do Povo*.

Pêcheux (2014, p. 146-7, grifos do autor) afirma que “[...] as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições [...]”. Desse modo, o jornal *Gazeta do Povo*, com a matéria “Tudo sobre a greve e a ocupação nas escolas do Paraná”, procura sustentar o efeito de sentido de validação de dizeres atuais e anteriores produzidos por seus jornalistas, além da própria instituição jornalística, quando assina a matéria principal como “Da redação”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As materialidades discursivas analisadas na presente pesquisa foram oriundas do jornal on-line *Gazeta do Povo*, se configurando como discursos midiáticos. O texto jornalístico principal, intitulado “Tudo sobre a greve e a ocupação nas escolas do Paraná”, foi publicado em 27 de outubro de 2016. Já as matérias secundárias, foram publicadas anteriormente a essa data. Os discursos inscritos nesses textos jornalísticos colocam em visibilidade um conturbado momento político e histórico, em que o Brasil e o estado do Paraná estavam envolvidos, constituindo, assim, as condições de produção das matérias do jornal *Gazeta do Povo*. Assim, os discursos que circularam nesse também estavam em circulação em outros espaços midiáticos como jornais impressos e televisivos, sites, redes sociais, etc.

Com essas condições de produção, tecemos o nosso trajeto analítico sob as matérias do jornal on-line *Gazeta do Povo*, utilizando como teoria e metodologia a Análise do Discurso (AD) francesa, em seu viés pecheutiano. Nosso movimento de análise sinaliza a existência de um jogo discursivo que valida dizeres desse/nesse jornal. Isso se dá pela estrutura textual e discursiva dos textos jornalísticos.

A respeito da estrutura textual, observamos que a matéria “Tudo sobre a greve e a ocupação nas escolas do Paraná” foi constituída pelo gênero entrevista pingue-pongue, o qual os jornalistas fizeram as perguntas e as responderam, bem como ter sido construída pela estrutura de um hipertexto. Pois bem, gostaríamos de lembrar que essa modalidade de entrevista não é um elemento inovador desenvolvido e utilizado pelo jornal *Gazeta do Povo*, pelo contrário, é um mecanismo comum utilizado pelos setores de Comunicação. No entanto, o que chama a atenção nessa matéria é a sua composição que se dá devido a seu aparecimento e a sua organização mediante os acontecimentos históricos e políticos.

Por fim, o nosso movimento de análise possibilitou pôr em visibilidade um jogo discursivo construído nas materialidades: textos principal e secundários. O percurso analítico demonstra que há um jogo discursivo em funcionamento, por meio da estrutura textual, pela articulação entre passado e presente, além das marcas discursivas presentes nos dizeres da matéria principal, sustentadas pelos links que levam aos textos secundários que ora podem completar os sentidos da matéria principal, ora podem validar os

discursos dos sujeitos repórteres nos textos secundários, bem como inscrevem a instituição jornalística, *Gazeta do Povo*, como espaço legitimado de produção de sentido acerca da política local e nacional.

REFERÊNCIAS

TUDO sobre a greve e a ocupação nas escolas do Paraná. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 out. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/tudo-sobre-a-greve-e-a-ocupacao-nas-escolas-do-parana-b6t39taw4sm8yw0yq4l8q379u>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

LARA, R. M. A configuração de objetos de pesquisa discursivos em material midiático. *Entremeios*, Pouso Alegre, v. 13, jul./dez. 2016, p. 3-14.

LÉVY, P. *O que é virtual*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

MARCUSCHI, L. A. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, n. 3, p. 21-45, 1999.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 12. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* (Org.). *Papel da memória*. Tradução e introdução: José Horta Nunes. Campinas, SP: Ponte, 1999.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni P. Orlandi. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução: Eni P. Orlandi. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

Recebido em 21/07/2017. Aceito em 06/12/2017.

TRADIÇÕES DISCURSIVAS: UMA ÁREA ENTRE O LEGADO COSERIANO E A INOVAÇÃO METODOLÓGICA – REFLEXÕES TEÓRICAS E UMA MICROANÁLISE DAS *CARTAS OFICIAIS NORTE-RIO- GRANDENSES* (1713-1931)

TRADICIONES DISCURSIVAS: UN ÁREA ENTRE EL LEGADO COSERIANO Y LA
INNOVACIÓN METODOLÓGICA – REFLEXIONES TEÓRICAS Y UNA MICROANÁLISIS DE
LAS CARTAS OFICIALES NORTE-RIO-GRANDENSES (1713-1931)

DISCOURSE TRADITIONS: AN AREA BETWEEN THE COSERIAN LEGACY AND THE
METHODOLOGICAL INNOVATION – THEORETICAL REFLECTIONS AND A
MICROANALYSIS OF THE *RIO GRANDE DO NORTE OFFICIAL LETTERS* (1713-1931)

Felipe Morais de Melo*

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Maria Hozanete Alves de Lima**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: Este trabalho reflete acerca das Tradições Discursivas (TD). Demonstra-se como um campo de investigação que prima por estudar as mais variadas representações do discurso pelo eixo diacrônico e que, portanto, sempre lida com o mecanismo dinâmico entre permanência e mudança dessas formas pragmático-discursivas, vem se conformando num processo semelhante frente às ideias coserianas. Analisam-se alguns de seus traços a fim de refletir sobre as inovações aportadas pelas TD, concluindo, contudo, que suas contribuições advêm, inicialmente, de sua proposta metodológica e não propriamente de sua abordagem teórica, calcada em várias premissas já desenvolvidas por Coseriu (2007). A pesquisa finaliza com a aplicação de algumas das achegas das TD a quatro cartas retiradas de um *corpus* diacrônico (1713-1931), resultando em uma satisfatória compreensão para o termo “cartas oficiais” e uma peculiar descrição das quatro cartas selecionadas.

PALAVRAS-CHAVE: Tradições discursivas. Pensamento coseriano. Permanência e mudança. Cartas oficiais.

* Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com estágio doutoral na Universidad Autónoma de Querétaro (UAQ), México. E-mail: felipemorais_m@yahoo.com.br.

** Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRN, Doutora pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e pós-doutora em Linguística pelo Institut des Textes et Manuscrits Modernes (ITEM/ENS/CNRS), França. E-mail: hozanetelima@gmail.com.

RESUMEN: Este trabajo reflexiona acerca de las Tradiciones Discursivas (TD). Se demuestra como un campo de análisis que privilegia el examen de variadas representaciones del discurso por el eje diacrónico y que, por ende, siempre lidia con el mecanismo dinámico entre permanencia y cambio, se desarrolla, él mismo, por un proceso similar frente a las ideas coserianas. Se analizan algunos de sus rasgos a fin de plantear las innovaciones legadas por las TD. Esta investigación concluye que su aporte resulta inicialmente de su planteamiento metodológico y no de su modelo teórico, basado sobre premisas ya desarrolladas por Coseriu (2007). Este artículo finaliza, a modo de ilustración, con la aplicación de algunos conceptos de las TD a cuatro cartas sacadas de un *corpus* diacrónico (1713-1931). A través del análisis, se llega a una interesante comprensión para el término “cartas oficiales” y a una peculiar descripción de las cuatro cartas mencionadas.

PALABRAS CLAVE: Tradiciones discursivas. Ideas coserianas. Permanencia y cambio. Cartas oficiales.

ABSTRACT: This study aims to reflect on Discourse Traditions (DT). We demonstrated how a field of research that is concerned with different discourse representations through the diachronic axis and therefore that always deals with the dynamic mechanism between permanence and change of those pragmatic-discursive forms has been itself formed by a similar process before Coserian ideas. This work examines some of their traits and reflects on the innovations brought by DT and concludes that their contribution stems initially from their methodological arrangement and not from their theoretical model, which were primarily based on premises already developed by Coseriu (2007). Finally, we analyzed, according to DT principles, four letters taken out from a diachronic corpus (1713-1931) resulting in an interesting comprehension of what the term “official letters” means, besides a peculiar description of the aforementioned letters.

KEYWORDS: Discourse Traditions. Coserian ideas. Permanence and change. Official letters.

1 INTRODUÇÃO

Hace quinientos años, el jefe de un hexágono superior dio con un libro tan confuso como los otros, pero que tenía casi dos hojas de líneas homogéneas. Mostró su hallazgo a un descifrador ambulante, que le dijo que estaban redactadas en portugués; otros le dijeron que en yiddish. Antes de un siglo pudo establecerse el idioma: un dialecto samoyedo-lituano del guaraní, con inflexiones de árabe clásico. También se descifró el contenido: nociones de análisis combinatorio, ilustradas por ejemplos de variaciones con repetición ilimitada. Esos ejemplos permitieron que un bibliotecario de genio descubriera la ley fundamental de la Biblioteca. Este pensador observó que todos los libros, por diversos que sean, constan de elementos iguales: el espacio, el punto, la coma, las veintidós letras del alfabeto. También alegó un hecho que todos los viajeros han confirmado: *No hay, en la Biblioteca, dos libros idénticos*. De esas premisas incontrovertibles dedujo que la Biblioteca es total y que sus anaqueles todas las combinaciones de los veintitantos símbolos ortográficos (número, aunque vastísimo, no infinito) o sea todo lo que es dable expresar: en todos los idiomas (BORGES, 2009, p. 561).

Confundem-se os idiomas porque, apesar das diferenças, algo há assentado de comum. E se nada há, de fato, há, de direito, pelos modelos arquivados mentalmente, que nos fazem reconhecer – com ou sem razão – algo que já não é, porque mudou. Até conteúdos, enfim, decifram-se. Porque há essa lei fundamental da Biblioteca – recordando o início do conto de que provem nossa epígrafe borginiana: “El universo (que otros llaman la Biblioteca)” – a de que, apesar de suas particularidades, de suas mudanças, os livros apresentam elementos em comum, frutos de uma tradição. Apesar de não haver na Biblioteca dois livros idênticos, todos são idênticos. Assim também nós, humanos, variantes e tradicionais sobre a esteira da vida. E, porquanto somos seres de língua, germinalmente criativos, essa comunhão entre padrão/alteração revela-se em excelência. Assim a língua se faz; assim fazem-se os textos. O novo chega com a história e com ela, um quê a mais, quase paronímico: historicidade – em apalpação¹.

¹ Certamente o novo também revela a historicidade, seja positivamente, quando deixa transparecer, mesmo que apenas por resquícios, algum modelo anterior; seja negativamente, por ser o oposto do que foi (ou simplesmente não ser como) determinado padrão (entenda-se agora padrão linguístico e textual, para se começar a entrar mais diretamente nas questões da língua, prestando os justos agradecimentos à prosa filosófica de Borges). Esta concepção de historicidade condiz com a encontrada em Schlieben-Lange (1993, 19), que a compreende como repetição/ atualização de uma tradição. Essa leitura de historicidade é apenas uma dentre as

Este trabalho desenvolve-se atravessado por este signo, como são todos os signos, de dupla face: o da permanência-continuidade (cada face significativa para a outra, significado). Na primeira seção do trabalho, tecemos alguns breves comentários sobre dois campos de investigação filiados à Linguística Histórica, o das Tradições Discursivas (doravante TD²) e o da Variação e Mudança. Na segunda seção, apresentamos uma longa reflexão sobre a base epistemológica coseriana presente nas TD, seguida de uma breve exposição – sempre que necessário, acrescida de uma reflexão teórica – sobre as principais características dessa nova área dos estudos diacrônicos. No terceiro momento, realizamos uma amostra de análise com base nas TD sobre um *corpus* de quatro cartas oficiais do século XVIII ao XX produzidas no Rio Grande do Norte.

2 TRADIÇÃO E VARIAÇÃO NA LINGUÍSTICA HISTÓRICA

A Linguística Histórica é o grande campo dos estudos da linguagem que trata de estudar as mudanças por que passa, com o transcurso do tempo, a língua em seus mais diversos níveis de análise. Mattos e Silva (2008) distingue uma linguística histórica no *sentido lato* e outra em *stricto sensu*. A primeira corresponde a qualquer tipo de linguística que trabalha com *corpora* datados e localizados, a segunda, apenas com dados provenientes de sincronias passadas. Esta última, a linguística histórica *stricto sensu*, por sua vez, ainda se subdivide, para a autora, em uma linguística histórica de caráter sócio-histórico, por considerar fatores extralinguísticos na análise de fenômenos da língua; e uma linguística diacrônica, que possui uma natureza associal, considerando, sobretudo, os fatores imanentes à estrutura, isto é, os intralinguísticos (MATTOS E SILVA, 2008, p. 10). Tanto os estudos promovidos pelas TD quanto os da Teoria da Variação e Mudança, apesar de todas as especificidades que possuem, enquadram-se na linguística histórica no sentido estrito e do tipo sócio-histórico, por, cada qual a seu modo, considerarem os fatores extralinguísticos como integrativos à compreensão dos fenômenos da língua e textuais (neste último caso, especificamente para as TDs).

Essa definição de Linguística Histórica é uma conceituação tradicional que normalmente predomina nos estudos linguísticos. Coseriu (1979a, p. 235-8) – linguista que, por suas reflexões, pode ser considerado, se não um filósofo da linguagem, um grande pensador da língua, da linguagem e da linguística – nota que são a linguística descritiva e a linguística histórica³ que, juntas, representam a linguística histórica, pois a língua só pode e deve ser considerada em sua solidariedade sincrônica, como dizia Saussure (1959, p. 157), se por sincronia se entende o processo de sincronização que se dá entre a historicidade da língua com a historicidade do homem⁴ (ver nota 1). E o sistema – que dentro da linha de abordagem científico-metodológica de Saussure⁵ – existe apenas na sincronia, pode e deve ser concebido na história, esteira de sistematizações.

três propostas por Coseriu, de acordo com Kabatek (2005). Segundo o autor, Coseriu entende historicidade como: 1º o uso de uma língua histórica, instrumento de socialização humana e de alteridade, transmitida de modo espiritual, para retomar a citação de Wartburg e Ulmann (1975, p. 206), “A raça é um conceito das ciências naturais. A língua, ao contrário, se transmite de modo espiritual; 2º as manifestações culturais que se repetem, a exemplo das linguísticas (linguísticas no sentido *lato*, isto é, não somente estruturais: textuais, discursivas, semânticas, estilísticas); 3º a situacionalidade do texto num momento único e irrepetível da história, o que torna qualquer texto (mesmo textos de enunciados idênticos) único, individual. Acreditamos, contudo, que, por meio de um nível maior de abstração, podemos entender que, em todos os casos, existe, se não repetição, relação com uma tradição – neste caso, claramente, não apenas linguística. No primeiro caso, repete-se o papel tradicional de alteração que a língua possui, papel atualizado toda vez em que a língua é posta em uso: é uma tradição de interação que a língua apresenta. No terceiro caso, repete-se o caráter de locação física e temporal (histórica, portanto) do texto, na medida em que todo texto sempre vai nascer de uma enunciação singular: é uma tradição cronotópica (leia-se etimologicamente: de tempo e espaço) de produção da língua. Ademais, todas as três historicidades existem em função do texto (no caso da segunda, não unicamente do texto, pois refere-se à repetição das manifestações culturais em geral, dentre as quais, como já dito, a linguística), que, por seu turno, sempre vai estar atrelado, positiva ou negativamente, a uma tradição, de forma que vemos cabível interpretar, por meio dessa estratégia de abstração, historicidade como vinculação a uma tradição, em sentido *lato*, como foi tentado mostrar. Daí, mudando a ordem dos fatores sem comprometer o produto, podemos usar o próprio Coseriu (1979a, p. 64) – “[...] a historicidade do homem coincide com a historicidade da linguagem” – para validar esse denominador comum de repetição/tradição que vemos na historicidade: a historicidade da linguagem coincide com a historicidade do homem.

² TD abreviando tanto Tradições Discursivas quanto Tradição Discursiva.

³ Coseriu (1979a) prefere esses termos aos de “linguística sincrônica” e “linguística diacrônica”, por considerá-los falhos, uma vez que obliteram a sincronia necessariamente implicada na diacronia e vice-versa. A história da língua comporta, assim, seus estágios sincrônicos.

⁴ Nesse sentido, provavelmente uma afirmação como a de Saussure (1959, p. 157), “[...] *sincronía y diacronía designarán respectivamente un estado de lengua y una fase de evolución*”, poderia ter sido redimensionada por Coseriu em um enunciado do tipo *sincronia designa um estado da língua em evolução*.

⁵ Destaque-se o qualificativo “metodológico”, posto que, diante do assombroso montante de escritos deixados por Saussure sobre os mais variados temas e do cisma que ele criou nos estudos da linguagem, é mais prudente pensar que as ideias que nos chegaram pelo Curso de Linguística Geral revelam seu recorte metodológico para uma ciência que ele estava delineando e, não necessariamente, seu horizonte de elucubrações sobre a linguagem. Destarte, é lícito pensar que ponderações

Essas considerações validam-se, dentro do corpo geral deste trabalho, na medida em que dialogam nitidamente com a Teoria da Variação e Mudança – representada precipuamente pelo clássico de 1968 de Weinreich, Herzog e Labov, *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* –, que encara o processo de mudança sob a égide do sistema (uma inovação nos estudos da linguagem), de uma sistematização estrutural da variabilidade, e não mais sob o arrimo da aleatoriedade ou como fruto de degenerescência; e com a teoria das TD – retratada, a título de um modelo para este artigo, pela conferência de Kabatek, de 2006, *Tradições discursivas e mudança linguística* –, para a qual a mudança da língua passa pelo filtro também da mudança/ da história dos textos, todos eles, língua e texto, em constante marcha de tradição e atualização em suas realizações.

Além disso, o diálogo se estende, mesmo que com suas particularidades bem marcadas, no que concerne ao trato com a história, patente em Coseriu (1979a), que pode ser, por exemplo, associado ao papel que as variáveis independentes extralinguísticas apresentam na Teoria da Variação e Mudança (com toda a ressalva necessária, principalmente em se considerando a forte condição estruturalista da obra em questão e que subjaz em toda a sociolinguística laboviana) e, para dar apenas um exemplo mais concreto (isso porque, no caso das TD, a história tem potencial para atuar em todas as dimensões de análise) ao papel primordial – o de evocarem as tradições discursivas – que possuem as situações de comunicação⁶. Dessa forma, portanto, ambas as correntes da Linguística Histórica comungam com Coseriu a opinião de que “a língua muda para continuar funcionando como tal” (COSERIU, 1979a, p. 31), seja por meio da *adoção* (p. 72) de novas estruturas para suprir determinada (nova) função linguística, seja pela adoção (gestação) de uma nova tradição discursiva para simbolizar (pois signo) dada (nova) constelação.

3 TD: UMA TRADIÇÃO SOB BASE COSERIANA

Em várias das obras de Coseriu (1977, 1979a, 1979b, 1980a, 1980, 2007), está manifesta a filiação epistemológica de linguagem do linguista romeno⁷ à concepção de linguagem legada por Humboldt, segundo a qual, linguagem não é somente *ἔργον* (produto, o que está acabado), senão *ἐνέργεια* (atividade, o que está em construção). O caráter de atividade (*ἐνέργεια*) de Humboldt vai além, pois não acarreta apenas a noção de algo que está em desenvolvimento, mas representa a ideia de “atividade criadora”, superando, portanto, a natureza de *δύναμις* (potencial, a técnica aprendida historicamente) que a linguagem igualmente possui, isto é, a linguagem é uma manifestação criativa do espírito (e de espírito criativo) que, exatamente por ser criativa, vai além de sua própria potencialidade de funcionamento. Para Coseriu, *ἔργον*, *ἐνέργεια* e *δύναμις* são três pontos de vista a partir dos quais se pode compreender a linguagem.

Coseriu opta, então, por conceber a linguagem – portanto a língua, uma vez que “[...] el lenguaje se presenta siempre como lengua” (COSERIU, 1977, p. 23) – como *ἐνέργεια* ou, dizendo de outra maneira, a linguagem deve ser encarada desde o ponto de vista da *ἐνέργεια*. Além dessa base epistemológica de cunho humboldtiano, há outra, igualmente difundida em, pelo menos, todas as obras acima referidas e nascida de seu próprio engenho, que é a de que “[...] a linguagem é uma atividade humana *universal* que se realiza *individualmente*, mas sempre segundo técnicas *historicamente* determinadas” (COSERIU, 1980b, p. 91). Dessa sua asserção, ele

menos delimitadas acerca da relação existente entre sincronia e diacronia tenham figurado na cabeça do autor. A leitura de seus manuscritos pode nos dar exemplos que fundamentem essa nossa percepção.

⁶ Kabatek (2006, p. 511) diz que as tradições discursivas são evocadas por constelações discursivas. Não é exata a correspondência entre o termo “constelação discursiva” e “situação de comunicação”, mas é, ao menos, possível, principalmente nos textos orais. Isso se evidencia, por exemplo, no esquema de evocação (a ser retratado mais à frente neste trabalho) que Kabatek aduz, em que encontramos a vinculação “situação 1” – “texto 1”. Numa nota, contudo, o romanista alemão, referindo-se a essa ligação, faz a seguinte advertência: “[...] não queremos defender uma definição monocausal e puramente situacional das TD; mas achamos que uma relação – não necessária, mas possível – é evidente”. Exemplos de textos que não são evocados por situações de comunicação são, por exemplo, a maioria dos textos escritos que, como mostra Schlieben-Lange (1993, p. 30), foram sendo condicionados historicamente a construir “seus contextos nos próprios textos”, a fim de se imporem “contra a norma da fala dependente de tempo, lugar e pessoa”. Esses textos, explica Kabatek (2006, p. 512), “criam a sua própria constelação discursiva”.

⁷ Vamos tratá-lo como linguista romeno em razão de sua língua materna ser o romeno e por assim tradicionalmente ele ser referido na literatura linguística. Vale notar, contudo, que Coseriu nasceu na Maldivia ou Moldova, país que faz fronteira com a Ucrânia e com a Romênia.

propõe “[...] la distinción entre hablar em general, lengua y texto” (COSERIU, 1977, p. 242), pertencendo o “falar em geral” ao nível universal da linguagem⁸ (porque todo humano que vive em sociedade – mesmo que essa sociedade seja apenas mais outro indivíduo – fala); a língua, ao nível histórico da linguagem (pois quem fala, fala sempre um idioma, isto é, fala sempre conforme determinadas técnicas historicamente estabelecidas); o texto ou discurso, ao nível individual da linguagem (pois a língua só se expressa, só se consoma quando algum falante dela faz uso, quando se produz um texto, quando se realiza um discurso). Cruzando os pontos de vista com os níveis, chegamos à seguinte tabela, extraída de Coseriu (1980b):

Tabela 1: Pontos de vista e níveis da linguagem para Coseriu (1980b)

pontos de vista níveis	ἐνέργεια (atividade)	δύναμις (saber)	ἔργον (produto)
nível universal	falar em geral	saber elocucional	totalidade do “falado”
nível histórico	língua concreta	saber idiomático	(língua abstrata)
nível individual	discurso	saber expressivo	“texto”

Fonte: Coseriu (1980b, p. 93)

O que nos importa particularmente nesta Tabela 1 é a segunda coluna, a que vê a linguagem como atividade, sobre o que já tratamos acima. Na terceira, temos os saberes (as potencialidades) relacionados a cada nível: o saber elocucional é o saber falar, como atividade universal humana; saber idiomático é o domínio de (uma) língua; e o saber expressivo é a habilidade de saber se expressar adequadamente às situações de comunicação. Na última coluna, temos os produtos: o produto do nível universal é o conjunto de tudo falado pela humanidade; o produto do nível histórico é o sistema abstrato da língua, numa perspectiva saussuriana de sistema; e o produto do nível individual são os textos concretamente produzidos.

Por fim, para encerrarmos esse inventário de embasamentos epistêmicos recorrentes na obra de Coseriu, notamos seu especial interesse pelo nível individual, pelo texto, na medida em que nesse nível há a incorporação e, mais do que isso, há a concretização dos outros dois níveis, o universal e o histórico, e, ainda mais além, há a superação dos demais. Antes de finalizarmos o desenvolvimento dessa ideia, vejamos outras duas tabelas extraídas de Coseriu (2007):

Tabela 2: Funções e domínios semânticos relacionados aos três produtos (ἔργον) da linguagem, segundo Coseriu (2007)

realidade extralinguística	função designativa	designação
língua	↑ função idiomática ↑	significado
texto	função textual	sentido

Fonte: Coseriu (2007, p. 152)

⁸ Várias são as técnicas universais que podem ser estudadas. Coseriu (2007, p. 147), por exemplo, menciona a categoria universal de “agente”, que pode ser expressa no nível dos idiomas, por funções sintáticas como a de genitivo, agentivo ou de sujeito. Brigitte Schlieben-Lange (1993, p. 20) realiza uma interessante abstração de modo a sintetizar as técnicas universais a duas, quais sejam: a do referir e a do alterar. Estratégias dêiticas e de reflexividade podem ser enquadradas como de referenciação ao passo que a interpelação e a ênfase podem ser postas dentro das estratégias de alterização.

Tabela 3: Graus de saber e valoração associados aos três níveis da linguagem, conforme Coseriu (2007)

nível	graus do saber	valoração
geral	elocucional	congruente
histórico	idiomático	correto/exemplar
textual	expressivo	adequado

Fonte: Coseriu (2007, p. 141)

As três dimensões na horizontal continuam representando (de cima para baixo, respectivamente) os níveis universal, histórico e individual da língua⁹. Na Tabela 2, temos, na segunda coluna, as funções atreladas a cada nível e, na terceira, os domínios semânticos associados aos mencionados níveis: no nível universal, a semântica configura-se designação; no nível histórico, significado; no individual, sentido. Na Tabela 3, temos a valoração análoga a cada nível: no nível universal, fala-se em congruência ou não congruência da linguagem (que, claro nos parece, se junte à designação); no nível histórico, em usos corretos ou exemplares da língua (também diretamente ligado ao campo semântico, que, nesse nível, é o do significado)¹⁰; e, no nível individual, fala-se em usos adequados (coligado ao sentido).

Retornando à atenção peculiar dada por Coseriu ao nível do texto, encontramos, já em sua obra de 1977 (anterior à sua *Linguística del texto*, cuja primeira edição data de 1980), a compreensão de que os níveis semânticos de *designação* e de *significado*, juntos, “se convierten en *signatia*, es decir, en <<significantes>> para um determinado sentido”¹¹ (1977, p. 254). Isso delineia um signo linguístico, do qual fazem parte a *designação* junto ao *significado* como significante e o *sentido* como significado (no sentido saussuriano). Com isso, Coseriu deixa nítida sua percepção de que, mesmo sendo o nível menor, é no nível individual que se define a semântica do signo. As regras do nível individual superam e mesmo podem dissidir das regras dos outros dois níveis, que são hierarquicamente superiores¹², mas que dependem integralmente da realização do texto. Essa transgressão potencial não se dá apenas do nível individual aos seus anteriores, mas também do histórico ao universal. Ou seja, quanto menos abstrato se torna o nível, quando mais particular ele for, mais independente ele se faz.

Como exemplo dessa emancipação de regras que vai se constatando à medida que se particularizam os níveis da linguagem, Coseriu (2007, p. 145) dá o exemplo da frase “eu vi com meus próprios olhos” que – em não havendo outro modo racional de ver senão com os próprios olhos – fere uma regra de *congruência* da linguagem, sendo, contudo, permissível (pois tem *significado*) em várias línguas, como no português, no alemão e no espanhol. Do mesmo modo, um texto como *Finnegans wake*, de James Joyce, tendo sido escrito em inglês, quebra as técnicas de funcionamento histórico da língua inglesa, na medida em que usa várias outras técnicas historicamente determinadas sobre a do inglês. Ou ainda o exemplo de um texto que quebra com a congruência, como é o caso da

⁹ Língua, nesse caso, representando linguagem, conforme Coseriu (1977, p. 23). A língua, consoante essa visão coseriana, é a expressão central da linguagem, pois é a mais básica, sem a qual o homem não pode viver em comunidade, e a mais generalizada dentre todos os outros tipos de linguagem.

¹⁰ Pode-se pensar que o nível de valoração correspondente ao “correto ou exemplar” diga respeito ao que foge à gramática, ao que não está correto segundo dado padrão prescritivo ou sistemático da língua. Não acreditamos, contudo, que seja esse o domínio de valoração do nível histórico, mas sim, o domínio do significado por causa da própria noção de “norma”, trazida por Coseriu, que se junta à de sistema (e à de tipo, que, por ora, não será discutida aqui). Se dentro de um sistema (como o da língua portuguesa), sempre existem diferentes modos normais (todos eles, evidentemente, funcionais) de realização (COSERIU, 1980b, p. 122) desse sistema (o falar caipira paulista e o falar de Lisboa, por exemplo), não se pode pensar em correção ou exemplaridade como o contrário a “desvios” de um sistema homogêneo, pelo simples fato de que, dentro do molde coseriano de língua, todo sistema é um diassistema, na medida em que sempre encerra várias normas. Desse modo “para mim fazer o dever” não sofre interdição valorativa, mas “para fazer o eu dever” sim, já que compromete o significado, não estando de acordo, portanto, com o correto e exemplar da língua.

¹¹ O texto do qual essa citação foi retirada, *La <<situación>> en la lingüística*, foi publicado, primeiramente, em inglês, no ano de 1971, conforme Coseriu (1977, p. 256).

¹² Quicá melhor fosse tratar os níveis universal e histórico não como superiores, mas como anteriores, posto que superioridade não parece condizer com dependência que, na realidade, é o que existe, de um ponto de vista de concretude linguística, entre os dois níveis e o individual: aqueles dependem destes para se realizarem concretamente. Por outro lado, naturalmente, de um ponto de vista de uma hierarquização teórica, o nível individual depende do histórico e do universal para existir, mesmo sem ter de se sujeitar totalmente às regras desses níveis.

Metamorfose, de Kafka, em que um homem se transforma num inseto gigante. Nesse caso, contudo, o sentido se legaliza por se inteirar ao *universo de discurso*¹³ da literatura. Vemos, então, como a função textual, por meio do estabelecimento de *sentido* (dimensão semântica do nível individual), pode violar tanto o *significado* de uma língua (caso de Joyce, rompendo com a função idiomática) quanto a *congruência* do falar em geral (em Kafka, infringindo a função designativa).

Assim, encontramos essa preocupação de Coseriu com o texto (e com a fala, conforme se expôs na nota 11) quando ele aventa as questões da determinação e do entorno (1979b, originalmente escrita em 1955)¹⁴, do sistema, da norma e do falar concreto (1979b; 1980b), da elaboração de uma linguística do texto (1977, originalmente escrita em 1971 – veja-se nota 9), cujo desenvolvimento se substancia quando produz sua *Linguística do texto* (2007, com primeira versão em 1980). Todas essas preocupações vão se encaminhando para a criação de uma “linguística del texto propiamente dicha”, linguística que “se refiere, por supuesto, al plano del texto y, en consecuencia, al *sentido*” (COSERIU, 1977, p. 253)¹⁵. Daí sua obra de 2007 chamar-se *Linguística del texto: Introducción a la hermenéutica del sentido*, ou seja, o propósito dessa linguística textual coseriana é o de interpretar (daí a proposta de uma hermenêutica) o *sentido*, essa categoria semântica do nível individual.

É, pois, sobre essa base epistemológica que perfaz muitas das obras de Coseriu (o entendimento da língua[gem] como ἐνέργεια, os três níveis da linguagem e a linguística do texto como uma linguística do sentido) que se firmam as TD¹⁶. Vejamos agora por qual meio se demarcaram, sobre essa base coseriana, as TD como área de estudo dentro da Linguística Histórica.

Kabatek (2006, p. 507) aponta um livro de 1983 de Brigitte Schlieben-Lange¹⁷ como o gérmen do que viriam a se tornar as TD. Schlieben-Lange foi aluna de Coseriu e combinou aspectos da Pragmática e da Sociolinguística com as teorias do linguista romeno, propondo uma *Pragmática histórica*, termo que ainda hoje serve, senão popularmente para nomear, para descrever o que os estudos em TD fazem: uma pragmática histórica.

Koch (1997, p. 3) comenta que o livro está centrado nos aspectos de oralidade e escrituralidade, estando dedicado um capítulo, o 4, às “regras da conversação” (condizente com o ponto de vista universal do falar); o 5, à “história das línguas particulares” (respeito ao nível histórico das línguas); e o 6, à “História das tradições textuais”. É com esse nível, afirma Koch, que trabalham os pesquisadores das TD, para os quais era necessária uma bifurcação no nível histórico originalmente proposto por Coseriu. Dessa maneira, gerou-se o seguinte modelo:

¹³ *Universo do discurso* é uma das quatro grandes divisões que Coseriu (1979b, p. 229) define para *entorno*, um dos componentes matrizes (ao lado apenas da *determinação*) para um estudo da fala (fala, inequívoco está, integrando o nível individual de texto). A *determinação* denota o papel de atualizar, através da enunciação (produção concreta de enunciados, de textos), um arsenal de signos que, sem o texto, permanecem em virtualidade, isso dentro de um jogo sintagmático de relações entre signos. O *entorno* expande a expressividade do texto por meio de elementos próprios da circunstância da fala, como movimentos e expressões faciais. Técnicas do *entorno* sempre complementam e podem mesmo substituir certas estratégias da *determinação*. Portanto, a *determinação* “assegura simplesmente o emprego da língua: a integração linguística entre um conhecer atual e um saber anterior” (COSERIU, 1979b, p. 227) e o *entorno* representa as “circunstâncias do falar” (1979b, p. 228). O *universo do discurso*, como uma das faces do *entorno*, é “o sistema universal de significações a que pertence um discurso (ou um enunciado) e que determina sua validade e seu sentido” (1979b, p. 234). Pode-se falar em universo discursivo da medicina, da informática, da química etc.

¹⁴ Muito curioso notar que Fávero e Koch (1994, p. 11) apontam exatamente Coseriu como o fundador do termo *linguística textual* em seu artigo “Determinação e entorno: dois problemas duma linguística do falar”, publicado pela primeira vez em espanhol na revista alemã *Romanistisches Jahrbuch*, em 1955. As autoras fazem a ressalva de que “[...] no sentido que lhe é atualmente atribuído, tenhasido empregado pela primeira vez por Weinrich (1966, 1967)”. Coseriu, em seu afamado texto, já defende que, em se aceitando a tripartição da linguagem em três níveis ou, como ele diz, da atividade linguística em três pontos de vista, a linguística do texto é a linguística do falar no nível particular e que podia ser exemplificada pela “estilística da fala” (COSERIU, 1979b, p. 214). Vemos que já existe em Coseriu a inquietação diante do nível individual, condensado no artigo (exatamente por sua temática e não, parece-nos óbvio, por considerar apenas a fala como representante desse nível) à modalidade da fala. É dessa inquietação que vão se desenvolvendo suas reflexões até chegar a definir a linguística do texto como linguística do *sentido*.

¹⁵ Coseriu (2007, p. 156) reitera, tornando ainda mais direta e estreita a aproximação, a relação entre uma linguística do texto e o estudo do sentido: “[...] la linguística del texto, o, más exactamente, lo que se ha denominado aquí ‘verdadera’ y ‘propia’ linguística del texto, es una *linguística del sentido*”.

¹⁶ Aparentemente não cabe tomar a compreensão coseriana de linguística do texto como linguística do *sentido* como base para as TD, uma vez que o *sentido* de Coseriu está no nível individual ao passo que as TD residem num dos lados do nível histórico bipartido. Questionaremos isso mais adiante no corpo do texto. Por enquanto, deixamos esses três verdades coserianas como a base para as TD.

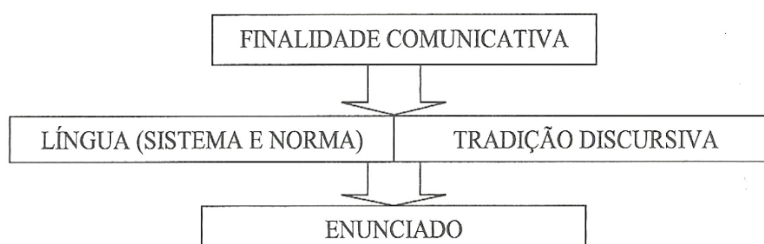
¹⁷ O livro, segundo Koch (1997, p. 3), é *Traditionen des Sprechens* (Tradições do falar).

Tabela 4: Esquema proposto por Koch (1997) para a bifurcação do nível histórico coseriano

Nível	Campo	tipo de norma	tipo de regras
Universal	atividade de falar		regras do <i>falar</i>
Histórico	línguas particulares	normas da língua	regras da <i>língua particular</i>
Histórico	tradição discursiva	normas discursivas	regras discursivas
individual/atual	Discurso		

Fonte: Koch (1997, p. 3)

Essa bifurcação é basilar para as TD porque inaugura um nível de linguagem, até então não *formalmente* demarcado, que vai servir como âmbito do qual provêm os dados a serem investigados. É criado, então, um novo nível de análise. A Tabela 4 acima pode induzir à interpretação de que o nível das línguas particulares antecede ao das TD. O próprio Koch (1997, p. 3, grifo nosso) repara que “*transversalmente* às tradições e normas intralinguísticas, devem ser colocadas também as tradições textuais ou – como as denomino – as tradições discursivas ou normas discursivas”. Desse modo, talvez esteja mais esclarecedor o esquema encontrado em Kabatek (2006, p. 508), reproduzido na Figura 1 abaixo:



Esq. 1.: Tradições discursivas

Figura 1: Esquema proposto por Kabatek (2006) para a bifurcação do nível histórico coseriano

Fonte: Kabatek (2006, p. 508)

Pelo filtro das TD, passam “[...] gêneros textuais, gêneros literários, estilos, gêneros retóricos, formas conversacionais, atos de fala, etc. como, por exemplo, a bula, o soneto, o maneirismo, o discurso cerimonial, o *talkshow*, o juramento de fidelidade do vassalo ao suserano, etc.” (KOCH, 1997, p. 3).

Essas tradições discursivas não dependem necessariamente das línguas históricas, já que podem ocorrer em diversas línguas, obedecendo, contudo, às mesmas regras tradicionais de seu tipo de texto. Um soneto, por exemplo, segue a mesma métrica, o mesmo esquema rítmico, a mesma distribuição de estrofes e o mesmo número de versos em qualquer língua em que se apresente, porque a tradição que ele segue não é linguística, mas textual.

Para Kabatek (2006), o traço definidor das TD é o da repetição. Não obstante, nem toda repetição se configura como TD, na medida em que uma TD tem de possuir valor de signo, ou seja, tem de representar algo que lhe é exterior, simbolizando-o. Para desenvolver a noção de repetição, Kabatek (2006) traz a de evocação. Uma TD repete-se quando é evocada por uma mesma constelação discursiva, que pode equivaler, mas não se restringe a, uma situação de comunicação, razão pela qual o próprio Kabatek (2006) utiliza o termo “situação” em seu esquema, reproduzido a seguir:

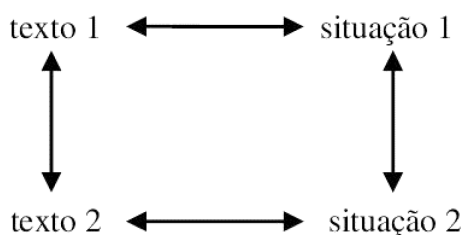


Figura 2: Esquema de Kabatek (2006) para a noção de evocação.

Fonte: Kabatek (2006, p. 511)

Vemos, no esquema da Figura 2, que uma situação¹⁸ 1 evoca a produção de um texto 1. Para usarmos um exemplo de Kabatek (2006), a situação de um encontro na rua evoca a enunciação de um cumprimento (o texto). Toda vez que essa constelação discursiva ocorrer, essa mesma tradição discursiva será evocada. Uma situação diferente, como a de se ver um parente próximo chorando, pode evocar um questionamento para se descobrir a causa do choro. Não entendemos, contudo, como uma situação 1 está necessariamente relacionada (é essa a leitura que, a nosso ver, promove o esquema) à situação 2 e, por conseguinte, seus correspondentes textos associados entre si. Podemos aventar que é, inclusive, possível haver tal correspondência. Uma situação 2, por exemplo, sair da casa de alguém, evoca um texto 2, igualmente um cumprimento, uma despedida. Nesse caso, podemos traçar um paralelo entre a situação 1 e 2 e, em consequência, os correlativos textos 1 e 2, pois há uma simetria entre tais situações e seus textos. Vemos, entretanto, que a existência de um paralelo entre situações distintas e seus respectivos textos evocados não é necessária nem sequer é a realidade mais comum nesse movimento discursivo de evocação.

No Brasil, provavelmente o conceito de TD mais referenciado é o de Kabatek (2006, p. 512). Ele define as TD como “[...] a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto, é significável)”. Isso mostra o amplo domínio de estudos das TD: desde um ato de fala (de questionar, por exemplo), passando por um gênero (um requerimento, *e.g.*) até uma esfera mais abstrata, como é a do estilo (o estilo amoroso, *e.g.*).

Seguindo as ideias de Koch (1997), importa notar que as TD fazem parte de tradições culturais, nunca nascem do nada – “nunca surgem *ex nihilo*” (KOCH, 1997, p. 17) – e sempre estão numa dinâmica entre conservadorismo e inovação. Koch toma emprestado um plano de representação de Strube que usamos para comentar esses outros atributos das TD.

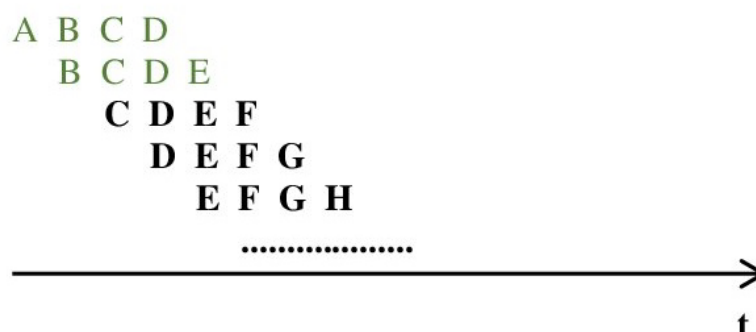


Figura 3: Esquema de identidade diacrônica de Strube

Fonte: Koch (1997)

Por meio do esquema da Figura 3, percebe-se que a tradição ABCD legou três de seus traços, BCD, para a seguinte. Ou seja, BCDE passou por um processo de inovação, trazendo um elemento novo, desconhecido de sua tradição anterior, o E, mas preservou três

¹⁸ Essa situação é a constelação discursiva. Veja-se a nota 6.

que revelam seu conservadorismo. Com o passar do tempo (t), chegamos à tradição EFGH que, após várias inovações recebidas ao longo da história, não mantém sequer um elemento de sua tradição original, ABCD. Vê-se, afora isso, que as tradições não nasceram do nada, mas vieram sempre de uma anterior. No caso da primeira delas, caso não tenha vindo de outra tradição discursiva, surgiu, certamente, de alguma tradição cultural, afinal, uma TD, como já dito, é uma tradição cultural.

Uma das vertentes de estudo das TD é a que trabalha com as noções de oralidade e de escrituralidade. Koch e Oesterreicher (2007, p. 21) apresentam uma diferenciação entre meio de realização de um texto, que pode ser fônico ou gráfico, e concepção textual, que pode ser falada ou escrita¹⁹. Um texto, portanto, pode ter 1º) meio gráfico com uma concepção de língua falada, *e.g.*, um bilhete escrito por uma criança; 2º) meio gráfico com uma concepção de língua escrita, *e.g.*, uma tese de doutorado; 3º) meio fônico com concepção de língua falada, *e.g.*, uma conversa de rua; 4º) meio fônico com concepção de língua escrita, *e.g.*, um discurso. Ao passo que os meios são dicotômicos (se um meio é escrito, não costuma ser fônico)²⁰, as concepções formam um *continuum* que vai do mais falado ao mais escrito. A concepção escrita da língua está relacionada ao conceito de distância comunicativa e o conceito de fala, ao de proximidade.

Na medida em que a concepção, diferentemente do meio, efetua-se por uma gradação, para se verificar se dado texto expressa, comunicativamente, proximidade ou distância, Koch e Oesterreicher (2007, p. 26) indicam 10 condições comunicativas, a saber: a) grau de publicidade (quanto maior o número de interlocutores, maior a proximidade); b) grau de familiaridade comunicativa (quanto maior a intimidade entre os interlocutores, maior o grau de proximidade); c) grau de implicação emocional (quanto mais emoção existente no texto, maior o grau de proximidade); d) grau de ancoragem na situação de comunicação (quanto mais dependentes forem os atos de fala da situação de comunicação, maior a proximidade); e) campo referencial (quanto maior a dependência da dêixis pessoa-lugar-tempo, maior o grau de proximidade); f) proximidade física dos interlocutores (quanto mais próximos, menor o grau de distância comunicativa); g) grau de cooperação (quanto mais o interlocutor puder interferir no texto, maior a proximidade existente); h) grau de dialogicidade (quanto maiores as chances de o interlocutor dialogar com o locutor, maior a concepção de proximidade); i) grau de espontaneidade (maior a espontaneidade, maior a proximidade conceitual); e, por fim, j) grau de fixação temática (quanto mais uniforme for o tema tratado na interlocução, maior o grau de distância comunicativa). Desse modo, uma tabela que representa os parâmetros das condições comunicativas de uma carta pessoal em comparação aos de um sermão evidenciam grandes diferenças:

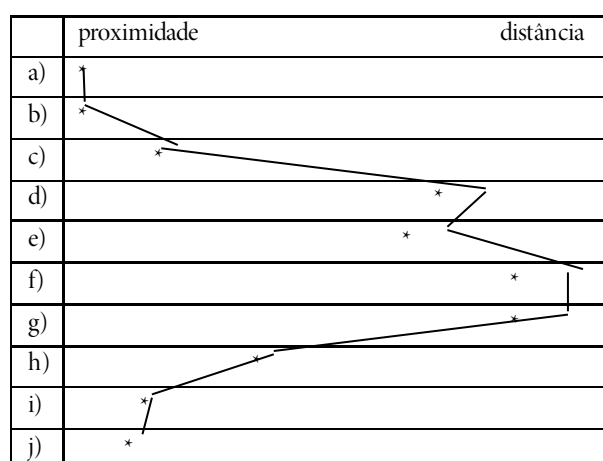


Figura 4: Valores paramétricos comunicativos da carta privada

Fonte: Koch e Oesterreicher (2007, p. 28)

¹⁹ Nessa página 21, Koch e Oesterreicher mencionam Söll (1985) como a fonte de onde retiraram essa diferenciação, não havendo, entretanto, nenhuma citação direta do referido autor (Ludwig Söll).

²⁰ Os novos veículos de comunicação digital, como o *whatsapp*, rompem barreiras que costumam separar o gráfico do fônico.

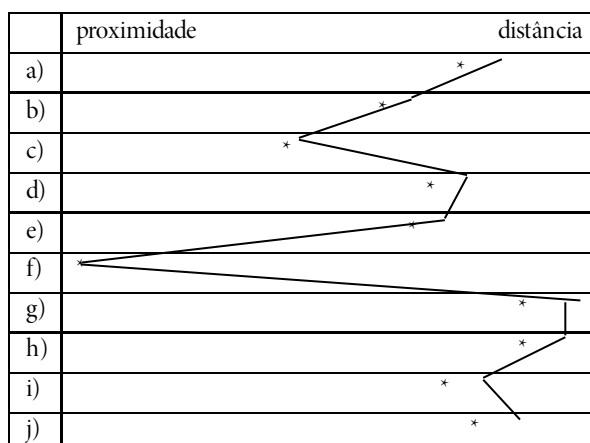


Figura 5: Valores paramétricos comunicativos do sermão

Fonte: Koch e Oesterreicher (2007, p. 28)

As Figuras 4 e 5 acima mostram como, numa carta pessoal, a maior parte das condições comunicativas situam-se mais à esquerda, ou seja, mais próximas da concepção de proximidade (*immediatez*) que, como já dito, está relacionado à concepção de oralidade, apesar de seu meio de produção ser o gráfico. No caso do sermão, ocorre exatamente o inverso: a maioria das condições está localizada próxima à margem direita, que representa a concepção de distância comunicativa, apesar do meio de produção ser o oral. Isso demonstra como não há uma relação indispensável entre os textos realizados na modalidade oral (meio fônico) e a concepção oral e os textos produzidos na modalidade escrita (meio gráfico) e a concepção escrita de comunicação. Ademais, o meio de produção típico de um determinado gênero e sua concepção comunicativa preponderante resultam da tradição discursiva de formação desse gênero.

Finalizamos esta seção de reflexões sobre as TD retornando a um termo que, propositalmente, destacamos em *itálico* nalgum ponto acima e que tem a ver com a própria gênese dos estudos de TD conforme a conhecemos hoje: a bifurcação do nível histórico proposto por Coseriu para gerar um domínio a que as TD possam pertencer. Dissemos acima que essa bifurcação inaugurou um nível de análise ainda não estabelecido *formalmente*. Antes de defendermos essa restrição modal que incutimos ao não estabelecimento de um nível de análise para as TD, citamos algumas passagens de Coseriu (2007), em sua *Linguística del texto*:

a) Hay una serie de motivos que se oponen a la consideración del texto como un hecho dependiente por completo de una lengua histórica (COSERIU, 2007, p. 132);

b) Los textos no se rigen en todo momento por las reglas de una lengua. Las desviaciones respecto de las reglas idiomáticas son siempre posibles; y lo que es más importante, no se interpretan como tales, sino que resultan del todo aceptables si están motivadas por la configuración del texto o por alguna función textual. Se trata de un fenómeno general que podría formularse como sigue: *las reglas del nivel de las lenguas pueden quedarse en suspenso en el texto, es decir, pueden dejar de aplicarse por la configuración tradicional del texto o por alguna motivación que se encuentra en el texto mismo* (COSERIU, 2007, p. 133, *itálico nosso*);

c) Los textos tienen también sus tradiciones particulares, independientes de las lenguas. Se puede hablar de tradiciones textuales en un doble sentido: [...] [a] En el caso de *textos incorporados a la tradición lingüística misma*” (COSERIU, 2007, p. 138), que designam “las fórmulas fijas de interpelación, saludo y otras fórmulas análogas” (COSERIU, 2007, p. 133);

d) En el caso de ciertos textos incorporados a la tradición lingüística misma, pero aun mucho más en el caso de los *textos supraidiomáticos*, lo que importa no es su existencia o no, sino, más allá de esto, las modalidades de su configuración. En el caso de los textos supraidiomáticos, entre los que se encuentran, por ejemplo, los géneros literarios, debería resultar evidente que existe una

configuración tradicional enteramente independiente de la tradición del hablar según una técnica transmitida históricamente (= independientes de las lenguas históricas) (COSERIU, 2007, p. 138-9).

Diante desses excertos, juntamos um de Koch: “[...] precisamos, complementarmente ao modelo dos três níveis de Coseriu, de mais um tipo de tradição do falar, dado historicamente, mas não pertencente à língua particular” (KOCH, 1997, p. 13). Acreditamos que o fato de Coseriu, na maioria de suas obras, sinalizar para a correspondência entre o nível individual da linguagem e o termo “texto” (e provavelmente seu grande interesse pela fala, que está, inclusive, ligada ao momento no qual ele “cunha” o termo “linguística do texto” – ver nota 5) leve à suposta ideia de que “texto” representa apenas o “individual” como produto de uma única pessoa (uma obra única, um discurso particular). As citações acima (com ênfase para as duas últimas, que, a nosso ver, esclarecem e permitem um redimensionamento da leitura do termo “texto” nas duas primeiras) parecem deixar notório que o texto localiza-se no nível individual, não por ser necessariamente apenas produto de um indivíduo (como, que fique patente, pode perfeitamente ser, como no caso de *Finnegans wake*), senão por ser um produto concreto, por ser um texto, e o único nível, dentre os três propostos por Coseriu, que trabalha com realizações concretas é o nível individual.

A descrição que Coseriu faz dos *textos incorporados a la tradición lingüística misma*, a exemplo das saudações, corresponde exatamente às fórmulas conversacionais citadas por Koch (1997, p. 3) para exemplificar as TD. No que tange aos *textos supraidiomáticos*, ilustrados por Coseriu pelos gêneros literários (novamente outro exemplo de TD dado por Koch), fica manifesto que “texto” não indica apenas o “discurso individual”, mas também os textos, na mesma acepção com que as TD entendem “texto” (atos de fala, expressões, gêneros etc.) quando propõem uma “história dos textos”.

Por isso, segundo nossa compreensão, é necessário entender bem o termo “texto” – se não em toda a literatura coseriana, certamente em sua *Linguística del texto* – para que ele seja interpretado como uma terminologia que contempla tanto a noção de discurso individual quanto a de tradições textuais. Destarte, o “texto” de Coseriu parece ser, *mutatis mutandis*, uma categórica apresentação (para não dizermos conceituação) do que são as TD dentro da perspectiva dos romanistas alemães atuais: Kabatek, Koch e Oesterreicher²¹. Desse modo, entendemos que as TD já estão, sim, inclusas no modelo de linguagem de Coseriu, não, porém, no nível histórico, como propôs Koch (1997) e se aceitou nos estudos das TD, mas no nível individual de linguagem.

Pode-se também, a favor dessa nossa interpretação, trazer o fato de, em sua obra de 1983 – segundo comentário de Koch (1997) –, Schlieben-Lange apresentar em sequência e nesta ordem, um capítulo tratando do nível universal coseriano (“regras da conversação”); um, de seu nível histórico (“história das línguas particulares”); e o último, sobre a “história da tradição dos textos”. Não estaria, esse capítulo (que traz, segundo Koch, o novo nível com o qual trabalham as TD), seguindo a ordem da tripartição da atividade da linguagem de Coseriu que a autora parecia estar seguindo, ilustrando, portanto, o nível individual, o nível *do texto*, que integra a tripartição coseriana? Acreditamos que sim por, pelo menos, duas razões: 1º Schlieben-Lange era aluna de Coseriu e usou de suas teorias para formular sua proposta de *Pragmática histórica*; 2º O livro *Linguística del texto* teve sua primeira edição, em alemão, no ano de 1980, isto é, três anos antes da autora lançar suas *Tradições do falar*. É bastante provável que a linguista não só tenha lido a obra de seu mestre como tenha compreendido, como nós, que o nível individual de Coseriu atinge também as tradições textuais, o que nos parece estar muito claro quando se leem – e ela, muito provavelmente, leu –, por exemplo, citações como as quatro acima aduzidas. Isso, contudo, são só conjecturas.

Essas considerações, no entanto, de modo algum revelam nossa discordância pela bifurcação efetuada por Koch. Pelo contrário, acreditamos que, *metodologicamente*, categorizar as TD dentro do nível histórico torna a proposta atual das TD, a de ser “um verdadeiro elo de ligação entre a história interna e a história externa de uma língua” (SIMÕES, 2007, p. 140), muito mais clara. Para isso, fazia-se imprescindível bifurcá-lo, haja vista a distinção notoriamente necessária entre língua e texto numa perspectiva de investigação científica (talvez exatamente por isso Coseriu tenha posto as TD dentro do nível individual, uma vez que o histórico estava preocupado com as questões da língua). Essa reorganização da base sobre a qual as TD se encontram é, a nosso ver, o começo

²¹ Não incluímos Brigitte-Lange dentro desses “romanistas alemães atuais” por não termos tido acesso à sua obra de 1983 em que trata da história dos textos, por não encontrarmos, em sua obra de 1993, nenhuma menção que se refira diretamente à ideia de tradição textual patente nos estudos de TD e também por ela já ter falecido no ano 2000.

de um caminho para a construção de uma metodologia própria que consolide as TD como uma área bem estruturada dentro dos estudos da linguagem. Parece-nos pertinente a citação de Simões (2007, p. 151):

Alguns críticos do modelo podem até afirmar que a adoção do termo TD seria equivalente a atribuir uma perspectiva diacrônica aos modelos de Linguística Textual. Muitas destas críticas referem-se ao fato de que o modelo de TD ainda não desenvolveu uma metodologia clara, dotada de instrumentos e conceitos claramente definidos e que tomou de empréstimo a terminologia específica de outras correntes de análise, como os modelos teóricos da Gramaticalização, da Análise do Discurso, ou até mesmo da Análise da Conversação. Talvez a crítica seja procedente e resta aos defensores do modelo explicitar os seus instrumentos de análise, dispondo-os com a terminologia adequada.

Pelo que percebemos, a tradição de Coseriu está muito presente em toda a base das TD, de modo que, no que respeita à elaboração teórica, aparentemente não há alguma proposição originária, própria do campo das TD. A estratégia da bifurcação do nível histórico, como tentamos mostrar, apesar de interessante, não representa uma grande contribuição/ inovação funcional para os estudos diacrônicos na medida em que já existe espaço na própria divisão clássica de Coseriu para o estudo de tradições textuais. Provavelmente, daqui a alguns anos, o modelo das TD obtenha, como mencionou Simões (2007) uma metodologia, instrumentos e conceitos peculiares desenvolvidos e, assim, vá estabelecer sua tradição, que já começa a se construir, dentro dos estudos linguísticos. Duas notáveis contribuições parece-nos ter sido dada pelos estudos das TD: 1º) usar critérios textuais bastante rigorosos para a construção de corpora diacrônicos mais cientificamente organizados, logo, menos propensos a gerarem distorções de análise; 2º) promover reflexões sobre o papel das tradições discursivas no processo de mudança da língua, ampliando os horizontes para se construir uma história da língua mais exata.

4 TD: AMOSTRAGENS, HIPÓTESES E ANÁLISES DE CARTAS OFICIAIS

Nesta última seção, faremos uma pequena análise em que serão aplicados alguns dos conceitos advindos das TD e debatidos ao longo deste trabalho a uma mostra de quatro cartas oficiais que integram um *corpus* diacrônico denominado *Cartas oficiais noroeste-grandenses*, composto por cartas redigidas entre 1713 e 1931 no seio da administração pública e que tratam de questões atinentes ao Rio Grande do Norte. Por meio dessa microanálise, queremos dar um exemplo do potencial que essa área de estudos da Linguística Histórica oferece para a compreensão de fenômenos linguísticos vistos pelo eixo diacrônico.

Melo (2012) desenvolveu um *corpus* composto por cartas oficiais que circularam no Rio Grande do Norte da primeira metade do século XVIII à primeira do século XX. Ele seguiu os critérios de transcrição usados pelo Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB)²² e atingiu a meta de 5.000 palavras para cada metade de século. Para esta breve análise, escolhemos uma carta oficial para a primeira metade de cada século: uma da primeira metade do século XVIII, uma da primeira do XIX e uma da primeira metade do século XX. Seleccionamos, ainda, uma carta oficial problematizadora da segunda metade do século XVIII. Como nosso intuito é o de tecer algumas reflexões sobre a macroestrutura dessas cartas oficiais em diálogo com o que foi discutido anteriormente, iremos trabalhar apenas com os protocolos inicial e final, conforme Belloto (2002, p. 39-40), como categoria de análise.

TEXTO 1 – CARTA OFICIAL DE 1713

<[*inint.*]> Senhor || Foi VMagestade servido ordenarme por carta | de coatro de fevereiro deste anno, de [*inint.*] a rezão | que tinha para paçar patentes de algus' postos | de melisia equais erão, provimento dos ofi- | cios de justiça e fazenda, e cartas de datas de terras | de ssimaria, por conta que deu a VMagestade o governador de | Pernambuco Fellix Joseph Machado [...] A Real Pessoae |

²²O texto de base são as *Normas para transcrição de documentos manuscritos para a história do português no Brasil* (MATTOS ESILVA, 2001, p. 553), a partir do qual foi criada uma versão levemente atualizada, enviada para todos os coordenadores dos projetos PHPB locais filiados ao nacional e repassados para seus membros.

VMagestade guarde Deos como todos seus vassallos | avemos mister, Cidade do natal 3 de Agosto | de 1713 || Salvador [Alvs.] da Silva

TEXTO 2 – CARTA OFICIAL DE 1833

<Nº 453> Tendo de semedirem, eaforem as Marinhas d'esta Provincia | na compreensão de quinze braças de fundo, contadas dos lu | gares onde chegar a preamar em toda a Costa Rios, e Lagos, | onde entra a maré, como determinão as Instruções de 14 | de Novembro de 1831: resolveo o Conselho d'este Governo; q' se | officiásse às Camaras, [...] Deus Guarde á V. *Senhorias* Palacio do Governo na Cidade | do Natal 22 de Maio de 1833 || Manoel Lôbo de Miranda *Henriques* || *Senhores* Presidente, e Vereadores da Camara | Municipal d'esta Cidade do Natal.

TEXTO 3 – CARTA OFICIAL DE 1930

Nº 6. || Prefeitura Municipal de Curraes | Novos, 15 de Março de 1930. || Ex.^{mo} Dr. Presidente do Estado_ || Em resposta á Circular nº 3733, de V. | *Excelencia*, hoje recebida, tenho a hon- | ra de informar que no dia 1º de | Janeiro do corrente anno cumpri | fielmente o disposto no Art. 51 da | Organização Municipal, prestando | á Intendencia deste Municipal | as contas da Prefeitura. || Renovo a V. *Excelencia* os meus cor- | deaes protestos de muita estima | e elevada consideração [espaço] Saudações. | (A) Antonio Raphael, Prefeito.

TEXTO 4 – CARTA OFICIAL DE 1772

<[*inint.*]> || Diz oP.e Francisco deSoiza Nunes, Vigario [*ger*] | al da Matriz da Vila de Estremos, destricto da Capitania do Rio Gran | de do Norte, q' meseacha exercendo odito emprego, há mais de | sete annos, tendo jaservido dois decoadjutor da mesma [*paroch^a*] | sempre com loivavel procedimento, dezenteresse, ezelo [*inint.*] | espiritual etemporal dos seus freguezes, instruindo-os na | Doutrina, bons costumes, e civilidade, administrando-lhes | prontidaõ os sacramentos, e socorrendo aos pobres eenfermos | o q' adquire do mesmo beneficio os documen | tos; [...] P. aV.Magestade por sua real grandeza | seja servido deferir-lhe na forma que requer || *Espera Receber Merce*

O primeiro aspecto que podemos notar é o de que esses textos estão registrados num meio gráfico, integram o universo do discurso da experiência comum, dentro do ambiente da administração pública, e trazem uma concepção de distância comunicativa, conforme aplicação de alguns dos aspectos aportados por Koch e Oesterreicher (2007) e Coseriu (1979b) e comentados ao longo deste trabalho.

Quando arrolamos as condições comunicativas que independem da leitura do texto na íntegra, notamos que: a) o grau de publicidade é baixo, pois o texto é lido provavelmente apenas pelo destinatário ou por algum profissional encarregado de tal função; b) que o grau de familiaridade entre os interlocutores deve ser baixa, uma vez que a carta 1 é remetida ao rei; a 2, ao presidente e aos vereadores da câmara municipal; a 3, ao presidente do Estado; e a 4, também ao rei; c) a proximidade física é nula; d) o grau de cooperação igualmente é zero; e e) o grau de dialogicidade é o mínimo, pois um provável retorno, quando o receptor tomara a vez de emissor, demoraria muito. A metade das condições comunicativas que podemos analisar sem uma análise do texto completo já aponta para um alto grau de distância comunicativa.

Como os textos, além de escritos, indiciam uma concepção de distância, a constelação discursiva para a evocação de TD é (está no) o próprio texto oficial, segundo Schlieben-Lange (1993) e Kabatek (2006) supracitados. O contexto, portanto, é sua situação, é a constelação. Comparando-se as três primeiras cartas, percebemos a repetição de determinados atos de fala durante os três séculos. Esses atos cumprem uma função simbólica para o texto, revelando-se como signo e, assim, como TD. Vejamos quais são:

- i) Interpelar ou nomear a quem se dirige o texto (*inscriptio*²³): “Senhor” (carta 1); “Senhores Presidente, e Vereadores da Camara Municipal d’esta Cidade do Natal”; “Ex.^{mo} Dr. Presidente do Estado”.
- ii) Finalizar o texto (fecho de cortesia): “A Real Pessoae VMagestade guarde Deos como todos seus vassallos avemos mister” (carta 1); “Deus Guarde á V. Senhorias” (carta 2); “Saudações” (carta 3);
- iii) Situar no tempo e no espaço (*datatio*²⁴): “Cidade do natal 3 de Agosto de 1713” (carta 1); “Palacio do Governo na Cidade di Natal 22 de Maio de 1833” (carta 2); “Prefeitura Municipal de Curraes Novos, 15 de Março de 1930” (carta 3).
- iv) Assumir autoria (*subscriptio*): “Salvador [Alvs.] da Silva” (carta 1); “Manoel Lôbo deMiranda Henriques” (carta 2); “Antonio Raphael” (carta 3).

Algumas dessas fórmulas tradicionais nesses tipos de textos, como a de “Deus guarde”, parecem exemplificar o que Coseriu (2007, p. 139) chama de *textos supraidiomáticos*, pois sua realização não está restrita a um idioma específico. Fazendo algumas buscas pela internet, achamos, por exemplo “Dios guarde a vuestra excelencia muchos años. Querétaro julio 30 de 1808” e “God protect Your Lordship many years. February 3, 1781”. Isso comprova a existência de uma história textual que vai além dos idiomas e que impõe suas próprias regras de funcionamento.

Esses atos de fala evocados por esses textos em estudo estão dispostos de modo bem peculiar em cada uma das três cartas. Essas diferentes disposições das partes configuram diferentes macroestruturas possíveis. A mudança delas durante os séculos (e a variação dentro de um mesmo) mostra a faceta de inovação das TD convivendo com a de conservadorismo. A macroestrutura da carta 1, do século XVIII, e que vai ser, com algumas variações, a mais recorrente em toda a epistolografia oficial setecentistas coletada, é a de estar apenas o *inscriptio* no protocolo inicial (antes do corpo do texto) e, no protocolo final (após o corpo do texto), estarem dispostos os seguintes componentes diplomáticos na ordem indicada: fecho de cortesia, *datatio* e *subscriptio*. A macroestrutura da carta 2, do século XIX, que não é a mais recorrente, mas que surge diversas vezes nos textos oitocentistas de nosso *corpus*, leva todos os elementos aqui abordados para o protocolo final, na sequência: fecho de cortesia, *datatio*, *subscriptio*, *inscriptio*. Essa macroestrutura é menos estável, havendo muita alteração na disposição desses elementos, principalmente na dos dois últimos. A macroestrutura da carta 3, do século XX, bastante recorrente em nosso *corpus* desse período, apresenta um protocolo inicial composto por *datatio* e *inscriptio*, ao passo que o protocolo final leva o fecho de cortesia e o *subscriptio*.

Interessante que o século XX inaugura uma nova tradição discursiva para exprimir o fecho cordial, que é a de “saudações”, substituindo “Deus guarde”, forma que perdurou durante todo o século XVIII e em boa parte do XIX. A mudança começa a se dar nas últimas décadas dos oitocentos.

A carta 4 foi colocada para se levantar uma problemática em nosso *corpus*. O que são, de fato, linguisticamente falando, “cartas oficiais”? Entendemos que são textos produzidos por uma pessoa ou mais para uma pessoa ou mais que tenha circulado na administração pública. O PHPB trata a terminologia “cartas oficiais” como um agrupamento pacífico. O texto 1 é uma carta, o 2 e 3 são ofícios. Eles puderam ser analisados, desde a perspectiva da macroestrutura, juntos. Se, por outro lado, procurarmos algum dos atos de fala presentes nas três primeiras cartas na quarta, da segunda metade do século XVIII, não os encontraremos. Os atos presentes nos dois protocolos (inicial e final) dessa carta são:

- i) No protocolo inicial:
 - a. Apresentar o requerente: “Diz oP.e Francisco de Soiza Nunes”;
 - b. Qualificar o requerente: “Vigario [ger]al da Matriz da Villa de Estremos, districto da Capitania do Rio Grande do Norte”.

²³ Segundo Belloto (2002, p. 27), “[...] parte que nomeia a quem o ato se dirige, seja um destinatário individual ou coletivo”.

²⁴ Belloto (2002, p. 40) afirma que tanto há a datação tópica (do local onde o texto foi assinado) quanto cronológica (quando o texto foi assinado). O conjunto dos dois representa a datação (*datatio*).

- ii) No protocolo final:
 - a. Reforçar pedido: “P. aV. Magestade por sua real grandeza seja servido deferir-lhe na forma que requer”;
 - b. Encerrar (também reforçando pedido): “Espera Receber Mercê”.

Vemos, nesse caso, outra estrutura, que é a do requerimento. Belloto (2002, p. 86) afirma que era comum, nos textos coloniais, vir a fórmula “diz” antes do nome do interessado que, muitas vezes, não assinava (como no caso de nosso exemplo). A data, para esse tipo de texto, é ausente. Caracteriza, logo, outro texto de tradição distinta. O questionamento que fica é se existe algo em comum – algum texto, forma textual, maneira particular de escrever, para retomar Kabatek (2006) – que viabilize agrupar gêneros distintos como o parecer, o ofício, a carta, o requerimento dentro de uma categoria denominada de “cartas oficiais”.

Tendo em vista que 1º) fizemos, logo acima, uma breve análise de quatro cartas oficiais na qual são levantados elementos que permitem inserir-nos da provocação feita acima; 2º) a referida análise foi embasada pelo arcabouço teórico das TD, sobre o qual discurremos criticamente na parte inicial, e substancial, deste artigo, arcabouço esse que assenta bom esteio para se refletir sobre a deixa em questão; e 3º) essas quatro cartas, na realidade, integram um conjunto maior de 107 cartas oficiais que compõem o *corpus* denominado *Cartas oficiais norte-rio-grandenses* (MELO, 2012)²⁵; tendo em vista, portanto, essas três considerações, temos os meios suficientes para aventar nosso posicionamento.

Todavia, de modo a estreitar o escopo da resposta, reformulamos a questão assim: à parte do universo do discurso, que é o da experiência comum; do ambiente, que é o da administração pública; de um propósito comunicativo mais geral, que é o de tratar de questões referentes a esse ambiente; do baixo grau de publicidade das cartas e de implicação emocional e espontaneidade entre seus interlocutores; e do nível mínimo de familiaridade comunicativa, proximidade física, cooperação e dialogicidade entre eles; à parte desses critérios, que são de natureza extralinguística, existem elementos *linguísticos* que justifiquem o agrupamento de textos de natureza vária sob uma mesma designação?

Mesmo com dois aspectos relacionados à concepção de oralidade e escrituralidade que mais bem respeitam à esfera linguística que extralinguística, quais sejam a fixação temática, que tende a ser muito alta nessas cartas, confirmando-as como textos em que predomina a concepção de distância comunicativa; e o campo de referenciação que, pela sensível presença de dêiticos, é a única das dez condições apresentadas por Koch e Oesterreicher (2007) que põe as cartas no terreno da proximidade comunicativa; parecem-nos pouco para refutar a conclusão escrita no *Manual de redação da Presidência da República* (BRASIL, 2002, p. 5): “[...] não existe propriamente um ‘padrão oficial de linguagem’; o que há é o uso do padrão culto nos atos e comunicações oficiais”. Nada obstante, na mesma linha, continuando o asserto, é dito: “É claro que haverá *preferência pelo uso de determinadas* expressões ou será obedecida certa tradição no emprego das formas sintáticas, mas isso não implica, necessariamente, que se consagre a utilização de uma forma de linguagem burocrática” (BRASIL, 2002, p. 5).

Enxergamos, à vista disso, na *preferência pelo uso de determinados* textos (os gêneros, a exemplo da carta, do ofício e do requerimento aqui vistos) e fórmulas textuais, dito com outras palavras, enxergamos nessas TD que compõem as *cartas oficiais norte-rio-grandenses* o denominador *linguístico* que as une, na medida em que são elas as responsáveis por tecer uma grande rede de possibilidades estruturais, formais, cujas realizações, repetidas com o tempo, acabam funcionando como um elemento caracterizador das *cartas*. A existência – ainda que, nalguns casos, em potencialidade – do gênero ofício, requerimento, carta, do início do *narratio* por um verbo no gerúndio (como em “Tendo de semedirem” na carta de 1833), do fecho “Deus Guarde a” ou “Espera Receber Mercê” e das demais estruturas representam um critério *linguístico, textual*, que, junto aos critérios extralinguísticos já tratados, licenciam a junção de textos heterogêneos de baixo do termo único de “cartas oficiais”. Além disso, seguindo esse raciocínio, achamos que seja menos arriscado falar numa forma de linguagem burocrática ou, sendo mais acurado, num conjunto virtual de formas da linguagem burocrática.

²⁵ Para uma apresentação mais completa e, ao mesmo tempo, sumária, do corpus junto a uma amostragem das análises feitas, recomendamos a leitura de Lima e Melo (2016).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Look in thy glass, and tell the face thou viewest,
Now is the time that face should form another;
(SHAKESPEARE, 1970, p. 1043)*

Na esteira do tempo, a face mirada, mudada; o tempo sendo tempo de nova geração, do novo, que é outro, mas que herda lembranças, paternas, avoengas, ancestrais.

Os versos do bardo inglês parecem toar bastante bem com um trabalho que se encerra apresentando, embora brevemente, traços extraídos de quatro cartas oficiais (disposição dos componentes diplomáticos dentre os protocolos do texto, mudança na realização do fecho, rede de fórmulas, como “Deus guarde”, em rede de línguas), todos eles engrenados pela grande variável, o tempo, dando-nos uma amostragem de como o mecanismo dinâmico entre permanência e mudança é processado e, assim, fazendo-nos vê-lo de forma tangível.

Esses versos, de mais a mais, calham neste estudo sobremaneira porque essa evocação à consciência, à visão e ao reconhecimento da mudança (e, retomando o mote inicial, por meio do que já não se é, posto que mudado, se tem consciência, visão e reconhecimento do que se foi antanho, e ei-la, então, a tradição) se valida em estruturas mais profundas e abstratas do que as dos dados deslindados. Discutimos como esse mesmo processo entre continuidade e mudança – objeto de análise das TD, que o aplicam sobre as realizações pragmático-discursivas várias – faz-se presente na maneira por meio da qual, fortuitamente ou não, essa área de pesquisa filiada à Linguística Histórica compôs o seu vir-a-ser (porventura, seu vindo-a-ser) calcado outrossim na dinâmica entre conservadorismo e inovação, entretanto não mais sobre as expressões do discurso, mas sobre um conjunto de ideias, ao qual eventualmente podemos chamar de legado teórico, deixado por Coseriu, do qual e sobre o qual se fundou a linha das TD.

Examinamos, dentre outros ângulos, o da bifurcação procedida ao nível histórico pensado pelo linguista romeno. Malgrado o destaque dado pelos linguistas envolvidos na instituição e desenvolvimento das TD a essa tomada de decisão, vista como transformador, por criar um espaço propício para o exame minucioso das tradições do discurso, ressaltamos, com base na leitura de vários trechos dispersos em sua obra *Linguística del texto* (COSERIU, 2007), que esse loco já existia (porém, no nível individual) em potencial de pleno uso dentro da arquitetura do conhecimento coseriano. Julgamos, sem embargo, assaz interessante o bifurcamento, na medida em que, *metodologicamente*, dá maior visibilidade para uma sorte de material linguístico, as tradições do discurso, levando-nos a acreditar que foi precisamente a consolidação do método a chave para a estabilização das TD.

Por fim, animados pelos caminhos apontados (muitos dos quais, conforme já dito e repetido, davam sequência aos modelos coserianos), decidimos aplicar algumas das noções abordadas sobre uma amostragem de quatro documentos e problematizar a nomenclatura “cartas oficiais”, disso resultando uma interessante descrição dos exemplares em fito, pela qual se entreviram algumas de suas rotas da transformação, e também uma possível elucidação, construída pelas trilhas das TD, do que são as “cartas oficiais”: uma categoria textual que se distingue por uma série de traços sócio-pragmático-discursivos (universo do discurso, ambiente, propósito comunicativo, dentre outros) associado a um arsenal virtual e potencial de estruturas e expressões – preferíveis e esperáveis – que constituiriam algo como uma linguagem oficial, burocrática.

REFERÊNCIAS

BELLOTO, H. L. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documentos de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial do Estado, 2002.

BORGES, J. L. *Obras completas: 1923-1949*. 4. ed. Buenos Aires: Emecé, 2009.

BRASIL. Presidência da República. *Manual de redação da Presidência da República*. Brasil: Presidência da República, 2002.

COSERIU, E.. *El hombre y su lenguaje*. Estudios de teoría y metodología lingüística. Madrid: Editorial Gredos, 1977.

_____. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979a.

_____. *Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979b.

_____. *Tradição e novidade na ciência da linguagem: estudos de história da linguística*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980a.

_____. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980b.

_____. *Linguística del texto: introducción a la hermenéutica del sentido*. Madrid: Arco/Libros, 2007.

FAVERO, L. L.; KOCH, I. V. *Linguística textual: introdução*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

KABATEK, J. Sobre a historicidade de textos. Tradução de José da Silva Simões. *Linha d'água*, São Paulo, n. 17, p. 157-170, abr. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37270>>. Acesso em: 05 set. 2010.

_____. Tradições discursivas e mudança linguística. In: LOBO, T. et al. *Para a história do português brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 505-527.

KOCH, P. Tradições Discursivas: de seu *status* linguístico-teórico e de sua dinâmica. Tradução realizada por Alessandra Castilho da Costa a partir do original Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. In: FRANK, B.; HAYE, T.; TOPHINKE, D. (Ed.). *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*. Tübingen: Narr, 1997. p. 43-79.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. *Lengua hablada en la Romania: español, francés, italiano*. Madrid: Gredos, 2007.

LIMA, M. H. A.; MELO, F. M. de. Uma microanálise de cartas oficiais norte-rio-grandenses. *Alfa: revista de Linguística da UNESP*, São José do Rio Preto, v. 60, p. 61-77, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/7438>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

MATTOS E SILVA, R. V. *Caminhos da Linguística Histórica – ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, F. M. de. *Cartas oficiais norte-riograndenses dos séculos XVIII, XIX e XX: constituição e caracterização de um corpus diacrônico*. 2012. 329 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

SCHLIEBEN-LANGE, B. *História do falar e história da linguística*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

SIMÕES, J. da S. *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro*. 2007. 377f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

WARTBURG, W. Von; ULMANN, S. *Problemas e métodos da linguística*. São Paulo: DIFEL, 1975.

Recebido em 22/07/2017. Aceito em 29/11/2017.

GÊNERO E POSSESSIVOS EM PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA

GÉNERO Y POSESIVOS EN EL PORTUGUÉS LENGUA ESTRANJERA

GENDER AND POSSESSIVES IN PORTUGUESE FOREIGN LANGUAGE

Diocleciano Nhatuve*

Universidade do Zimbabwe

Universidade de Coimbra

RESUMO: O objetivo deste artigo é de descrever a concordância nominal de gênero entre os possessivos e os nomes em Português Língua Estrangeira. Analisam-se SNs, em que os possessivos apresentam anomalias de concordância, escritos por estudantes de Português na Universidade do Zimbabwe. Este grupo de estudantes apresenta um conhecimento linguístico prévio de Shona e de Inglês, sistemas diferentes do Português, o que propicia a ocorrência de desvios. O estudo baseia-se nas teorias de variação linguística e de ensino aprendizagem de línguas, por oferecerem explicações para a ocorrência de desvios na aquisição de línguas não maternas. O estudo, basicamente qualitativo, indica que os estudantes, distanciando-se do PB, usam os possessivos antecidos por artigos definidos. Ademais, a tendência geral de uso do masculino na concordância nominal, com o possessivo, é substituída pelo uso do feminino, aspecto resultante do estabelecimento da concordância em função do gênero biológico.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Possessivos. Concordância nominal em PLE. Uso do feminino.

RESUMEN: Este artículo describe la concordancia nominal en género entre los posesivos con los nombres en portugués lengua extranjera. Se analizan las estructuras sintagmáticas, donde los posesivos presentan anomalías de concordancia, escritos por los alumnos de portugués de la Universidad de Zimbabwe. Este grupo tiene un conocimiento lingüístico previo de Shona e Inglés, sistemas diferentes del portugués, facilitando la aparición de los desvíos. El estudio se basa en las teorías de la variación lingüística y del enseñanza y aprendizaje de lenguas, ya que ofrecen explicaciones para la ocurrencia de fenómenos de desviaciones en la adquisición de lenguas no nativas. El estudio, principalmente cualitativo, indica que los alumnos, distanciándose del PB, utilizan el posesivo precedido de artículos definidos. La tendencia general del uso de masculino en la concordancia nominal, con el posesivo, se sustituye por el uso del femenino, resultando en la creación del concordancia basada en el género biológico.

PALABRAS CLAVE: Género. Posesivo. Concordancia nominal en PLE. Uso del femenino.

ABSTRACT: This study described the gender nominal agreement between possessives and nouns in Portuguese as foreign language. We analyzed noun phrases in which there is anomalous agreement between possessives and nouns. These noun phrases were written by learners of Portuguese at the University of Zimbabwe. This group of students presents previous linguistic knowledge of Shona and English, two linguistic systems different from Portuguese, what allows the occurrence of deviations. The language change and foreign language acquisition theories enlighten this study. Both are considered because they offer explanations for the deviations when individuals learn and use non-mother tongue. The results of this research reveal that learners, differently from Brazilian Portuguese, use definite articles before possessives. In regard to nominal agreement between possessives and nouns, the

*Leitor de Língua Portuguesa na Universidade do Zimbabwe; Doutorando pela Universidade de Coimbra.
Email: djrnhatuve@gmail.com.

students replace the use of masculine by the use of feminine. This aspect, however, dues to the fact that they establish grammatical agreement based on biological gender.

KEYWORDS: Gender. Possessives. Nominal agreement in Portuguese Foreign Language. Use of feminine.

1 INTRODUÇÃO

A concordância nominal em geral é um dos grandes desafios que se colocam ao processo de ensino-aprendizem do Português Língua Estrangeira (PLE). As dificuldades nesta área são acentuadas quando estiver em causa a categoria gramatical de gênero, cujos mecanismos de marcação morfológica não se baseiam em processos regulares e sistemáticos. Há estudos que, de fato, relatam as dificuldades no estabelecimento de gênero em sintagmas nominais (SNs) dos estudantes de PLE – como por exemplo, Martins (2015), Pinto (2012) e Mariotto e Lourenço-Gomes (2013). Neste âmbito, estes autores detectam em diferentes grupos a tendência generalizada do uso do masculino nos elementos acessórios do nome-núcleo. Tais dificuldades de marcação do gênero são, não raras vezes, explicadas com base em dois grandes fenômenos que se impõem na aprendizagem de línguas estrangeiras (LE). Trata-se do fenômeno de interlíngua, que medeia a fase de não falante de uma LE em aprendizagem e a de falante competente; e do fenômeno de influência e transferência linguísticas que impõe o recurso a aspectos das línguas maternas na aprendizagem e uso das LE. Há ainda estudos que mostram a ocorrência de certos fenômenos linguísticos cuja explicação se baseia na relação entre língua e gênero biológico.

O objetivo deste estudo é de descrever o fenômeno de concordância nominal de gênero entre os possessivos – palavras que determinam o nome e ao nível pragmático indicam posse – e o nome em SNs escritos por estudantes de PLE cujo perfil linguístico revela a coexistência do Shona e do Inglês, dois sistemas linguísticos relativamente distantes do Português no que concerne à concordância. Assim, pretende-se identificar as tendências que se registam no uso do possessivo e relacioná-las aos diferentes aspectos influentes no uso do PLE. Pretende-se, igualmente, verificar até que ponto o uso dos possessivos pelos estudantes de PLE se processa em conformidade com as tendências que se revelam transversais.

A pertinência deste estudo reside no fato de poder trazer à superfície aspectos linguísticos específicos de um grupo particular de aprendentes que, devido a vários fatores, apresenta particularidades que escapam da monitorização dos diferentes agentes envolvidos no ensino-aprendizagem de PLE, pelo fato de não incorporarem as tendências generalizadas apresentadas na literatura. Ademais, o trabalho justifica-se pela necessidade de produzir e divulgar conhecimento específico sobre o PLE de tal forma que o mesmo conhecimento sirva os interesses do grande projeto de expansão da língua portuguesa como instrumento de comunicação e veículo de ciência no mundo. Aliás, só conhecendo os diferentes aspectos salientes no processo de ensino-aprendizagem é que se pode envidar esforços direcionados para cada caso, quer por parte de alunos quer por parte de professores, investigadores e sistemas de ensino.

Espera-se, portanto, com este estudo, apresentar tendências que particularizam a concordância nominal dos possessivos de gênero dos estudantes com um conhecimento linguístico prévio de Shona e Inglês. Em paralelo, espera-se apresentar uma explicação, sob o ponto de vista sociolinguístico, da tendência de estabelecimento da concordância nominal em gênero em função do gênero biológico do sujeito falante. Assim, ao professor de PLE, com este estudo, disponibilizar-se-á mais aspectos a considerar na concepção de estratégias que minimizem as dificuldades de desenvolver a competência de concordância nominal de gênero em Português.

Desta feita, com base numa metodologia qualitativa, são analisadas as estruturas desviantes de SNs que tenham como um dos determinantes o possessivo. A escolha desta abordagem justifica-se pelo fato de a sua essência ir ao encontro do objetivo geral deste estudo, ao permitir a descrição e a explicação do fenômeno de concordância, de tal forma que se traga à superfície as tendências no uso de PLE, bem como as respetivas explicações sociolinguísticas. Assim, exemplos e esquemas são usados como recurso para demonstrar as tendências no uso dos possessivos. O *corpus* a analisar é composto por estruturas sintáticas produzidas por estudantes do primeiro, segundo e terceiro anos de aprendizagem de PLE na Universidade do Zimbabwe. O recurso a dados de três grupos

fundamenta-se pela necessidade de verificar até que ponto o estabelecimento da concordância do possessivo com o nome em função do gênero biológico se resolve ou não com o avanço na aprendizagem.

2 DADOS PRELIMINARES

O grupo alvo deste estudo é constituído por estudantes de PLE falantes de língua materna Shona e que têm como segunda língua o Inglês. Estes alunos, com idade entre os 19 e 35 anos, têm o Português como parte dos diferentes cursos que estão a seguir. Em termos de conhecimento linguístico prévio na base da aprendizagem do português, destaque-se, no âmbito de concordância nominal, a ausência da flexão e da concordância em gêneros feminino e masculino nas duas línguas. Aliás, embora em Shona ocorra o fenômeno de concordância nominal de gênero através da colocação de morfemas de classes nominais, tal gênero não é referente às categorias gramaticais de feminino e masculino.

A língua materna do grupo alvo faz parte das línguas da zona S10, sendo nativa do povo de Mashonaland, no Zimbabwe; todavia, é igualmente falada por pequenos grupos sociais dos países vizinhos como Botswana, Moçambique e Zâmbia (cf. MUKARO, 2012, p. 221; MHUTE, 2016, p. 340). No país de origem dos estudantes em análise, há cerca de 16 línguas oficiais – Shona, Ndebele, Tonga, Tswana, Kalanga, Venda, Koisán, Shangani, Ndaú, Chibarwe, Nambya, Xhosa, Chewa, Sign language, Sotho, e Inglês. Esta última, língua do ex-colonizador – Inglaterra – é língua segunda da maioria dos zimbabueanos. Esta situação favorece a existência de indivíduos multilíngues.

O sistema linguístico do Shona (língua materna) é baseado em classes nominais que cabem em dois grandes grupos de nomes, o de nomes contáveis e o de nomes incontáveis (MPHOFU, 2009, p. 100-108). Consideram-se 21 classes baseadas em aspetos meramente semânticos, o que corresponde ao gênero, *lato sensu*; os elementos diretamente ligados ao nome (verbos e adjetivos) devem concordar nas categorias de classe nominal (gênero), pessoa e número com o prefixo do nome-núcleo (FORTUNE, 1980, p.29-84; LAFON, 1994, p.54; MUKARO, 2012). Portanto, a concordância em Shona ocorre através da prefixação de morfemas – amálgama de pessoa, número e classe, como se pode verificar nos exemplos a seguir.

Exemplos I:

- a. [F [SN-suj. [Pref.class/num/pess **Dzi**] mba[Dem **idzi**]] [SV [Pref.class/num/pess **dz**] akanaka]] (dzimbaidzi dzakanaka) (SH) = Estas casas são bonitas (PT).
- b. [F [SN-suj. [Pref.class/num/pess **Mu**]nhu] [SV [Pref.class/num/pess **a**]noziva zvaanoda]] (munhu anoziva zvaanoda) (SH) = A pessoa sabe o que quer (PT).
- c. [F [SN-suj. [Pref.class/num/pess **Va**]nhu] [SV [Pref.class/num/pess **va**]noziva zvavanoda]] (vanhu vanoziva zvavanoda.) = As pessoas sabem o que querem (PT).
- d. [F [SN-suj. [Pref.class/num/pess **Zv**]ino [Pref.class/num/pess **zv**]ose] [SV [Pref.class/num/pess **zv**]inebasa]]. (zvino zvose zvinebasa) (SH) = Todas as coisas são úteis (PT).

Estas características (do Shona e do Inglês) distanciam sobremaneira as duas línguas do Português. Ademais, o uso de Português no seio do grupo só acontece na escola, em contexto de sala de aula, sem, portanto, que haja oportunidades de desenvolver a sua competência com o *input* linguístico em Português no convívio sociofamiliar, ainda que esteja comprovado o valor da contribuição sociofamiliar para o desenvolvimento de competências em línguas não maternas (cf. ORTEGA, 2013, p. 27; ELLIS, 2013, p. 365-378). Aliás, sobre o valor do *input* sociofamiliar, Krashen (1985 apud ORTEGA, 2013, p. 59) considera que “[...] learners obtain comprehensible input mostly through listening to oral messages that interlocutors direct to them and via reading written texts that surround them, such as street signs, personal letters, books and so on. When L2 learners process these messages for meaning (which they will most likely do if the content is personally relevant, and provided they can reasonably understand them), grammar learning will naturally occur”.

No entanto, o *input* de Português não está à disposição dos alunos, o que, considerando a perspectiva de Krashen, faz prever dificuldades acentuadas no desenvolvimento de competências em processos linguísticos como a concordância nominal de gênero,

motivadas: primeiro, pela complexidade e assistemática dos mecanismos de marcação morfológica do gênero em Português; segundo, pela distância entre as línguas conhecidas pelo aluno e a língua em aprendizagem, concretamente o Português; e terceiro, pela falta de *input* que favoreça a aprendizagem.

A falta de uma base linguística e cognitiva (ORTEGA, 2013, p. 83-107) em que se acomode a aquisição da competência de concordância de gênero em PLE no seio do grupo alvo torna crítica a realização do fenômeno de concordância de gênero. De uma forma geral, os estudos da concordância nominal neste grupo e em outros levados a cabo por outros investigadores como Martins (2015) e Pinto (2012) demonstram a dificuldade dos estudantes de PLE no estabelecimento das relações de correspondência de traços de gênero e número, sendo a categoria de gênero a que mais desvios concentra. É ainda recorrente a tendência de usar o gênero não marcado, o masculino, independentemente das características do núcleo. A explicação dada para este fenômeno é, na maior parte dos casos, o fato de nas línguas desses grupos de estudantes não haver a distinção morfológica de masculino e feminino, como acontece em línguas como o Inglês, Shona, Cantonês etc. Portanto, o desvio é favorecido pelo fenômeno de *cross-linguistic influence*, em que aspectos das línguas desenvolvidas pelos alunos são mobilizados para colmatar certas dificuldades no uso da nova língua (ELLIS, 2013, p. 365-378). Ora, se o Shona e o Inglês não oferecem nenhum subsídio linguístico na área de concordância nominal de gênero feminino e masculino, se a sociedade não lhes (grupo alvo) oferece nenhum *input* significativo em Português, como é que os aprendentes de PLE resolvem a questão de concordância dos possessivos com o nome na categoria gramatical de gênero?

Aliás, embora em Shona o possessivo concorde (em termos morfossintáticos) em classe nominal com o nome, o mesmo opera sempre uma referência anafórica, ou seja, é sempre posposto ao núcleo (Exemplos I). Em Inglês, tal como se referiu antes, não há concordância de gênero do possessivo. Com efeito, considerando a questão exposta no parágrafo anterior sobre a concordância do possessivo e o nome em gênero, várias hipóteses se podem colocar dentre as quais se podem indicar:

1. Os estudantes de PLE com o perfil linguístico apresentado, considerando os diferentes aspectos que caracterizam a concordância nominal, apresentam, como tendência geral no estabelecimento da concordância entre o possessivo e o nome, o uso do masculino, uma vez que nas suas línguas não há mecanismos morfossintáticos de distinção das duas categorias de gênero (feminino e masculino).
2. Se o seu conhecimento linguístico prévio não lhes proporciona aspectos referentes a concordância em gênero, se o possessivo comporta-se de maneira particular – determina o nome, indica o valor semântico de posse e ao mesmo tempo estabelece uma relação pragmática entre o sujeito falante e a entidade possuída ... – e se não há possibilidade de colocar o possessivo na forma neutra (sem fazer referência a nenhuma entidade), sem, portanto, a possibilidade de recorrer ao seu conhecimento linguístico para a aprendizagem e no uso, o aluno encontra estratégias próprias para fazer o uso dos possessivos.

Portanto, a tentativa de encontrar respostas à questão colocada sobre a concordância nominal de gênero em PLE de aprendentes com perfil linguístico apresentado impõe a consideração de duas teorias principais, nomeadamente, a teoria de variação linguística (sociolinguística de origem laboviana) (cf. LABOV, 2007, 1994) e a teoria de aquisição das línguas estrangeiras (ELLIS, 2013, 1994). As duas teorias são convocadas pelo fato de preverem, na aquisição de línguas não maternas, a ocorrência de fenômenos de desvios, sendo que a primeira encontra diferentes variáveis de que tais desvios (variação) dependem. Uma das variáveis que se invocam como condicionantes de certas realizações linguísticas – desviantes ou não – é o gênero (cf. ECKERT, 2013; ROMAINE, 2013; MCELHINNY, 2013). A teoria de aquisição das línguas não maternas, por sua vez, prevê a ocorrência, numa determinada fase de aprendizagem (interlíngua), de realizações que nem nas línguas já conhecidas (neste caso Inglês e Shona), nem na língua alvo (Português), se enquadram em termos morfossintáticos (cf. CORDER, 1981, p. 16-17; SCHUMANN, 1974, p. 145-146), aspecto que se verifica com o uso do possessivo pelo grupo alvo.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A palavra *gênero* vem do latim *genus* carregando consigo o sentido de *tipo*. Entretanto, os tipos das entidades denotados pelos nomes não se podem limitar ao masculino e ao feminino resultantes da noção de *macho* e *fêmea*. Há línguas com mais de dois gêneros, podendo atingir a cifra dos quinze (cf. BEIT-ALLAHMET al., 1974, p. 426), como consequência da existência, em diferentes línguas, de vários aspectos considerados para a definição do gênero. Encontram-se, entretanto, sistemas que consideram o sexo dos seres vivos para a definição do gênero dos nomes que os designam, outros, a vida (ser vivo/ser não vivo), hierarquias dos seres (humanos, animais, árvores, superiores, inferiores...) etc. (cf. CORBERT, 2006).

O gênero consiste, com efeito, na subcategorização nocional que os falantes fazem da realidade à sua volta, com base em processos de cognição da realidade. Não se trata necessariamente de sexo, embora a consideração deste seja um dos critérios de definição daquele. Enquanto sexo é natural – particularmente referente aos seres animados (macho e fêmea) – o gênero não é coisa natural, é a categorização convencional, social, cultural e psicológica da realidade (cf. MCELHINNY, 2003, p. 22-23). No entanto, o gênero gramatical consiste na colocação de morfemas aos nomes e seus acessórios, sem que tais morfemas estabeleçam uma relação natural ou consistente com os referentes. Aliás, em português, a marcação morfológica do gênero não obedece a critérios sistemáticos, de tal sorte que muitos linguistas criticam e negam a indicação do gênero com base em processos morfológicos.

Na verdade, as línguas têm sistemas de distinção de gênero se “[...] noun phrases headed by nouns of different types control different agreements [...] [pois] the evidence that nouns have gender in a given language lies in the agreement targets that show gender” (CORBERT, 2006, p. 749). De acordo com este autor, há dois grandes critérios/regras usados na definição do gênero: critérios semânticos (para certas línguas) e formais (para outras). No entanto, os formais nunca se dissociam dos primeiros, aliás, há línguas que combinam o significado e a forma das unidades (CORBERT, 2006, p. 750). Considerando que, em Português, os falantes diferenciam, ainda que de forma menos sistemática, os nomes masculinos dos femininos colocando-lhes determinadas terminações, pode-se considerar que obedece ao segundo critério (a combinação do significado e da forma).

Em Português, há uma tendência de associar as vogais temáticas *-a* com o feminino e *-o* com o masculino. No entanto, existem evidências bastantes para demonstrar a não funcionalidade deste critério para a identificação e marcação do gênero, como por exemplo, a impossibilidade de mudar nomes femininos como *mesa* para o masculino **meso* pela comutação de vogais. O gênero é inequivocamente “determinado pelo determinante que se encontra à esquerda do nome” (RIO-TORTO, 2001, p. 263), através do processo de concordância nominal em gênero (LUCCHESI, 2009, p. 2996).

Nesta concordância nominal, os possessivos, uma das classes que devem apresentar a forma correspondente ao gênero do núcleo nominal, têm a particularidade de variarem consoante os traços semânticos de gênero da entidade possuída. Geralmente, pospõem-se ao determinante artigo ou demonstrativo (Exemplos II) e precedem os quantificadores numerais (Exemplos II c. d.) – com os quais operam uma múltipla especificação – sem nunca poder ocorrer na posição inicial do SN, no português canônico do PE (Exemplos II d. e.) (RAPOSO; MIGUEL, 2013, p. 729-730), um dos aspectos que distanciam esta variedade da brasileira.

Exemplos II

- a. O meu livro está encapado.
- b. Este meu livro custou 20\$.
- c. Os meus quatro filhos são jornalistas.
- d. As suas cinco canetas estão guardadas.
- e. *Meu amigo chegou (Português europeu (PE)). vs. Meu amigo chegou (Português brasileiro (PB))
- f. O meu amigo chegou.

No Português contemporâneo, os dados analisados por Miguel revelam, no que concerne ao nível estritamente do SN, o desaparecimento das “formas clíticas” dos possessivos, isto é, a colocação pré-nominal não combinada com artigos dos possessivos (MIGUEL, 2002, p. 290). Isto implica a consideração de duas colocações no uso do Português, nomeadamente, a colocação pré-nominal dos possessivos combinados com um artigo ou um demonstrativo (formas fracas dos possessivos) e a colocação pós-

nominal formas fortes dos possessivos, na variante europeia do Português (cf. CASTRO; COSTA, 2002, p. 101-107). Estas colocações (pré-nominais e pós-nominais) são sensíveis à “definitude” ou “indefinitude” do SN (BRITO, 2003, p. 509). Enquanto os determinantes possessivos se fazem anteceder pelos artigos definidos e pelos demonstrativos em SNs definidos (Exemplos III a. b.), os mesmos se pospõem ao nome determinado pelos indefinidos, pelos numerais, pelos interrogativos e pelos exclamativos (Exemplos III c. d.), em SNs indefinidos.

Exemplos III

- a. *O meu irmão* chegou.
- b. *Este meu irmão* é muito inteligente.
- c. *Umas tias nossas* chegaram ontem.
- d. *Quatro amigos seus* chegaram.

No que tange ao uso do Português Língua Não Materna (PLNM) saliente-se, de acordo com Gonçalves, a tendência para a preferência pelo gênero masculino (GONÇALVES, 1997, p. 62-63). Jorge Pinto, por seu turno, num estudo envolvendo estudantes marroquinos, destaca, entre as suas principais dificuldades, a de selecionar o gênero quando o nome em Português não pertence às classes temáticas *-o* ou *-a* com correlação parcial com os valores de gênero masculino ou do feminino (PINTO, 2012, p. 27). Tal como acontece no Português de Moçambique, Cabo Verde e de outros PALOP¹, a tendência para o uso generalizado do masculino verifica-se também em estudantes de PLE europeus (MARIOTTIO; LOURENÇO-GOMES, 2013, p. 1281-183).

O uso dos possessivos não está isento dos fenômenos de variação sociolinguística. Enquanto no PE os pré-nominais (possessivos fracos) ocorrem com determinação definida, no PB, ocorrem sem artigos – funcionando como possessivos determinantes (cf. CASTRO, 2007) – o que leva a considerar uma estratégia de evitar a múltipla determinação preconizada na gramática do Português. No PB, é frequente o uso do possessivo resultante da associação da preposição *de* (com o valor de pertença/origem) com os pronomes da 3ª pessoa (*ela* e *ele*). Mais do que para desambiguar a semântica dos pronomes *seu* e *sua* de uso preferencial no PE, *dele* e *dela* são usados no PB por conta da distância entre o possessivo e o referente nos contextos (cf. CERQUEIRA, 1996, p. 86-121).

No contexto africano, apesar de se assumir oficialmente a norma do PE, o uso dos possessivos registra uma variação linguística significativa. Tal variação implica, de uma forma geral, a ocorrência da chamada concordância variável no interior do SN (cf. JOHN-AND, 2011). Para além dos aspectos referentes à não flexão em gênero e número dos elementos acessórios do núcleo nominal, revelados por autores de diversa origem como Miguel e Mendes (2013), Inverno (2009) e Gonçalves (2010), num estudo recente, Adriano (2014) confirma o apagamento das marcas de número marcado (plural) não necessariamente dos especificadores, mas sim dos nomes e adjetivos, escamoteando-se, com efeito, os padrões de correspondência de traços sintáticos e semânticos com os especificadores (incluindo os possessivos) (ADRIANO, 2014, p. 168-170) no PA. Já no PM, o caso é semelhante ao que se destaca no PB que consiste no uso dos possessivos pré-nominais (fracos) sem a determinação definida (cf. ATANÁSIO, 2002, p. 118-119). Portanto, em relação ao uso dos possessivos nas variantes africanas, duas tendências se apresentam na posição pré-nominal: o apagamento do número marcado (plural) ora no núcleo, ora no possessivo e a omissão dos determinantes.

Sob o ponto de vista sociolinguístico, há estudos que demonstram fenômenos de variação linguística condicionados pelo gênero (sexo) do sujeito falante. Romaine (2003) e Eckert (2003) apresentam estudos que relacionam o fenômeno de hipercorreção linguística às mulheres: “[...] one of these sociolinguistic patterns is that women, regardless of other social characteristics such as class, age, etc., tended to use more standard forms than men” (ROMAINE, 2003, p. 101-102). Romaine dá como exemplo a realização do /r/ pós-vocálico por mulheres nova-iorquinas (cf. Também ECKERT, 2003, p. 392). No que diz respeito ao Português, numa dissertação de doutorado, Ernesto (2015) apresenta como um dos problemas dos aprendentes de PLE, o estabelecimento da concordância nominal em gênero dependente do gênero biológico. Por sua vez, Brito (2015, p. 13), analisando estruturas de PLE de aprendentes com conhecimento linguístico prévio do inglês, revela a ocorrência de desvios na concordância nominal em gênero sem, no entanto, relacionar o desvio de gênero gramatical com o sexo dos indivíduos.

¹ Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

4 APRESENTAÇÃO DE DADOS

Os possessivos indicam traços morfológicos de gênero e de número do núcleo e, ao mesmo tempo, indicam o valor semântico de posse. No que concerne ao gênero, um determinante como *meu* varia em função das marcas da entidade possuída. Podendo posicionar-se na posição pós-núcleo (possessivo forte), a sua posição canônica é a pré-nuclear (possessivo fraco) obedecendo à sequência *Art.+Poss.+Nome*². Os dados analisados, os quais revelam que os estudantes de PLE da Universidade do Zimbabwe usam os possessivos na sua posição canônica – como possessivos fracos (cf. CASTRO, 2007) – dizem respeito a dois contextos de ocorrência, nomeadamente, na sequência *Art. + Poss. + Nome* (num SN autônomo ou complemento de sintagma verbal (SV)) e na sequência *Prep. + Art. + Poss. + Nome* (numa estrutura em que o SN é complemento de SP). Nestes contextos, os estudantes do PLE cujas estruturas sintáticas estão em análise, usam os possessivos como determinantes nominais.

No que diz respeito à sequência *Art. + Poss. + Nome*, embora com problemas de concordância em alguns casos, o grupo alvo coloca artigos antes dos possessivos e, em conjunto, determinam o nome, como se pode observar nos exemplos abaixo:

Exemplos IV (primeiro ano)

1. ***O meu irmã** chama-se Morgan Marwiro (estudante feminino (EF)).
2. ***A minha amigo** tem namorado (estudante masculino (EM)).
3. ***A minha pai** e mãe têm cinco filhos (EF).
4. *Limpo **as minhas dentes** (EF).

Exemplos V (segundo ano)

1. *Depois do jantar eu **fazia a minha trabalho de casa** (EF).
2. *Ela mora em Chipinge com o meu avô **e o seu família**(EF).
3. *Também **eu vou cassar a minha namorado** (EF).
4. ***A minha professor** foi chama-se senhora Makurumidze (EF).

Exemplos VI (terceiro ano)

1. *Quando ela **terminar a sua programa** (EF).
2. ***A minhaamiga é trabalhador em a sua livros** (EF).
3. *A Tanya gosta de brincar com **as suas irmãos** (EF).
4. *A Treasher vai ao cinema com **a sua namorado** (EF).

Os exemplos acima indicam, no que se refere à concordância de gênero, aspectos peculiares se se considerar os resultados de outros estudos sobre as variantes não nativas do Português. Nos três níveis, fica claro que os desvios com tendências de uso do masculino são bastante reduzidos, por um lado, contrariando a tendência generalizada do uso do masculino e, por outro, dando lugar à tendência do uso do feminino. Isto é, no grupo em estudo, com os possessivos, salienta-se a tendência de usar o feminino no estabelecimento da concordância, como ilustra o Gráfico 1 abaixo.

Já na estrutura *Prep. + Art. + Poss. + Nome* (em que o SN é parte do sintagma preposicional (SP)), os desvios de concordância têm lugar quer na relação entre o artigo e o nome quer entre o possessivo e o nome ou ainda entre os dois e o nome. No segundo e no terceiro ano (níveis em que foram registradas as estruturas em causa), os dados indicam que há maiores dificuldades na harmonização de traços gramaticais de gênero entre o possessivo e o núcleo nominal. Embora o uso do masculino seja a tendência dominante no segundo ano (somente no contexto sintático em causa); no 3º ano, de fato, o uso do feminino sobressai com maior significância. Parece, portanto, que nos primeiros anos, os estudantes de PLE tendem a usar o gênero masculino – daí o elevado número de ocorrências; no entanto, com o desenvolvimento da aprendizagem, esta tendência dá lugar ao estabelecimento do gênero morfológico em função do gênero biológico do sujeito falante. Aliás, mesmo na primeira estrutura de análise, o uso do masculino é expressivo no segundo ano. Os exemplos (VII e VIII) a seguir ilustram os aspectos apresentados neste parágrafo;

² Esta sequência é referente ao padrão europeu do português.

Exemplos VII (segundo ano)

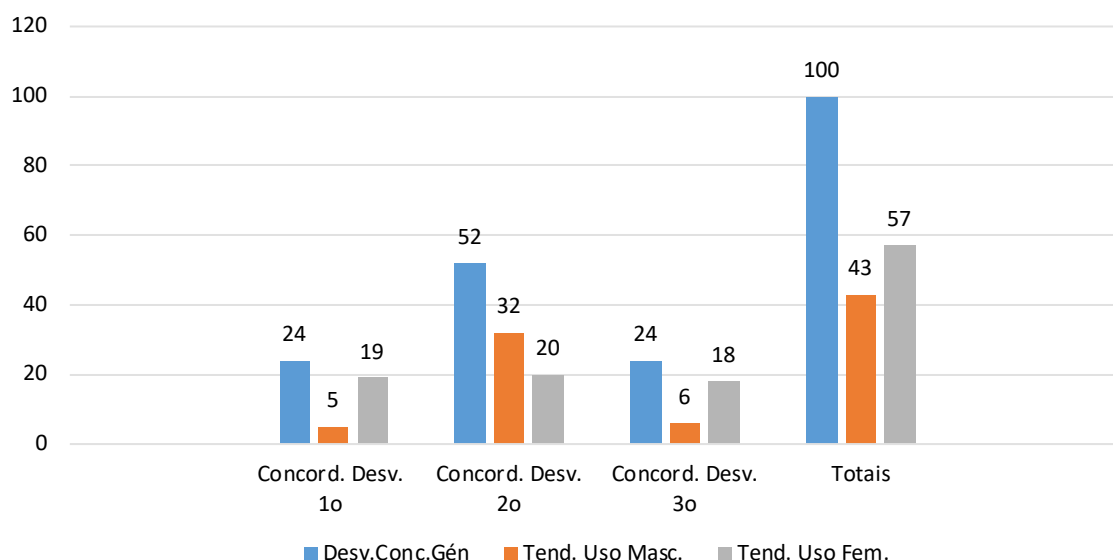
1. *Normalmente Leah vai na escola a pé **com seus amigas**; (EM)
2. *Convidarei os meus amigos **para o meu festa**; (EF)
3. *e toma pequeno almoço**com os seus famílias**; (EF)
4. *No ano passado eu fui da ideia **com a minha pai e mãe**; (EM)

Exemplos VIII (terceiro ano)

1. *A Tanya gosta de brincar com **as suas irmãos**; (EF)
2. *A Treasher vai ao cinema com **a sua namorado**; (EF)
3. *ou brincar **com as suas irmãos**; (EF)
4. *sobre **os seus amigos**, namorada e a sua vida; (EF)

Em enunciados como **depois das nossas estudos*; **depois do jantar eu fazia a minha trabalho de casa*; **a minha amigo tem namorado*; **no ano passado eu fui da ideia com a minha pai e mãe* e **A Tanya gosta de brincar com as suas irmãos*, tal como acontece com a maioria dos SN com desvios de concordância em gênero, os núcleos nominais *estudos*, *trabalho*, *amigo*, *pai* e *irmão* exibem marcas do masculino, no entanto, o especificador possessivo particularmente é apresentado na sua forma de feminino. No que tange à concordância nominal de gênero (masculino e feminino), o Inglês e o Shona não apresentam nenhum aspecto que diretamente influencie esta tendência. Portanto, os desvios e a tendência que ora se registram parecem ter mesmo a ver com o caráter complexo e pouco claro da marcação do gênero em português (MAARTINS, 2015, p. 40-41). No Gráfico 1 a seguir, representam-se as tendências do estabelecimento da concordância em gênero nos três níveis. De uma forma geral, o uso do feminino ultrapassa a metade das ocorrências desviantes.

Gráfico 1: Tendência de desvios de concordância nominal em gênero entre o possessivo e o nome



Fonte: produzido pelo autor.

5 DISCUSSÃO

O fato de o gênero ser uma categoria de difícil aprendizagem parece de fato generalizado. Neste âmbito, os resultados desta pesquisa convergem com outros estudos sobre o PLE efetuados por autores como Martins (2015) e Pinto (2012); no entanto, já não convergem com estudos de Mariottio e Lourenço-Gomes (2013) e de Gonçalves (1997 e 2010) entre outros sobre a tendência do uso do masculino. No cômputo geral (embora no segundo ano o uso do masculino supere ligeiramente o uso do feminino com o

possessivo), as estruturas analisadas indicam que em estruturas sintáticas do tipo *Art. + Poss. + Nome* ou *Prep. + Art. + Poss. + Nome*, a tendência é de colocar o possessivo à esquerda antecedido por um artigo, conforme a prescrição do PE. Assim, esta realização canônica distancia-se da ocorrência generalizada dos possessivos no PB e da tendência desviante no PM de omitir a anteposição dos artigos aos possessivos (cf. CASTRO, 2007; ATANÁSIO, 2002).

Nas variantes africanas, com destaque para o Português de São-Tomé onde se falam crioulos de base portuguesa (cf. HAGEMEIJER, 2009) e para o PA onde se falam línguas bantu como línguas maternas (Inverno, 2009), registram-se as tendências de flexionar os elementos antepostos (cf. MIGUEL e MENDES, 2013), fato que igualmente converge com os resultados deste estudo sobre o uso dos possessivos em que, de fato, nota-se a sua variação morfossintática. No entanto, diferentemente do que acontece nas variantes acima e no PLE em que se destaca a preferência do uso do masculino (cf. MIGUEL; MENDES, 2013; INVERNO, 2009; GONÇALVES, 2010; MARTINS, 2015; MARIOTTIO; LOURENÇO-GOMES, 2013; PINTO 2012), este estudo indica que, com os determinantes possessivos, a tendência é de colocá-los no feminino, independentemente do gênero do núcleo nominal.

Considerando o caráter complexo que envolve a indicação do gênero em Português, primeiro por não possuir mecanismos sistemáticos e regulares e, segundo, por depender do gênero do elemento possuído e não do possuidor; considerando também o fato de o Inglês e o Shona não possuírem aspectos que possam influenciar tal tendência – pois não há mecanismos de flexão e concordância em gênero masculino ou feminino – e considerando em paralelo que maior número de estudantes, cujas estruturas sintáticas de PLE constituem o *corpus* analisado, é do sexo feminino, o comportamento registrado revela a tendência de marcação do gênero morfológico em função do gênero biológico (sexo) do falante. Esta conclusão vai ao encontro e confirma uma das constatações de Ernesto (2015).

Efetivamente, no seio do grupo alvo, a tendência do uso do feminino na concordância dos possessivos fracos com o nome, mesmo podendo ter explicação na teoria de interlíngua, tal explicação não pode ser relacionada com o fenômeno de *cross-linguistic influence*, aspecto que se pode considerar na explicação da tendência do uso do masculino pelo mesmo grupo. Entretanto, o gênero biológico tem influência no uso da língua tal como demonstraram Romaine (2003) e Eckert (2003). No entanto, os resultados sobre a concordância do possessivo fraco com o nome, embora ilustrem a influência do gênero biológico sobre a realização em PLE, distanciam-se dos aspectos indicados por aqueles dois pelo fato de a influência consistir numa realização desviante.

Portanto, o estudo sobre a concordância do possessivo com o nome, no que diz respeito à categoria gramatical do gênero, revela que os alunos não obedecem àquela tendência geral de colocar os expansores do nome na sua forma não marcada de gênero e, desta forma, invalida-se a primeira hipótese apresentada em relação a questão que norteia este estudo. Com efeito, fica demonstrado que os aprendentes encontram estratégias próprias para o estabelecimento da concordância envolvendo o possessivo, neste caso, o recurso à estratégia de estabelecimento da concordância em gênero em função do gênero biológico do sujeito falante.

6 CONCLUSÃO

A marcação do gênero em Português é um processo pouco consistente devido à falta de critérios sistemáticos e regulares. Esta situação torna lento o processo de desenvolvimento de competências de concordância nominal em gênero em PLE. Por seu turno, os possessivos, uma das classes dos determinantes, revelam-se de uso complexo uma vez que, para além de simplesmente antecipar os traços morfológicos, neste caso, de gênero do núcleo nominal, têm a função de veicular a ideia de posse. Apesar de se verificar, em termos gerais, a tendência do uso generalizado do masculino no estabelecimento das relações de concordância em PLE, com os possessivos, o estudo revela uma tendência contrária, o uso do feminino.

Esta situação, considerando a constituição do grupo alvo – constituído maioritariamente por indivíduos do sexo feminino – leva a considerar a adoção do critério de estabelecimento de concordância nominal de gênero em função do gênero biológico do sujeito falante. Aliás, tendências semelhantes – em que aspectos linguísticos são relacionados e explicados com base nas diferenças de gênero biológicos –, envolvendo diferentes aspectos linguísticos, são reportados em um número significativo de estudos de natureza sociolinguística de Português e não só. Portanto, sob o ponto de vista de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e do PLE em

particular, isto implica a necessidade de um investimento acrescido no ensino-aprendizagem e no tratamento dos possessivos, considerando que se trata de palavras de uso frequente e discursivamente marcado.

REFERÊNCIAS

- ADRIANO, P. S. *Tratamento morfosintático de expressões e estruturas frásicas do português em Angola: divergências em relação à norma europeia*. 2014. 594f. Tese (Doutorado) – Doutoramento em Linguística Portuguesa, Universidade de Évora, Évora, 2014.
- ATANÁSIO, N. *Ausência do artigo no português de Moçambique: análise de um corpus constituído por textos de alunos do ensino básico em Nampula*. 2002. 178f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Linguística Portuguesa, Universidade do Porto e Universidade Pedagógica, Porto, 2002.
- BEIT-ALLAHMI, B. et al. Grammatical gender and gender identity development: cross cultural and cross lingual implications. *Amer. J. orthopsychiat*, v.44, n.3, 1974.
- BRITO, E. Grammatical gender in the interlanguage of English-speaking learners of Portuguese. *Portuguese Language Journal*, v. 9, Article 7, 2015.
- BRITO, A. M. Categorias sintáticas. In: MATEUS et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.
- CASTRO, A. Sobre possessivos simples em português. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 22., Lisboa. *Anais...* Lisboa: APL, 2007. p. 223-237.
- CASTRO, A.; COSTA, J. Possessivos e advérbios: formas fracas como X^o. In: Gonçalves, A. e CORREIA, C. N. (Org.) *Atas do XVII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, 2002. p. 101-112.
- CERQUEIRA, V. C. *A sintaxe do possessivo no português brasileiro*. Campinas: UNICAMP, 1996.
- CORBET, G. Grammatical gender. In: HOLMES J.; MEYERHOFF, M. (Ed.) *The handbook of language and gender*. Oxford: Blackwell, 2006. p.749-756. Disponível em: <<http://www.surrey.ac.uk/LIS/SMG/Gender%20grammatical.pdf>>. Acesso: 21 abr. 2017.
- CORDER, S. P. *Error analysis and Interlanguage*. Oxford: Oxford University Press, 1981.
- CUNHA, C. ; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Editora Sá da Costa, 1999.
- ECKERT, P. Language and gender in adolescence. In: HOLMES, J.; MEYERHOFF, M. (Ed.). *The handbook of language and gender*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2003. p. 381- 400.
- ELLIS, N. C. Second language acquisition. In: TROUSDALE, G; HOFFMANN, T. (Ed.). *Oxford handbook of construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 365-378.
- ELLIS, R. *The study of second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- ERNESTO, N. M. *Ensino estratégico da gramática na aula de português língua não materna*. 2015. 319f. Tese (Doutorado) – Doutoramento em Ensino de Português, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015.

FERREIRA, T. S. *Padrões na aquisição/aprendizagem da marcação do gênero nominal em português como L2*. 2011. 118f. Dissertação (Mestrado) Mestrado em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011.

FORTUNE, G. *Shona grammatical construction*. Harare: Mercury Press, 1980.

GONÇALVES, P. Tipologia de 'erros' do português oral de Maputo: um primeiro diagnóstico. In: STROUD, C.; GONÇALVES, P. (Org.). *Panorama do português oral de Maputo - Vol. II: A construção de um banco de "erros"*. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação, 1997. p. 37-67.

_____. *A gênese do português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010.

HAGEMEIJER, T. As línguas de S. Tomé e Príncipe. *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*, v.1, n.1, p.1-27, 2009.

INVERNO, L. *Contact-induced restructuring of Portuguese morphosyntax in interior Angola: Evidence from Dundo (Lunda Norte)*. 2009. 476f. Dissertação (Doutorado) – Doutoramento em Letras: Línguas e Literaturas Modernas, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.

JOHN-AND, A. *Variação, contacto e mudança linguística em Moçambique e Cabo Verde: a concordância variável de número em sintagmas nominais do português*. 2011. 167f. Dissertação (Doutorado) – Doutoramento em Linguística Portuguesa, Universidade de Estocolmo, Estocolmo, 2011.

LABOV, W. *Principles of linguistics change*. Vol. I: Internal factors. Blackwell, 1994.

_____. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 5, n. 9, 2007.

LUCCHESI, D. A concordância de gênero. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; e RIBEIRO, I.; (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 295-318.

MARIOTTO, E.; LOURENÇO-GOMES, M. C. Análise de erros na escrita relacionados à aprendizagem da concordância de gênero por falantes nativos do inglês, aprendentes de português europeu como língua estrangeira. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA (SIMELP). *LÍNGUA PORTUGUESA: ULTRAPASSANDO FRONTEIRAS*, UNINDO CULTURAS, 4, 2013, Goiânia. *Anais...Goiânia: Faculdade de Letras/UFG*, 2013. p. 1278-1285. Disponível em: <http://www.simelp.letras.ufg.br/anais/simposio_26.pdf2013>. Acesso em: 16 abr. 2017.

MARTINS, C. Número e gênero nominais no desenvolvimento das interlínguas de aprendentes do português europeu como língua estrangeira. *Revista Científica da UEM: Série Letras e Ciências Sociais*, v.1, n.1, p. 26-51, 2015. Disponível em: <<http://www.revistacientifica.uem.mz/index.php/seriec/article/view/93/54>>. Acesso: 23 out. 2016.

MCELHINNY, B. Theorizing gender in sociolinguistics and linguistic anthropology. In: HOLMES, J.; MEYERHOFF, M. (Ed.). *The handbook of language and gender*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2003. p. 21-42.

MHUTE, I. Typical phrases for shona syntactic subjecthood. *IEuropean Scientific Journal February 2016 Edition*. v.12, n.5, p. 340-345, 2016.

MIGUEL, M. Para uma tipologia dos possessivos. In: GONÇALVES, A.; CORREIA, C. N. (Org.). *Atas do XVII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, 2002. p. 287-300.

MIGUEL, M.; MENDES, A. Syntactic and semantic issues in sequences of the type (adjective)-noun-(adjective). *Journal of Portuguese Linguistics*, v.12, n.2, p. 151- 156, 2013.

MUKARO, L. WH-questions in shona. *International Journal of Linguistics*, v.4, n. 1, p. 220-236, 2012.

MPOFU, N *The shona adjective as a prototypical category*. 2009. 236f. Dissertação (Doutoramento) – Doutorado em Linguística, Universidade de Oslo, Oslo, 2009.

ORTEGA, L. *Understanding second language acquisition*. London, New York: Routledge, 2013.

PINTO, J. A aquisição de português LE por alunos marroquinos: Dificuldades interlinguísticas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SEEPLU - DIFUNDIR LA LUSOFONIA CÁCERES: SEEPLU / CILEM / LEPLL, 2., 2012. *Atas...* Disponível em: <<http://www.seeplu.galeon.com/textos2/pinto.pdf>>. Acesso: 22 abr. 2017.

RAPOSO, E. B. P.; MIGUEL, M. Introdução ao sintagma nominal. In: RAPOSO et al. *Gramática do português*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

RIO-TORTO, G. Classes gramaticais: sua importância para o ensino da morfossintaxe. *Máthesis*, n. 10, p. 259-286, 2001. Disponível em: <http://www4.crb.ucp.pt/Biblioteca/Mathesis/Mat10/mathesis10_259.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2017.

ROMAINE, S. Variation in language and gender. In: HOLMES, J; MEYERHOFF, M. (Ed.) *The handbook of language and gender*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2003. p. 98-118.

SCHUMANN, J. H. The implications of interlanguage, pidginization and creolization for the study of adult second language. *TESOL Quarterly*, v. 8, n.2, 1974. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/pdf/3585538.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

VILALVA, A. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras de português*. Lisboa: Dicemto, 1994.

_____. Estruturas morfológicas básicas. In: MATEUS et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

Recebido em 22/04/2017. Aceito em 29/06/2017.

GENDER AND POSSESSIVES IN PORTUGUESE AS FOREIGN LANGUAGE

GÊNERO E POSSESSIVOS EM PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA
GÉNERO Y POSESIVOS EN EL PORTUGUÉS LENGUA EXTRANJERA

Diocleciano Nhatuve*

Universidade do Zimbabwe

Universidade de Coimbra

ABSTRACT: This study described the gender nominal agreement between possessives and nouns in Portuguese as foreign language. We analyzed noun phrases in which there is anomalous agreement between possessives and nouns. These noun phrases were written by learners of Portuguese at the University of Zimbabwe. This group of students presents previous linguistic knowledge of Shona and English, two linguistic systems different from Portuguese, what allows the occurrence of deviations. The language change and foreign language acquisition theories enlighten this study. Both are considered because they offer explanations for the deviations when individuals learn and use non-mother tongue. The results of this research reveal that learners, differently from Brazilian Portuguese, use definite articles before possessives. In regard to nominal agreement between possessive and nouns, the students replace the use of masculine by the use of feminine. This aspect, however, dues to the fact that they establish grammatical agreement based on biological gender.

KEYWORDS: Gender. Possessives. Nominal agreement in Portuguese Foreign Language. Use of feminine.

RESUMO: O objetivo deste artigo é descrever a concordância nominal de gênero entre os possessivos e os nomes em Português como Língua Estrangeira. Analisam-se SNs, em que os possessivos apresentam anomalias de concordância, escritos por estudantes de português na Universidade do Zimbabwe. Este grupo de estudantes apresenta um conhecimento linguístico prévio de shona e de inglês, sistemas diferentes do português, o que propicia a ocorrência de desvios. O estudo baseia-se nas teorias de variação linguística e de ensino-aprendizagem de línguas, por oferecerem explicações para a ocorrência de desvios na aquisição de línguas não maternas. O estudo, basicamente qualitativo, indica que os estudantes, distanciando-se do PB, usam os possessivos anteceditos por artigos definidos. Ademais, a tendência geral de uso do masculino na concordância nominal, com o possessivo, é substituída pelo uso do feminino, aspecto resultante do estabelecimento da concordância em função do gênero biológico.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Possessivos. Concordância nominal em PLE. Uso do feminino.

RESUMEN: Este artículo describe la concordancia nominal en género entre los posesivos con los nombres en portugués lengua extranjera. Se analizan las estructuras sintagmáticas, donde los posesivos presentan anomalías de concordancia, escritos por los alumnos de portugués de la Universidad de Zimbabwe. Este grupo tiene un conocimiento lingüístico previo de shona y inglés, sistemas diferentes del portugués, facilitando la aparición de los desviados. El estudio se basa en las teorías de la variación lingüística y del enseñanza y aprendizaje de lenguas, ya que ofrecen explicaciones para la ocurrencia de fenómenos de desviaciones en la adquisición de lenguas no nativas. El estudio, principalmente cualitativo, indica que los alumnos, distanciándose del PB, utilizan el

*Leitor de Língua Portuguesa na Universidadde do Zimbabwe; Doutorando pela Universidade de Coimbra. E-mail: djrnhatuve@gmail.com

posesivo precedido de artículos definidos. La tendencia general del uso de masculino en la concordancia nominal, con el posesivo, se sustituye por el uso del femenino, lo que resulta de creación de la concordancia basada en el género biológico.

PALABRAS-CLAVE: Género. Posesivo. Concordancia nominal en PLE. Uso del femenino.

1 INTRODUCTION

Nominal agreement in general is one of the major challenges to the Portuguese as Foreign Language (PFL) teaching and learning process. The difficulties in this area are accentuated where the grammatical category of gender whose morphological marking mechanisms are not based on regular and systematic processes is concerned. There are studies that, actually, report the difficulties in establishing gender in noun phrases (NP) of PFL learners, such as Martins (2015), Pinto (2012) and Mariotto and Lourenço-Gomes (2013). In this context, these authors detect in different groups the widespread tendency of the use of the masculine in the accessory elements of the noun-nucleus. Such difficulties of marking the gender are often explained on the basis of two great phenomena that are imposed in the learning of Foreign Languages (FL). It is firstly the phenomenon of interlanguage, which mediates the non-speaker phase of learning a FL and that of a competent speaker; and secondly the phenomenon of linguistic influence and transfer that requires the use of aspects of native languages in the learning and use of FL. There are also studies that show the occurrence of certain linguistic phenomena whose explanation is based on the relationship between language and biological gender.

The objective of this study is to investigate the phenomenon of nominal agreement in gender between the possessives – words that determine the noun and the pragmatic level indicate ownership – and the noun in NPs written by PFL learners whose linguistic profile reveals the coexistence of Shona and English, two language systems relatively distant from Portuguese in terms of concordance. Thus, we intend to identify the trends that are registered in the use of the possessive and to relate them to the different influential aspects in the use of PFL. We also intend to verify to what extent the use of the possessives by the PFL learners is carried out in accordance with the tendencies that are transversal.

The relevance of this study lies in the fact that it can bring to the surface specific linguistic aspects of a particular group of learners who, due to several factors, presents particularities that escape the monitoring of the different agents involved in the teaching and learning of PFL, because they do not incorporate the generalized trends presented in the literature. In addition, the work is justified by the need to produce and disseminate specific knowledge about PFL in such a way that the same knowledge serves the interests of the great project of expansion of the Portuguese language as an instrument of communication and vehicle of scholarship in the world. In fact, just by knowing the different salient aspects in the teaching and learning process is that one can make efforts directed to each case, either by students or by teachers, researchers and education systems.

It is hoped, therefore, with this study, to present tendencies that particularize the nominal agreement in gender of the possessives in PFL learners with a previous linguistic knowledge of Shona and English. In parallel, we seek to present a sociolinguistic explanation of the tendency to establish nominal agreement in gender according to the biological gender of the speaking subject. Thus, with this study, more aspects and attributes to consider in the design of strategies that minimize the difficulties of developing the competence of nominal agreement in gender in Portuguese, within the target group and beyond, will be made available to the teacher of PFL.

Based on a qualitative methodology, the deviant structures of NPs are analyzed, having as one of the determinants the possessive. The choice of this approach is justified by the fact that its essence meets the general objective of this study, by allowing the description and explanation of the agreement phenomenon, so as to bring to the surface the trends in the use of PFL as well as the sociolinguistic explanations. Thus, examples and schemes are used as a resource to demonstrate the tendencies in the use of possessives. The *corpus* to be analyzed consists of syntactic structures produced by first, second and third year students of PFL learning at the University of Zimbabwe. The use of data from three groups is based on the need to verify whether the extent to which the establishment of the agreement of the possessive with the noun according to the biological gender is resolved or not, with the advancement in learning.

2 PRELIMINARY DATA

The target group of this study consists of PFL learners who are native-speakers of Shona and English. These students, aged between 19 and 35 years, have Portuguese as part of the different programs they are studying. In terms of prior linguistic knowledge on the basis of Portuguese learning, the absence of flexion and concordance in feminine and masculine gender in both languages should be emphasized within the scope of nominal agreement. Incidentally, although the phenomenon of nominal concordance in gender occurs through the placement of nominal class morphemes in Shona, such gender does not refer to the grammatical categories of feminine and masculine.

The mother tongue of the target group is part of the languages of zone S10, being native to the people of Mashonaland, Zimbabwe. However, it is also spoken by small social groups in neighboring countries such as Botswana, Mozambique and Zambia (cf. MUKARO, 2012, p. 221; MHUTE, 2016, p. 340). In Zimbabwe, there are about 16 official languages – Shona, Ndebele, Tonga, Tswana, Kalanga, Koisan, Shangani, Nda, Chibarwe, Nambya, Xhosa, Chewa, Sign language, Sotho, and English. The latter, the language of the former colonizer – England – is the second language of most Zimbabweans. This situation favors the existence of multilingual individuals.

The language system of the Shona (mother tongue) is based on nominal classes that fit into two large groups of names, namely, countable names and countless names (MPOFU, 2009, p. 100-108). 21 classes based on purely semantic aspects, which correspond to the gender are considered; the elements directly related to the name (verbs and adjectives) must agree in the categories of nominal class (gender), person and number with the prefix of the core name (FORTUNE, 1980 p. 29-84; MUKARO, 2012). Therefore, agreement in Shona occurs through the prefixing of agglutinating morphemes of person, number and class, as can be seen in the following examples.

Examples I:

- a. [F [NP-suj. [Pref. class/num/pess **Dzi**] mba[Dem **idzi**]] [VP [Pref. class/num/pess **dz**] akanaka]] (dzimbaidzidzakanaka) (SH) = Estas casas são bonitas (PT).
- b. [F [NP-suj. [Pref. class/num/pess **Mu**]nhu] [VP [Pref. class/num/pess **a**]nozivazvaanoda]] (munhuanozivazvaanoda) (SH) = A pessoa sabe o que quer (PT).
- c. [F [NP-suj. [Pref. class/num/pess **Va**]nhu] [VP [Pref. class/num/pess **va**]nozivazvavanoda]] (vanhuvanozivazvavanoda.) = As pessoas sabem o que querem (PT).
- d. [F [NP-suj. [Pref. class/num/pess **Zv**]ino] [Pref. class/num/pess **zv**]ose] [VP [Pref. class/num/pess **zv**]inebasa]]. (zvinozvosezvinebasa) (SH) = Todas as coisas são úteis (PT).

These characteristics are very distinct from Portuguese characteristics. Even though the value of the contribution of the socio-familial *input* to the development of skills in foreign languages is proven, the group members under study do not have opportunities to develop their competence of the Portuguese language in a social/family setup to complement the use of Portuguese, which only happens in the classroom, in the context of learning (cf. ORTEGA, 2013, p. 27; ELLIS, 2013, p. 365-378). Moreover, on the value of socio-family *input*, relying on Krashen's theory (1985), Ortega considers

[...] learners obtain comprehensible input mostly through listening to oral messages that interlocutors direct to them and via reading written texts that surround them, such as street signs, personal letters, books and so on. When L2 learners process these messages for meaning (which they will most likely do if the content is personally relevant, and provided they can reasonably understand them), grammar learning will naturally occur. (KRASHEN, 1985 apud ORTEGA, 2013, p. 59).

However, the input of Portuguese is not available to the students, which, considering Krashen's perspective, makes it possible to foresee major difficulties in the development of competences in linguistic processes such as nominal agreement in gender, motivated firstly by the complexity and the non-systemic nature of morphological marking of gender in Portuguese, secondly, by the distance

between the languages known by the student and the language in learning, specifically Portuguese, and thirdly by the lack of input that favors learning.

The lack of a linguistic and cognitive basis (e.g. ORTEGA, 2013, p. 83-107) that accommodates the acquisition of gender-concordant competence in PFL within the target group makes critical the achievement of the gender agreement phenomenon. In general, studies of nominal agreement in this group and in others carried out by other researchers such as Martins (2015) and Pinto (2012) demonstrate the difficulty that PFL learners have in establishing gender and number traits, the category of gender being the one with the most deviations.

There is still a tendency to use the unmarked gender, the masculine, regardless of the characteristics of the nucleus. The explanation given for this phenomenon is in most cases the fact that in the native languages of these groups of learners there is no morphological distinction between masculine and feminine, that is, in English, Shona, Cantonese, etc. Thus, the deviation is favored by the phenomenon of cross-linguistic influence, in which aspects of the languages developed by the students are mobilized to fill certain difficulties in the use of the new language (ELLIS, 2013, p. 365-378). Now, if the Shona and English languages do not offer any linguistic backings in the area of nominal agreement in female and male gender, if the surrounding environment does not offer any meaningful input in Portuguese, how do PFL learners solve the question of agreement of the possessives with the noun in the grammatical category of gender?

In fact, although in the Shona language the possessive agrees (in morphosyntactic terms) in nominal class with the noun, it always operates an anaphoric reference, that is, it is always postponed to the nucleus as in examples I. In English, as stated, there is no gender agreement of the possessive. Actually, considering the question presented in the previous paragraph on the agreement of the possessive and the name in gender, several hypotheses can be put among which can be indicated:

1. The PFL learners with the linguistic profile presented, considering the different aspects that characterize the nominal agreement, present, as a general tendency in the establishment of the agreement between the possessive and the noun, the use of the masculine, since in their languages there are no morphosyntactic mechanisms of distinction of the two categories of gender (feminine and masculine).
2. If their prior linguistic knowledge does not provide them with features related to gender agreement, if the possessive behaves in a particular way – determines the noun, indicates the semantic value of possession and at the same time establishes a pragmatic relation between the speaking subject and the entity possessed ... – and if there is no possibility of putting the possessive in the neutral form (without reference to any entity), without, therefore, the possibility of resorting to their linguistic knowledge for learning and use, the student looks for his/her own strategies to make use of possessives.

Thus, the attempt to find answers to the question posed about the nominal gender agreement in PFL of learners with a linguistic profile presented implies the consideration of two main theories, namely, the theory of linguistic variation (LABOV, 2007, 1994) and the theory of acquisition of foreign languages (ELLIS, 2013 and ELLIS, 1994). The two theories are summoned by the fact that they predict, in the acquisition of FLs, occurrences of phenomena of deviations, and the first one finds different variables on which such deviations (variation) depend. One variable that is invoked as a determinant of certain linguistic achievements, deviant or not, is gender (cf. ECKERT, 2013, ROMAINE, 2013, and MCELHINNY, 2013). The theory of acquisition of FLs, in turn, predicts that, at a certain stage of learning (interlanguage), the realization of morphosyntactic achievements fits neither in the languages already known (in this case English and Shona), nor in the target language (Portuguese) (cf. CORDER, 1981, p. 16-17; SCHUMANN, 1974, p. 145-146), a characteristic that can be attributed to the use of the possessive by the target group.

3 LITERATURE REVIEW

The word *gênero* comes from the Latin *genus* carrying with it the significance of 'type'. However, the types of entities denoted by nouns cannot be limited to the masculine and the feminine resulting from the notion of male and female. There are languages with

more than two genders; they can go up to fifteen (cf. BEIT-ALLAHMI et al. 1974, p.426), a consequence of the existence, in different languages, of several aspects considered for the definition of gender. There are, however, systems that consider the sex of living beings for the definition of the genus of the nouns that designate them; others, the life (being / not being), hierarchies of beings (humans, animals, trees, superiors, inferiors), etc. (cf. CORBERT, 2006).

Gender consists, in effect, in the notional subcategorization that the speakers make of the reality around them, based on processes of cognition of reality. It is not necessarily sex, though sex can be considered as one of the criteria for defining it. While sex is natural – particularly concerning animate beings (male and female) – gender is not a natural thing, it is the conventional, social, cultural, and psychological categorization of reality (MCELHINNY, 2003, p. 22-23). However, the grammatical gender consists in the placing of morphemes to the nouns and their accessories, without such morphemes establishing a natural or consistent relation with the referents. Moreover, in Portuguese, the morphological marking of the gender does not obey systematic criteria, in such a way that many linguists criticize and deny the indication of gender based on morphological processes.

In fact, languages have gender-differentiation systems, and they have different gender-based systems; “noun phrases headed by nouns of different types control different agreements [...] [so], the evidence that nouns have gender in a given language lies in the agreement targets that show gender” (CORBERT, 2006, p. 749-750). According to this author, there are two great criteria / rules used in the definition of gender; semantic (for certain languages) and formal (for others). However, the formal never dissociate from the former, in reality, there are languages that combine the meaning and form of units. Considering that in Portuguese the speakers differentiate, albeit less systematically, the masculine nouns from the feminine by giving them certain terminations, it can be considered that Portuguese obeys the second criterion (the combination of meaning and form).

In Portuguese, there is a tendency to associate thematic vowels ‘-a’ with the feminine and ‘-o’ with the masculine. However, there is enough evidence to demonstrate the non-functionality of this criterion for the identification and marking of gender, for example, the impossibility of changing feminine nouns such as *mesa* (table) for the masculine **meso* by switching the vowels. Gender is unequivocally “determined by the determinant that lies to the left of the name” (RIO-TORTO, 2001, p. 263), through the process of nominal agreement in gender (LUCCHESI, 2009, p. 2996).

In this nominal agreement, possessives, one of the classes that must present the form corresponding to the genus of the nominal nucleus, have the particularity of varying according to the semantic traits of gender of the entity possessed. Generally, they are postponed to the determinant article or demonstrative (see Examples 2) and precede the numerical quantifiers (Examples 2 c, d), with which they operate a multiple specification, without ever being able to occur in the initial position of the NP, in canonical Portuguese (European Portuguese) (Examples 2 d, e) (RAPOSO; MIGUEL, 2013, p. 729-730), one of the attributes that distinguish this variety from the Brazilian.

Examples II

- a. O meu livro está encapado.
- b. Este meu livrocustou 20\$.
- c. Osmeus quatro filhos são jornalistas.
- d. As suas cinco canetas estão guardadas.
- e. *Meu amigo chegou (EuropeanPortuguese (EP)). vs. Meu amigo chegou (BrazilianPortuguese (BP))
- f. O meu amigo chegou.

In contemporary Portuguese, the data analyzed by Miguel reveal, as far as the strictly syntagmatic level of NP is concerned, the disappearance of the “clitic forms” of the possessives, that is, the pre-nominal placement not combined with articles of the possessives (MIGUEL, 2002, p. 290). This implies the consideration of two positions in the use of Portuguese, namely, the pre-nominal placement of the possessives combined with an article or a demonstrative – weak forms of the possessives – and the post-nominal placement – strong forms of possessives – in the European variant of Portuguese (cf. CASTRO; COSTA, 2002, p. 101-107). These positions (pre-nominal and post-nominal) are sensitive to NPs “definiteness” or “indefiniteness” (BRITO, 2003, p. 509).

While the possessive determinants are preceded by the definite articles and demonstratives in defined NPs (Examples 3 a, b.), they are postponed to the noun determined by the indefinites, by numerals, by interrogatives, and by exclamations (Examples 3 c, d.), in undefined NPs (BRITO, 2003, p. 509).

Examples III

- a. *O meu irmão chegou.*
- b. *Este meu irmão é muito inteligente.*
- c. *Umas tias nossas chegaram ontem.*
- d. *Quatro amigos seus chegaram.*

As regards the use of the Portuguese as a non-mother tongue (PNMT), according to Gonçalves (1997, p. 62-63), the tendency towards preference for the masculine stands out. Pinto (2012, p. 27), in turn, in a study involving Moroccan students, highlights, among their main difficulties, the selection of the gender when the noun in Portuguese does not belong to the thematic classes ‘-o’ or ‘-a’ with partial correlation with the male gender values or the feminine. As in the case of Mozambican Portuguese (MP) and in the other PALOP¹s, the trend towards the widespread use of the masculine is also found in European PFL learners (cf. MARIOTTO; LOURENÇO-GOMES, 2013, p. 181-183).

The use of possessives is not exempt from the phenomena of sociolinguistic variation. While in EP, pre-nominals (weak possessives) occur with definite determination, in BP, they occur without articles – functioning as possessive determinants (cf. CASTRO, 2007). This leads to the consideration of a strategy of avoiding the multiple determinations advocated in the Portuguese grammar. In BP, the use of the possessive resulting from the association of the preposition *de* (with the value of belonging / origin) with 3rd person pronouns (*ele* e *ela*) is frequent. Rather than disambiguating the semantics of the pronouns *his* and *her* (*seu/ sua*), which are of preferential use in the EP, *dele/dela* are used in BP because of the distance between the possessive and the referent in the contexts (cf. CERQUEIRA, 1996, p. 86-121).

In the African context, although the EP norm is officially assumed, the use of possessives registers a significant linguistic variation. Such a variation implies, in a general sense, the occurrence of the so-called variable concordance within the NP (JOHN-AND, 2011). In addition to the aspects related to non-flexing in gender and number of accessory elements of the nominal nucleus, revealed by authors of diverse origin such as Miguel and Mendes (2013), Inverno (2009) and Gonçalves (2010), in a recent study, Adriano (2014, p. 168-170) confirms the erasure of the marked number (plural), marks not necessarily of the specifiers, but of the nouns and adjectives, in effect avoiding the patterns of correspondence of syntactic and semantic traits with the specifiers (including the possessives) in the Angolan Portuguese (AP). In the Mozambican Portuguese (MP), the case is similar to that which stands out in the BP that consists in the use of the pre-nominal (weak) possessives without the definite determination (cf. ATANASIO, 2002, p. 118-119). Therefore, in relation to the use of the possessives in the African variants, two tendencies appear in the pre-nominal position: the erasure of the marked number (plural) in the nucleus, sometimes in the possessive, and the omission of the determinants.

From the sociolinguistic point of view, there are studies that demonstrate linguistic variation phenomena conditioned by the gender (sex) of the speaking subject. Romaine (2003) and Eckert (2003) present studies that relate the phenomenon of linguistic hypercorrection to women: “one of these sociolinguistic patterns is that women, regardless of other social characteristics such as class, age, etc., tended to use more standard forms than men” (ROMAINE, 2003, p. 101-102). Romaine gives as an example the realisation of / r / post-vowel by New York women (cf. ECKERT, 2003, p.392). With regard to the Portuguese, in a doctoral dissertation, Ernesto (2015) presents as one of the problems of PFL learners, the establishment of nominal agreement in gender dependent on the biological gender. In turn, Brito (2015, p. 13) analysing PFL structures of learners with prior linguistic knowledge of English, reveals the occurrence of deviations in nominal gender agreement without, however, relating grammatical gender deviance to the gender of individuals.

¹ African countries that have Portuguese as official language.

4 DATA PRESENTATION

The possessives indicate morphological traits of gender and number of the nucleus and, at the same time, indicate the semantic value of possession. With regard to gender, a determinant like 'meu' varies according to the marks of the entity possessed. Being able to be placed in the post-nucleus position (strong possessive), its canonical position is the pre-nuclear (weak possessive) conforming to the sequence *Art. + Poss. + Noun*. The data analyzed, which reveal that the PFL learners at the University of Zimbabwe use the possessives in their canonical position i.e. as weak possessives (cf. CASTRO, 2007), involve two contexts of occurrence, namely, in the sequence *Art. + Poss. + Noun* (in an autonomous NP or complement of Verbal Phrases (VP)) and in the sequence *Prep + Art. + Poss. + Noun* (in a structure in which the NP is a complement of PREPOSITION). In these contexts, PFL learners use the possessives as nominal determinants.

With regard to the sequence: *Art. + Poss. + Noun*, although in some cases with problems of agreement, the target group places articles before the possessives and, together, determine the noun, as can be seen in the examples below:

Examples IV (first year)

1. ***O meu irmã** chama-se Morgan Marwiro (Female student (FS));
2. ***A minha amigo** tem namorado (Male student (MS));
3. ***A minha** pai e mãe têm cinco filhos (FS);
4. *Limpo **as minhas dentes** (FS);

Examples V (second year)

1. *Depois do jantar eu **fazia a minha trabalho de casa** (FS);
2. *Ela mora em Chipinge com o meu avô **e o seu família** (FS);
3. *Também **eu vou cassar a minha namorado** (FS);
4. ***A minha professor** foi chama-se senhora Makurumidze (FS);

Examples VI (third year)

1. *Quando ela **terminar a sua programa** (FS);
2. ***A minha amiga é trabalhador** em **a sua livros** (FS);
3. *A Tanya gosta de brincar com **as suas irmãos** (FS);
4. *A Treasher vai ao cinema com **a sua namorado** (FS);

The above examples indicate, with respect to gender agreement, peculiar aspects if one considers the results of other studies on non-native variants of Portuguese. At the three levels, it is clear that the deviations with masculine tendencies are quite reduced, on the one hand, contrary to the generalized tendency of the masculine use, and, on the other hand, giving way to the tendency of the feminine use. That is, in the group under study, with regards the possessives, the tendency to use the feminine in the establishment of concordance is emphasized, as shown in figure I below.

In the *Prep + Art. + Poss. + Noun* structure (where the NP is part of the Prepositional phrase (PP)), the deviations of agreement take place either in the relation between the article and the noun or between the possessive and the noun or between the two and the noun. In the second and third years (the levels in which the structures in question were registered), the data indicate that there are greater difficulties in harmonizing grammatical traits of gender between the possessive and the nominal nucleus. Although the use of the masculine is the dominant tendency in the second year (only in the syntactic context in question), in the 3rd year, the use of the feminine stands out with greater significance. It seems, therefore, that in the early years PFL learners tend to use the masculine gender – hence the high number of occurrences – however, with the development of learning, this tendency gives rise to the

establishment of the morphological gender according to the biological gender of the speaking subject. In fact, even in the first structure of analysis, the use of the masculine is vivid in the second year. Examples (7 and 8) below illustrate the aspects presented in this paragraph.

Examples VII (second year)

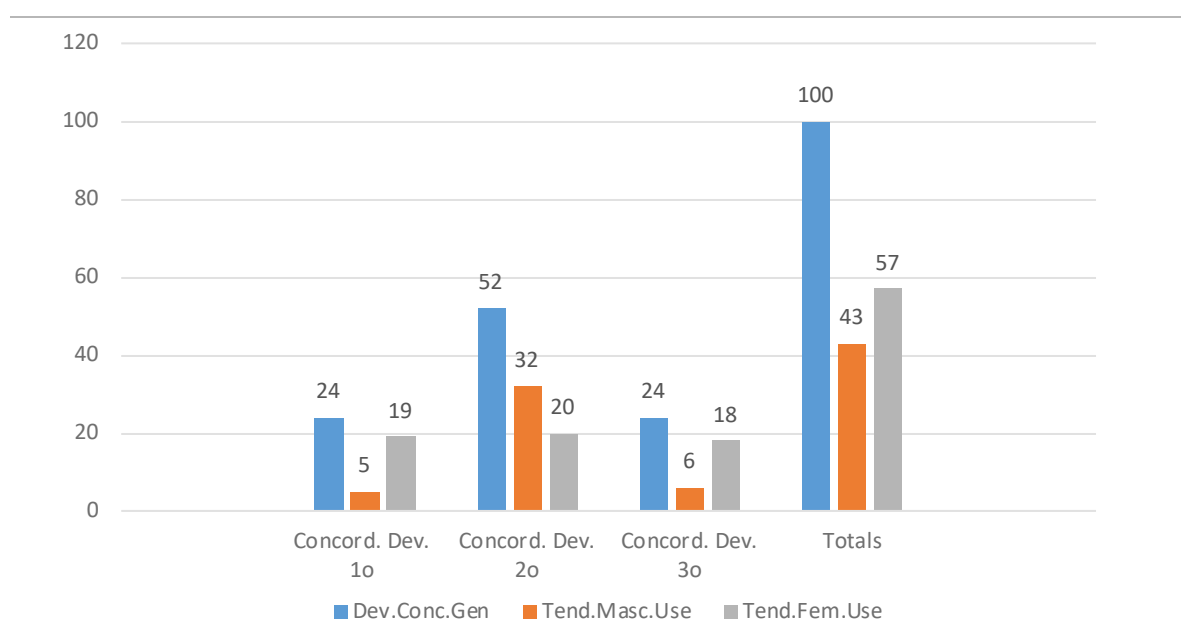
1. *Normalmente Leah vai na escola a pé **com seus amigas**; (MS)
2. *Convidarei os meus amigos **para o meu festa**; (FS)
3. *e toma pequeno almoço **com os seus famílias**; (FS)
4. *No ano passado eu fui da ideia **com a minha pai e mãe**; (MS)

Examples VIII (third year)

1. *A Tanya gosta de brincar **com as suas irmãos**; (FS)
2. *A Treasher vai ao cinema **com a sua namorado**; (FS)
3. *ou brincar **com as suas irmãos**; (FS)
4. *sobre **os seus amigos**, namorada e a sua vida; (FS)

In statements like *depois das **nossas estudos**; *depois do jantar **eu fazia a minha trabalho de casa**; *a **minha amigo** tem namorado; *no ano passado eu fui da ideia **com a minha pai e mãe** and *A Tanya gosta de brincar **com as suas irmãos**, as with most NPs with deviations of gender agreement, the nominal nucleus *estudos*, *trabalho*, *amigo*, *pai* and *irmão* display marks of the masculine, however, the possessives specifier is particularly presented in its feminine form. Regarding the nominal agreement on gender (male and female), English and Shona do not present any aspect that directly influences this tendency. Therefore, the deviations and the trend that occur seem to have to do with the complex and unclear character of the gender marking in Portuguese (MARTINS, 2015, p. 40-41). Graph I below shows trends in establishing gender agreement at all three levels. In general, the use of the feminine exceeds half of the deviant occurrences.

Graph I: Tendency of deviations of nominal agreement in gender between the possessive and the noun



Source: from author.

5 DISCUSSION

The fact that gender is a difficult category to learn actually seems to be generalized. In this context, the results of this research converge with other studies on the PFL carried out by authors such as Martins (2015) and Pinto (2012). However, they no longer converge with studies of Mariotto and Lourenço-Gomes (2013) and Gonçalves (1997; 2010) among others on the trend of the use of the masculine. In general terms (although in the second year the use of the masculine slightly exceeds the use of the feminine with the possessive), the analyzed structures indicate that in syntactic structures of the type *Art. + Poss. + Noun* or *Prep. + Art. + Poss. + Noun*, the tendency is to place the possessive to the left preceded by an article, according to the EP prescription. Thus, this canonical realization distances itself from the generalized occurrence of the possessives in the BP and from the deviant tendency in the MP to omit the preposition of the articles of the possessives (cf. CASTRO, 2007; ATANÁSIO, 2002).

In the African variants, with emphasis on the Portuguese of São Tomé where Portuguese-based creoles are spoken (HAGEMEIJER, 2009) and on the AP where Bantu languages are spoken as mother tongues (INVERNO, 2009), tendency to flex the antecedent elements is registered (MIGUEL; MENDES, 2013), which also converges with the results of this study on the use of possessives in which, in fact, their morphosyntactic variation is noted. However, unlike what happens in the above variants and in the PFL in which the preference of the masculine is emphasized (cf. MIGUEL; MENDES, 2013; WINTER, 2009; GONÇALVES, 2010; MARTINS, 2015; LOURENÇO-GOMES, 2013; PINTO, 2012), this study indicates that, with the possessive determinants, the tendency is to put them in the feminine, regardless of the gender of the nominal nucleus.

Considering the complex nature that involves the indication of gender in Portuguese, first because it does not have systematic and regular mechanisms, and second, because it depends on the gender of the possessed element and not the possessor; also considering the fact that English and Shona languages do not have aspects that can influence this tendency – because there are no mechanisms of flexion and agreement in masculine or feminine gender – and considering in parallel that a larger number of students, whose PFL syntactic structures constitute the corpus analyzed, is female, the recorded behavior reveals the tendency of marking the morphological gender according to the biological gender (sex) of the speaker. This conclusion agrees with and confirms one of the findings of ERNESTO (2015).

Effectively, within the target group, the tendency to use the feminine in the agreement of the weak possessors with the noun, even if it can be explained in the interlingua theory, such explanation cannot be related to the phenomenon of cross-linguistic influence, an aspect that can be considered in the explanation of the tendency of the use of the masculine by the same group of students. However, the biological gender has an influence on language use as demonstrated by Romaine (2003) and Eckert (2003). However the results on the agreement of the weak possessive with the noun, although they illustrate the influence of the biological gender on the accomplishment in PFL, distanced themselves from the features indicated by those two, merely by the fact that the influence consists in a deviant realization.

Therefore, the study on the agreement of the possessive with the noun, with respect to the grammatical category of the gender, reveals that students do not obey that general tendency to put noun expanders in their unmarked form in gender and, in this way, invalidate the first hypothesis presented in relation to the question that guides this study. In reality, it is demonstrated that the learners find their own independent strategies for the establishment of agreement involving the possessive, in this case, the recourse to the strategy of establishing agreement in gender according to the biological gender of the speaking subject.

6 CONCLUSION

Denoting gender in Portuguese is a controversial subject due to the lack of systematic and regular criteria. This situation slows down the process of developing competences of nominal agreement of gender in PFL. On the other hand, the possessives, one of the classes of the determinants, turn out to be complex to use since, despite simply anticipating the morphological traits of gender of the nominal nucleus, they serve to convey the idea of possession. Although in general terms the tendency is to use the masculine in the

establishment of the relations of agreement in PFL, with the possessive, the study reveals a contrary propensity, the use of the feminine.

This situation, considering the constitution of the target group – constituted mainly by female individuals – leads to consider the adoption of the criterion of establishment of nominal agreement of gender according to the biological gender of the speaking subject. In fact, similar tendencies – in which linguistic aspects are related and explained on the basis of biological gender differences – involving different linguistic aspects are reported in a significant number of sociolinguistic studies of Portuguese. Therefore, from the point of view of teaching and learning of foreign languages and PFL in particular, this implies the need for an increased investment in teaching, learning and practice of possessives, considering that this class of words is frequently used and discursively marked.

REFERENCES

- ADRIANO, P. S. *Tratamento morfosintático de expressões e estruturas frásicas do português em Angola: divergências em relação à norma europeia*. 2014. 594f. Tese (Doutorado) – Doutoramento em Linguística Portuguesa, Universidade de Évora, Évora, 2014.
- ATANÁSIO, N. *Ausência do artigo no português de Moçambique: análise de um corpus constituído por textos de alunos do ensino básico em Nampula*. 2002. 178f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Linguística Portuguesa, Universidade do Porto e Universidade Pedagógica, Porto, 2002.
- BEIT-ALLAHMI, B. et al. Grammatical gender and gender identity development: cross cultural and cross lingual implications. *Amer. J. orthopsychiat*, v.44, n.3, 1974.
- BRITO, E. Grammatical gender in the interlanguage of English-speaking learners of Portuguese. *Portuguese Language Journal*, v. 9, Article 7, 2015.
- BRITO, A. M. Categorias sintáticas. In: MATEUS et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.
- CASTRO, A. Sobre possessivos simples em português. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 22., Lisboa. *Anais...* Lisboa: APL, 2007. p. 223-237.
- CASTRO, A.; COSTA, J. Possessivos e advérbios: formas fracas como X^o. In: Gonçalves, A. e CORREIA, C. N. (Org.) *Atas do XVII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, 2002. p. 101-112.
- CERQUEIRA, V. C. *A sintaxe do possessivo no português brasileiro*. Campinas: UNICAMP, 1996.
- CORBET, G. Grammatical gender. In: HOLMES J.; MEYERHOFF, M. (Ed.) *The handbook of language and gender*. Oxford: Blackwell, 2006. p.749-756. Disponível em: <<http://www.surrey.ac.uk/LIS/SMG/Gender%20grammatical.pdf>>. Acesso: 21 abr. 2017.
- CORDER, S. P. *Error analysis and Interlanguage*. Oxford: Oxford University Press, 1981.
- CUNHA, C. ; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Editora Sá da Costa, 1999.
- ECKERT, P. Language and gender in adolescence. In: HOLMES, J.; MEYERHOFF, M. (Ed.). *The handbook of language and gender*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2003. p. 381- 400.

ELLIS, N. C. Second language acquisition. In: TROUSDALE, G.; HOFFMANN, T. (Ed.). *Oxford handbook of construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 365-378.

ELLIS, R. *The study of second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

ERNESTO, N. M. *Ensino estratégico da gramática na aula de português língua não materna*. 2015. 319f. Tese (Doutorado) – Doutorado em Ensino de Português, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015.

FERREIRA, T. S. *Padrões na aquisição/aprendizagem da marcação do gênero nominal em português como L2*. 2011. 118f. Dissertação (Mestrado) Mestrado em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011.

FORTUNE, G. *Shona grammatical construction*. Harare: Mercury Press, 1980.

GONÇALVES, P. Tipologia de ‘erros’ do português oral de Maputo: um primeiro diagnóstico. In: STROUD, C.; GONÇALVES, P. (Org.). *Panorama do português oral de Maputo - Vol. II: A construção de um banco de “erros”*. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação, 1997. p. 37-67.

_____. *A gênese do português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010.

HAGEMEIJER, T. As línguas de S. Tomé e Príncipe. *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*, v.1, n.1, p.1-27, 2009.

INVERNO, L. *Contact-induced restructuring of Portuguese morphosyntax in interior Angola: Evidence from Dundo (Lunda Norte)*. 2009. 476f. Dissertação (Doutorado) – Doutorado em Letras: Línguas e Literaturas Modernas, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.

JOHN-AND, A. *Variação, contacto e mudança linguística em Moçambique e Cabo Verde: a concordância variável de número em sintagmas nominais do português*. 2011. 167f. Dissertação (Doutorado) – Doutorado em Linguística Portuguesa, Universidade de Estocolmo, Estocolmo, 2011.

LABOV, W. *Principles of linguistics change*. Vol. I: Internal factors. Blackwell, 1994.

_____. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. Tradução de Gabriel de Ávila Othello. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 5, n. 9, 2007.

LUCCHESI, D. A concordância de gênero. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; e RIBEIRO, I.; (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 295-318.

MARIOTTO, E.; LOURENÇO-GOMES, M. C. Análise de erros na escrita relacionados à aprendizagem da concordância de gênero por falantes nativos do inglês, aprendentes de português europeu como língua estrangeira. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA (SIMELP). LÍNGUA PORTUGUESA: ULTRAPASSANDO FRONTEIRAS, UNINDO CULTURAS, 4, 2013, Goiânia. *Anais...Goiânia: Faculdade de Letras/UFG*, 2013. p. 1278-1285. Disponível em: <http://www.simelp.letras.ufg.br/anais/simpósio_26.pdf2013>. Acesso em: 16 abr. 2017.

MARTINS, C. Número e gênero nominais no desenvolvimento das interlínguas de aprendentes do português europeu como língua estrangeira. *Revista Científica da UEM: Série Letras e Ciências Sociais*, v.1, n.1, p. 26-51, 2015. Disponível em: <<http://www.revistacientifica.uem.mz/index.php/seriec/article/view/93/54>>. Acesso: 23 out. 2016.

MCELHINNY, B. Theorizing gender in sociolinguistics and linguistic anthropology. In: HOLMES, J.; MEYERHOFF, M. (Ed.). *The handbook of language and gender*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2003. p. 21-42.

MHUTE, I. Typical phrases for shona syntactic subjecthood. *IEuropean Scientific Journal February 2016 Edition*. v.12, n.5, p. 340-345, 2016.

MIGUEL, M. Para uma tipologia dos possessivos. In: GONÇALVES, A.; CORREIA, C. N. (Org.). *Atas do XVII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, 2002. p. 287-300.

MIGUEL, M.; MENDES, A. Syntactic and semantic issues in sequences of the type (adjective)-noun-(adjective). *Journal of Portuguese Linguistics*, v.12, n.2, p. 151- 156, 2013.

MUKARO, L. WH-questions in shona. *International Journal of Linguistics*, v.4, n. 1, p. 220-236, 2012.

MPOFU, N. *The shona adjective as a prototypical category*. 2009. 236f. Dissertação (Doutoramento) – Doutoramento em Linguística, Universidade de Oslo, Oslo, 2009.

ORTEGA, L. *Understanding second language acquisition*. London, New York: Routledge, 2013.

PINTO, J. A aquisição de português LE por alunos marroquinos: Dificuldades interlinguísticas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SEEPLU - DIFUNDIR LA LUSOFONIA CÁCERES: SEEPLU / CILEM / LEPLL, 2., 2012. *Atas...* Disponível em: <<http://www.seeplu.galeon.com/textos2/pinto.pdf>>. Acesso: 22 abr. 2017.

RAPOSO, E. B. P. ; MIGUEL, M. Introdução ao sintagma nominal. In: RAPOSO et al. *Gramática do português*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

RIO-TORTO, G. Classes gramaticais: sua importância para o ensino da morfossintaxe. *Máthesis*, n. 10, p. 259-286, 2001. Disponível em: <http://www4.crb.ucp.pt/Biblioteca/Mathesis/Mat10/mathesis10_259.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2017.

ROMAINE, S. Variation in language and gender. In: HOLMES, J; MEYERHOFF, M. (Ed.) *The handbook of language and gender*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2003. p. 98-118.

SCHUMANN, J. H. The implications of interlanguage, pidginization and creolization for the study of adult second language. *TESOL Quarterly*, v. 8, n.2, 1974. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/pdf/3585538.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

VILALVA, A. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras de português*. Lisboa: Dicens, 1994.

_____. Estruturas morfológicas básicas. In: MATEUS et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

Received in April 22, 2017. Approved in June 29, 2017.

RAMO RÊ SE RAI DÁ CERTO: **O ENFRAQUECIMENTO** **DA FRICATIVA /V/ NO FALAR** **DE FORTALEZA-CE**

RAMO RÊ SE RAI DÁ CERTO: EL DEBILITAMIENTO DE LA FRICATIVA /V/ EN EL HABLAR
DE FORTALEZA-CE

RAMO RÊ SE RAI DÁ CERTO: LENITION OF THE FRICATIVE /V/ IN THE SPEECH OF
FORTALEZA-CE

Ana Germana Pontes Rodrigues*

Aluiza Alves de Araújo**

Maria Lidianne de Sousa Pereira***

Universidade Estadual do Ceará

RESUMO: Com base na sociolinguística variacionista, abordamos o comportamento variável da fricativa /v/ em início de palavra, no falar popular de Fortaleza, como em [v]ai (manutenção) ~ [h]ai (enfraquecimento/aspiração/reificação). Objetivamos analisar quais fatores intralinguísticos e/ou extralinguísticos condicionam o enfraquecimento de /v/ no falar da capital cearense. Para tanto, analisamos a fala de 48 informantes disponíveis no acervo sonoro do NORPOFOR. As análises estatísticas realizadas com o auxílio do Goldvarb X apontam que a manutenção de /v/ ocorre em 93,4% das ocorrências, enquanto que 6,6% apresentam a variante aspirada. Verificamos também que são relevantes para o enfraquecimento de /v/ e, nessa mesma ordem, as seguintes variáveis intralinguísticas e extralinguísticas: dimensão do vocábulo (*trissílabos ou maiores*), faixa etária (*falantes com 50 anos ou mais*), frequência de uso (*termo extremamente usual e termo usual*), tonicidade (*sílabas tônicas*), escolaridade (*0-4 anos de escolarização*) e contexto fonológico subsequente ([ô], [ẽ], [a], [ɛ], [u] e [ē]).

PALAVRAS-CHAVE: Enfraquecimento de /v/. Sociolinguística variacionista. Falar de Fortaleza.

RESUMEN: Con base en la sociolingüística variacionista, abordamos el comportamiento variable de la fricativa /v/ en el inicio de la palabra, en el habla popular de Fortaleza, como en [v]ai (mantenimiento) ~ [h]ai (aspiración / reificación). Objetivamos analizar qué factores intralingüísticos y / o extralingüísticos condicionan debilitamiento de /v/ en el hablar de la capital cearense. Para ello, analizamos el habla de 48 informantes disponibles en el acervo sonoro del NORPOFOR. Los análisis estadísticos realizados con la ayuda del Goldvarb X apuntan que el mantenimiento de /v/ ocurre en el 93,4% de las ocurrencias, mientras que el 6,6% presenta la

* Doutoranda em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará. É bolsista de doutorado pela FUNCAP e é professora efetiva da rede de ensino público do estado do Ceará. E-mail: anager_maninha@hotmail.com.

** Professora doutora do curso de Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará. Atua na área de Linguística com ênfase em Sociolinguística Variacionista e Dialectologia. E-mail: aluizazinha@hotmail.com.

*** Doutoranda em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará. Atualmente, é bolsista de doutorado pela CAPES. Atua na área de Linguística com ênfase em Sociolinguística. E-mail: lidiane.p.sousa@hotmail.com.

variante aspirada. Também verificamos que las variables intralingüísticas y extralingüísticas relevantes para el debilitamiento de /v/, y en ese mismo orden de importancia, son: dimensión del vocablo (trisílabos o mayores), grupo de edad (hablantes de 50 años o más), frecuencia de uso (término extremadamente usual (0-4 años de escolarización) y contexto fonológico subsiguiente ([ô], [ẽ], [a], [ɛ], [u] y [ẽ]).

PALABRAS CLAVE: Debilitamiento de /v/. Sociolingüística variacionista. Hablar de Fortaleza.

ABSTRACT: Based on the variationist sociolinguistics, we sought to understand the behavior of the variable of the fricative /v/ in the beginning of words, in the popular speech of Fortaleza, as in [v]ai (maintenance) ~ [h]ai (aspiration/reification). We analyzed which intralinguistic and/or extralinguistic factors cause lenition of the /v/ in the speech of the Cearense capital. For that, we analyzed the speech of 48 informants available in the NORPOFOR database. The stylistic analysis, with the help of Goldvarb X, pointed the maintenance of the /v/ occurs in 93,4% of the occurrences, while 6,6% presented the aspired variant. We also verified the relevant intralinguistic and extralinguistic variables ranging over the lenition of /v/ were, by relevance: word size (*trissilable or bigger*), age (*speakers with 50 years or more*), usage frequency (*extremely usual terms and usual terms*), tonicity (*strong syllables*), education (*0-4 years of education*) and the subsequent phonological context ([ô], [ẽ], [a], [ɛ], [u] e [ẽ]).

KEYWORDS: Weakening of the /v/. Variationist sociolinguistics. Speech of Fortaleza.

1 INTRODUÇÃO

O enfraquecimento¹ [h] vs. a manutenção da fricativa sonora /v/ é um fenômeno de variação linguística amplamente observado no português do Brasil (AGUIAR, 1937; MACAMBIRA, 1987; RONCARATI; UCHOA, 1988; CANOVAS, 1991; MARQUES, 2001; PELICOLI, 2008). Hoje, sabemos que há diferentes contextos linguísticos que propiciam tanto a manutenção como o enfraquecimento da fricativa sonora. Dentre eles, destacamos a posição intervocálica, como no morfema verbal de pretérito imperfeito do indicativo de verbos na primeira conjugação /ava/²: gosta[v]a ~ (es)ta[h]a³; bem como em início de palavra: [v]ou ~ [h]ô⁴ (RODRIGUES, 2013). Reconhecendo que, no falar de Fortaleza-CE, a fricativa /v/ apresenta duas formas de realização, para este último contexto – aspiração vs. manutenção (realização plena) –, objetivamos analisar, neste estudo, a interferência de variáveis intralinguísticas e/ou extralinguísticas⁵ sobre o uso da variante aspirada no falar da capital cearense.

Acreditando que uma das melhores maneiras de observar a aspiração vs. manutenção de /v/ em início de palavra seja com base em dados reais de fala, selecionamos uma amostra de linguagem falada constituída por 48 informantes disponíveis no acervo sonoro do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (doravante NORPOFOR), sobre o qual tornaremos a falar na seção dedicada à metodologia do trabalho.

Visando atingir nosso objetivo, embasamos esta pesquisa nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolingüística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]). Surgida em meados da década de 1960, a sociolingüística variacionista figura hoje como uma vertente consagrada no campo dos estudos da linguagem e como uma das que mais contribuem com a observação e descrição do atual português do Brasil. Afinal, em nosso país, os pressupostos elencados pela sociolingüística variacionista encontraram um terreno fértil para serem testados. A rica diversidade linguística brasileira não passou despercebida e, nas palavras de Labov (2007, p. 3), “[...] alguns dos trabalhos mais importantes em variação linguística são feitos no Brasil”.

¹ Neste trabalho, os termos enfraquecimento, aspiração, reificação e glotalização são usados como sinônimos.

² Sobre a realização variável da fricativa /v/ no morfema verbal de pretérito imperfeito do indicativo de verbos na primeira conjugação /ava/, no falar de Fortaleza-CE, indicamos a leitura de Rodrigues e Araújo (2015).

³ Ocorrências extraídas do inquérito (doravante Inq.) 06 do NORPOFOR.

⁴ Ocorrências também extraídas do Inq. 06 do NORPOFOR.

⁵ Em nossa metodologia, apresentamos detalhadamente cada um dos fatores intralinguísticos e extralinguísticos controlados, neste trabalho, bem como as hipóteses iniciais que levantamos para seus comportamentos.

Em linhas gerais, a sociolinguística variacionista toma como principal objeto de observação a linguagem em uso, com foco nos inúmeros fenômenos de variação e mudança linguística inerentes a toda e qualquer língua natural. A partir disso, propõe, a seu modo, a observação das relações do fenômeno linguístico com a sociedade (MOLLICA, 2012 [2004]; CAMACHO, 2013). O ponto de partida é o reconhecimento de que nenhum fenômeno de variação e mudança linguística acontece de modo aleatório ou indiferente ao meio social em que determinada língua é usada. Por meio de uma metodologia apurada, os estudos variacionistas observam, dentre outras coisas, o *quantum* com que fatores intralinguísticos e/ou extralinguísticos condicionam (ou não) o uso das chamadas variantes linguísticas⁶ (TARALLO, 2001 [1986]; COAN; CARVALHO, 2016).

Importante colocar que, até a conclusão desta pesquisa, não tomamos conhecimento de nenhum outro estudo, na perspectiva variacionista, sobre o comportamento variável de /v/ em início de palavra, com dados do NORPOFOR. Isso certamente justifica a realização e confere maior relevância a este trabalho.

Na organização deste artigo, as três seções que se seguem a esta introdução correspondem: (i) a um breve panorama dos recentes estudos sociolinguísticos e dialetológicos acerca da manutenção *vs.* aspiração de /v/ no falar cearense; (ii) ao detalhamento dos principais procedimentos metodológicos percorridos para a realização deste trabalho e (iii) à apresentação e discussão dos resultados obtidos com esta pesquisa. Por último, tecemos algumas considerações finais.

2 O FENÔMENO EM ESTUDO NO FALAR CEARENSE: OLHARES SOCIOLINGÜÍSTICOS E DIALETOLÓGICOS

Aragão (2009) observou a neutralização das fricativas /v, z, ʒ/ e sua realização com a variante aspirada [h] do fonema /r/, utilizando o *corpus* do projeto Dialetos Sociais Cearenses (ARAGÃO; SOARES, 1996), que fora obtido através de entrevistas, conversas espontâneas e IMP (Interação Médico-Paciente). Para tanto, a autora selecionou seis entrevistas e organizou a amostra de seu trabalho considerando as seguintes variáveis: *sexo*⁷; *faixa etária* (de 10 a 11 anos, de 14 a 15 anos e de 18 a 25 anos); *grau de instrução* (primário, ginásio e 2º grau)⁸ e *classe social* (B – média e C – baixa).

Para efeito de comparação, Aragão (2009) utilizou também quatro inquéritos experimentais do projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), estado do Ceará, referentes à Fortaleza, com itens lexicais do QFF (Questionário Fonético-Fonológico) e do QSL (Questionário Semântico-Lexical), em que os falantes também foram distribuídos de acordo com o *sexo* (homens e mulheres); *faixa etária* (de 18 a 30 anos e de 45 a 60 anos); e *grau de instrução* (até a 4ª série do Ensino Fundamental e Ensino Superior). Além disso, Aragão (2009) controlou os seguintes fatores linguísticos: *estrutura fonética da palavra*; *diastráticos* (registro culto e popular) e *diatópicos* (marca regional do fenômeno).

Seus resultados indicaram que, dos fatores linguísticos, os que mais marcaram o fenômeno em sua amostra foram: vogal seguinte (ex.: [ka'haltʃ])⁹; posição inicial (ex.: [hãmtʃ]) e posição medial (ex.: [t'hẽfnɔ]). Quanto aos fatores diastráticos, Aragão (2009, p. 200) afirma que “[...] tanto os jovens como os mais idosos, homens e mulheres, com pouca ou muita escolaridade fazem a neutralização dos fonemas /v, z, ʒ, r/ e usam a variante [h]”. Segundo a autora, os fatores extralinguísticos que mais marcaram a realização do fenômeno estudado foram “[...] os estilos formal/informal, tenso/distenso, monitorado/não-monitorado.” (ARAGÃO, 2009, p. 200). Em relação aos fatores diatópicos, ela concluiu que esse fenômeno é uma marca do falar cearense, como um todo, visto que ocorre em todos os segmentos sociais analisados. Portanto, a neutralização de /v, z, ʒ, r/ é fonético-fonológica e sócio-dialetal.

⁶ Por variante linguística, entendemos, conforme Labov (2008 [1972]), as diferentes maneiras de dizer a mesma coisa do ponto de vista referencial do sistema. Todo fenômeno de variação e mudança linguística comporta, no mínimo, duas variantes linguísticas (MOLLICA, 2012 [2004]).

⁷ O uso dos termos sexo/gênero é feito com base no trabalho original.

⁸ Atualmente correspondem, respectivamente, a: Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

⁹ Nesta seção, todas as ocorrências usadas como exemplo foram extraídas dos trabalhos originais.

No trabalho de Rodrigues, Araújo e Aragão (2013), a realização variável das fricativas /v, z, ʃ/ foi observada na primeira divulgação dos resultados do Atlas Linguístico do Ceará (ALECE), publicado em 2010. A amostra usada no referido estudo encontra-se transcrita no volume II e abrange as respostas dadas a 21 questões dos inqueritos do ALECE. No entanto, as autoras se detiveram apenas em oito delas, cujas respostas envolvem o fonema /v/, como em: “ventania” (005), “orvalho” (024), “avós” (057), “ouvido” (078) e “cotovelo” (082). O objetivo principal foi o de registrar essas ocorrências e localizá-las no interior do Ceará.

As variáveis sócio-geolinguísticas analisadas foram¹⁰: *escolaridade* (alfabetizado e analfabeto) e *localização geográfica* (Nordeste cearense, Centro-Leste cearense e Sul cearense). As variáveis linguísticas analisadas por Rodrigues, Araújo e Aragão (2013) foram: *posição do segmento* (ataque silábico e coda silábica) e *tonicidade do segmento* (tônica, pretônica e postônica). Os resultados foram obtidos com base apenas nas transcrições fonéticas apresentadas pelo projeto, visto que as autoras não tiveram acesso às gravações originais. As ocorrências de reificação de /v/ foram encontradas em apenas sete itens lexicais.

Quanto à posição do segmento, em relação à fricativa /v/, Rodrigues, Araújo e Aragão (2013) só obtiveram ocorrências em posição de ataque silábico. Essas ocorrências foram: “ventania” (005) [vêṭã'niə > hêṭã'niə], “chuvisco” (007) [ʃu'visku > ʃu'hisku], “chuva boa” (008) [ʃuvə 'boə > ʃuhə 'boə], “dilúvio” (008) [dʒi'luvi > dʒi'luhi], “avós” (057) [a'vɔs > a'həs], “bisavô” (057) [biza'vo > biza'ho], “ouvido” (078) [o'vidu > o'hidu], “cotovelo” (082) [kutu'velu > kutu'helu] e “osso do vintém” (096) [osudu'itẽy > osudu'itẽy].

Em relação à tonicidade, as autoras encontraram ocorrências aspiradas em todos os contextos, a saber: tônica ([ʃu'hisku], [a'həs], [biza'ho], [o'hidu], [kutu'helu]; pretônica ([hêṭã'niə], [osudu'itẽy]); e postônica ([ʃuhə 'boə], [dʒi'luhi]).

Quanto à escolaridade, em relação a /v, z, ʃ/, foram encontradas 23 ocorrências de reificação, de um total de 32 (72%), entre os informantes analfabetos; e nove (28%) entre os alfabetizados. Quanto à localização geográfica, foi na mesorregião do Nordeste cearense que Rodrigues, Araújo e Aragão (2013) mais encontraram ocorrências de aspiração de /v z ʃ/, seguida do Centro-Oeste e do Sul cearenses.

Rodrigues e Araújo (2015) observaram o enfraquecimento vs. manutenção da fricativa /v/ no morfema verbal de pretérito imperfeito do indicativo de verbos na primeira conjugação /ava/ no falar de Fortaleza. Assim como nesta pesquisa, as autoras também trabalharam com dados extraídos da fala de 48 informantes extraídos do Projeto NORPOFOR. Com um total de 1.816 ocorrências, os resultados de Rodrigues e Araújo (2015) indicam que, na amostra analisada, há o enfraquecimento de /v/ no morfema verbal de pretérito imperfeito do indicativo de verbos na primeira conjugação em 46,2% dos casos e manutenção de /v/ em 53,8%.

Dentre os fatores linguísticos e extralinguísticos controlados pelas autoras, destacaram-se, nessa mesma ordem de relevância: a *escolaridade* (0-4 anos); o *tipo de registro* (DID); a *frequência de uso* (termo muito usual e termo extremamente usual); a *faixa etária* (50 anos ou mais e 26-49 anos); o *tipo de sílaba* (não travada); o *gênero/sexo* (homens) e a *dimensão do vocábulo* (dissílabo).

Dentre os achados nos estudos de Aragão (2009), Rodrigues, Araújo e Aragão (2013) e Rodrigues e Araújo (2015), vemos que, no falar cearense, a fricativa /v/ pode realizar-se de diferentes modos e em diferentes contextos linguísticos, a partir de amostras de fala distintas. De igual modo, vimos que esse fenômeno é condicionado por uma série de fatores linguísticos (*vogal seguinte, posição inicial, posição medial, posição do segmento, tonicidade do segmento, frequência de uso, tipo de sílaba, dimensão do vocábulo*) e extralinguísticos (*tipo de registro – DID –, sexo, escolaridade e faixa etária*).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 A AMOSTRA E OS INFORMANTES

¹⁰ As variáveis sexo e idade não puderam ser visualizadas nessa divulgação do Atlas.

A amostra de fala usada, neste estudo, foi extraída do acervo sonoro do Projeto NORPOFOR. Segundo Araújo (2011), o NORPOFOR foi desenvolvido com o objetivo de armazenar e disponibilizar material linguístico representativo do falar popular dos fortalezenses. As gravações do referido projeto ocorreram no período de agosto de 2003 a julho de 2006, sendo, portanto, o banco de dados de fala popular fortalezense mais atual do qual temos notícias.

Construído nos moldes da sociolinguística variacionista, o NORPOFOR é composto hoje por 198 informantes que, de acordo com Araújo (2011, p. 838), são: “[...] fortalezenses natos ou vieram morar nesta cidade com, no máximo, cinco anos de idade; possuem pais cearenses; nunca se ausentaram de Fortaleza por um período superior a dois anos consecutivos; mantêm residência fixa na capital cearense. Estes critérios foram adotados com o objetivo de neutralizar a interferência dos falares de outras regiões”.

De igual modo, os informantes do NORPOFOR estão devidamente estratificados, segundo o *sexo* (masculino e feminino), a *faixa etária* (15 a 25 anos; 26 a 49 anos; e a partir dos 50 anos), a *escolaridade* (0 a 4 anos; 5 a 8 anos; e 9 a 11 anos) e o *tipo de registro* (Diálogo entre Informante e Documentador – DID; Diálogo entre dois Documentadores – D2; e Elocução Formal – EF). A partir de um recorte no quadro geral dos informantes que compõem o NORPOFOR, construímos a amostra de fala usada neste trabalho que está devidamente explicitada no Quadro 1:

Quadro 1: Distribuição dos informantes da amostra por sexo, idade, tipo de registro e escolaridade.

Registro	Sexo							
	Homem				Mulher			
	DID		D2		DID		D2	
Escolaridade Idade	0-4	9-11	0-4	9-11	0-4	9-11	0-4	9-11
15 a 25 anos	2	2	2	2	2	2	2	2
26 a 49 anos	2	2	2	2	2	2	2	2
50 em diante	2	2	2	2	2	2	2	2

Fonte: Adaptado de Araújo (2011, p. 839).

Legenda: DID (Diálogo entre Informante e Documentador); D2 (Diálogo entre Dois Informantes).

Conforme podemos observar no Quadro 1, nossa amostra é composta por 48 informantes, equilibradamente estratificados segundo o *sexo*, a *idade*, a *escolaridade* e o *tipo de inquérito*. Ao todo, foram selecionados dois informantes por célula. Sobre o controle das variáveis escolaridade e tipo de inquérito, convém destacar que, dentre os tipos de inquéritos, optamos por trabalhar apenas com os DID e D2, desprezando os inquéritos do tipo EF (Elocuções Formais). Para a escolaridade, por sua vez, selecionamos apenas informantes com 0-4 e 9-11 anos de escolarização, desprezando os de escolaridade intermediária (5-8 anos).

3.2 LEVANTAMENTO DOS DADOS

A partir dos inquéritos do NORPOFOR que selecionamos, demos início à transcrição fonética dos itens lexicais que continham /v/, em suas variantes aspirada e da manutenção em início de palavra. Durante a coleta dos dados, foram desprezados os vinte primeiros minutos de cada gravação, pois acreditamos que, após esse tempo, o informante não mais monitora sua fala diante da presença do gravador. Após a transcrição dos dados, feita de oitiva, definimos as variáveis dependente e independente controladas, neste trabalho, e que são descritas a seguir.

3.2.1 Variável dependente

É aquela cujas variantes dependem de certos contextos (linguísticos e/ou extralinguísticos) para ocorrer com maior ou menor frequência. Nesta pesquisa, analisamos a realização variável da fricativa /v/ em início de palavra. Conforme já explicamos, /v/ pode se realizar como [v] (manutenção) ou como [h] (reificação), como em:

- a) *Realização plena* (manutenção): eu ia [v]oltar né? (Inq. 99)¹¹;
- b) *Reificação*: amiga [h]ai começar o Fortal. (Inq. 99).

3.2.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes foram estabelecidas com base na literatura pertinente e na audição dos inquiridos. Em um estudo sociolinguístico, as variáveis independentes podem ser tanto de natureza linguística como extralinguística:

- Variáveis linguísticas:

a) Contexto fonológico precedente

As variáveis *contextos fonológicos precedente e subsequente* podem exercer muita influência sobre as variantes aspiradas e com realização plena. Trata-se da noção de direcionalidade, a partir da qual podemos dizer se um segmento sonoro possui mais afinidade com o som que o precede ou com o que o sucede. Por isso, observamos aqui todos os elementos que circunvizinham as realizações do fonema /v/ e que podem condicionar sua manutenção ou aspiração¹². Abaixo, apresentamos ocorrências para o contexto fonológico precedente:

- | | |
|---|--|
| - [a]: na /v/ida (Inq. 06) | - [i]: pra mim /v/ê (Inq. 50) |
| - [ẽ]: de manhã /v/amo (Inq. 50) | - [ɿ]: mai /v/elho (Inq. 06) |
| - [e]: você /v/ai (Inq. 06) | - [o]: vô /v/oltá (Inq. 23) |
| - [ɛ]: é /v/ocê (Inq. 06) | - [ɔ]: não houve ocorrência na amostra |
| - [ê]: não houve ocorrência na amostra | - [ô]: bombom /v/inte (Inq. 36) |
| - [i]: de /v/éa (Inq. 06) | - [u]: pelo /v/ício (Inq. 06) |
| - [ũ]: num /v/olta (Inq. 06) | |
| - [w]; [ʊ] ¹ eu /v/ô (Inq. 06) | |
| - Consoante: às /v/eizØ (Inq. 95) | |

b) Contexto fonológico subsequente

A seguir, cada fonema subsequente é ilustrado com ocorrências de nossos dados:

- | | |
|--------------------------|------------------------------|
| - [a]: /v/ai (Inq. 06) | - [o]: /v/ô (Inq. 06) |
| - [ẽ]: /v/amo (Inq. 06) | - [ɔ]: /v/olta (Inq. 06) |
| - [e]: /v/ê (Inq. 06) | - [ô]: /v/ontade (Inq. 50) |
| - [ɛ]: /v/éi (Inq. 95) | - [u]: /v/ucê (Inq. 06) |
| - [ê]: /v/em (Inq. 95) | - [ũ]: /v/ũmitanØo (Inq. 94) |
| - [i]: /v/ida (Inq. 06) | - [ɿ]: Flá/v/ia (Inq. 143) |
| - [i]: /v/inte (Inq. 06) | |

¹¹ Nesta seção, todas as ocorrências usadas para exemplificação foram extraídas dos inquiridos do NORPOFOR selecionados para este estudo.

¹² A transcrição apresentada aproxima-se o máximo possível da fala dos informantes, mas optamos por não transcrevê-la foneticamente, para não dificultar a leitura.

c) Tipo de sílaba

A variável *tipo de sílaba* foi escolhida por supormos que o fato de uma sílaba ser travada ou livre poderia influenciar na ocorrência do fenômeno investigado. A seguir, ilustramos cada fator com ocorrências:

- Travada: /v/olta (Inq. 06)
- Não travada: /v/ida (Inq. 06)

d) Tonicidade do segmento

Em linhas gerais, as pesquisas sobre o fenômeno investigado (CANOVAS, 1991; MARQUES, 2001) têm revelado que as sílabas tônicas, por possuírem um traço mais saliente, tendem a ser mais suscetíveis a variações. Assim, resolvemos testar essa hipótese também com base em nossa amostra. A seguir, ilustramos cada fator com ocorrências:

- Tônica: /v/amo (Inq. 06); de/v/ia (Inq. 06)
- Pretônica: /v/ontade (Inq. 50); e/v/itá (Inq. 10)

e) Dimensão do vocábulo

A variável *dimensão do vocábulo* foi analisada para verificarmos se a extensão do mesmo exerce alguma influência sobre o fenômeno investigado. Acreditamos, juntamente com Marques (2001), que, quanto mais extenso for o vocábulo, maior será o enfraquecimento, ou seja, maior será o uso da variante aspirada. A seguir, como ilustração, para cada fator, apresentamos as seguintes ocorrências:

- Monossílabo: /v/ai (Inq. 06)
- Dissílabo: /v/amos (Inq. 67)
- Trissílabo ou maior: /v/iolência (Inq. 94)

f) Classes de palavras

Acreditamos que a variável *classes de palavras* pode influenciar o uso de /v/ (ROCARATI; UCHOA, 1988; MARQUES, 2001; ALENCAR, 2007). Uma observação a ser feita é que na classe *Outros* incluímos apenas as interjeições. A seguir, cada fator é ilustrado com ocorrências encontradas em nossos dados:

- Nomes: /v/ida (Inq. 06)
- Verbos: /v/ô (Inq. 06)
- Outros: /v/ixe (Inq. 50)

g) Frequência de uso

A variável *frequência de uso do segmento*, por sua vez, leva em consideração a hipótese proposta por Roncarati e Uchoa (1988) de que o fenômeno estaria lexicalmente condicionado, pois quanto mais determinada palavra precisar ser utilizada, maior será a sua variação. No entanto, utilizamos critérios diferentes desses autores.

Inicialmente, deixamos para codificar essa variável após todas as outras terem sido codificadas em nossa amostra. Em seguida, fizemos uma contagem de cada palavra que aparecia em nossos dados para, depois, poder agrupá-la ou não junto a outras que se modificavam apenas em algumas flexões. Por exemplo, num mesmo grupo, reunimos os vocábulos: “volta - volto - volte - voltam - voltá - voltava - voltando - voltamo(s) - voltaram - voltado - voltarão - voltasse - voltei - voltô”. Juntas, elas contabilizam 148 ocorrências (de enfraquecimento e de manutenção). No entanto, nem todas as flexões de um mesmo verbo ficaram reunidas num

mesmo grupo, pois possuíam características fonológicas bem diferentes. Exemplos disso são os verbos “vem” (com 131 ocorrências) e “vinha(m)” (com 86 ocorrências).

Por último, com o número de cada grupo de palavras em mãos, pudemos reuni-las a partir de intervalos estabelecidos de acordo com o número total que encontramos em cada contexto. Por exemplo: para o contexto de /v/, em início de palavra, obtivemos 998 realizações para a palavra com maior ocorrência (“vai”), por isso a classificamos como um termo *extremamente usual*; o fator que viria em segundo lugar, *termos muito usuais*, passaria a englobar as palavras que apresentassem um número inferior de ocorrências (neste fator, de 151-480, já que o grupo de palavras que apareceu em primeiro lugar, nesse segundo fator – “veze(s) - veiz(e) - veizinha - vez” –, obteve 430 ocorrências); para os fatores sucessores, inclusive com /v/, em contexto intervocálico, utilizamos esse mesmo critério. A seguir, exemplificamos cada fator:

- Termo extremamente usual (de 481-1000): /v/ai (Inq. 06)
- Termo muito usual (de 151-480): /v/ê (Inq. 06)
- Termo usual (de 61-150): /v/iu (Inq. 06)
- Termo pouco usual (de 21-60): /v/iolência (Inq. 94)
- Termo pouquíssimo usual (de 01-20): /v/inho (Inq. 10)

- Variáveis extralinguísticas:

Estas variáveis levam em conta os aspectos sócio-culturais e estilísticos que envolvem os falantes, tais como: *sexo, faixa etária, escolaridade e monitoramento estilístico*. Essas variáveis têm sido muito utilizadas por diversos autores que pesquisaram sobre o enfraquecimento de fricativas no português falado no Brasil. Assim, resolvemos testar essas variáveis também no falar de Fortaleza-CE.

a) Sexo

Labov (1994), ao reconhecer diferenças no comportamento linguístico de homens e mulheres, elaborou alguns princípios básicos sobre isso. O primeiro deles é que, normalmente, os homens tendem a usar mais as formas não padronizadas (também chamadas de inovadoras). Por outro lado, as mulheres tendem a favorecer mais o uso das formas padronizadas (também chamadas conservadoras) do que os homens. No entanto, na mudança linguística, geralmente são as mulheres que se mostram mais inovadoras, utilizando as formas novas (desde que estas sejam prestigiadas) bem mais do que os homens. Esses princípios levam em consideração as atitudes sociais de cada sexo.

Para a observação da variável *sexo* em nosso estudo, dividimos este grupo em:

- Masculino;
- Feminino.

No que tange ao comportamento da variável *sexo*, neste estudo, acreditamos que os homens favorecem a aspiração de /v/ em início de palavras. Em contrapartida, acreditamos que são as mulheres que inibem o uso dessa variante linguística.

b) Faixa etária

A sociolinguística variacionista postula que os fenômenos de variação e mudança linguística podem ser apreendidos durante a sua implementação, através do que se denominou análise em tempo aparente. Levamos em consideração, ainda, a hipótese clássica, segundo a qual: “[...] o comportamento linguístico de cada geração reflete um estágio da língua, com os grupos etários mais jovens introduzindo novas alternantes que substituem gradativamente aquelas que caracterizam a fala de indivíduos de faixas etárias mais velhas” (ARAÚJO, 2007, p. 395).

Diante disso, buscamos analisar e comparar a linguagem de sujeitos com diferentes faixas etárias sobre a manutenção ou aspiração da fricativa /v/ em nossa amostra. A partir disso, foi possível verificar se o fenômeno aqui analisado apresenta indícios de mudança em progresso ou de variação estável. As faixas que analisamos são as mesmas estabelecidas no Projeto NORPOFOR:

- 15-25 anos;
- 26-49 anos;
- 50 anos em diante.

Para a faixa etária, nossas expectativas são as de que os falantes com 15-25 anos beneficiem o uso da variante aspirada, ao contrário dos falantes com 26-49 e com mais de 50 anos.

c) Escolaridade

A variável *escolaridade* frequentemente aparece nas pesquisas sociolinguísticas, visto que, geralmente, os falantes com menor nível de escolaridade são os que mais usam as formas não padrão. Normalmente, é na escola onde o indivíduo é mais exposto ao conhecimento sistematizado da língua e à sua forma padrão.

Neste trabalho, levamos em consideração apenas falantes sem ensino superior completo. Assim, decidimos controlar a variável *escolaridade* a partir da estratificação dos informantes também estabelecida pelo Projeto NORPOFOR, descartando a faixa intermediária (5-8 anos de escolaridade). Desse modo, selecionamos para análise falantes com:

- 0-4 anos;
- 9-11 anos.

Diante do que colocamos acerca da variável *escolaridade*, esperamos que os falantes com 0-4 anos favoreçam a aspiração de /v/ em início de palavra, ao contrário dos falantes com 9-11 anos de escolarização.

d) Tipo de inquérito

Nessa variável, analisamos o tipo de discurso que envolve cada informante. Em nossa amostra, trabalhamos com dois tipos de inquéritos diferentes: DID e D2. Acreditamos que situações de maior “pressão”, como o fato de o informante não se sentir à vontade com o documentador ou mesmo de saber que sua fala está sendo gravada, tendem a causar um maior monitoramento e controle linguístico, por parte do falante. Por outro lado, situações mais “relaxadas”, como o relato de uma experiência pessoal, tendem a favorecer uma fala menos monitorada, conhecida pela sociolinguística como vernáculo.

Em geral, espera-se que no DID os informantes apresentem um comportamento, de certa forma, monitorado (não relaxado), o que pode ser um reflexo da presença do inquiridor e do gravador, embora, conforme já mencionamos, a nossa escolha pela audição dos quarenta minutos¹³ finais da gravação procure eliminar um pouco esse controle exercido.

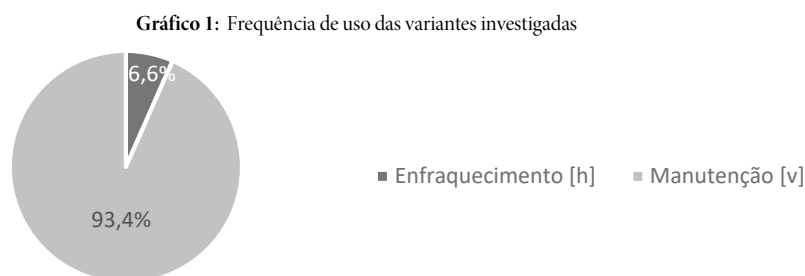
No D2, por sua vez, espera-se que o informante apresente um discurso mais relaxado. Em geral, esse tipo de inquérito foi realizado entre duas pessoas que já se conheciam e tinham certo grau de intimidade, fato que poderia eliminar boa parte do monitoramento na fala dos informantes. Dessa maneira, espera-se que haja um maior número de variantes inovadoras nesse estilo de fala. Dito isso, analisamos, na variável *tipo de inquérito*, os fatores:

- DID;
- D2.

¹³ Obviamente, esse tempo foi menor quando a gravação possuía menos de 40 minutos.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao todo, localizamos 5.962 ocorrências para a variação entre a manutenção vs. aspiração da fricativa /v/ em início de palavra no falar de Fortaleza-CE. Com o auxílio do programa de análise estatística Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), descobrimos que, do total de ocorrências do fenômeno investigado (após a eliminação dos nocautes), 383 (6,4%) pertenciam à forma aspirada e 5.579 (93,6%) correspondiam à manutenção de /v/, conforme mostra o Gráfico 1:



Fonte: Elaborado pelas autoras

Esses resultados confirmam nossa hipótese inicial para o comportamento de /v/ em início de palavra no falar de Fortaleza, pois acreditávamos que esse fonema poderia acontecer tanto de forma plena (manutenção) como de modo aspirado. Além de nos indicar as frequências de uso das variantes investigadas no comportamento variável da fricativa /v/ em início de palavra, o Goldvarb X também indicou as variáveis linguísticas e extralinguísticas estatisticamente relevantes para o fenômeno no falar de Fortaleza-CE, bem como o peso relativo¹⁴ obtido para cada um dos fatores que compõem as variáveis testadas.

Assim, foram apontadas como pertinentes para o fenômeno investigado, em nossa amostra e, nessa mesma ordem de importância, as seguintes variáveis: *dimensão do vocabulário, faixa etária, escolaridade, frequência de uso, tonicidade, tipo de sílaba e contexto fonológico subsequente*. Em contrapartida, as variáveis excluídas, também nessa ordem, foram: *tipo de sílaba, classes de palavras, contexto fonológico precedente, monitoramento estilístico e sexo*. A exclusão dessas variáveis refuta nossas expectativas iniciais quanto aos seus comportamentos, já que esperávamos que elas também se mostrassem estatisticamente relevantes para este estudo.

Importante mencionar que o fator tipo de sílaba foi selecionado e, ao mesmo tempo, excluído pelo programa. Sobre tal situação, Guy e Zilles (2007, p. 166) comentam que isso: “[...] só ocorre quando se trata de uma análise complexa (com muitos grupos de fatores), e quando os grupos não são completamente ortogonais, em termos da distribuição dos dados. Por exemplo, há um grupo de fatores que se sobrepõe parcialmente a outro grupo: alguns dos fatores nos dois grupos descrevem os mesmos dados”.

Quando tal fato ocorre, os autores propõem que o pesquisador procure entender melhor por que obteve esse resultado, fazendo cruzamento entre os grupos envolvidos, para averiguar onde se encontra a maioria dos dados. Após analisarmos cada subfator, verificamos que o termo *pouco usual* e o termo *pouquíssimo usual* obtiveram ocorrências muito baixas (11 e 4, respectivamente). Decidimos, então, amalgamá-los, afinal, “[...] é sumamente improvável que qualquer fator com muito poucos dados vá ter significância estatística; esse é certamente o caso para os que têm menos de 10 ocorrências, e provavelmente o seja para os que têm menos de 15” (GUY; ZILLES, 2007, p. 170).

Feito o amálgama, os resultados obtidos mostram uma leve alteração apenas nos valores dos pesos relativos, mas não na relevância de cada um para este trabalho, muito menos nos valores das frequências de uso das variantes. Além disso, nessa rodada, nenhum outro fator selecionado foi também excluído. A nova disposição dos fatores foi, portanto, a seguinte: *dimensão do vocabulário, faixa etária, frequência de uso, tonicidade, escolaridade e contexto fonológico subsequente*. Já os fatores excluídos foram os mesmos e na mesma ordem da rodada sem amálgama, conforme já explicitamos.

¹⁴ A partir do modelo logístico apresentado pelo programa GoldVarb X, a média do grupo de fatores é ponderada pelo número de dados empíricos de que se dispõe para cada fator com o objetivo de evitar que fatores que apresentam poucos dados tenham maior influência no cálculo. Com isso, esse programa irá fornecer o número de ocorrências das variantes analisadas para cada fator, o percentual de aplicação da regra e o peso relativo (P.R.), que poderá ser neutro (0,50), favorecedor (acima de 0,50) ou desfavorecedor (abaixo de 0,50) em relação à aplicação da regra em estudo (GUY; ZILLES, 2007).

É válido dizer que, embora a frequência de uso da manutenção de /v/ tenha sido significativamente superior a sua aspiração, todas as rodadas no Goldvarb X foram realizadas em função da variante aspirada. Nosso posicionamento pode ser justificado, pois já que a variante aspirada é tida como não padronizada – embora esteja presente no falar dos fortalezenses, assim como em outras variedades do português do Brasil, conforme indicamos na seção 2 –, é importante apontar quais fatores linguísticos e/ou extralinguísticos condicionam seu uso, comprovando, assim, que ela não ocorre aleatoriamente na comunidade de fala estudada. Ressaltamos ainda que o melhor nível de análise apresentado pelo Goldvarb X foi o do *step up 48* (*input* 0,033, significância 0,000 e *log likelihood*-1165,716). Na sequência, apresentamos e discutimos o conjunto de grupos de fatores relevantes para esta pesquisa, conforme a ordem de seleção estatística.

a) Dimensão do vocábulo

Para esse fator, defendíamos a hipótese de que quanto mais extenso o vocábulo, maior a probabilidade de enfraquecimento da fricativa /v/. Mollica e Mattos (1989 apud MARQUES, 2001), sobre o apagamento do fonema /d/ no grupo “-ndo”, afirmam que, quando o vocábulo é grande, os segmentos tendem a não se realizar. De igual modo, Votre e Callou (apud MARQUES, 2001) confirmam essa hipótese a respeito do segmento /-r/, que apresentou uma tendência a ser mantido em vocábulos menos extensos e sofreu apagamento nos mais extensos.

Em nossa amostra, dentre os dados com até quinze ocorrências aspiradas, encontramos as outras onze ocorrências de trissílabos ou maiores: “e [h]oltava” (Inq. 95), “uma [h]acaria” (Inq. 95), “de [h]agabundo” (Inq. 95), “uma [h]erdade” (Inq. 95), “sem [h]ergonha” (Inq. 95), “sem [h]ergonha” (Inq. 49), “da [h]agabundagem” (Inq. 132), “uma [h]eizinha” (Inq. 23), “boa [h]ontade” (Inq. 103) e “tenho [h]ontade” (Inq. 19). Sobre os resultados obtidos para a variável dimensão do vocábulo, vejamos a Tabela 1:

Tabela 1: Atuação da variável dimensão do vocábulo sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
Trissílabos ou maiores	11/569	1,9	0,735	e [h]oltava
Monossílabos	293/2554	11,5	0,517	eu [h]ô
Dissílabos	77/2627	2,9	0,429	toda [h]ida

Fonte: Elaborada pelas autoras

De acordo com a Tabela 1, os vocábulos com três ou mais sílabas são os únicos que favorecem o enfraquecimento de /v/ (0,735), já que os vocábulos monossílabos apresentam um comportamento discreto em relação a essa regra, como mostra seu peso relativo próximo ao ponto neutro (0,517). Os dissílabos atuam no sentido de bloquear o emprego da variante aspirada (0,429).

Observando o conjunto dos pesos relativos obtidos para a variável dimensão do vocábulo, confirma-se a hipótese de que quanto mais extenso o vocábulo, maior a probabilidade de ocorrer o enfraquecimento.

b) Faixa etária

Tabela 2: Atuação da faixa etária sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
50 anos ou mais	170/1811	9,4	0,641
26-49 anos	123/1980	6,2	0,479
15-25 anos	88/1959	4,5	0,388

Fonte: Elaborada pelas autoras

Com a observação da variável *faixa etária*, nossos dados indicam, conforme a Tabela 2, que quanto mais jovem for o informante, menor será o uso da variante enfraquecida (0,388). Por outro lado, a faixa etária de 50 anos ou mais (0,641) aparece como a única que favorece o enfraquecimento de /v/, já que a faixa constituída por falantes com 26 a 49 anos (0,479) e a de 15 a 25 anos (0,388) se mostraram inibidoras da regra.

É bom frisar que esses resultados para a variável *faixa etária* não confirmam nossas expectativas iniciais, pois acreditávamos que os falantes mais jovens, ao contrário do que vemos, estariam favorecendo a aspiração de /v/ em início de palavra.

c) Frequência de uso do vocábulo

Tabela 3: Atuação da frequência de uso sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
Termo extremamente usual	229/2116	10,8	0,667	inda [h]ai
Termo usual	94/1371	6,9	0,557	num [h]inha
Termo muito usual	43/1086	4,0	0,469	mai [h]elho
Termo pouco usual e pouquíssimo usual	11/638	1,7	0,199	num [h]ota

Fonte: Elaborada pelas autoras

Dentre os dados com até quinze ocorrências, encontramos outras onze ocorrências para os fatores ‘termo pouco usual’ e ‘termo pouquíssimo usual’: “uma [h]erdade” (Inq. 95), “boa [h]ontade” (Inq. 103), “tenho [h]ontade” (Inq. 19), “eu [h]enho” (Inq. 19), “num [h]ia” (Inq. 143), “sem [h]ergonha” (Inq. 153 e 49), “num [h]oto” (Inq. 132), “num [h]otei” (Inq. 132).

Com base na Tabela 3, verificamos que o fator *frequência de uso* apresentou resultados um pouco divergentes das nossas hipóteses. Inicialmente, confirmamos que os ‘termos extremamente usuais’ (0,667) são os maiores aliados do enfraquecimento de /v/ e os subfatores amalgamados (termo pouco usual e termo pouquíssimo usual) continuaram com um peso relativo irrelevante (0,199), conforme indica a Tabela 3.

No entanto, em segundo lugar, aparece o fator ‘termo usual’ (0,557), e não o ‘termo muito usual’ (0,469), que mais beneficia a variante aspirada. A explicação que encontramos inicialmente para isso foi a de que o ‘termo muito usual’ ocorre mais vezes do que o ‘termo usual’, mas não com a variante aspirada. Para entendermos melhor o porquê disso, observamos o comportamento desse fator diante de outros em cada nível da rodada e verificamos que, novamente, o fator *contexto fonológico subsequente* estava influenciando o resultado desses fatores. Daí veio a necessidade de realizarmos um cruzamento entre a *frequência de uso* e o *contexto fonológico subsequente*.

Feito o cruzamento, como mostra a Tabela 4, observamos que a maior concentração dos dados se dá apenas na vogal [a], causando um desequilíbrio em relação às ocorrências das demais vogais. Verificamos ainda que, entre os ‘termos muito usuais’, não encontramos nenhum exemplo com a vogal [a] como subsequente a /v/ e, entre os ‘termos usuais’, encontramos alguns com a palavra “vá” (nos inquéritos 67, 10, 93, 153, 34, 19, 59 e 143). Dessa forma, explica-se o porquê de um fator se sobrepor ao outro. Esse cruzamento é apresentado na Tabela 4.

Tabela 4: Contexto fonológico subsequente x frequência de uso sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra

Aplica/Total % Exemplo			Aplica/Total % Exemplo			Aplica/Total % Exemplo			Aplica/Total % Exemplo		
Contexto fonológico subsequente	Termo muito usual		Termo extremamente usual			Termo pouco e pouquíssimo usual			Termo usual		
[e]	23/709	3	[h]ê	0/0	-	0/17	0		8/136	6	[h]ei
[i]	3/226	1	[h]ida	0/0	-	1/396	0	[h]ia	7/262	3	[h]iu
[o]	0/0	-	57/1115	5	[h]ô	1/38	3	[h]otei	0/22	0	
[ê]	0/0	-	0/0	-	1/105	1	[h]enho	15/250	6	[h]em	
[ɔ]	0/0	-	0/0	-	3/87	3	[h]otá	2/125	2	[h]oltá	
[ɛ]	17/151	11	[h]éa	0/0	-	3/163	2	[h]ergonha	0/9	0	
[u]	0/0	-	1/26	4	[h]ucê	0/0	-	0/0	-		
[a]	0/0	-	171/975	18	[h]ai	2/234	2	[h]agabundo	10/73	14	[h]á
[ẽ]	0/0	-	0/0	-	0/24	0		40/222	18	[h]amo	
[i]	0/0	-	0/0	-	0/63	0		12/272	4	[h]inha	
[ô]	0/0	-	0/0	-	2/50	4	[h]ontade	0/0	-		

Fonte: Elaborada pelas autoras

Dessa forma, observamos que os ‘termos extremamente usuais’ são os mais relevantes da variável *frequência de uso do vocábulo*, no sentido de favorecer a aspiração de /v/.

d) Tonicidade

Quanto à variável *tonicidade*, constatamos, conforme a Tabela 5, que somente as sílabas tônicas (0,592) favorecem o enfraquecimento de /v/, já que as pretônicas inibem a variante aspirada (0,263).

Tabela 5: Atuação da tonicidade sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
Tônicas	357/4228	8,4	0,592	pra [h]i
Pretônicas	24/1522	1,6	0,263	de [h]agabundo

Fonte: Elaborada pelas autoras

Para entendermos melhor a atuação desse fator, é interessante verificarmos o conceito de saliência fônica. Segundo Guy (1986, apud ARAÚJO, 2000, p. 89), “[...] os traços mais salientes são aprendidos mais rapidamente por serem mais perceptíveis.” Assim, as formas inovadoras são inicialmente introduzidas nesses ambientes para, apenas posteriormente e, de maneira mais fraca, atingirem os ambientes com saliência mínima. Isso explica o fato de as sílabas tônicas terem favorecido a aspiração de /v/, em nossa amostra.

e) Escolaridade

Tabela 6: Atuação da escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
0 a 4 anos	232/2622	8,8	0,617
9 a 11 anos	149/3128	4,8	0,401

Fonte: Elaborada pelas autoras

Com relação à *escolaridade*, os resultados deste estudo indicam que a aspiração de /v/ se apresenta como uma forma estigmatizada, pois a menor escolaridade (0,618), até 4 anos de escolarização, favorece o enfraquecimento, enquanto a maior escolaridade (0,401), de 9 a 11 anos, inibe o seu uso, como indica a Tabela 6.

Destacamos que esses resultados confirmam nossa hipótese inicial para a atuação da escolaridade sobre a aspiração de /v/ em início de palavra. Acreditávamos mesmo que os falantes com 0-4 anos, isto é, com a menor escolaridade favoreceriam o uso da variante aspirada. Também supúnhamos que os falantes com 9-11 inibiriam o uso da mesma variante. Tais expectativas, conforme podemos observar na Tabela 6, de fato se confirmaram.

f) Contexto fonológico subsequente

Tabela 7: Atuação do contexto subsequente sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
[õ]	2/50	4,0	0.811	boa [h]ontade
[ẽ]	40/246	16,3	0.800	menino [h]ão
[a]	185/1282	14,4	0.673	num [h]ai
[ɛ]	20/323	6,2	0.665	continha [h]éa
[u]	1/26	3,8	0.576	se [h]ucê
[ê]	16/355	4,5	0.549	num [h]em
[o]	58/1175	4,9	0.462	eu [h]ô
[e]	31/862	3,6	0.436	às [h]eze
[ɔ]	5/212	2,4	0.412	pa [h]oltá
[ĩ]	12/335	3,6	0.341	num [h]inha
[i]	11/884	1,2	0.257	ela [h]iu

Fonte: Elaborada pelas autoras

A última variável selecionada para esta pesquisa foi o *contexto fonológico subsequente*. Nela, as vogais [ô], [ẽ], [a], [ɛ], [u] e [ê] são, nesta ordem hierárquica, aliadas do enfraquecimento de /v/, enquanto as demais inibem o fenômeno. A vogal [ô] apresenta a melhor posição na escala de favorecimento da aspirada, mas observamos que ela só ocorreu duas vezes com a variante aspirada, sendo ambas com a mesma palavra: [h]ontade (Inq. 103 e 19).

Outro fator relevante foi a vogal [u], mas que só obteve uma ocorrência enfraquecida, conforme a Tabela 7. Dentre os segmentos desfavoráveis à variante aspirada e com menor número de dados, encontramos: a vogal [ɔ], com apenas cinco ocorrências (as outras quatro são: “e [h]oltava” – Inq. 95, “num [h]otá” – Inq. 95 e 132, “num [h]oto” – Inq. 132), a vogal [i], com doze dados (as outras onze ocorrências de [i]: “gente [h]inha” – Inq. 95, “pa [h]im” – Inq. 95, “e [h]im” – Inq. 95, “sempe [h]inha” – Inq. 95, “que [h]inha” – Inq. 129, “em [h]inte” – Inq. 111, “quando [h]inha” – Inq. 10, “e [h]im” – Inq. 157, “aí [h]im” – Inq. 19, “num [h]im” – Inq. 19, “que [h]im” – Inq. 19), e a vogal [e], com onze ocorrências (as outras dez ocorrências de [e]: “toda [h]ida” – Inq. 06 e 06, “pra [h]i” – Inq. 95, “mai [h]i” – Inq. 95, “num [h]i” – Inq. 95, “a [h]ida” – Inq. 46, “movimento [h]iu” – Inq. 153, “[h]iu” – Inq. 132, “cê [h]iu” – Inq. 132).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, observamos a manutenção *vs.* aspiração da fricativa /v/ em início de palavra no falar da capital cearense. A amostra de fala usada aqui foi construída com base no falar de 48 informantes extraídos do acervo sonoro do projeto NORPOFOR. Os resultados indicam que, conforme esperávamos, /v/ pode se realizar tanto de forma plena (manutenção) e/ou de modo aspirado, no falar dos fortalezenses.

De igual modo, verificamos também que esse fenômeno é condicionado por uma série de fatores de natureza linguística e extralinguística. Assim, o enfraquecimento, embora ocorra em apenas 6,6% dos dados da amostra, é favorecido quando: os vocábulos são trissílabos ou maiores; a faixa etária é de 50 anos ou mais; a frequência de uso está entre os termos mais usuais (extremamente usual e usual); o segmento está na sílaba tônica; a escolaridade é igual a 0-4 anos; quando as vogais [ô], [ẽ], [a], [ɛ], [u] e [ê] estiverem sucedendo /v/.

Esses resultados indicam ainda que, na amostra deste trabalho, a aspiração de /v/ figura como um fenômeno estigmatizado, tendo em vista que foi favorecido por informantes com o menor grau de escolaridade (0-4), enquanto que falantes com 9-11 anos de escolarização atuaram no sentido de inibir a aspiração de /v/. Com isso, vemos que, no falar da capital cearense, quanto menor a escolaridade, maiores as chances de haver a aspiração da fricativa /v/.

Quanto ao comportamento da variável *faixa etária*, averiguamos, conforme já indicamos, que são os falantes mais velhos (50 anos ou mais) que favorecem a variante aspirada. Esse resultado pode ser indício de um possível fenômeno de mudança em curso, no sentido de desfavorecer a variante aspirada em relação à manutenção, já que esperávamos dos falantes mais velhos uma postura mais conservadora diante do fenômeno investigado. Em outras palavras, acreditávamos que os falantes mais velhos, ao contrário do que ocorreu, estivessem inibindo a aspiração de /v/.

Evidentemente, esse último ponto merece ser mais bem explorado em um trabalho futuro e de maior amplitude. E, embora isso não seja possível, neste primeiro momento (devido ao espaço destinado aos artigos), acreditamos que, com este trabalho, deixamos uma significativa contribuição para a descrição do português atual falado na capital cearense. Esperamos com ele contribuir para pesquisas futuras (em nível de comparação) sobre o comportamento variável de /v/ em início de palavra, não somente no falar de Fortaleza, mas também, na medida do possível, no falar de outras localidades do país.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. de. Fonética do português do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, ano 51, n. 51, p. 271-307, 1937.
- ALENCAR, M. S. M. de. *Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza: as realizações dos fonemas /r/ e /ʁ/*. 2007. 184 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/6109>>. Acesso em: 03 abr. 2017.
- ARAGÃO, M. do S. S. de. Estudos Fonético-Fonológicos no Estado do Ceará. *Signum: Estudos de Linguagem*, Londrina, v. 7/1, p. 21-41, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3730>>. Acesso em: 04 abr. 2017.
- ARAÚJO, A. A. de. *A monotongação na norma culta de Fortaleza*. 2000. 110f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.
- _____. O projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA, 15., 2011, Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, v. XV, n. 5, t. 1. p. 835-845. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlftomo_1/72.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2017.
- ARAÚJO, L. E. S. A variável *faixa etária* em estudos sociolinguísticos. In: ENCONTRO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DE SÃO PAULO, 26., 2007, Campinas. *Caderno de Resumos*. São Paulo: UNICAMP, 2007, maio-ago. p. 389-398. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/sistema06/71.PDF>>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- CAMACHO, R. G. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- CANOVAS, M. I. F. *Variação fônica de /S/ pós-vocálico e de /v, z, ʒ/ cabeças de sílaba, na fala de Salvador*. 1991. 168f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1991.
- COAN, M.; CARVALHO, A. P. L. Relativização na escrita jurídica. *Línguas e Letras*, Paraná, v. 17, n. 37, p. 3-18, 2016. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/viewArticle/12675>>. Acesso em: 02 abr. 2017.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa*. São Paulo: Parábola, 2007.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Vol. 1. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.
- _____. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. Tradução de Gabriel de Ávila Othello. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem* – ReVEL, v. 05, n. 09, ago. 2007.. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_9_entrevista_labov.pdf>. Acesso em 02 abr. 2017.
- _____. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. [1972].
- MACAMBIRA, J. R. *Fonologia do Português*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1987.
- MARQUES, S. M. O. *A produção variável do fonema /v/ em João Pessoa*. 2001. 96f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Editora Contexto, 2012 [2004]. p. 9-14.

PELICIOI, R. *A rênti tarra em carra mermo*: a aspiração de fricativas na fala de Salvador. 2008. 48f. Monografia (Graduação em Letras Vernáculas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

RODRIGUES, A. G. P. *Ramo rê se rai dá certo*: o enfraquecimento da fricativa /v/ no falar de Fortaleza. 2013. 170f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Anagermanapontesrodrigues.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2017.

RODRIGUES, A. G. P.; ARAÚJO, A. A. de; ARAGÃO, M. do S. S. de. Enfraquecimento de fricativas no Atlas Linguístico do Ceará: uma abordagem sócio-dialetal. *Revista Trama: Unioeste*, v. 9, n. 18, p. 53-64, 2. sem. 2013. Disponível em: <https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/enfraquecimento_.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2017.

RODRIGUES, A. G. P.; ARAÚJO, A. A. de. Falarra tanto que cansarra: a aspiração de /v/ no morfema verbal - ava no falar de Fortaleza-CE. *Letras e Letras, Uberlândia*, v. 31/2, p. 157-187, 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/31305>>. Acesso em: 01 abr. 2017.

RONCARATI, C. N.; UCHOA, J. A. C. Enfraquecimento das fricativas sonoras. In: ARAGÃO, M. do S. S de; ALMEIDA, M. R.; ARAÚJO, M. F. *Projeto Dialectos Sociais Cearenses*. Fortaleza: UFC, 1988.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X*: a multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2001 [1986].

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Recebido em 15/06/2017. Aceito em 16/10/2017.

CONSTRUÇÕES SUPERLATIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: *TRI [X], BAITA [X] E PUTA [X]*

CONSTRUCCIONES SUPERLATIVAS EN PORTUGUÉS BRASILEÑO: *TRI [X], BAITA [X] Y PUTA [X]*

SUPERLATIVE CONSTRUCTIONS IN BRAZILIAN PORTUGUESE: *TRI [X], BAITA [X] AND PUTA [X]*

Heloísa Pedroso de Moraes Feltes*

Marciele Borchert**

Universidade de Caxias do Sul

RESUMO: Este estudo objetiva explorar construções superlativas a partir da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; MIRANDA; SALOMÃO, 2009), tendo como aporte teórico-metodológico central estudos já realizados sobre superlatividade (CARRARA, 2015; MACHADO, 2011). A fim de averiguar expressões produtivas candidatas a construções superlativas no uso coloquial do Português Brasileiro, investigamos as ocorrências das expressões *tri* (como prefixo), *baita* e *puta*, no *Corpus* do Português. Na análise, consultamos as definições de *tri*, *baita* e *puta*, com o objetivo de elucidar a possível origem e motivação para as expressões. Quanto à formalização, enquadrando-las em padrões propostos nos estudos revisados, com *tri* como uma Construção Prefixal de Modificação de Grau (CARRARA, 2015); e *baita* e *puta* como Construções Superlativas Genéricas (MACHADO, 2011). A análise dos dados possibilitou propor matrizes construcionais e sugerir a ampliação da rede construcional superlativa no Português Brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática das construções. Construções superlativas. Linguística cognitiva.

RESUMEN: Este estudio tiene por finalidad explorar construcciones superlativas a partir de la Gramática de Construcciones (GOLDBERG, 1995, 2006; MIRANDA; SALOMÃO, 2009), cuyo aporte teórico-metodológico central son estudios realizados sobre superlatividad (CARRARA, 2015; MACHADO, 2011). Buscando averiguar expresiones superlativas productivas en el uso coloquial del Portugués Brasileño, hemos investigado las incidencias de las expresiones *tri* (como prefijo), *baita* y *puta*, en el *Corpus* do Português. Hemos consultado las definiciones de *tri*, *baita* y *puta*, con el objeto de dilucidar sus posibles orígenes y motivaciones. Sobre la formalización, encuadramos las expresiones en patrones propuestos en los estudios revisados, con *tri* como Construcción Prefijal de Modificación del Grado (CARRARA, 2015); y *baita* y *puta* como Construcciones Superlativas Genéricas (MACHADO, 2011). El análisis de los datos ha posibilitado proponer matrices construccionales y sugerir la ampliación de la red construccional superlativa en Portugués Brasileño.

PALABRAS CLAVE: Gramática de construcciones. Construcciones superlativas. Lingüística cognitiva.

* Doutora e mestre em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora dos Programas de Pós-Graduação em Letras e Cultura da (UCS) e de Doutorado em Letras, Associação Ampla UCS/ UniRitter. E-mail: helocogn@terra.com.br.

** Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade pela Universidade de Caxias do Sul. Licenciada em Letras-Língua Portuguesa pela UCS. E-mail: marciele_borchert@hotmail.com.

ABSTRACT: This study aims to explore superlative constructions from Construction Grammar (GOLDBERG, 1995, 2006; MIRANDA; SALOMÃO, 2009), having as main theoretical and methodological bases studies on superlativization (CARRARA, 2015; MACHADO, 2011). In order to verify productive superlative expressions in the colloquial use of Brazilian Portuguese, we investigated the occurrences of the expressions *tri* (as a prefix), *baita* and *puta*, in *Corpus* do Português. We searched definitions of *tri*, *baita* and *puta*, with the objective of eliciting the origin and motivation for the expressions. Regarding the formalization, we fitted them into the patterns proposed by the reviewed studies: *tri* as Prefixal Degree Modification Construction (CARRARA, 2015); and *baita* and *puta* as General Superlative Constructions. The analysis allowed us to propose constructional matrices and the enlargement of the superlative constructional net in Brazilian Portuguese.

KEYWORDS: Construction Grammar. Superlative constructions. Cognitive Linguistics.

1 INTRODUÇÃO

A tradição gramatical oferece diversas alternativas para construir o superlativo. Porém, por mais variados que sejam os recursos oferecidos em uma perspectiva normativa da língua, esses não dão conta da variedade expressiva da superlatividade, tanto na fala como na escrita, no presente caso, do Português Brasileiro. Na verdade, há recursos criados pelos falantes para expressar a superlatividade não descritos e exemplificados nas gramáticas normativas.

Nossa proposta foi a de explorar estudos já existentes no Brasil que se servem da Gramática das Construções, mormente as produções geradas pelo grupo de pesquisa Gramática e Cognição, coordenado pela Profa. Dra. Neusa Salim Miranda, no âmbito dos estudos sobre construções superlativas, os quais já alcançaram maturidade. Por essa razão, seguimos a proposta teórico-metodológica da Gramática das Construções, mantendo a linha de investigação já traçada para estudos sobre superlatividade no Português Brasileiro, no sentido de ampliarem-se os estudos por essa abordagem, de modo a colaborar com a avaliação de sua adequação descritivo-explanatória.

O objetivo geral deste artigo é o de examinar três expressões utilizadas com função superlativa e intensificadora no Português Brasileiro, propondo matrizes construcionais.

O aporte teórico central de nossa pesquisa abrange os estudos de Carrara (2015), Machado (2011) e Goldberg (1995, 2006), na formulação da base da Gramática das Construções; Miranda e Salomão (2009), com relação às construções em Língua Portuguesa; e autores importantes para situar a Gramática das Construções, a saber, Croft e Cruse (2004), Salomão (2002), Miranda e Machado (2014), Fillmore (1979), Fillmore, Kay e O'Connor (1988), Lakoff (1987) e Evans (2007).

O artigo está organizado em quatro seções. A primeira seção situa a Gramática das Construções, nossa perspectiva teórica central, a partir dos compromissos epistemo-teórico-metodológicos da Linguística Cognitiva assumidos por esses autores. A segunda seção apresenta a Construção Superlativa Genérica e a Construção Prefixal de Modificação de Grau, que são as construções de base para nossa análise. A seção 3 trata do método, técnicas e procedimentos adotados no estudo. Na seção 4, analisam-se as expressões com valor superlativo, a partir das matrizes de construções superlativas já levantadas na seção 2. Em nossa pesquisa, de natureza exploratória, analisam-se *tri* (como prefixo), *baita* e *puta*. Para a compilação das ocorrências dessas expressões, utilizamos o *Corpus* do Português, especificamente em Web/Dialetos

2 GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES E LINGÜÍSTICA COGNITIVA

Partindo de uma abordagem geral dos compromissos epistemo-teórico-metodológicos da Linguística Cognitiva, esta seção objetiva caracterizar a Gramática das Construções em suas teses, conceitos e características mais centrais.

As gramáticas normativas não tratam dos usos efetivos de várias expressões de uma língua. As regras da gramática normativa dizem respeito ao que é padrão na modalidade escrita da variedade “cultura” da língua, e seu foco não é a linguagem em sua riqueza expressiva, como um fenômeno sociocognitivo.

Na perspectiva da Linguística Cognitiva, a faculdade da linguagem é uma habilidade cognitiva humana, que utiliza o mesmo aparato cognitivo de outras tarefas, afirmam Croft e Cruse (2004). Tal suposição se diferencia da premissa gerativista de que o ser humano possui uma capacidade inata e autônoma exclusivamente para a linguagem. A principal preocupação da Linguística Cognitiva é demonstrar o papel das habilidades cognitivas gerais na linguagem. Conforme os autores:

A linguagem é uma habilidade cognitiva distintivamente humana, certamente. A partir de uma perspectiva cognitiva, a linguagem é a percepção e produção em tempo real de uma sequência temporal de unidades discretas, estruturadas e simbólicas. Essa configuração particular das habilidades cognitivas é provavelmente única à linguagem, mas as habilidades cognitivas requeridas não o são. (CROFT; CRUSE, 2004, p. 2, tradução nossa).

Para os autores, três hipóteses principais guiam a abordagem da linguagem pela Linguística Cognitiva: (a) a linguagem não é uma faculdade cognitiva autônoma; (b) gramática é conceptualização; e (c) o conhecimento da língua emerge do uso da língua.

A Linguística Cognitiva defende que as representações sintática, morfológica e fonológica são basicamente conceituais, e, embora sons, e até os enunciados, sejam entidades físicas, eles precisam ser compreendidos e produzidos através de processos mentais. Portanto, há processos cognitivos envolvidos na interação linguística, e tais processos utilizados para a linguagem não são muito diferentes daqueles usados para outras tarefas cognitivas, tais como a percepção visual, o raciocínio ou a atividade motora, de acordo com Croft e Cruse (2004).

As abordagens cognitivas para as gramáticas são guiadas por duas teses: a tese simbólica e a tese baseada no uso. Segundo Evans (2007), na tese simbólica a unidade fundamental da gramática é o pareamento forma-significado, e significado e gramática se relacionam e se complementam de forma indissociável. Já para a tese baseada no uso, Evans explica que o conhecimento da língua é o conhecimento de como ela é utilizada, o que significa que um usuário da língua abstrai unidades simbólicas, os enunciados.

A Gramática das Construções é uma abordagem cognitiva linguística da sintaxe, que surgiu a partir de questionamentos fundamentais da Gramática Gerativa. Croft e Cruse (2004) explicam que, de acordo com a maioria das teorias da Gramática Gerativa, o conhecimento gramatical de um falante é organizado em componentes, os quais são, partindo de um princípio geral, fonético, sintático e semântico, perpassados pelo léxico. A ligação entre esses componentes é chamada de *linking rules*. Segundo os autores, o desenvolvimento da Gramática das Construções rompe a visão componencial da organização gramatical: “[...] por que as *linking rules* são apenas um conjunto de regras que ligam componentes, enquanto os componentes definem o modo como o conhecimento gramatical é dividido na mente do falante? Como veremos, essa é essencialmente a questão que a gramática das construções pergunta.” (CROFT; CRUSE, 2004, p. 227, grifo nosso).

Goldberg (2006, p. 4-5) explica que as abordagens construcionistas compartilham algumas ideias com a corrente gerativista, tais como: (a) a linguagem é considerada como um sistema cognitivo mental; (b) existem combinações de estruturas para criar novos enunciados; e (c) é necessária uma teoria não trivial de aprendizagem da linguagem.

Segundo Goldberg, o termo *construcionista* tem diferentes motivações:

A motivação primária para o termo é que as abordagens construcionistas enfatizam o papel das CONSTRUÇÕES gramaticais: pares convencionalizados de forma e função. Além disso, as abordagens construcionistas de modo geral enfatizam que as línguas são aprendidas – que elas são CONSTRUÍDAS à base de *input* juntamente com restrições gerais cognitivas, pragmáticas e de processamento. (2006, p. 3, grifos originais).

Em termos gerais, a autora esclarece que, na categorização,

[...] a codificação seletiva e a memória imperfeita asseguram que nossos exemplares sejam de alguma maneira abstratos. Nós não armazenamos um número ilimitado de representações completas de enunciados; o que nós mais propriamente retemos são instâncias com algum nível de abstração. Ou seja, nós não retemos passivamente um *corpus* mental enorme, composto por todas as sequências que já ouvimos, como um computador pode fazer. Ao contrário, nós constantemente dividimos o significado, formamos abstrações, e generalizamos as instâncias que ouvimos. (GOLDBERG, 2006, p. 62, grifo nosso).

Além disso, para a Gramática das Construções, assim como para a Linguística Cognitiva, a gramática é um *continuum* entre sintaxe e léxico, baseada no uso. Miranda explica que a Gramática das Construções “[...] delinea-se como *uma gramática gerativa, simbólica e baseada no uso, que ambiciona a descrição de todas as Construções de uma língua e não distingue criterialmente léxico e gramática.*” (2009a, p. 11, grifo original).

Uma construção, segundo Goldberg, pode ser reconhecida como tal quando algum aspecto de sua forma ou função não é rigorosamente previsível a partir de seus componentes ou a partir de outra construção existente. Tal concepção reforça a ideia de que uma construção é um pareamento de forma e significado: “Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível a partir das partes que a compõem ou de outras construções com existência reconhecida. Além disso, padrões são armazenados como construções mesmo sendo totalmente previsíveis desde que eles ocorram com frequência suficiente.” (GOLDBERG, 2006, p. 5).

Além disso, Goldberg (2006) assinala que a abordagem da Gramática das Construções é não derivacional, ou seja, é monoestratal, de modo que não há processos (regras) de transformação em que uma estrutura é “derivada” de outra.

Em suma, como afirma Miranda (2009b, p. 63-64), “[...] a linguagem é prática social e a gramática de uma língua é uma rede de símbolos erguida na cultura” e “[...] o conhecimento linguístico do falante é uma coleção sistemática de pares de forma-função, isto é, de construções aprendidas com base na língua que ouve ao seu redor.”.

Salomão (2009b, p. 38-51), por sua vez, destaca três asserções fundadoras da Gramática das Construções: construções são unidades básicas do conhecimento linguístico; construções são pareamentos de forma-sentido; e a gramática é uma rede de construções.

Se pensarmos a gramática como “[...] um sistema de padrões formais paradigmaticamente contrastáveis e gerativamente combináveis, observado um conjunto de restrições de diversa natureza” (SALOMÃO, 2009b, p. 33), muitas expressões frequentemente utilizadas pelos falantes de uma língua estarão além da compreensão. Tais expressões, afirma Salomão, são comumente deixadas de lado, por não se adequarem às regras prescritas pela gramática, o que configura uma oportunidade para a Linguística contribuir como ciência, tratando das “[...] numerosíssimas construções anteriormente negligenciadas”. Há, nesse sentido, o desafio de “[...] descrever todas as construções de uma língua, inclusive aquelas que, por razões teóricas, são reputadas ‘desinteressantes.’” (SALOMÃO, 2009b, p. 35).

Apesar dos recentes esforços em estudar as construções do Português, Salomão (2009b) explica que nada ainda foi feito que leve a constituir uma versão integrada de uma gramática do Português do Brasil. A importância dessa empreitada reside no fato de que o todo nem sempre é a soma das partes quando se trata das inúmeras expressões de uma língua.

Em um artigo sobre a integração entre sintaxe e léxico, Salomão (2002) retoma brevemente o percurso que antecedeu o surgimento da abordagem construcionista da gramática, mencionando a hipótese gerativa e o quanto esta não contempla o fenômeno do idiomatismo, que origina formações lexicais não composicionais, logo não previsíveis pelo conhecimento do léxico e da sintaxe de uma língua.

Salomão (2002, p. 67) explica o surgimento de uma Gramática das Construções, que emergiu em Berkeley, no fim dos anos 1980, a partir de três movimentos analíticos, os quais:

(a) **estudo das redes polissêmicas:** liderado por George Lakoff, reconhece redes construcionais, motivadas por projeções conceptuais, principalmente de natureza figurativa, tendo como instância-núcleo da irradiação uma construção gramatical. Lakoff analisou as construções com *there*, cuja instância central é a “construção locativa” e a irradiação motivada chega até a “construção existencial”;

(b) **estudo das fórmulas situacionais (idiomas sintáticos):** Fillmore e Kay elaboraram um trabalho em parceria com O'Connor, no qual analisam o marcador discursivo *let alone*, cuja função é relacionar comparativamente dois eventos evocados por duas orações ligadas por esse conectivo, caso similar aos marcadores proporcionais *quanto mais, por mais que*, em Português;

(c) **estudo da variação das valências:** proposto por Goldberg, postula, como solução para verbos que apresentam valências distintas, “uma configuração sintática, pareada com a indicação pragmático-semântica correspondente”, em vez de se usar uma valência *ad hoc* para cada verbo, como propõem os neo-lexicalistas.

Segundo Salomão (2002), o que esses três movimentos têm em comum é a convergência em duas premissas fundadoras: (a) a indistinção entre léxico e gramática, sendo a linguagem uma grande rede construcional, e (b) a concepção do signo linguístico como o vetor bipolar indissociável, que pareia forma e condições da construção do sentido, indissoluvelmente semântico-pragmáticas.

Miranda e Machado (2014, p. 121) afirmam que, a partir da teoria da Gramática das Construções,

[...] a *construção*, vista como um símbolo ou signo, adquire um estatuto teórico de unidade básica do conhecimento linguístico. A partir daí, fenômenos linguísticos, desde os mais idiossincráticos até os mais gerais recebem o mesmo tratamento; todas as unidades linguísticas, em todos os níveis, têm um formato único de descrição, adquirindo contornos construcionais. (MIRANDA; MACHADO, 2014, p. 121, grifo original).

Fillmore (1979) sugere a existência de uma segunda idealização em linguística, que sucede a de falante/ouvinte ideal em uma comunidade de fala homogênea, proposta por Chomsky em 1965: a do falante/ouvinte inocente, aquele que conhece as estruturas gramaticais e as utiliza para elaborar seu discurso e transmitir a mensagem que deseja da forma mais direta possível, sem inferências entre o que diz e o significado que almeja transmitir, atuando como um “decifrador de códigos” (*decoder*). O autor afirma que o discurso desse tipo de falante/ouvinte “tende a ser lento, chato, e pedante” (FILLMORE, 1979, p. 64). Para Fillmore, o falante/ouvinte inocente tem diversas limitações importantes: “Resumindo, o falante/ouvinte inocente não sabe sobre expressões idiomáticas lexicais, expressões idiomáticas frasais, colocações lexicais, fórmulas situacionais, comunicação indireta, ou sobre estruturas esperadas de textos de certos tipos.” (FILLMORE, 1979, p. 66).

O conceito de falante-ouvinte inocente corrobora a ideia de que o conhecimento gramatical de uma língua, incluindo-se aqui aquele que está nas gramáticas tradicionais, não é suficiente para conferir a um falante amplas habilidades de compreensão. As expressões idiomáticas constituem parte considerável da comunicação. O falante que domina as construções de uma língua conta com um acervo de expressões que têm significado próprio, integral, que não pode ser compreendido separando-se as partes, pois o todo não é formado pela soma das partes, mas sim a composição das partes que forma o todo.

Fillmore, Kay e O'Connor (1988) sugerem que aquilo que é idiomático em uma língua pode ser pensado como um apêndice para a gramática, constituindo um vasto repositório de expressões idiomáticas, que deve incluir descrições de conjuntos de fenômenos importantes e sistemáticos, os quais interagem de modo significativo com o resto da gramática. Os autores defendem que “[...] uma expressão ou construção idiomática é algo que um usuário da língua poderia falhar em conhecer enquanto conhece todo o resto na língua.” (1988, p. 504), e estabelecem uma tipologia de expressões idiomáticas, cujos parâmetros são ponto de partida para as várias realizações de construções em uma língua. São elas:

(a) **codificação/decodificação:** as primeiras são expressões que não requerem experiência prévia do falante para que este possa compreendê-las, como em *answer the door*, *wide awake* e *bright red* (*atender à porta*, *de olhos bem abertos* e *vermelho brilhante*, respectivamente)¹, expressões que podem ser compreendidas mesmo quando ouvidas pela primeira vez. As expressões de decodificação são aquelas cujo significado não pode ser entendido apenas pelo conhecimento das palavras que as compõem, e sim pela expressão como um todo, independentemente de seus componentes isolados, como em *kick the bucket*, que significa literalmente *chutar o balde*, mas quer dizer *morrer*, semelhante a *bater as botas* em Português;

(b) **gramaticais/extragramaticais:** são gramaticais as expressões que obedecem às regras da gramática, apresentando uma estrutura produtiva, como em *kick the bucket*, *spill the beans* e *blow one's nose* (*morrer*, *contar um segredo* e *assoar o nariz*, respectivamente), constituídas por um verbo seguido de um complemento direto; já as extragramaticais costumam ser idiossincráticas, uma vez que não refletem uma regra sintática geral da língua, como *all of a sudden*, *by and large* e *so far so good* (*de repente*, *no geral* e *até aqui tudo bem*, respectivamente), expressões que não podem ser previstas pelo conhecimento gramatical da língua inglesa. Mesmo possuindo estrutura gramatical, tais expressões não podem ser compreendidas através do conhecimento das regras familiares da gramática e de sua usual aplicabilidade, sendo necessário o conhecimento idiomático para tornar possível a compreensão;

(c) **substantivas/formais:** as primeiras têm um preenchimento (mais ou menos) previsto de todas as posições em sua estrutura sintática, como em *kick the bucket*, que prevê itens lexicais específicos; as expressões idiomáticas formais são padrões sintáticos dedicados a propósitos semânticos e pragmáticos não reconhecíveis a partir de sua forma isolada, sendo, portanto, para os autores, o tipo de expressão idiomática que suscita as questões teóricas mais sérias.

A partir dessa ideia, Salomão (2009a) explica que, por ser uma grande rede construcional, a gramática é um *continuum* entre sintaxe e léxico, calcada no uso linguístico, de modo que as unidades construcionais divergem apenas em sua especificação formal: há construções abertas (a exemplo da construção Sujeito-Predicado), parcialmente especificadas (como a construção proporcional **Quanto mais x, mais y**) e inteiramente especificadas (como o uso de um sufixo com sentido específico, expressões formulaicas e proverbiais, por exemplo).

Salomão (2009b) menciona que as construções podem ser postuladas como unidades básicas da gramática e explica que o fato de, em algumas expressões linguísticas, o todo não ser a soma das partes foi o ponto crítico que levou a tal postulação. A questão é que o resultado da combinação presente em uma construção pode ser mais complexo do que os elementos que a constituem, conforme explica a autora através do exemplo de *carcereiro* e *prisioneiro*, lexemas formados pelo acréscimo do sufixo *-eiro* e que possuem duas raízes sinônimas (*cárcere* e *prisão*), porém o acréscimo do mesmo sufixo aos dois lexemas confere-lhes significados antagônicos e complementares do *frame* PRISÃO. Dessa forma, para Salomão, a “[...] construção não é matéria de pura combinação sintagmática; ou seja, não é pura forma. Na condição de signo, ela impõe um recorte específico à integração conceptual a que procede.” (2009b, p. 41).

Tendo em vista o exposto até aqui, é importante reforçar que a proposta central da Gramática das Construções diz respeito a uma gramática constituída por uma rede de construções, as quais são motivadas e se relacionam com outras construções em termos de herança. Lakoff (1987) propõe a organização da gramática como uma categoria radial, a partir da qual se tem construções regulares e prototípicas e, em contrapartida, construções específicas e idiossincráticas, que ocupam um lugar periférico e são herdeiras de instâncias centrais. Segundo o autor, os sistemas cognitivos possuem uma ecologia, e o conceito de nicho ecológico é uma parte importante da Gramática das Construções: “[...] quanto mais redundantes são as propriedades de uma dada categoria, mais ela é motivada por sua locação ecológica, e melhor ela se encaixa em um sistema como um todo” (LAKOFF, 1987, p. 493).

Sendo a gramática organizada por redes, tem-se a ideia de conceptualização, que sugere diferentes ligações entre as construções de uma língua. Goldberg (1995) explica os elos (*links*) que elucidam as relações de herança entre construções. São eles:

¹ As traduções dos exemplos são uma interpretação livre de responsabilidade das autoras deste artigo.

(a) **elo por subparte**: neste caso, uma construção é uma subparte de outra e existe independentemente. Um exemplo dado por Goldberg (1995, p. 78) é a Construção de Movimento Intransitiva, como em *Kim ran* (*Kim correu*), a qual se relaciona à Construção de Movimento Causado, a exemplo de *Kim ran Pat off the street* (*Kim tirou Pat da rua*), que se torna herdeira do primeiro tipo;

(b) **elo por instanciação**: ocorre quando uma construção é um caso especial de outra, sendo mais específica que aquela que lhe deu origem, como, por exemplo, segundo Goldberg, as acepções do verbo *drive*, que em sentido primário significa *dirigir*, mas pode assumir o significado de conduzir a algum estado, como em *Kim drove Fred crazy* (*Kim levou Fred à loucura*), na qual o sentido de se dirigir de um lugar a outro é usado para indicar uma mudança de estado;

(c) **elo por extensão metafórica**: Goldberg (1995, p. 81-89) exemplifica este elo com a Construção de Movimento Causado, como em *Joe kicked the bottle into the Yard* (*Joe chutou a garrafa para o pátio*), que se estende metaforicamente para a Construção Resultativa, como em *Joe kicked Bob black and blue* (*Joe chutou Bob até deixá-lo roxo*), construções nas quais se tem uma mudança de lugar que se estende a uma mudança de estado;

(d) **elo por polissemia**: ocorre quando construções apresentam a mesma sintaxe e diferem semanticamente. Como um exemplo de herança por polissemia, Goldberg (1995, p. 75) analisou a Construção Ditransitiva, a qual dá origem a outros quatro padrões de construções, que são, portanto, seus herdeiros. A Construção Ditransitiva é representada por um sujeito, um verbo e dois complementos [S V OBJ1 OBJ2], na qual (1) “X causa Y a receber Z” (*Joe gave Sally the ball – Joe deu a bola a Sally*). A partir dessa construção, tem-se outras quatro, a saber, (2) “X causa Y a não receber Z” (*Joe refused Bob a cookie – Joe negou um biscoito ao Bob*), (3) “X age para causar Y a receber Z” (*Joe bequeathed Bob a fortune – Joe deixou uma fortuna de herança para Bob*), (4) “X proporciona Y a receber Z” (*Joe permitted Chris an apple – Joe concedeu a Chris uma maçã*) e (5) “X pretende causar Y a receber Z” (*Joe baked Bob a cake – Joe assou um bolo para Bob*).

Esses *links* de herança motivam as construções herdeiras; daí se dizer que uma construção é motivada, contendo algum traço da construção-mãe.

3 A CONSTRUÇÃO SUPERLATIVA GENÉRICA E A CONSTRUÇÃO PREFIXAL DE MODIFICAÇÃO DE GRAU

Partimos da matriz da Construção Superlativa Genérica, proposta por Machado (2011), cujo intuito é evidenciar um padrão existente em Português para tratar da superlatividade. A Figura 1 mostra a Formalização da Construção Superlativa Genérica.

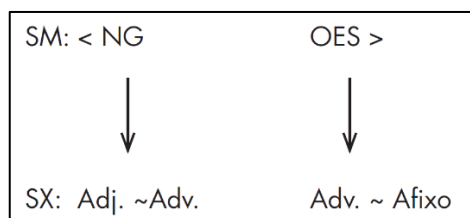


Figura 1: Formalização da Construção Superlativa Genérica

Fonte: Machado (2011, p. 75)

Conforme a Figura 1, uma Construção Superlativa Genérica possui em sua semântica (SM) um Núcleo Graduável (NG), que pode ser um adjetivo (ADJ) ou advérbio (ADV) no nível sintático (SX), e um Operador de Escala Superlativa (OES)², representado, sintaticamente, por um advérbio ou por um afixo. Tal matriz genérica considera o superlativo sintético, que dispõe de recurso morfológico (os sufixos), e o superlativo analítico, realizado por meio de estratégia lexical, como o uso tradicional de advérbios de intensidade, até a repetição do adjetivo para intensificar.

² Por operador de escala superlativa entende-se qualquer afixo ou lexema que atue no sentido de gerar efeitos intensificadores e de superlatividade.

Carrara (2015) propõe classificar o uso de prefixos como modificadores de grau, o que se aplica tanto a adjetivos e substantivos como a verbos, e também a alguns advérbios, de acordo com os exemplos por ela utilizados. A pesquisa de Carrara integra o macroprojeto Construções Superlativas Morfológicas do Português (MIRANDA, 2011) e estuda a **Construção Prefixal de Modificação de Grau**, um dos nódulos dessa rede de construções superlativas mórficas.

Carrara (2015) utilizou a Linguística de *Corpus*, sendo seu *corpus* específico constituído pelo *Corpus* do Português e os *corpora* pertencentes ao Projeto Floresta Sintática, além de *tokens* obtidos através do *Web Concordancer Beta*.

Tendo escolhido os prefixos a serem pesquisados (*super-*, *ultra-*, *hiper-*, *mega-*, *arqui-*, *maxi-*, *macro-*, *mini-*, *micro-*), o número de ocorrências, seguido dos prefixos mais frequentes, é o seguinte: 874 ocorrências através do *Web Concordancer Beta*, das quais 400 com *super-* e 102 com *maxi-*; 359 ocorrências no *Corpus* do Português, com 156 para *micro-* e 77 para *super-*; 588 ocorrências na Floresta Sintática, das quais 194 para *macro-*, 153 para *arqui-* e 119 para *super-*.

A Construção Prefixal de Modificação de Grau constitui-se “[...] de um elemento mórfico, via de regra, antepositivo, que expressa modificação de grau (*super-*, *ultra-*, *hiper-*, *mega-*, *arqui-*, *maxi-*, *macro-*, *mini-* e *micro-*) e que se combina com quatro distintas categorias: substantivos, adjetivos, advérbios e verbos” (CARRARA, 2015, p. 118), conforme esquema de formalização apresentado na Figura 2.

{Construção Prefixal de Modificação de Grau [Modificador de Grau_{signo1}]_{F1} [Escopo_{signo2}]_{F2}}_M

Nome	Construção Prefixal de Modificação de Grau
M	Unidade Mórfica Complexa X que combina as valências de F1 e F2
F1	Modificador de grau: prefixos de grau
F2	Escopo: Núcleo graduável sem modificação de grau (Sub., Adj., Adv. e Verbo)
Interpretação	Um Valor de Referência em uma escala superlativa é estabelecido para F2 pelo Modificador de Grau particular (F1)

Figura 2: Descrição informal da Construção Prefixal de Modificação de Grau

Fonte: Carrara (2015, p. 132)

Para alcançar seus objetivos, a autora postula duas teses: (a) morfemas são construções; (b) os elementos mórficos antepositivos de grau (*super-*, *ultra-*, *hiper-*, *mega-*, *arqui-*, *maxi-*, *macro-*, *mini-*, *micro-*) são prefixos.

Após definir e exemplificar a **Construção Prefixal de Modificação de Grau Substantiva**, Carrara explica os subpadrões a ela relacionados:

a) **CPMG Substantiva de Tamanho**, cujas instâncias são fortemente convencionalizadas, portanto descritas parcialmente pela tradição gramatical e linguística, como formações prefixais marcadas pelo grau aumentativo ou diminutivo. Alguns exemplos retirados dos *corpora* são *maxi acessórios*, *macro região*, *mini coelhos*, *micro vestido*;

b) a **CPMG Substantiva Polissêmica**, cujo sentido construcional, embora único, depende do contexto discursivo. Carrara cita os exemplos *hiper inflação*, *ultra maratonistas*, *mega unhas*, *super carro*, *arqui modelo*, inseridos nos respectivos trechos de onde foram retirados, explicando que *hiper inflação* remete à propriedade **Dimensão**; *ultra maratonistas* remete a **Condicionamento**; *mega unhas* remete a **Tamanho**; *super carro* remete à **Potência**; e *arqui modelo* remete à **Qualidade** (p. 153).

Além da Construção Prefixal de Modificação de Grau Substantiva, Carrara apresenta a **Construção Prefixal de Modificação de Grau Predicadora**, que cumpre, segundo a autora, “[...] uma função semântica bastante transparente, qual seja, a de intensificação de seu escopo.” (2015, p. 161). Como esse tipo de construção apresenta diferentes escopos, são apresentados separadamente:

a) **EC Escopo adjetivo**: {[super-, ultra-, hiper-, mega-, arquí- Modificador de Grau]F1[adjetivoEscopo]F2}CPMGPredicadora

Exemplos: *super fofos, jeito ultra fashion, hiper técnico, projeto mega bacana, arquí rival*.

b) **EC Escopo advérbio**: {[super-, hiper-, mega- Modificador de Grau]F1[advérbioEscopo]F2}CPMG Predicadora

Exemplos: *super bem, hiper tarde*.

c) **EC Escopo verbo**: {[super-, ultra-, hiper-, mega- Modificador de Grau]F1[verboEscopo]F2}CPMG Predicadora

Exemplos: *super amei, super gostei, super recomendo, mega curti, hiper amei, ultra curti*.

Carrara (2015) assinala que esse tipo de construção é bem produtivo, totalizando 341 ocorrências (19% do total) dos exemplos contidos nos *corpora* analisados. A autora constatou também, através de uma pesquisa nas gramáticas e manuais de morfologia, a ausência de instâncias da Construção Prefixal de Modificação de Grau com escopo advérbio, sendo que a gradação mórfica destes ocorre, em geral, em termos de sufixação. Além disso, o baixo número de ocorrências aponta para o baixo grau de convencionalização e produtividade dessas construções, que representam 1% do total das ocorrências do *corpus*.

Por fim, a autora apresenta exemplos nos quais o escopo é uma Instanciação Nula e explica que os gramáticos e estudiosos da área nomeiam esses casos de formas livres dos prefixos. Um exemplo, oferecido na tese:

“A gente tem um convidado para hoje. Meu {[**super, hiper**Modificador de Grau/Prefixo]F1 [Instanciação NulaEscopo]F2}CPMG, sei lá, o quê... - O cara é foda. Nando Reis. Quero chamar ele pra tocar uma música com a gente. (WCB)
<opus.lingfil.uu.se/OpenSubtitles2012/xml/pt_br/.../50361_1of1.xml.gz>”. (CARRARA, 2015, p. 175).

A partir dos exemplos citados por Carrara, podemos observar que nos casos de escopo nulo o sentido é marcadamente positivo, como neste apresentado pela autora:

“Se há forma de vida inteligente? Mas será que algum dia vamos encontrar uma raça superior? Se acontecer, será muito **super**! - Será incrível! Isto acontecerá um dia. Porquê não conosco? (WCB)
<hypescience.com/nao-existe-vida-inteligente-fora-da-terra-segundo-cient...>”. (CARRARA, 2015, p. 179).

Carrara explica que o fato de os prefixos estarem sendo intensificados, como em *super maxi, muito super e bem maxi*, revela a sua convencionalização como formas livres, que perderam, nesses exemplos, a sua consciência de prefixo.

O objetivo de nosso estudo é partir dessa categorização de construções superlativas para analisar um conjunto de expressões cujas ocorrências foram buscadas no *Corpus* do Português. Nessa análise, verificamos a produtividade dos padrões construcionais já estudados, a possibilidade de encontrar alguma variação de padrões e a necessidade de ampliar os estudos sobre a superlatividade, no caso em que não há, ainda, uma construção identificada da qual algumas expressões possam ser instanciações.

4 MÉTODO, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza exploratória e primariamente qualitativa, para identificar e analisar expressões intensificadoras/superlativas a partir de um *corpus* de língua em uso.

Para tal, utilizamos o *Corpus* do Português, que contém uma seção de dialetos (Web dialetos), com aproximadamente um bilhão de palavras retiradas de cerca de um milhão de páginas da internet, fator crucial para possibilitar nossa busca, uma vez que as expressões que pesquisamos estão presentes, de modo geral, na oralidade, e os textos da internet muito se aproximam dessa modalidade de uso da língua.

As expressões pesquisadas foram *tri*, *baita* e *puta*, cujas ocorrências foram contabilizadas em planilhas do *Microsoft Excel*, separando-se os diversos escopos de cada expressão. Para fins de análise, selecionamos um conjunto representativo de ocorrências para demonstrar o funcionamento de cada forma. Cada linha de concordância foi copiada do quadro de origem, teve sua fonte indicada, em nota de rodapé, e foi numerada a partir de (1) nesta seção.

Constatou-se a existência de ocorrências das expressões escolhidas no campo *lista* da página inicial do *Corpus* do Português. Quando o resultado foi superior a 2.000 ocorrências, julgamos relevante, para evidenciar um padrão de uso, analisar os *colocados* até a frequência de ocorrência 2 (inclusa). Essa análise foi realizada manualmente, por meio das linhas de concordância e acesso ao texto integral nos *links* respectivos nos quadros do *Corpus* do Português. Tal análise quanti-qualitativa manual visou identificar o uso das referidas expressões como intensificadores/superlativos e, no processo, foram excluídos os casos de repetição não justificados³. Os critérios para a análise via *colocados*⁴ de cada expressão estão descritos em suas respectivas análises, nas seções seguintes, de modo que o que apresentamos aqui diz respeito aos procedimentos gerais adotados.

O Quadro 1 ilustra as formas que elegemos, seguidas de um exemplo retirado do *Corpus* do Português.

Formas		Exemplos
1	<i>tri</i> [ADJ]	“Mas sou tri ciumenta, tenho que me tratar.”
1.	<i>tri</i> [Ø]	“[...] tem também a Kings Road, que é tri pra fazer compras também”
	<i>tri</i> [ADV]	“Mas sabe que funcionou tri bem ?”
	<i>tri</i> [N]	“[...] achei tri massa , daí deixei a preguiça de lado e coloquei no google [...]”
2.	<i>baita</i> [N]	“[...] o qual poderá representar uma baita oportunidade de negócio para muitos.”
	<i>baita</i> [ADJ]	“[...] meu deus baita da hora eu amei este jogo barbie!”
3.	<i>puta</i> [N]	“Eu tomei um puta susto quando isso aconteceu [...]”
	<i>puta</i> [ADJ]	“Fico puta arrasada com essas coisas que aumentam o preço só porque ficam famosas.”

Quadro 1: Forma das expressões superlativas/intensificadoras

Fonte: Elaborado pelas autoras.

³ Isso significa que, conforme observações no próprio site do *corpus*, há repetições por erro na compilação. Nesses casos, os administradores do *corpus* sistematicamente eliminam tais repetições, mas, mesmo assim, apenas o uso permite que sejam identificadas as repetições indevidas. As repetições justificadas dizem respeito a trechos que reproduzem enunciados na forma de citação em outros textos, caracterizando-se, assim, seu caráter de discurso repetido e, portanto, de nova ocorrência de uso. Nesses casos, apenas a análise manual permite que essas ocorrências sejam identificadas.

⁴ O campo *colocados* permite verificar os elementos que antecedem e sucedem uma palavra ou expressão.

É importante alertar que o *Corpus* do Português está em constante atualização, razão pela qual o número de ocorrências apresentadas nas próximas seções pode divergir daqueles que venham a ser pesquisados futuramente.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção, são analisadas e discutidas as construções superlativas e intensificadoras a partir da Gramática das Construções. Na análise, verificamos os casos que se enquadram em construções superlativas/intensificadoras já encontradas para o Português Brasileiro.

5.1 TRI

Tri como prefixo intensificador parece ser usado tipicamente no Rio Grande do Sul. Por exemplo, na letra da música *Deu pra ti*, da dupla Kleiton e Kledir, uma homenagem a Porto Alegre, cidade capital do Rio Grande do Sul, encontram-se as expressões *tri legal* e *tri afim*, nos seguintes versos: “Vou pra Porto e bah! Tri legal” e “As gurias tão tri afim”. De qualquer modo, mesmo que *tri* tenha uso corrente nesse estado, não significa que não seja empregado em outras regiões do Brasil.

Fischer (1999, p. 161) afirma que *tri* é um advérbio de uso universal que significa, em geral, *muito*, por exemplo em “*um sorvete tribom*” ou “*um jogo tridisputado*”, e diz haver duas teorias bem difundidas na cidade de Porto Alegre sobre a origem dessa expressão: uma atribui a origem do termo *tri* à conquista da Copa do México, em 1970, podendo também estar associada a uma vitória do Internacional (um dos dois times tradicionais do Rio Grande do Sul) em um tri estadual; a outra hipótese do surgimento de *tri* significando *muito* está relacionada ao uso de um medicamento chamado *Trimedal*, que resultou em *doping* no futebol.

O autor também menciona *trídi*, uma variação de *tri*, um encurtamento de *tri-de-bom*, mas que se usa isoladamente, sem se combinar com outros adjetivos, por exemplo, “Que tal tava o churra? ‘Trídi.’”, e *trilegal*, “[f]orma usual de elogio para qualquer coisa positiva ou pessoa considerada legal, correta, agradável, etc.” (FISCHER, 1999, p. 161).

Bossle (2003, p. 506) define *tri* como um advérbio de intensidade muito usado, que significa “[m]uito, bastante: Ele ficou *tri* faceiro com a pilcha nova. De largo uso entre os gaúchos. (Parece vir das três vezes em que o Inter foi campeão nacional, 75, 76 e 79)”. A explicação para o surgimento da expressão coincide com uma das hipóteses levantadas por Fischer (1999). Há, ainda, o verbete *trilegal*, classificado como adjetivo, significando muito bom, muito legal (BOSSLE, 2003, p. 506). Nos dicionários de Língua Portuguesa não foram encontrados significados de *tri* como intensificador, apenas a referência a *três*.

A busca por *tri* no campo *lista* do *Corpus* do Português resultou em 1886 ocorrências. Como a frequência foi inferior a 2.000, contabilizamos todos os resultados na opção *colocados*, 1.616 ocorrências no total, com as seguintes opções de busca: 0 casas à esquerda e 1 à direita, ocorrências com o valor 1.000 (efetuamos buscas com valor até 3.000, mas o resultado permaneceu o mesmo) e *ocorr pcec* (que representa o número de resultados para uma pesquisa de concordâncias) com um valor de 200. Das 1.616 ocorrências, analisadas todas as linhas de concordância e eliminados os casos que não indicam intensificação/superlatividade⁵, as repetições e os exemplos de outros países que não o Brasil, restaram 178 ocorrências de *tri* com sentido intensificador/superlativo, com os seguintes escopos, conforme Quadro 2.

⁵ Esses casos abrangem *tri campeão* e *tri campeonato* (a maioria das ocorrências), tanto seguido das palavras *campeão* e *campeonato* quanto com elas subentendidas; casos de *tri* como nome próprio, como em nomes de *games* (*Ocidente Monster Hunter 3 Tri*), de *blogs* (*Mamy Tri*) e *sites* (*Tá Tri*), em siglas, como TRI (Teoria de Resposta ao Item), a mais utilizada individualmente, TRI (Tratamento de Incidentes), TRI (Termo de Responsabilidade Institucional) e TRI (Taxa de Retorno sobre o Investimento), e em *tri* como *trilhão* ou como *trimestre*.

Tri + escopo	Número de ocorrências
<i>Tri</i> [ADJ]	116
<i>Tri</i> [LOC ADJ (PREP + N)]	7
<i>Tri</i> [ADV]	7
<i>Tri</i> [N]	4
<i>Tri</i> [Ø]	44
Total de ocorrências	178

Quadro 2: *Tri*: escopo da intensificação/superlatividade

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Trazemos, a seguir, exemplos com cada escopo:

a) *Tri* [ADJ] e *Tri* [LOC ADJ (PREP + N)]: neste padrão, *tri* é associado tanto a adjetivos positivos, como em *tri bom* e *tri massa*, quanto a adjetivos negativos, ou que indicam um sentimento ou situação não favorável, como em *tri assustador*, e, ainda, a locuções adjetivas, como *tri na dúvida*. Os casos de locução adjetiva são minoria, totalizando sete ocorrências (*tri a favor*, *tri na pilha*, *tri na dúvida*, *tri na boa* e *tri a fim*, esta última com três ocorrências).

(1) “Ser pai de menina é **tri bom**, mas **tri assustador** também.”

(2) “[...]achei **tri massa**, daí deixei a preguiça de lado e coloquei no google [...]”⁶

(3) “[...] perdendo um tempão e ficando **tri na dúvida** se estamos fazendo o melhor negócio!”

b) *Tri* [Adv]: o escopo adverbial foi o segundo menos frequente, perdendo apenas para o substantivo. Encontramos sete ocorrências, das quais seis para *tri bem* e uma para *tri mal*, advérbios clássicos, mas nada impede que se combine com outros, como *tri tarde*, *tri cedo* etc. O exemplo (4) ilustra o escopo adverbial.

(4) “Graças a seus vídeos passei a ser mais vaidosa e estou me sentindo **tri bem**”

c) *Tri* [N]: encontramos quatro casos de *tri* com escopo substantivo⁷, cuja principal função é a de intensificar as características pressupostas pelo substantivo que o sucede, por exemplo, no caso de *tri fã*, *tri* reforça o sentimento de apreço sugerido por *fã*. O mesmo ocorre com *tri diche* e *tri vítima*, situações nas quais as características do que é ser *diche* e *vítima* ganham proporção maior que a normal.

⁶ Segundo o *Dicionário de baianês*, de Nivaldo Lariú ([1992], 2014), *massa* significa *legal, joia*, esta última também com sentido conotativo, podendo ter surgido, segundo Lariú (em entrevista), na década de 1970, provavelmente devido a uma música de Caetano Veloso, intitulada *Massa real*, cuja letra levava acreditar que *massa real* seja algo muito bom, pois o compositor declara querer apenas coisas boas, o que inclui a *massa real*. Outra possível interpretação, deixando de lado a definição de Lariú, poderia ser de *massa real* como as pessoas que participam do carnaval, já que em outras canções da MPB, como em *Na massa*, de Arnaldo Antunes, *massa* significa multidão, conforme aceção normalmente contemplada nos dicionários. No caso de *tri massa*, o significado fornecido pelo *Dicionário de baianês* é o que se adequa ao sentido que verificamos para a expressão, de algo que é muito bom, muito legal.

⁷ A distinção entre substantivos e adjetivos muitas vezes é controversa. Neste artigo, a distinção é feita com base no comportamento sintático, na aceitação de um DET antecessor ou de um qualificativo posterior (preposicionado ou não). No caso de nossas suposições estarem equivocadas, a consequência é a de que o número de contextos *tri* [N], como *tri* [Subst] cai consideravelmente, mantendo-se *tri* [ADJ] com maior frequência, conforme revelam os dados.

(5) “[...] meu pai é **tri fã** de carteirinha não perde um programa.”

(6) “A combinação de sabores é tão correta que vou ter que usar uma frase que eu acho **tri clichê**, mas enfim...” é uma explosão de sabor!”

(7) “Quanto mais iludido, acreditando em milagres, que as novidades mais caras são a solução para acertar dificuldades de saúde e maus hábitos alimentares e de vida, **tri vítima** será.”

d) **TriØ**: o escopo nulo se revelou profícuo: 44 ocorrências, das 178 totais, representando quase ¼ dos resultados. Uma característica observável nos exemplos com escopo nulo é a referência a algo agradável.

(8) “Na última semana passamos alguns dias em Bento Gonçalves fazendo um trabalho bem legal -- que em breve vai estar por aqui;) -- na companhia de um pessoal **tri**.”

(9) “Só mais uma: desconfie toda vez que Rodrigo (Spinelli) Rosp disser Bah, que **tri**. Aviso: ele não é gaúcho, é carioca.”

(10) “[...] queria dizer que a lista tá bem “**Tri**” (como se fala aqui pelas bandas do RS).”

Os exemplos (9) e (10) fazem menção a ser coisa de gaúcho falar *tri*, o que pode ser uma evidência, neste caso com escopo nulo, de que se trata, provavelmente, de um hábito mais comum no Rio Grande do Sul. Apesar de termos contabilizado apenas exemplos do Brasil, apresentamos um exemplo de Moçambique por mencionar que *tri* é fala de gaúcho: “Gaúcho fala ‘tri’, eu estava com mania de falar ‘mega’, moçambicano fala ‘maningue’.”

Observa-se, ainda, nos exemplos (11) ao (14), casos de *muito tri*, *super tri*, *muito tri mesmo* e *tri tri tri tri legal*, exemplos de intensificação do intensificador, também observados por Carrara (2015), que considera esses casos como hiperbólicos, uma vez que o superlativo se torna uma forma convencionalizada, perdendo sua força expressiva. A autora explica que, a fim de assegurar o impacto de seu discurso, o falante recorre a uma escala de intensificação que vai do superlativo à hipérbole, por meio do uso de mais de um prefixo indicador de superlatividade (CARRARA, 2015, p. 200).

(11) “[...] Como dizemos cá no sul ‘**muito tri**’!!!”

(12) “Oi minha linda Pepinha, que beleza esses encontros, e **super tri** a Margarete.”

(13) “Fred, curto muito teus textos. São **muito tri mesmo**.”

(14) “[...] eles são bem simplis como dis eles são **tri tri tri tri** legal amei conhecê-las [...]”

Considerando *tri* como um prefixo, entendemos que as expressões verificadas no *corpus*, com seus respectivos escopos, se encaixam nas Construções Prefixais Modificadoras de Grau, propostas por Carrara (2015). Segundo a autora, nessas construções um prefixo confere a ideia de superlatividade a um adjetivo, na maioria dos casos, podendo também ser combinado com substantivos, como em *maxi brinco*, com verbos, como em *hiper amei*, e ter também um escopo nulo, como em *super*, o qual normalmente se refere a algo positivo. Da mesma forma que os prefixos examinados por Carrara, *tri* possui, conforme Quadro 2, diferentes escopos.

Baseando-nos em Carrara (2015), propomos a matriz construcional para *tri*, conforme Figura 3.

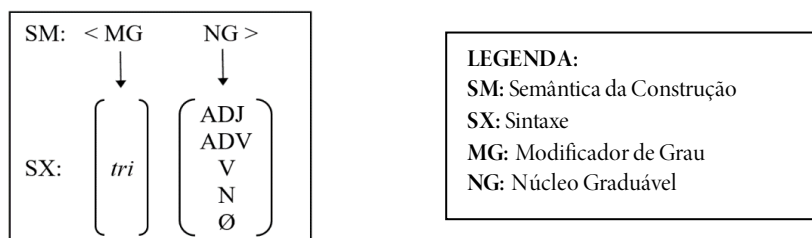


Figura 3: Construção Prefixal Modificadora de Grau: *tri*

Fonte: Elaborado pelas autoras.

5.2 BAITA

Geralmente associado a um substantivo, com referência a dimensões, como em *baita casa*, *baita* pode também intensificar uma característica, como em *baita macho*, que intensifica as características do estereótipo do macho gaúcho.

No Quadro 3, apresentamos as definições para o vocábulo *baita*.

Aulete (2011, p. 193)	“1. Bras. Pop. Muito grande; ENORME; IMENSO [...] força, intensidade, grande quantidade etc. [...] 2 Muito bom; ÓTIMO; EXCELENTE”
Bossle (2003, p. 63)	“ <i>adj.</i> 2g. 1. Grande, enorme. 2. Crescido. 3. Importante. (Do tupi, <i>mbaê-tatá</i> , coisa fogosa.)”
Aurélio (2009, p. 252)	“1. Grande, enorme, imenso [...] 2. Crescido, desenvolvido. [P. us., pelo menos em parte do País.]”
Houaiss et al. (2009, p. 244)	“ <i>adj.</i> 2g. (1899) <i>B infirm.</i> 1 muito grande; imenso, enorme [...] 2 desenvolvido, crescido [...] 3 <i>fig.</i> cheio de bravura; corajoso, valente, destemido [...] 4 <i>fig.</i> de boa aparência e superior qualidade; apreciável, bonito [...] 5 <i>fig.</i> muito bom naquilo que faz; exímio, excelente”
Nunes e Nunes (1984, p. 53)	“ <i>adj.</i> Grande, crescido, importante. “Que <i>baita</i> homem”, isto é, que homem grande!”

Quadro 3: Definições de *baita*

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Baita é classificado com um adjetivo de dois gêneros, que pode indicar tamanho, conferir a ideia de força e intensidade, justificando nosso foco na superlatividade, e pode também se referir à grande quantidade. Sua origem é tida como obscura pelo Aulete. Bossle (2003, p. 63) é o único autor que refere à origem de *baita*, do tupi.

No *Corpus* do Português, a busca no campo *lista* resultou em 4.128 ocorrências. Como as ocorrências excederam 2.000, contabilizamos até a frequência 2 exibida no campo *colocados*, o suficiente para evidenciar o padrão de expressão superlativa/intensificadora. Eliminados casos de repetição, de exemplos de outros países e de casos de não superlatividade/intensificação, o total de ocorrências foi 2.022. Dessa contagem, temos que *baita* é seguido ou por um substantivo ou por um adjetivo. No caso do substantivo, temos uma subdivisão: *[Art] baita de [N]*, como em *um baita de um profissional*⁸, e *[Art] baita [N]*, em *um baita texto*⁹. O fato de *baita* ser antecedido de um artigo (em geral indefinido) ou de seguir-se de uma preposição

⁸ Os casos nos quais os substantivos não são precedidos por artigo indefinido parecem configurar esquecimento por parte de quem escreveu, como em *uma baita de verdade*. É visível no exemplo que o mais adequado seria o uso de *uma* antes de *verdade*.

⁹ Os casos em que *baita* não é precedido por artigo indefinido são aqueles em que há interjeição, como em *baita macho*, ou casos em que *baita* inicia a frase, como em *Baita preconceito*.

em que se encontra posposto um artigo indefinido, faz com que os potenciais adjetivos sejam substantivados, em alguns casos. O Quadro 4 apresenta o total de ocorrências e as respectivas formas encontradas para *baita*.

Baita + escopo	Número de ocorrências
[Art] <i>baita</i> [N]	1973
[Art] <i>baita de</i> [Art] [N]	74
<i>baita</i> [Adj]	1
Total de ocorrências	2048

Quadro 4: *Baita*: escopo da intensificação/superlatividade

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Apresentamos, a seguir, exemplos com os respectivos escopos:

a) [Art] *baita* [N]: este padrão apresentou 74 ocorrências, em um universo de 2.022. Apesar de não ser tão frequente quanto [Art] *baita de* [Art] [N], revela um padrão razoável para comprovar a existência da expressão.

(15) “Simples: Bale é **um baita jogador**, mas, pelo menos ainda, não vale noventa milhões de euros.”

(16) “Mas o pouco que se estuda sobre grego e latim por lá, **o baita** conhecimento que você adquire sobre literatura inglesa (e conseqüentemente sobre a cultura de os países de língua inglesa)...”

Baita pode intensificar diversas características em seus escopos. No exemplo (15), *um baita jogador* enaltece a qualidade do jogador, sua destreza e competência. Já em (16), *baita susto* intensifica o impacto causado pelo *susto*, provavelmente em uma indicação de potência.

b) [Art] *baita de* [Art] [N]: este caso, embora muito semelhante ao padrão anterior, tem como destaque o uso da preposição *de* sucedida por *um/uma*, além do artigo indefinido em posição inicial na expressão, o que confere uma espécie de ênfase adicional. Por exemplo, se dizemos *um baita texto*, intensificamos as qualidades do substantivo *texto*, ou podemos, também, estar usando o recurso de superlatividade como uma maneira de ironizar a característica. Já em *um baita de um texto*, podemos perceber uma intensificação ainda maior, pelo uso reiterado do artigo e pelo acréscimo da preposição *de*. Parece-nos um bom ponto de partida para pensar nessa variação da expressão [Art] *baita* [N].

(17) “[...] só que esse findi fui em uma festa e vi ele ficando com uma na minha frente, chorei horrores mandei **um baita de um texto** pra ele, dizendo tudo que sentia, ele demorou dois dias pra responder.”

(18) “Erro nº 1 de todo mundo que começa é criar um produto e achar clientes. O certo é fazer o inverso. Pw **baita de uma postagem boa**, parabéns Bruno!”

(19) “Homem que acredita que a namorada é santa e inabalável quanto à fidelidade é **um baita de um otário**.”¹⁰

c) *baita* [Adj]: este padrão não resultou produtivo em função de o artigo substantivar os adjetivos usados nos exemplos, conforme explicamos anteriormente. Porém, dos 22 potenciais adjetivos encontrados na compilação das ocorrências, restou a locução adjetiva *da hora*, como mostra o exemplo (20).

¹⁰ Esse exemplo mostra um caso de um potencial adjetivo (otário) que foi substantivado pelo uso do artigo indefinido ‘um’.

(20) “[...] antes de eu não ter orkut eu só jogava barbie meu deus **baita da hora** eu amei este jogo barbie!”

O exemplo (21) mostra um caso de repetição hiperbólica, o mesmo que se verificou com *tri*, conforme apresentamos na seção 4.1.

(21) “Zé Ramalho Canta Bob Dylan, álbum que ele lançou há apenas quatro anos, é um **baita, baita, baita disco**. Inteligente, esperto, gostoso, popular, poético, musical.”

Outro caso que destacamos é o da expressão *que baita [N]*, uma variação que substitui o uso do artigo indefinido pelo *que*. Nesse caso, o uso mais comum é o de interjeição, denotando surpresa, indignação ou alegria, por exemplo.

(22) “[...] aqui cabe bem a expressão gaúcha: “**que baita confusão**, tchê!”.”¹¹

Propomos que *baita* se encaixa na Construção Superlativa Genérica, apresentada por Machado (2011), conforme Figura 4.

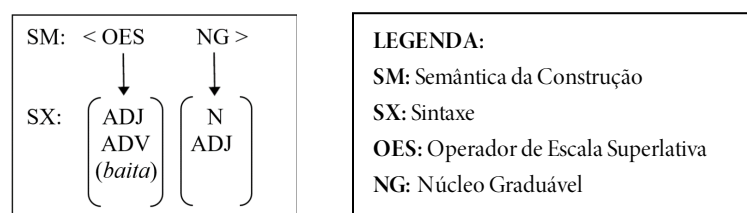


Figura 4: Construção Superlativa Genérica: *baita*

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A Figura 4 traz a adaptação da Construção Superlativa Genérica à expressão *baita*. Com relação à matriz original, há modificações relevantes. Uma diz respeito ao Operador de Escala Superlativa (OES): no caso de *baita*, o OES da construção, trata-se de um adjetivo, que ocupa a posição tradicionalmente pertencente a um advérbio ou afixo. Outra mudança está no Núcleo Graduável (NG), que é preenchido, nas expressões com *baita*, tipicamente por um substantivo (N), havendo casos menos frequentes de adjetivo (ADJ). O superlativo genérico possui como núcleo graduável típico um adjetivo ou um advérbio. Portanto, ao considerar-se *baita* como um operador de escala superlativa, está-se ampliando o núcleo graduável para outras classes gramaticais e, por consequência, estendendo a superlatividade para além de um núcleo graduável adjetival, como prescrevem as gramáticas normativas tradicionais.

Baita se mostrou um padrão bastante produtivo em termos de expressão de intensificação/superlatividade, considerando as 2.022 ocorrências contabilizadas para nossa análise. Trata-se de um adjetivo que possui valor intensificador, elevando o substantivo que o sucede ao topo da escala da intensificação, um caso que pode ser estudado futuramente em termos mais aprofundados, a fim de verificar todas as ocorrências apresentadas pelo *Corpus* do Português ou mesmo por outros *corpora*.

¹¹ Esse exemplo faz referência a *baita* ser uma expressão gaúcha, indício de que, se não apenas gaúcha, trata-se de uma expressão comumente usada no Rio Grande do Sul.

5.3 PUTA

Apesar do significado chulo e ofensivo, o qual costuma ser primeiramente lembrado, *puta* funciona como um intensificador, um “hiperbolizante” nas palavras de Houaiss et al. (2009), com sentido positivo. Podemos associar o uso de *puta* ao de *baita*, pois ambos são comumente combinados com substantivos, a fim de intensificá-los, seja em tamanho, em qualidade ou como algo muito bom. Por exemplo, *um puta carro* pode ser um carro grande, com todos os acessórios possíveis para o conforto, ou um carro de boa qualidade, caro, desejável. Quem tem *uma puta casa* provavelmente tem uma casa grande, confortável, dentre outros atributos que o falante possa atribuir à casa, normalmente positivos.

A primeira acepção que os dicionários mostram para *puta* é a de meretriz, mulher devassa, prostituta, porém apenas o Aulete e o Houaiss apresentam *puta* como palavra intensificadora. No Aulete, consta que as demais acepções, aquelas não intensificadoras, de prostituta e mulher vulgar, são ofensivas, o que, implicitamente, sugere que como intensificador, *puta* não é ofensivo. No Houaiss, há uma explicação sobre a gramática e o uso de *puta* na acepção 3, como hiperbolizante: “na acep. 3, a palavra não tem nenhum teor jocoso ou pejorativo e pode concordar em número ou não com o substantivo que qualifica” (2009, p. 1580).

O resultado da busca no *Corpus* do Português, em *lista*, foi 13.807. O critério para a contagem foi o mesmo de *baita*, uma vez que os resultados excederam 2.000 ocorrências. Tendo contabilizado até a frequência 2 das ocorrências no campo *colocados*, obtivemos os seguintes resultados: 571 casos de *puta* sucedido por um substantivo e nove casos seguidos de adjetivo, conforme o Quadro 5.

<i>Puta</i> + Escopo	Número de <i>tokens</i>
<i>Puta</i> [N]	571
<i>Puta</i> [Adj]	9
Total de ocorrências	580

Quadro 5: *Puta*: escopo da intensificação/superlatividade

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Apresentamos três exemplos com cada escopo:

a) *puta* [N]

(23) “[...] eu fiquei com uma **puta dor** nas pernas depois de uma dança.”

(24) “É uma **puta vergonha** a gente ter que pagar uma **puta grana** pra tocar na rádio, meu!”

(25) “Reiko começou a namorar o cara, que morava em Montecito, um bairro nobre da cidade, e tinha um **puta carrão**.”

No exemplo (23), a potência de *dor* é intensificada por *puta*. Em (24), *puta* intensifica a proporção da *vergonha*, sua potência, de certa forma, e *puta grana* indica grande quantidade. Em (25), *carrão* já é uma forma intensificada, pois não se trata de falar de um carro grande em tamanho ou dimensões, e a intensificação está sendo reiterada pelo uso de *puta* como um indicador de alta qualidade, ou de bons atributos. Há também casos como *puta filhão*, *puta filmaço*, *puta amigão*. Em outras ocorrências, há um diminutivo com valor pejorativo, que é intensificado por *puta*, como em *puta futebolzinho*, *puta entrevistinha*, *puta discursinho*, expressões nas quais o uso do diminutivo visa criticar a qualidade, pô-la em dúvida, situação que é intensificada pelo uso do adjetivo hiperbolizante *puta*.

b) *puta* [Adj]

(26) “Esse sr. vai tomar uma raquetada na orelha que nunca mais ele vai esquecer, **puta babaca**, se expor por nada”

(27) “[...] essa jornalista **puta maconheira** amiga do caramante não sabe o q fala [...]”

(28) “Fico **puta arrasada** com essas coisas que aumentam o preço só porque ficam famosas.”

Nos casos de *puta* [Adj], há uma intensificação da característica expressa pelos adjetivos. Em nossa pesquisa no *Corpus* do Português, dos oito resultados com escopo adjetivo, sete são, aparentemente, negativos. Tal fato não impede que *puta* não possa ser combinado com adjetivos positivos, mas indica que o padrão usual, dados os resultados, ocorre com características negativas.

A Figura 5 mostra a matriz construcional para *puta*.

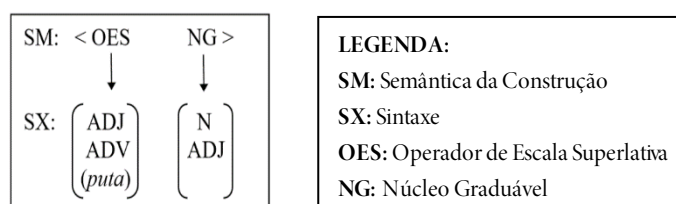


Figura 5: Construção Superlativa Genérica: *puta*

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A Figura 5 exibe um Operador de Escala Superlativa (OES): o adjetivo hiperbolizante *puta*, que intensifica um Núcleo Graduável (NG), preenchido por um substantivo (N) ou por um adjetivo (ADJ).

Conforme evidenciam os números, *puta* gramaticaliza-se como ADJ ou ADV como expressão intensificadora. As 580 ocorrências de *puta* como intensificador já são suficientes para revelar um padrão de superlatividade. Sendo *puta* um adjetivo hiperbolizante, de acordo com alguns dicionários que consultamos, propomos, por ora, enquadrá-la na Construção Superlativa Genérica.

Apresentadas nossas buscas e realizadas nossa análise das expressões, tecemos algumas considerações sobre nosso processo investigativo. Chamou nossa atenção a quantidade de expressões para denotar uma mesma ideia, fato que não caracteriza novidade, e, sim, justifica os estudos sobre superlatividade, importantes para formalizar expressões superlativas/intensificadoras de uso costumeiro pelos falantes de Português Brasileiro.

Através de nossa pesquisa, obtivemos resultados consideravelmente profícuos, os quais nos permitiram evidenciar o uso significativamente efetivo das expressões investigadas. Além disso, a pesquisa nos *corpora* e no *Google* possibilitou o contato com formas diferentes daquelas que havíamos pensado originalmente e nos permitiu detalhá-las e exemplificá-las.

Devido à quantidade de expressões que elegemos, o recorte analítico acabou por ser menos denso do que aqueles dos estudos revisados, o que se justifica pela natureza exploratória desta pesquisa, a partir da qual objetivamos reunir as construções superlativas já estudadas e evidenciar as vastas possibilidades desse campo de estudo. Acreditamos que este estudo exploratório contém variados aspectos passíveis de aprofundamento teórico-analítico, tarefa para estudos futuros.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido à natureza de nosso estudo, buscamos explorar expressões que denotam superlatividade/intensificação.

Realizadas as buscas nos *corpora*, as expressões foram contabilizadas e classificadas em termos de escopo, o que nos permitiu refletir sobre cada padrão evidenciado. *Tri* foi considerado como Construção Prefixal de Modificação de Grau, categoria formalizada por Carrara (2015); *baita* e *puta*, não tendo encontrado padrão específico nos estudos revisados, foram classificadas como Construções Superlativas Genéricas, conforme Machado (2011), que propõe uma construção genérica, a qual abrange o uso de advérbios de intensidade e sufixos. Baseando-nos nessa categorização e nos respectivos autores, criamos uma matriz construcional para cada expressão. Como foi observado, os núcleos graduáveis estendem-se a outras classes gramaticais, para além do adjetivo e do advérbio, diferentemente da Construção Superlativa Genérica Informal, proposta por Machado (2011), de acordo com a Figura 1. Observe-se a Figura 6, a seguir. Nela apresentamos o resultado de nossas análises através das matrizes construcionais propostas, evidenciando a relação entre as matrizes genéricas de superlatividade.

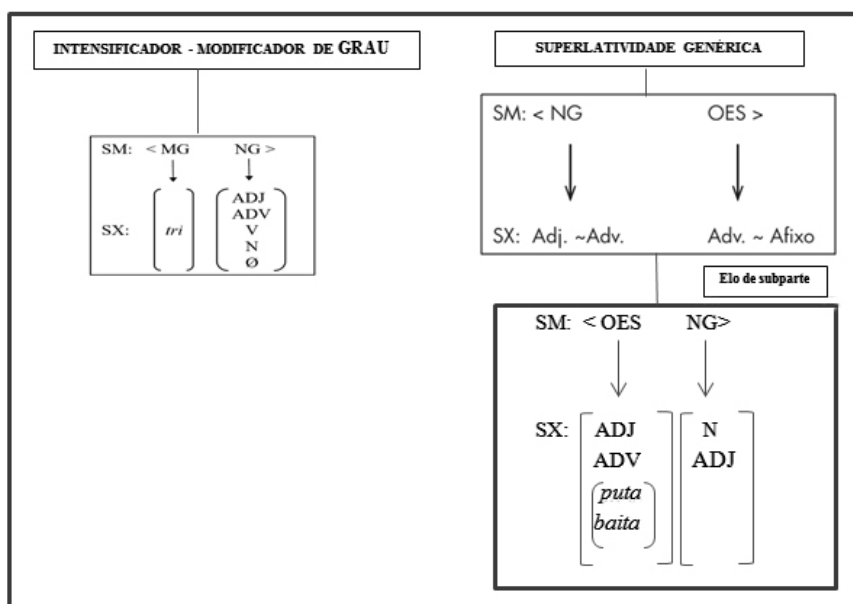


Figura 6: Síntese das matrizes construcionais

Fonte: Elaborado pelas autoras

De maneira geral, nossa pesquisa, assim como as demais que têm sido realizadas sobre a superlatividade sob a ótica da Gramática das Construções, reforça a ideia de que os recursos de expressão da superlatividade/intensificação são os mais variados, dada a criatividade e a produtividade intrínsecas à língua em uso, o que não consegue ser abarcado pelas restrições impostas pelas gramáticas normativas tradicionais.

REFERÊNCIAS

- BOSSLE, B. *Dicionário gaúcho brasileiro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.
- CARRARA, A. C. F. *A construção prefixal de modificação de grau – uma abordagem construcionista da morfologia derivacional*. 2015. 216 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.
- CORPUS DO PORTUGUES.ORG. *O corpus do Português*. Disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org/>>. Acesso em: out. 2016 a jun. 2017.

- CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- EVANS, V. A *glossary of cognitive linguistics*. Salt Lake City: The University of Utah Press, 2007.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.
- FILLMORE, C. J. Innocence: a second idealization for linguistics. In: BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 5, 1979, Berkeley. *Proceedings...* Berkeley, 1979.
- _____. et al. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, v. 64, n. 3, p. 501-538, set. 1988.
- FISCHER, L. A. *Dicionário de porto-alegrês*. 6. Ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.
- GEIGER, P. (Org.). *Novíssimo Aulete: dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- GOLDBERG, A. *Constructions at work*. Oxford. Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- HOUAISS, A. et al. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KLEITON E KLEDIR. *Deu pra ti*. Disponível em: <<https://www.letas.mus.br/kleiton-e-kledir/131060/>>. Acesso em: mar. 2017.
- LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press: 1987.
- LARIÚ, N. *Dicionário de baianês*. [1992]. Disponível em: <<http://www.folderpark.net/baianes/>>. Acesso em: mar. 2017.
- _____. *Dicionário de baianês – parte 2: entrevista*. Portal iBahia. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KqTxbFb-GdU>>. Acesso em: mar. 2017.
- MACHADO, P. M. *A construção superlativa sintética de estados absolutos com o sufixo -íssimo: um caso de Desencontro/ Mismatch morfológico*. 2011. 139 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.
- MIRANDA, N. S. Apresentação. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (Org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009a. p. 9-19.
- MIRANDA, N. S. Construções gramaticais e metáfora. *Gragoatá*, Niterói, n. 26, p. 61-80, 1. sem. 2009b.
- MIRANDA, N. S.; MACHADO, P. M. Polaridades, intensidades e desencontros: uma construção superlativa de estados absolutos. *Linha D'Água (Online)*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 117-137, jun. 2014.

MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (Org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

NUNES, Z. C. ; NUNES, R. C. *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

ROCHA, C. A. de M.; ROCHA, C. E. P. de M. *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

SALOMÃO, M. M. M. Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. *Veredas. Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 63-74, jan./jun. 2002.

SALOMÃO, M. M. M. Teorias da linguagem: a perspectiva sociocognitiva. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (Org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009a. p. 20-32.

SALOMÃO, M. M. M. Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (Org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009b. p. 33-74.

Recebido em 30/10/2017. Aceito em 04/12/2017.

QUINHENTOS ANOS DE HISTÓRIA SOCIAL LINGUÍSTICA DO BRASIL: UMA RETROSPECTIVA¹

QUINIENTOS AÑOS DE HISTORIA SOCIAL-LINGÜÍSTICA DE BRASIL: UNA
RETROSPECTIVA

FIVE HUNDRED YEARS OF BRAZIL'S SOCIAL-LINGUISTIC HISTORY: A RETROSPECTIVE

Wagner Argolo Nobre*

União Metropolitana de Educação e Cultura

RESUMO: Neste artigo, procuramos traçar os quinhentos anos de história social-linguística do Brasil, abordando, comentando e criticando momentos que consideramos cruciais ao longo de tal percurso. Assim, começamos pelo século XVI, com a chegada dos colonizadores portugueses, tratando de aspectos como a adoção do tupinambá, por parte destes, como língua de contato inicial, assim como de suas consequências. Em seguida, ainda no mesmo século, abordamos a chegada dos africanos e as consequências linguísticas que este importante fator demográfico traria para o cenário de contato linguístico nos séculos seguintes. Por fim, tratamos da situação linguística brasileira pós-Independência, com ênfase para as línguas indígenas remanescentes, para as línguas da imigração europeia e asiática, que aqui chegaram no século XIX, e para o quadro atual da língua portuguesa no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Histórica. Brasil. Multilinguismo. Contato linguístico.

RESUMEN: En este artículo, describimos los quinientos años de historia social-lingüística de Brasil, abordando, comentando y criticando momentos que consideramos cruciales, a lo largo de esa ruta. Así comenzamos por el siglo XVI, con la llegada de los colonizadores portugueses, discutiendo sobre cuestiones tales como la adopción del tupinambá, por su parte, como lengua de contacto inicial, así como sus consecuencias. Entonces, aún en el mismo siglo, nos acercamos a la llegada de los africanos y las consecuencias lingüísticas que este factor demográfico importante traería para el escenario de contacto de lenguas en los siglos siguientes. Finalmente, tratamos la situación lingüística posterior a la independencia de Brasil, con énfasis en los idiomas indígenas remanentes, en los idiomas de la inmigración europea y asiática, que llegaron aquí en el siglo XIX, y en la situación actual de la lengua portuguesa en Brasil.

PALABRAS-CLAVE: Lingüística Histórica. Brasil. Multilingüismo. Contacto lingüístico.

¹ Artigo oriundo da Dissertação de Mestrado *Introdução à história das línguas gerais no Brasil: processos distintos de formação no período colonial* (2011), orientada pela Profª. Dra. Tânia Lobo, da UFBA, e com o apoio financeiro da CAPES. A todos, deixo meu agradecimento.

* Doutor (2015), Mestre (2011) e Licenciado (2008) em Letras, pela UFBA. E-mail: wagner.argolo@gmail.com.

ABSTRACT: In this article, we traced the five hundred years of Brazil's social-linguistic history, commenting and criticizing moments that we considered crucial along the way. Hence, we began in the 16th century, with the arrival of the Portuguese colonizers, dealing with aspects such as the adoption of *Tupinambá* as the language for the initial contact, together with its consequences. Later in the same century, we approached the arrival of Africans and the linguistic consequences that this important demographic fact would bring to the linguistic contact scene in the following centuries. Finally, we dealt with the Post-Independence Brazilian linguistic situation, emphasizing the remaining indigenous languages, the European and Asiatic immigration languages, which arrived during the 19th century, and the current frame of the Portuguese language in Brazil.

KEYWORDS: Historical Linguistics. Brazil. Multilingualism. Linguistic contact.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, propomo-nos, como o próprio título já o indica, a expor uma retrospectiva dos quinhentos anos de história social-linguística do Brasil, tendo como guia o percurso da língua portuguesa que começou a ser traçado, em nosso País, com o início da colonização lusitana.

Desse modo, quanto ao desenvolvimento do texto, dividimo-lo em diferentes partes que abordam os fatos que consideramos relevantes e imprescindíveis, distribuídos em sua ordem cronológica e histórica, da seguinte maneira: 2. *A interlíngua da costa e sua adoção pelos portugueses*; 3. *Uma muito breve informação sobre as três línguas gerais brasileiras*; 4. *Os africanos começam a ser trazidos para o Brasil*; 4.1. *Influências exógenas na estrutura do Português Brasileiro*; 5. *A situação linguística atual do Brasil*; 5.1. *O atual quadro de línguas indígenas no Brasil*; 5.2. *Línguas europeias e asiáticas que passaram a compor o cenário linguístico brasileiro a partir do século XIX*; e 5.3. *O atual quadro da língua portuguesa no Brasil*.

Por fim, nas Considerações Finais, fazemos uma breve síntese do artigo como um todo, com o objetivo de que fatos, análises e críticas expostos não fiquem esparsos na mente do leitor.

2 A INTERLÍNGUA DA COSTA E SUA ADOÇÃO PELOS PORTUGUESES

Para começar, é importante frisar que seguiremos, aqui, a generalização de Métraux (1946), em que adota a denominação *tupinambá* para todas as tribos da costa, estendendo-a, porém, à principal língua falada por essas tribos, que, de acordo com os testemunhos de Anchieta (1595) e de Cardim (2009 [1583-1601]), era especificamente uma – fosse L1, fosse L2 –, sendo a que os portugueses adquiriram para romper a barreira inicial de comunicação com os tupinambás. Por essa razão, ao nos referirmos a essa língua, utilizaremos também o termo *tupinambá*, como, aliás, Rodrigues (1986) o fez em período anterior, embora a tenha abandonado posteriormente (1996).

Entretanto, como já está subentendido, não era a única língua falada na costa do Brasil. Se, atualmente, após um processo tão acentuado de glotocídio – tendo sido o número de línguas indígenas do Brasil reduzido de 1.175, segundo o cálculo de Rodrigues (2006), para cerca de 180 línguas, faladas atualmente por cerca de 270 mil índios –, a família linguística tupi-guarani ainda possui 21 línguas sendo faladas, não é factível pensar em apenas uma língua para toda a costa no momento da chegada dos portugueses, mesmo que fosse a língua de maior amplitude funcional.

Houaiss (1985), por sua vez, calcula que, no território correspondente ao atual Brasil, o número de índios atingisse os 8 a 9 milhões. Restringindo essas estimativas à costa, temos o cálculo, feito por Darcy Ribeiro (2004 [1995]), que gira em torno de 1 milhão de tupinambás que nela se localizavam. Nesse sentido, o tupinambá – língua materna das tribos desta mesma etnia e de etnias afins – deveria funcionar como a interlíngua da costa, em meio a outras línguas aparentadas da família tupi-guarani. (SILVA NETO, 1986 [1950]).

Desse modo, considerando-se o imenso contingente indígena com o qual os portugueses – em número infinitamente menor – se depararam na primeira metade do século XVI, tornava-se uma tarefa inviável tentar impor aos tupinambás – em número infinitamente maior – a língua portuguesa, completamente estranha aos nativos e às próprias necessidades de inteligibilidade que as novas terras descobertas – com fauna, flora e cultura muito diferentes da europeia – demandavam.

Silva Neto (1986 [1950]), outrossim, acrescenta mais uma explicação plausível – a ser combinada com a anterior – para ter prevalecido, nos primórdios da colonização do Brasil, o uso da língua tupinambá, tendo como base o livro *Raízes do Brasil*, de Buarque de Holanda. Trata-se do fato de a dominação portuguesa, inicialmente, ter sido realizada preponderantemente por homens. Isto porque esses homens portugueses passaram a manter relações sexuais com as índias brasileiras, dando origem a filhos mamelucos. Como as mães índias falavam tupinambá, seus filhos, naturalmente, adquiriam a língua das mães como primeira língua e, na maioria das vezes, como a única, pois era com a família das índias que conviviam socialmente, já que a dos pais encontrava-se na outra margem do Atlântico (SILVA NETO, 1986 [1950]).

À medida, entretanto, que a colonização portuguesa, no Brasil, seguia seu rumo, algumas ações, levadas a termo pelos donatários de capitanias e governadores-gerais, provocaram mudanças no cenário que impedia a difusão do português, facilitando seu processo de implementação paulatina no território brasileiro. Temos, à guisa de exemplo, ações como a do governador-geral Mem de Sá, que, em 1557, eliminou mais de 130 aldeias dos tupinambás do Recôncavo Baiano; ações como a que dizimou os tupinambás das capitanias de Ilhéus e de Porto Seguro (informações que encontramos, entretanto, nas cartas XIV e XV, de Vilhena (1969 [1798-1799]), e em documentos transcritos por Mott (2010), em artigo riquíssimo sobre o sul da Bahia, levantam sérias dúvidas sobre a intensidade dessa dizimação); e ações, na capitania de Pernambuco, como a de seu donatário, Duarte Coelho, que dizimaram os índios ao longo de 300km de costa.

Outro fator interessante no que concerne ao cenário linguístico dos primeiros dois séculos da colonização europeia no Brasil diz respeito a outras línguas, também europeias, que foram utilizadas aqui, embora sem deixar maiores influências. Assim, nos séculos XVI e XVII, foram falados em território brasileiro o castelhano, o italiano, o inglês, o francês e o holandês. Mas, a influência deixada por essas línguas, como já foi dito, não se caracterizou como algo significativo. As feitorias francesas, por exemplo, mesmo as da França Antártica, no Rio de Janeiro (1555-1567), e da França Equinocial, no Maranhão (1612-1615), ao que tudo indica, deixaram vestígios apenas na toponímia local.

O holandês, por seu turno, deixou maiores marcas no Nordeste. Não na Bahia, onde, em 1624, os holandeses, depois de duas tentativas fracassadas, conseguiram dominar Salvador durante um ano. Mas, sim, em Pernambuco, na Paraíba e no Rio Grande do Norte, porque maior foi também a duração de sua ocupação nessas regiões, nas quais se deu a principal invasão holandesa no Brasil, estendendo-se de 1630 a 1653 (FERNANDES, 2015). Nesses locais, houve tempo e situação sociolinguística que propiciaram o contato entre holandeses e portugueses, possibilitando que as influências do holandês não se limitassem apenas à toponímia, mas se estendessem, para além dos nomes de lugares, à antroponímia e ao vocabulário coloquial do português daquelas regiões.

Já os espanhóis, desde o início da colonização do Brasil, tinham sob seu domínio as regiões que hoje compõem o Sul do Brasil, o que vale dizer, os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Outrossim, participaram dos primeiros momentos da colonização em outras regiões, tanto como colonos quanto como missionários (como foi o caso do padre espanhol Anchieta). Isso se devia, provavelmente, ao fato de que o critério preponderante adotado pelos portugueses, para que colonos entrassem no Brasil, não era o de sua nacionalidade, mas sim, o fato de serem católicos ou não (FREYRE, 2002). Dessa maneira, a língua espanhola “[...] foi tão familiar no primeiro século de colonização, que vários autos representados em São Vicente, em Niterói, em Vitória ou em Salvador, foram escritos por Anchieta em parte ou inteiramente em espanhol”. (RODRIGUES, 2006, p. 147).

Ainda assim, nenhuma dessas línguas europeias veio a se tornar um veículo de comunicação de importância no período colonial.

3 UMA MUITO BREVE INFORMAÇÃO SOBRE AS TRÊS LÍNGUAS GERAIS BRASILEIRAS

Atualmente, tem-se conhecimento de três línguas gerais, delineadas em contextos sociolinguísticos diferentes. As duas primeiras – a língua geral de São Paulo e a língua geral do sul da Bahia –, como resultado do bilinguismo tupinambá L1/português L2, sem *language shift*, cuja expansão se deu na boca de mamelucos, principalmente a partir do século XVII, e cujo tempo de vida se esgotou ainda no século XIX (RODRIGUES, 1996; ARGOLO NOBRE, 2011, cf. nota 1).

A terceira – a língua geral da Amazônia, atual *nheengatu* –, como resultado do processo de pidginização, seguido de crioulização do tupinambá, com *language shift*, durante o século XVII, no Estado do Maranhão e Grão-Pará, cuja expansão se deu na boca dos tapuias amazônicos e cujo tempo de vida ainda está longe de se esgotar na referida região.

4 OS AFRICANOS COMEÇAM A SER TRAZIDOS PARA O BRASIL

Não é possível saber exatamente quantas línguas africanas chegaram ao Brasil a partir de 1549, com a implantação do primeiro governo-geral, por Tomé de Souza, até o final do tráfico intercontinental de escravos, em 1850, com a promulgação da Lei Eusébio de Queirós.

Porém, além da estimativa de Petter (2006), de que de 200 a 300 línguas africanas aportaram aqui, fontes – em número reduzido, mas de grande valor – permitem saber quais foram algumas destas línguas. É o caso de um documento do século XVIII, intitulado de *Obra Nova da Língua Geral de Minna*, escrito entre 1731 e 1741 por Antônio da Costa Peixoto.

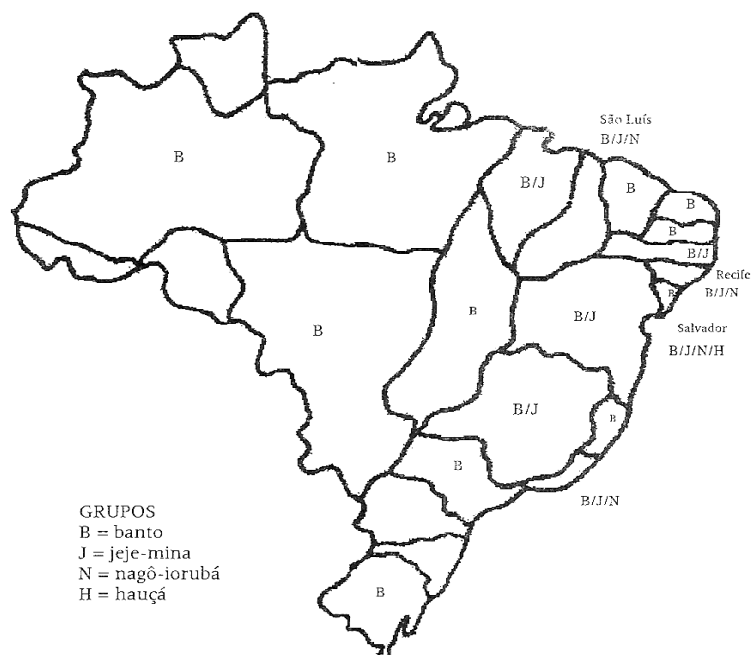
Este documento é reflexo de uma situação linguística peculiar, observada no então “quadrilátero mineiro”, composto por Vila Rica, Vila do Carmo, Sabará e Rio dos Montes, no qual se chegou a concentrar 100 mil escravos, que foram renovados durante cerca de 50 anos. Originários da costa de Mina, situada entre Gana e Nigéria, essa língua geral africana, falada em Minas Gerais, seria o resultado do contato das línguas dos escravos vindos daquela região da África. É considerado um dos documentos mais importantes sobre línguas africanas no Brasil, devido ao fato de testemunhar a existência de uma língua africana designada como *língua geral*, designação esta que lhe foi dada, segundo Petter (2006), por provável analogia às línguas gerais de origem indígena.

Em 1890, ainda de acordo com Petter (2006), em Salvador, o médico e antropólogo Nina Rodrigues inicia seus estudos de antropologia afro-brasileira. Apesar de admitir não ter preparo para realizar um estudo linguístico, ainda assim teve sensibilidade suficiente para elaborar questões que são importantes para o estudo das línguas africanas em todo o Brasil: 1. “Quais foram as línguas africanas faladas no Brasil?”; 2. “Que influências elas exerceram sobre o português do Brasil?”.

Assim, com relação à primeira pergunta, Nina Rodrigues começou a contribuir para sua resposta no momento em que coletou amostras de 122 palavras de 5 línguas africanas diferentes, que eram faladas em Salvador: grunche, jeje, hauçá, canúri e tapa. No que diz respeito ao iorubá, afirma que era a língua mais falada na Bahia, tanto pelos velhos africanos quanto pelos crioulos (escravos nascidos no Brasil) e mestiços.

Mas, é Pessoa de Castro (2001) quem irá nos apresentar um mapa objetivo e esclarecedor, no qual aponta, em cada estado do Brasil, qual ou quais línguas africanas foram faladas, logo em seguida apresentando um quadro no qual organiza as ocorrências dessas línguas – em um eixo vertical – de acordo com as atividades econômicas para as quais os africanos eram forçosamente recrutados, e distribuindo-as – em um eixo horizontal – ao longo dos séculos da colonização do Brasil. Vejamos o mapa e o quadro:

ESBOÇO DE MAPA ETNOLÓGICO AFRICANO NO BRASIL



atividade principal	século de introdução maciça			
	XVI	XVII	XVIII	XIX
agricultura	B	B/J	B/J/N	B/J/N
mineração			B/J	
serviços urbanos				B/J/N/H

Imagem 1: Esboço de mapa etnológico africano no Brasil**Fonte:** Pessoa de Castro (2001, p. 47)

Dessa maneira, de acordo com as informações do mapa, as línguas do grupo banto predominaram entre as línguas africanas que aportaram no Brasil. Detalhemos as informações:

- Nos estados do Amazonas, Pará, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Sergipe, Mato Grosso (do Norte e do Sul), na região que corresponde aos estados de Goiás e Tocantins, Espírito Santo, São Paulo e Rio Grande do Sul, foram as línguas do grupo banto as únicas línguas africanas faladas;
- Nos estados do Maranhão, Pernambuco, Bahia (de forma geral) e Minas Gerais, além das línguas do grupo banto, também foram faladas línguas do grupo jeje-mina;
- No estado do Rio de Janeiro, foram faladas, além das línguas do grupo banto, as línguas dos grupos jeje-mina e nagô-iorubá;
- De maneira restrita, nas capitais São Luís, do Maranhão, e Recife, de Pernambuco, foram faladas línguas dos grupos banto, jeje-mina e nagô-iorubá. Já na capital Salvador, da Bahia, foram faladas línguas dos quatro grupos indicados por Pessoa de Castro: banto, jeje-mina, nagô-iorubá e hauçá, tendo sido Salvador a cidade do Brasil mais plurilíngue em línguas africanas.

Com relação ao grupo de línguas banto, como pudemos notar no mapa acima, além do grande número de estados em que esteve presente isoladamente, também esteve presente em todos os demais, seja em companhia do grupo de línguas jeje-mina, seja em companhia dos grupos de línguas jeje-mina e nagô-iorubá, seja em companhia dos grupos de línguas jeje-mina, nagô-iorubá e hauçá. Enfim, as línguas do grupo banto estiveram presentes em todas as regiões que compõem o território atual do Brasil, com poucas exceções.

Analisando, agora, o quadro onde há o cruzamento entre as atividades econômicas, os séculos em que predominaram e os grupos de línguas utilizados em cada uma dessas atividades e cada um desses séculos, temos que a agricultura foi a atividade econômica que mais acolheu línguas africanas durante todos os séculos da colonização. Assim, os negros que foram trazidos para trabalhar nessa atividade falaram, no século XVI: línguas do grupo banto; no século XVII: línguas dos grupos banto e jeje-mina; no século XVIII: línguas dos grupos banto, jeje-mina e nagô-iorubá; e no século XIX: línguas também dos grupos banto, jeje-mina e nagô-iorubá.

Já a mineração só assume grande importância durante o século XVIII, tendo sido transportados para a região mineradora negros falantes de línguas dos grupos banto e jeje-mina.

Quanto ao contexto das cidades, Pessoa de Castro (2001) só nos apresenta dados relativos ao século XIX, afirmando que os negros utilizados nos serviços urbanos falavam línguas dos grupos banto, jeje-mina, nagô-iorubá e hauçá.

Sobre o português falado pelos negros no Brasil, voltando a Petter (2006), esta afirma que os registros a esse respeito só são encontrados a partir do século XIX. Assim, “[...] sobre os primeiros séculos de colonização não se localizou ainda nenhum registro”, estando disponíveis apenas registros que viajantes deixaram sobre o português falado pelos negros.

Porém, Oliveira (2006), em sua tese de doutorado, intitulada *Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico*, torna pública a existência não só de documentos que fazem registro sobre o português escrito por negros no século XIX, como de documentos escritos por esses negros, atestando, assim, não apenas o fato de que, no século XIX, o português era falado por africanos e afrodescendentes, como, também, escrito. Oliveira (2006) editou, dentre outros, quatorze documentos escritos por escravizados (treze cartas e uma procuração) e cinquenta e cinco atas, escritas por negros africanos libertos da Sociedade Protetora dos Desvalidos, localizada em Salvador-BA.

De 1831 em diante começa a ser registrado, pela imprensa e pela literatura, o português falado por negros, apelidado de “xacoco”. Esse material literário, além de outras fontes escritas, vem sendo analisado, nos dias atuais, por Alkmim. Porém, a referida pesquisadora faz a ressalva de que “[...] esses dados, no caso da obra literária, devam ser considerados também como criação artística e, no caso dos periódicos, devam ser analisados dentro do quadro dos estereótipos” (ALKMIM, 1999 apud PETTER, 2006, p. 130).

Dessa maneira, os documentos encontrados, relativos ao século XIX, e aos quais nos referimos, permitem a constatação de que, principalmente em Salvador, havia um plurilinguismo africano. Além disso, permitem-nos constatar a existência de um português peculiar aos escravizados (PETTER, 2006).

A partir de 1930, o foco dos estudos linguísticos sobre as línguas africanas muda: as atenções são deslocadas das línguas africanas em si para as situações de contato nas quais essas línguas estiveram envolvidas, durante mais de três séculos, com a língua portuguesa, no intuito de ressaltar e explicar a identidade nacional do português falado no Brasil (PETTER, 2006).

Os estudos sobre a influência de línguas africanas aqui são inaugurados, de forma sistemática, pelos trabalhos *A influência africana no português do Brasil*, de Mendonça, e *O elemento afro-negro na língua portuguesa*, de Raimundo, ambos publicados em 1933. Nesses trabalhos, seus autores procuram identificar a origem dos negros africanos transplantados para o Brasil, além de apontar algumas influências africanas no Português Brasileiro (doravante, PB). Dessa maneira, tanto Mendonça (1933) quanto Raimundo (1933) concluem que a maior parte dos aspectos que caracterizam o PB é resultado do contato com as línguas africanas, principalmente o iorubá e o quimbundo.

Outras duas obras tratam dessa influência. A primeira, de 1946, é intitulada *A língua do Brasil*, escrita por Chaves de Melo; a segunda, de 1950, é intitulada *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, escrita por Silva Neto. Ambos os autores empreenderam uma análise interna do PB. E não nos esqueçamos de João Ribeiro, destacado e citado por Freyre (2002, p. 437), que afirmou ter havido, no português do Brasil, alterações “[...] bastante profundas não só no que diz respeito ao vocabulário, mas até ao sistema gramatical do idioma [...]”. Ressalte-se que, no mencionado nível vocabular, é atribuída maior importância à influência do tupinambá, principalmente na fauna, na flora e na toponímia.

Entretanto, o trabalho (hoje também de valor documental) que talvez possa ser considerado o mais importante registro de uma língua africana no Brasil chama-se *Arte da língua de Angola*, publicado em 1697. Seu autor, Pedro Dias, era jesuíta, jurista e médico. Esse documento é uma gramática do quimbundo, falado em Salvador por escravizados angolanos, que foram estimados pelo padre Antônio Vieira em 23 mil indivíduos. O objetivo dessa gramática era facilitar, para os jesuítas, o aprendizado do quimbundo, pois isso era necessário para a catequese dos negros falantes dessa língua. “Esse documento revela que, no século XVII, na Bahia, onde se concentrava a maior população negra da época, era africana a língua que utilizavam os negros escravos” (PETTER, 2006, p. 127). Inclusive, a data de escrita da gramática, 1694, reforça a hipótese de que, no Quilombo de Palmares, destruído em 1695, poderia ter sido o quimbundo a língua corrente. Ainda assim, não é o registro mais antigo de que línguas africanas foram faladas nesse estado.

Consoante à política de adquirir a língua dos povos que desejavam doutrinar e dominar, os jesuítas escreveram gramáticas nas línguas dos catecúmenos em potencial, assim como catecismos, no intuito de – depois de alfabetizá-los dentro de um sistema de escrita criado por eles próprios – iniciarem-nos na doutrina cristã. No que se refere à iniciação dos povos subjugados na doutrina cristã, utilizavam-se dos catecismos. Já as gramáticas, que elaboravam nas línguas dos que desejavam converter à “verdadeira fé”, eram destinadas principalmente aos próprios membros da Ordem, que as utilizavam para aprender as referidas línguas, descritas e enquadradas na tradição gramatical latina. Esse é, provavelmente, o caso da gramática do quimbundo à qual se refere Petter (2006).

Entretanto, no que concerne à utilização de línguas africanas na elaboração de catecismos jesuítas, Martins Terra (1988 apud CASIMIRO, 2008) dá-nos notícia de sua existência desde 1580, no século XVI. Esse catecismo foi escrito num contexto em que, segundo Casimiro (2008), escravizados iniciados na Ordem, no Brasil, realizavam intercâmbio com escravizados iniciados na Ordem em Angola. Dessa maneira, alguns estudantes negros do Colégio de Luanda aportaram em terras brasileiras, no intuito de trabalhar nas missões daqui. Teriam sido esses missionários adventícios os responsáveis pela *Arte da língua de Angola*, editada em Lisboa, em 1697, e escrita por Pedro Dias – à qual Petter (2006) se refere –, pelo *Catecismo na língua dos Ardas* – cuja data exata Martins Terra não oferece, mas deixa implícito ser da mesma época da *Arte da língua de Angola* –, escrito por Manuel de Lima e, finalmente, pela tradução, para uma língua africana não especificada por Martins Terra, da *Doutrina Cristã*, levada a termo por Baltazar Fernandes no ano de 1580, o que vale dizer, 117 anos antes da edição da *Arte da língua de Angola*, de Pedro Dias.

Algumas línguas africanas, que chegaram ao Brasil há quase 500 anos, sobrevivem como um modo de falar peculiar a uma faixa etária ou a grupos de pessoas que se dedicam a determinadas atividades. Essas línguas não são mais plenas sintaticamente, mas o resultado de um longo contato com a língua portuguesa, dependendo atualmente de sua sintaxe. Suas principais funções são: utilização em rituais religiosos e utilização como língua “secreta”, com fins lúdicos. Podem ser identificadas em comunidades rurais negras, compostas por descendentes de escravos, a exemplo de Cafundó-SP e Tabatinga-MG.

A religião candomblé, seja no Brasil, seja na África, utiliza como línguas o iorubá, que é a principal delas, por estar presente em todos os candomblés, o eve-fon, o quimbundo, o quicongo e uma mistura de línguas mina-nagô (PETTER, 2006). No que concerne à utilização de línguas africanas no candomblé, é válido ressaltar a observação feita por Pessoa de Castro (2001, 2006) no que diz respeito ao “continuismo metodológico”, sobre o qual tece críticas, afirmando que a ênfase dada ao estudo de línguas africanas em terreiros de candomblé, principalmente naqueles estudados por Nina Rodrigues, acabou por levar estudiosos internacionalmente renomados, como Roger Bastide e Pierre Verger, a atribuírem ao iorubá méritos que, na verdade, pertencem a outras línguas africanas.

4.1 INFLUÊNCIAS EXÓGENAS NA ESTRUTURA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Considerando-se que, para haver as mencionadas influências exógenas, temos, necessariamente, de ter em conta a prévia difusão da língua portuguesa sobre nosso território, exporemos, rapidamente, como se deu tal difusão, utilizando-nos de dois caminhos que consideramos válidos e complementares para que tenha ocorrido:

a) Trata-se da difusão *espontânea* do português, majoritariamente em sua variedade popular, falado por africanos e afrodescendentes, deslocados ao longo de vastas regiões do território nacional, de acordo com a necessidade de mão de obra que se apresentava em regiões distintas, atrelada aos interesses dos diversos ciclos econômicos que caracterizaram o Brasil-Colônia, a saber: da cana-de-açúcar (séculos XVI e XVII, no Nordeste e parte do Sudeste), do ouro e diamantes (séculos XVII e XVIII, em Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás) e do café (século XIX, no Sudeste). (MATTOS E SILVA, 2004). Ressaltamos, contudo, que índios e mamelucos, nativos das regiões onde floresceram esses ciclos econômicos, também foram difusores espontâneos do português como segunda língua, em situação de bilinguismo com suas línguas autóctones pré-coloniais e com as línguas gerais.

b) Trata-se da difusão *planejada* do português, majoritariamente em sua variedade escolarizada, que se tentou levar a termo, principalmente através das medidas previstas no Diretório Pombalino de 1757-1758, traduzidas, dentre outras, na elevação de grande quantidade de aldeias a vilas, para as quais foram nomeados diretores de índios, que deveriam administrá-las e impor, nelas, o uso da língua portuguesa sobre as línguas locais, através da fundação de escolas (RODRIGUES, 2006). Embora este caminho tenha sido o que menos surtiu efeito na difusão da língua portuguesa no Brasil, ainda assim não se pode deixar de tê-lo em conta, desde que como complementar ao primeiro, exposto anteriormente.

No que concerne às consequências do contato linguístico na estrutura do português do Brasil – objeto deste subitem –, deter-nos-emos em algumas considerações, feitas por Lucchesi (1998, 2012), sobre como o PB assumiu sua atual feição polarizada – dividido em um polo popular e um polo culto –, utilizando-se da distinção prévia entre norma culta e norma padrão que, juntamente com Lobo (1988), ajudou a desenvolver, racionalizando conhecimentos hauridos de experiências anteriores, como a do projeto NURC, coordenado por Castilho na década de 1970.

Dessa maneira, Lucchesi e Lobo (1988) propõem, com bastante clareza, a distinção entre norma culta e norma padrão, definindo a norma culta como os padrões de fala observados nas classes sociais mais escolarizadas da população brasileira e a norma padrão como os padrões linguísticos cristalizados nas gramáticas tradicionais. Essa distinção é justificada pela discrepância constatada entre os modelos tradicionais que a escola procura transmitir e os modelos que, de fato, são utilizados pelos segmentos mais escolarizados da sociedade, e teria sido desencadeada pela postura nacionalista que ganhou feições nítidas no Brasil durante o Romantismo pós-Independência, a partir de 1822, e concretizada cem anos depois, durante a Semana de Arte Moderna de São Paulo, ao refletir-se sobre os padrões culturais e linguísticos dos brasileiros escolarizados.

A norma culta e a norma padrão, por sua vez, estariam em oposição à norma popular, utilizada pelos segmentos menos favorecidos, em termos socioeconômicos, da sociedade brasileira.

Deixando a norma padrão à parte (já que deixou de participar, em toda sua amplitude, da realidade social brasileira), Lucchesi (1998) afirma que, ao compreendermos o processo sócio-histórico de formação da norma popular e da norma culta do PB, passamos a fazer uso de um instrumento de grande valia para a compreensão de sua realidade linguística atual.

Dessa maneira, no intuito de delinear tal realidade, localiza, em um polo da comunidade de falantes do PB – situado principalmente nas cidades costeiras –, a norma culta, “[...] onde se pode observar uma determinada direção de mudança, para a qual concorrem os juízos de valor que os seus membros exibem sobre as formas de expressão concorrentes, que caracterizam as suas variáveis linguísticas” (LUCCHESI, 1998, p. 74), a exemplo da tendência à variação estável, em altos níveis, da aplicação da regra de concordância verbal, na 3ª pessoa do plural, constatada em análise no tempo aparente, considerando idosos, adultos e jovens com, respectivamente, 98%, 93% e, outra vez, 93% de aplicação da referida regra (LUCCHESI, 1998, 2012).

Já no outro polo – situado principalmente na zona rural interior –, localiza a norma popular, “[...] onde se verificam significativos processos de mudança em curso, que, em muitos casos, exibem uma direção oposta à observada na norma culta”. Tais processos “[...] remetem para um cenário anterior de drásticas alterações que se perpetraram na gramática dos segmentos populares ao longo da formação linguística do Brasil [...]”, pois “[...] as condições de trabalho escravo nos engenhos de cana de açúcar, nas zonas de mineração e nas lavouras cafeeiras, sucessivamente nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, desenvolveram situações típicas de pidginização e criouliização [...]” (LUCCHESI, 1998, p. 74-78) ou situações que se enquadram no cenário mais amplo da transmissão linguística irregular.

Nessas situações, se a proporção demográfica da comunidade linguística for de, no mínimo, 10 dominados, falantes de línguas ininteligíveis entre si, para 1 dominador, falante da língua-alvo, temos o condicionamento necessário para a pidginização e criouliização desta última entre os membros da população dominada – o que envolve necessariamente a erosão e a posterior recomposição gramatical original de sua gramática, dando origem a uma nova língua. Porém, se a proporção for menor do que 10 para 1, temos o condicionamento que resultará, apenas, na formação de uma nova variedade da língua-alvo. Em ambos os casos, a transmissão linguística irregular atinge, de maneira mais imediata, os morfemas número-pessoais dos verbos e os morfemas responsáveis pela concordância de número e gênero no sintagma nominal, seja eliminando-os, nos casos mais extremos, seja provocando uma ampla variação em sua aplicação, nos casos mais leves – nestes últimos, o morfema de gênero geralmente é preservado. Porém, se a comunidade de fala dominada, posteriormente à transmissão linguística irregular, passa a ter mais acesso à língua-alvo, as marcas da prévia aquisição precária tendem a perder-se, dando lugar à aquisição de seus mecanismos morfossintáticos, por ser a língua de maior prestígio social (LUCCHESI, 2012).

Por exemplo, considerada a mesma análise no tempo aparente, cujos resultados expusemos anteriormente, Lucchesi (2012) constata que, entre os falantes da norma popular, em vez de tendência à variação estável na aplicação da regra de concordância verbal na 3ª pessoa do plural, manifestam-se percentuais sensível e progressivamente maiores na aplicação da referida regra, à medida que se compara o percentual de aplicação dos falantes idosos com os dos adultos e jovens, nos níveis de, respectivamente, 10%, 14% e 22%, num quadro característico de mudança em progresso, no sentido de aquisição da regra.

Além disso, em comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, como Helvécia-BA, além das características presentes na norma popular do Brasil como um todo, como a já mencionada variação na aplicação da regra de concordância verbal na 3ª pessoa do plural, temos um quadro de variação na concordância verbal que atinge, também, a 1ª pessoa do singular e, no âmbito do sintagma nominal, uma variação que atinge a aplicação da regra de concordância de gênero entre o determinante e o núcleo. Tanto a variação na concordância verbal na 1ª pessoa do singular quanto a variação na concordância nominal de gênero são absolutamente incomuns no restante do Brasil – a não ser em outras poucas comunidades afro-brasileiras isoladas, que tiveram um processo sócio-histórico de formação semelhante ao de Helvécia-BA, e em casos recentes do século XX, como o dos índios do Alto Xingu, como se verá adiante.

Tais fatores, comprovados por pesquisas empíricas e reforçados por dados sócio-históricos, levam a crer que, em Helvécia-BA, o cenário de transmissão linguística irregular do português à população escravizada do local foi ainda mais acentuado do que no geral do Brasil (sempre no âmbito da norma popular). Um dado importante, nesse sentido, é o da proporção demográfica entre dominados e dominadores que, no caso de Helvécia-BA, foi, respectivamente, de 10 para 1 – como vimos, proporção de referência para o desencadeamento de processos de pidginização e criouliização –, enquanto, no geral do Brasil, tal proporção foi, respectivamente, de 10 para 3 – inibindo, consequentemente, processos de pidginização e criouliização, mas sendo o suficiente para possibilitar o surgimento de uma nova variedade da língua-alvo, ou seja, a norma popular do PB.

4.1.1 Outro ponto importante de suas considerações repousa na afirmação de que a compreensão da natureza dos processos de mudança que podemos observar no português popular também contribui para a compreensão das mudanças ocorridas na norma culta, contribuindo, assim, para a caracterização do PB como um todo.

Isto porque o êxodo rural – fenômeno social que atingiu fortemente o Brasil na primeira metade do século XX – provocou a inversão das características demográficas do país, tornando eminentemente urbano – e ainda mais estratificado socialmente – um território

que, no período colonial, era eminentemente rural, fazendo com que o português popular, falado nas camadas mais baixas da população brasileira, passasse a interagir de perto com o português culto, falado nas camadas mais altas dessa mesma população, através, por exemplo, das relações de trabalho que implicam no contato intenso e duradouro entre pessoas provenientes dessas duas classes sociais, como as relações entre trabalhadores domésticos – em muitos casos, analfabetos ou semianalfabetos que migraram do campo para a cidade – e patrões – geralmente com alto grau de escolarização e nascidos nas cidades.

Além disso, Lucchesi (1998, 2012) utiliza-se de dados demográficos relativos aos já citados imigrantes europeus – incluindo, porém, os asiáticos – que, em número de mais de três milhões, chegaram ao Brasil entre o final do século XIX e início do século XX.

Tendo ingressado na base da pirâmide social brasileira, atuando em trabalhos braçais no campo, e adquirido o PB na sua variedade popular, esses imigrantes, devido a uma forte tradição de escolarização que, em alguns casos, possuíam desde seus países de origem, rapidamente ascenderam na pirâmide social, levando consigo algumas das estruturas do português popular. Dessa maneira, ao ingressarem nas camadas média e alta da população brasileira, permitiram, através das portas que abriram, o ingresso do português popular nestas mesmas camadas sociais, falantes do português culto, acentuando a interação normativa e contribuindo ainda mais para o distanciamento entre a norma culta do português do Brasil e a norma padrão lusitana.

Teyssier (2007), entretanto, discorda de que a principal causa das mudanças que caracterizaram o português popular – e atingindo, através dele, o culto, ajudando a caracterizar o PB contemporâneo como um todo – tenha sido o contato com as línguas africanas, ao afirmar que as características do PB refletem, na verdade, influências do substrato africano, que precipitaram a deriva já latente na língua de origem lusa.

Mas, é dos linguistas Naro e Scherre (2003) que, atualmente, vem a maior oposição à influência que Lucchesi e Baxter atribuem às línguas africanas, como principais responsáveis pelas atuais características do PB, principalmente no que se refere a sua norma popular.

Assim, os autores procuram demonstrar que as características apontadas como resultado da transmissão linguística irregular do português em terras brasileiras – como o amplo quadro de variação na concordância de número e, em menor monta, de gênero na norma popular –, na verdade, já existiam no Português Europeu (doravante, PE) mesmo antes de sua chegada ao Brasil e, paralelamente, nos dias atuais, continuam a ocorrer em território lusitano.

Para isso, utilizam exemplos escritos do PE anterior ao século XVI (quando os portugueses iniciam a colonização da América do Sul), presentes nos textos *Vida e Feitos de Júlio César*, *Os Diálogos de São Gregório* e *A Demanda do Santo Graal*, e do PE escrito contemporâneo, presentes no jornal *Correio da Manhã* – o que deixa entrever uma variação ainda maior na fala –, nos quais temos exemplos da não-realização da concordância verbal de número. Com relação à concordância de gênero do PE, citam exemplos, já na língua falada, retirados de Mira (1954) e Ratinho (1959) (NARO; SCHERRE, 2003).

Sobre as consequências dessa perda de morfologia, apontada por Lucchesi (s/d), como o aumento da realização do sujeito pronominal para compensar o amplo quadro de variação no uso das desinências número-pessoais dos verbos na norma popular do Brasil – e que seria um indicio da transmissão linguística irregular, pois a realização do sujeito pronominal, ao contrário do que afirmam Naro e Scherre, é uma característica das línguas crioulas –, estes autores argumentam em sentido oposto, pois, segundo dados obtidos por eles, na fala de 17 analfabetos do Rio de Janeiro, houve uma maior ocorrência de sujeito pronominal justamente nas situações em que os verbos apresentaram a morfologia de plural: 59% de “eles falaram” contra 53% de “eles falou”. (cf. NARO; SCHERRE, 2003).

Baseados, então, nos resultados expostos, Naro e Scherre (2003) concluíram que *marcas levam a marcas e zeros levam a zeros*, pois o percentual de realização do sujeito pronominal foi maior nos casos onde havia a marca de plural no verbo com o qual esse sujeito realizou a concordância, enquanto foi menor o percentual de realização do sujeito pronominal nos casos onde não havia marca de plural no verbo (ausência de marca de plural = zero) com o qual o sujeito estava em concordância.

Assim, tendo como esteio de argumentação a ocorrência da variação de concordância de número e gênero – entre verbo e sujeito, entre elementos do SN e entre predicativo e sujeito – também no PE, antes do século XVI e mesmo nos dias atuais, e o alegado fato de que a tendência à realização do sujeito pronominal não teria qualquer relação com a perda de morfologia verbal, devido à transmissão linguística irregular do português no período colonial, Naro e Scherre (2003) afirmam que as características atuais da norma popular do PB, na verdade, já estariam presentes no sistema da língua desde sempre, e que, aqui no Brasil, o processo de transmissão linguística irregular apenas teria intensificado essas características já inerentes ao sistema da língua portuguesa, que “navegaram” pela sua estrutura, sem direção definida, ao longo dos séculos, como um “barco à deriva”, daí a analogia feita ao se denominar esse processo.

A argumentação dos autores, apesar de muito bem formulada, esbarra, entretanto, no fenômeno linguístico da alternância dativa, relativo à complementação dos verbos transitivos diretos e indiretos, observado na variedade popular do português, falado pelos membros mais antigos da comunidade afro-brasileira de Helvécia-BA. Esse tipo de estrutura caracteriza-se pela ordem V + OI + OD, com a eliminação da preposição antes do objeto indireto, em contraste com a estrutura categórica da língua portuguesa, caracterizada pela ordem V + OD + OI, e “[...] não é atestada em nenhum estágio pretérito da evolução do português [...]”, configurando-se em um exemplo de reestruturação original da gramática, que encontra paralelos com os crioulos da Guiné-Bissau e de São Tomé e Príncipe (LUCCHESI, 1998, p. 91-92; LUCCHESI, 2003, p. 281).

Ainda na dialética entre as duas linhas de raciocínio, que procuram explicar a formação da norma popular do PB (e, de maneira indireta, as características do PB como um todo, em contraste com o PE), a posição defendida por Lucchesi e Baxter encontra outro importante paralelo no português pidginizado, falado pelos autóctones da Reserva Indígena do Alto Xingu, no estado do Mato Grosso, denominado por Emmerich e Paiva (2009) de *português xinguano*.

Em 1940, o Marechal Rondon, em expedição financiada pela Fundação Brasil Central, denominada de *Roncador-Xingu*, partiu para o desbravamento do interior do Brasil, com duas finalidades: fazer passar por ali as linhas telegráficas brasileiras e estabelecer contato com os índios do Xingu, cuja interação com a sociedade brasileira era muito pequena, quando não inexistente.

Durante a passagem da expedição pela região, os irmãos Orlando, Leonardo e Cláudio Villas-Bôas decidiram, por ali, estabelecer-se, inaugurando o contato sistemático com os povos indígenas do Xingu (no caso de alguns desses povos), e voltando a estabelecer contato com outros (no caso dos povos que, num passado longínquo, já haviam entrado em contato com os jesuítas).

O resultado desse contato estabelecido entre os irmãos Villas-Bôas e os povos kamayurá, aweti (falantes de línguas da família tupi-guarani), waurá, mehinaku, yawalapiti (falantes de línguas da família aruak), kalapalo, kuikuro, matipu (falantes de línguas da família karib) e trumai (língua isolada) foi a formação de um português pidginizado, utilizado na comunicação entre as várias etnias citadas e os irmãos Villas-Bôas (EMMERICH; PAIVA, 2009).

Contudo, com a chegada de pesquisadores naturalistas do Museu Nacional, de médicos da Escola Paulista de Medicina e com a instalação de um destacamento da Força Aérea Brasileira na região, os grupos indígenas ali existentes passaram a ter um maior acesso às estruturas da língua-alvo escolarizada – ou seja, o PB culto e nativo, sem erosão gramatical –, fato que desencadeou um processo que veio a se caracterizar como um *continuum* de diversos níveis de competência do português falado por esses índios, desde o nível pidginizado, surgido no início do contato e utilizado pelos falantes mais velhos, ao nível em que se pode considerar alguns desses índios como bilíngues em sua língua materna e em português, representado pelos índios mais jovens. Assim, devido à maior inserção que esses índios passaram a ter na sociedade brasileira, o português que foi fruto de um processo de pidginização, atualmente, passa por um processo inverso de depidginização. Isto porque, logo após a erosão gramatical, o acesso às estruturas da língua-alvo aumentou, não abrindo espaço para um processo de reestruturação original da gramática, fazendo com que a referida situação de contato entre línguas no Alto Xingu tivesse como resultado não a formação de uma língua qualitativamente distinta do português e das demais línguas indígenas da região, mas, sim, a formação de uma nova variedade do português, de maneira análoga ao que ocorreu nas variedades populares do português faladas em comunidades afro-brasileiras isoladas, descendentes de antigos quilombos, a exemplo da comunidade de Helvécia-BA.

Outrossim, Emmerich (2009, p. 157-161), ao realizar estudos intralinguísticos no *português xinguano*, já em processo de depidginização, constatou fenômenos, frutos do contato, que se assemelham a fenômenos do português de Helvécia-BA, como a “[...] neutralização das desinências de primeira e terceira pessoas do singular” e o fato de que “[...] os elementos situados mais à esquerda do núcleo tendem a receber mais marcas de plural do que os elementos situados à direita do núcleo”.

Podemos notar, ainda, semelhanças entre o *português xinguano* e o português de Helvécia-BA, no próprio fato de haver um *continuum* de competência linguística, tanto numa variedade quanto na outra, e que podem ser percebidas através de um estudo no tempo aparente, que revela um grau de competência morfológica ascendente no uso do português, à medida que vão sendo analisados dados linguísticos em direção a falantes mais jovens.

Emmerich e Paiva (2009, p. 157) inclusive comparam, elas mesmas, a situação do português de contato do Alto Xingu com a variedade do português surgida em Helvécia-BA, ao afirmarem, por fim, que as simplificações verificadas nessas variedades “[...] se aproximam de traços característicos de variedades crioulas do português”.

Dessa maneira, vimos que o *português xinguano*, que passou por um processo recente de pidginização – fato que permitiu sua constatação mais segura, porque nos falantes mais velhos do Xingu ainda se pode constatar *in loco* esse português com características de uma língua pidgin –, apresenta características semelhantes à variedade do português de Helvécia-BA, fato que aponta para a confirmação da hipótese de que, nos casos em que a língua portuguesa entrou em contato com línguas indígenas e africanas, no período colonial, o mesmo processo de pidginização pode ter ocorrido.

Portanto, a nosso ver, negar o papel da transmissão linguística irregular como a principal responsável pelas atuais características estruturais do português popular brasileiro (e, de forma indireta, do PB como um todo) é fechar os olhos para toda uma história marcada pela violenta colonização portuguesa no Brasil, pois esse contexto histórico configurou, justamente, as condições sociolinguísticas apontadas, pela crioulistica, como propícias a processos de pidginização e crioulistização de uma língua, a exemplo da escravização de povos indígenas, no Estado do Maranhão e Grão-Pará, e, principalmente, da escravização de grandes contingentes africanos, no caso do Estado do Brasil, que eram concentrados nas plantações de cana do início da colonização em verdadeiras aglomerações pluriétnicas e plurilíngues.

5 A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA ATUAL DO BRASIL

5.1 O ATUAL QUADRO DE LÍNGUAS INDÍGENAS NO BRASIL

Uma comparação interessante, feita por Teixeira (2004), no intuito de ressaltar a pluralidade linguística brasileira, diz respeito ao fato de que a Austrália é um território no qual são faladas em torno de 200 línguas, porém quase todas de uma mesma família linguística, diferentemente do Brasil, cujas cerca de 180 línguas autóctones pertencem a 35 famílias linguísticas diferentes.

Essa grande diversificação linguística da América do Sul pode ser atribuída, ainda segundo Teixeira (2004), ao longo período de isolamento pelo qual passaram os grupos que habitavam o continente americano, pois se deduz que o povoamento da América do Sul começou a acontecer há pelo menos 10 mil anos, fato que permitiu que as línguas indígenas, aqui, tivessem, pelo menos, esse longo período para diferenciar-se e multiplicar-se. Assim, graças ao isolamento pelo qual passaram as línguas brasileiras, foi possível, para algumas delas, preservarem características que os linguistas pensavam não existir nas línguas do mundo. É o caso das línguas hixkaryana e nadb, que organizam suas sentenças começando pelo objeto (TEIXEIRA, 2004).

Os quatro maiores grupos de línguas indígenas do Brasil são os troncos tupi e macro-jê, e as famílias aruák e karib. Distribuem-se por grande extensão territorial e são integrados por uma grande quantidade de línguas; há, também, famílias menores, que possuem menor quantidade de línguas e que se distribuem por uma extensão territorial menor; e há as línguas isoladas, assim denominadas por não apresentarem nenhum parentesco com as demais línguas indígenas brasileiras. Desse modo, poderíamos dizer que constituem famílias de um único membro, ou seja, elas próprias (MONTSERRAT, 1994).

O tronco tupi engloba a família tupi-guarani, que, possuidora de um grande número de línguas, estende-se por grande parte da América do Sul. Só no Brasil, são faladas, atualmente, 21 línguas dessa família. Esse tronco também engloba outras famílias menores.

Com relação ao tronco macro-jê, as evidências que podem levar a estabelecer relações de parentesco entre as línguas tidas como suas integrantes não são tão seguras. A família mais importante que esse tronco engloba é a família jê – cujas línguas são faladas desde o sul do Maranhão e do Pará, até o Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul –, que se subdivide em outros quatro grupos: timbira, kayapó, akwén e kaingáng. Quanto à filiação de outras famílias ao tronco macro-jê, este é um tema ainda difuso, pois o máximo que se tem são indícios, até porque a própria constituição do tronco macro-jê ainda é hipotética (MONTSERRAT, 1994).

Entre os quatro maiores grupos de línguas indígenas do Brasil citados anteriormente, temos o karib. Este, contudo, por englobar línguas com grandes semelhanças, é considerado por Rodrigues (1985 apud MONTSERRAT, 1994) como uma família, e não um tronco. As línguas que a integram concentram-se na região das guianas, incluindo a Guiana Francesa, o Suriname, a Guiana (sem qualificador), a Guiana Venezuelana e a Guiana Brasileira. No Brasil, são faladas 21 línguas karib, distribuídas, em sua maioria, pelo norte do rio Amazonas, Amapá, norte do Pará, Roraima e Amazonas. Rodrigues assinala uma possível ligação entre as línguas tupi, jê e karib. “Isso poderia então significar que houve um ancestral remoto comum para os três maiores grupos de línguas do Brasil: karib, tupi e jê” (MONTSERRAT, 1994, p. 97).

Com relação ao grupo aruák, este também era considerado um tronco que englobava as famílias aruák e arawá. Porém, Rodrigues (1985 apud MONTSERRAT, 1994), baseado em dados recentes, prefere considerar não um tronco aruák que engloba as famílias aruák e arawá, mas, sim, apenas estas duas últimas, sem filiá-las a um tronco linguístico comum, referindo-se a elas apenas como família aruák e família arawá.

As línguas da família aruák são faladas no Brasil (da região das guianas ao oeste do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul), na Bolívia, no Peru, no Equador e na Venezuela. Segundo Urban (1992 apud MONTSERRAT, 1994), essa família existe há cerca de 3 mil anos, sendo o centro-norte do Peru a área de onde, provavelmente, se iniciou a dispersão das línguas da família aruák.

Nos estados do Amazonas e do Acre está a família arawá, que, atualmente, engloba apenas quatro línguas muito semelhantes. São elas: o kulína, o dení, o yamamadí e o paumari.

As famílias linguísticas menores provavelmente possuem menos de 3 mil anos de existência, além de abrangerem uma concentração territorial maior, tendendo a situar-se na periferia da bacia amazônica (MONTSERRAT, 1994).

Das línguas isoladas, o tikuna é uma exceção, pois possui mais de 20 mil falantes. Ainda com relação a estas, e incluindo as famílias muito pequenas, Urban (1992 apud MONTSERRAT, 1994) levanta a possibilidade de serem três os pontos, na América do Sul, de onde se originaram suas dispersões: o Nordeste brasileiro; o Oeste brasileiro, incluindo parte da Bolívia; e o Norte peruano e equatoriano.

Além do tikuna, as demais línguas indígenas isoladas – ou seja, aquelas para as quais não se identificou um parentesco que permitisse agrupá-las em famílias e troncos – ainda faladas no Brasil são: aikaná, koaiá (arara), kanoê (kapixaná), jabuti, arikapú, mky, trumái, awakê e máku.

No que concerne ao Nordeste do Brasil, com exceção de Pernambuco e Maranhão, não existem mais línguas minoritárias na região. Assim, em Pernambuco é falada a língua indígena yatê, pelos índios fulniô, de Águas Belas; e no Maranhão são faladas as línguas indígenas guajajára, guajá, ka'apóre, timbira e mbyá.

5.2 LÍNGUAS EUROPEIAS E ASIÁTICAS QUE PASSARAM A COMPOR O CENÁRIO LINGUÍSTICO BRASILEIRO A PARTIR DO SÉCULO XIX

A partir do século XIX, nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, teve início a chegada de um grande número de imigrantes de etnias variadas. Essa imigração, mais intensa nas referidas regiões, contribuiu para que, nelas, o pluralismo étnico se tornasse mais evidente. Alguns desses grupos de imigrantes foram compostos por italianos, alemães, poloneses e japoneses, que, reunindo-se em núcleos populacionais, nas zonas rurais principalmente, com forte caracterização étnico-cultural, acabaram, por este motivo, merecendo mais visibilidade por parte do resto do Brasil (KREUTZ, 2000).

Os colonos que chegaram ao Brasil para trabalhar como substitutos da mão de obra escravizada, no século XIX, procuraram manter alguma forma de identificação étnica, que se refletia na continuação do uso do idioma de origem, na organização religiosa e na formação de associações e de escolas, embora as chamadas *escolas étnicas*, de tradição cultural mais forte, só tenham surgido entre o final do século XIX e o início do século XX.

Mas as escolas étnicas não foram criadas como resultado apenas da preocupação dos imigrantes em preservar suas tradições culturais. Muitos já eram alfabetizados e originários de países com forte tradição escolar. Por esse motivo, cientes da importância da escola, e não encontrando escolas públicas nas regiões onde se instalaram, partiram, eles mesmos, para a implantação de escolas comunitárias.

Quanto aos motivos que levaram o governo brasileiro a incentivar a imigração, estes foram apresentados por Kreutz (2000): 1. O exemplo do que ocorreu nos Estados Unidos, onde a imigração produziu bons resultados em termos de desenvolvimento econômico e social para o país; 2. “A imigração também começou a ser vista como forma de garantir a ocupação do espaço geográfico, especialmente na região sul, em constante conflito de fronteira com os países do Prata”; e 3. A questão racial, pois alega-se que o governo brasileiro deu preferência a imigrantes europeus, porque, assim, estaria iniciando o processo de “branqueamento” do país (KREUTZ, 2000, p. 349).

Apesar de o Estado ter preferido a concentração heterogênea de grupos étnicos, ainda assim os próprios imigrantes convergiam para tal concentração, no intuito de facilitar sua organização religiosa, social e escolar.

Continuando com as informações fornecidas por Kreutz (2000) – que em tudo seguimos –, se considerarmos a importância demográfica dos imigrantes que chegaram ao Brasil, em ordem decrescente, temos: 1. Italianos; 2. Espanhóis; 3. Portugueses – já sujeitos às leis do Brasil independente; 4. Japoneses²; e 5. Alemães.

Com relação aos poloneses, uma avaliação de seu contingente torna-se difícil, pois muitos foram classificados como russos, pois a Polônia, na ocasião, estava sob o domínio da Rússia.

Quando os imigrantes começaram a chegar ao Brasil, o mundo vivia um momento no qual seus países buscavam a afirmação de uma nacionalidade, tendo como esteio a unidade política e cultural. Com o Brasil, não foi diferente. Por isso, o contexto de formação da nacionalidade, aqui, baseava-se em tais tendências, o que implicava, também, em unidade linguística. “Buscava-se um pretensão coletivo, operava-se uma universalização no conceito de povo e de nação em detrimento das especificidades e diferenciações culturais” (KREUTZ, 2000, p. 351).

Assim, o sistema escolar estava apoiado no uniformitarismo cultural, o que incluía o uso apenas da língua portuguesa, e teria, como uma de suas funções, sua difusão, como parte de um projeto de fortalecimento da identidade nacional brasileira.

As escolas étnicas dos imigrantes devem ser analisadas dentro dessa perspectiva, porque, a depender da orientação de cada estado da Federação, no sentido de imposição de uma identidade nacional, tais escolas foram favorecidas ou não.

² Com 400 mil falantes, é a minoria linguística numericamente mais significativa do Brasil. (RODRIGUES, 2006).

Em 1890, período em que entraram mais imigrantes no Brasil – cerca de 1 milhão e 200 mil –, o sistema escolar público era deficitário a ponto de o país possuir mais de 80% de analfabetos. Essa situação levou os imigrantes a pressionarem o Estado, no intuito de que fossem criadas mais escolas públicas. Os núcleos mais homogêneos de imigrantes, no entanto, em vez de pedirem a criação de novas escolas, procuraram suprir essa falta criando as escolas étnicas, fortemente identificadas com suas raízes culturais, solucionando esse problema com maior celeridade: “Essas colônias ‘alemãs’, ‘italianas’ e ‘polonesas’, isoladas por longo período, tendo pouco contato com a população nacional, empreenderam uma ampla estrutura comunitária de apoio ao processo escolar [...], com características dos países de origem” (KREUTZ, 2000, p. 354).

Da década de 1930 em diante, as escolas étnicas passaram a ser encaradas com hostilidade pelo Estado, devido à tendência nacionalista por que o Brasil atravessava. Assim, “[...] em 1938-1939, momento da nacionalização compulsória, [as escolas étnicas] foram fechadas ou transformadas em escolas públicas por meio de uma sequência de decretos de nacionalização” (KREUTZ, 2000, p. 354).

Contudo, os próprios imigrantes, independentemente do processo de nacionalização compulsória, já vinham passando por um outro processo, desencadeado por eles próprios, com motivações internas e externas, no sentido de começarem a dar preferência às escolas públicas brasileiras. Como motivação interna, temos o fato de que os pais e alunos sentiram a necessidade de uma melhor proficiência em língua portuguesa, para que pudessem adquirir condições de competir com melhores chances no mercado de trabalho.

Como motivação externa, temos a revolução dos transportes e das comunicações, que retiraram as regiões onde se encontravam os imigrantes do isolamento anterior no qual estavam imersas. Assim, sendo obrigadas a interagir com o restante do país, no qual já se falava, majoritariamente, o português, perceberam a necessidade que o melhor aprendizado dessa língua representava. Por esse motivo, Kreutz (2000, p. 367) afirma que “[...] as medidas de nacionalização compulsória do ensino apenas precipitaram um processo de transformação já em curso”.

A riqueza dos dados, apresentados de forma clara e objetiva por Kreutz (2000), permite-nos ter uma noção precisa de quais outras línguas – além da portuguesa e das cerca de 180 línguas indígenas – passaram a compor o cenário multilíngue – porém já localizado – do Brasil. Permite-nos ter uma noção precisa, também, de como o português – seja por caminhos oficiais, seja por atitude dos próprios imigrantes – acabou tornando-se hegemônico entre esses grupos de imigrantes que começaram a aportar no Brasil, com suas respectivas línguas, a partir do século XIX, embora o bilinguismo – ao menos doméstico, entre suas línguas de origem e o português – ainda se mantenha entre esses grupos.

5.3 O ATUAL QUADRO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

No subitem 4.1 deste artigo, tratamos da difusão do português pelo Brasil, apresentando as hipóteses, que consideramos complementares, de Mattos e Silva (2004) e de Rodrigues (2006), para, logo em seguida, expormos como se deu o processo de polarização da língua portuguesa no Brasil, como constatou Lucchesi (1998, 2003, 2012), e como essa polarização começou a atenuar-se devido ao contato estreito e prolongado que passou a ocorrer entre a norma culta e a norma popular, em função, principalmente, do êxodo rural e da ascensão de imigrantes europeus e asiáticos para as camadas socioeconomicamente privilegiadas da população brasileira.

Com a migração de um grande contingente da zona rural para as zonas urbanas, as duas normas, culta e popular, encontraram-se, redistribuindo-se, agora, diastaticamente, ao longo da pirâmide social brasileira, pois os egressos das zonas rurais, ao chegarem às cidades, começaram a exercer funções socialmente desfavorecidas, passando a engrossar o contingente da base dessa pirâmide. Assim, constituíram-se nos depositários da norma popular, enquanto os integrantes do topo da pirâmide – que lá já estavam e lá continuaram – passaram a ser os depositários da norma culta, como vimos. Daí a afirmação de Teyssier de que, no Brasil, o trabalho dialetológico deveria ser mais vertical do que horizontal, ou seja, mais pluridimensional do que monodimensional.

Sem discordar de Teyssier no que diz respeito à maior pertinência de uma dialectologia pluridimensional, somos obrigados a discordar, porém – e sem sair do viés pluridimensional –, com a afirmação de que as variações diastráticas devam ter prevalência de análise sobre as variações diatópicas, pois, como podemos verificar em Cardoso (2006, p. 376) – uma das responsáveis pelo primeiro *Atlas Linguístico do Brasil*, já finalizado e publicado desde 2014 –, a variação “[...] atinge o português brasileiro no plano horizontal, diversificando regiões e áreas, caracterizadas como de maior ou menor amplitude [principalmente no nível fonético], e no plano vertical, assinalando traços particularizantes de usos dos diferentes estratos sociais [principalmente no nível morfossintático] [...]”, deixando claro que tanto as variações diatópicas quanto as variações diastráticas refletem a realidade do PB.

Nesse caso, de acordo com a autora, para se ter uma ideia precisa do quadro dialetológico brasileiro, é necessário aprofundar as observações empíricas em todos os níveis de variação da língua portuguesa, tanto no eixo diatópico quanto no eixo diastrático, não apresentando conclusões com base em dados empíricos que reflitam apenas um determinado nível de variação e uma só dimensão de variação, sob pena de o quadro dialetológico brasileiro vir a ser traçado com imprecisões.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procuramos abordar, de forma sucinta e simultaneamente ampla, os pontos que consideramos principais para que pudéssemos expor uma visão panorâmica dos quinhentos anos de história social-linguística do Brasil.

Assim, começamos pela chegada dos portugueses, no século XVI, expondo a maneira como romperam a barreira linguística inicial com os autóctones, passando pela formação das três línguas gerais brasileiras, pelo processo de escravização de africanos em nosso território – ressaltando a importância do consequente contato linguístico, provocado por esse processo, sobre a língua do colonizador português –, assim como pelo quadro dialetológico atual do Brasil, incluindo tanto as línguas indígenas nacionais remanescentes quanto as línguas europeias e asiáticas que aqui chegaram na primeira metade do século XIX e que ainda persistem como minorias linguísticas, embora não tenham sido reconhecidas, pela Constituição de 1988, como línguas nacionais.

Desse modo, esperamos ter proporcionado ao leitor um conhecimento básico tanto do percurso histórico do PB quanto dos elementos que constituíram e determinaram fortemente esse percurso.

REFERÊNCIAS

BAXTER, A.; LUCCHESI, D. Processos de criouliização na história sociolinguística do Brasil. In: CARDOSO, S.; MOTA, J.; MATTOS E SILVA, R. V. (Org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 163-218.

_____. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 101-124.

CARDIM, F. *Tratados da terra e gente do Brasil*. São Paulo: Hedra, 2009. p. 173-217.

CARDOSO, S. Diatopia e diastratia no português do Brasil: prevalência ou convivência? In: CARDOSO, S.; MOTA, J.; MATTOS E SILVA, R. V. (Org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 359-380.

CASIMIRO, A. P. B. S. Apontamentos sobre a educação no Brasil colonial. In: LUZ, José Augusto; SILVA, José Carlos (Org.). *História da educação na Bahia*. Salvador: Arcádia, 2008. p. 17-50.

EMMERICH, C.; PAIVA, M. da C. de. Português xinguano: origem e trajetória. In: CARVALHO, A. M. (Org.). *Português em contato*. Madrid: Iberoamericana, 2009. p. 153-164.

FERNANDES, F. R. Invasões holandesas no Brasil. *InfoEscola*, 2016. Disponível em <www.infoescola.com/historia/invasoes-holandesas-no-brasil/>. Acesso em: 03 mar. 2017.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

HOUAISS, A. *O português no Brasil*. Rio de Janeiro: Unibrade – Centro de cultura, 1985. p. 46-68.

KREUTZ, L. A educação de imigrantes no Brasil. In: LOPES, E. et al. (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 347-367.

LOBO, T.; LUCCHESI, D. Gramática e ideologia. *Sitientibus*, Feira de Santana, n. 5/8, p. 73-81, 1988.

LUCCHESI, D. A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizador: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. In: GROBE, S.; ZIMMERMANN, K. (Org.). *“Substandard” e mudança no português do Brasil*. Lisboa: TFM, 1998. p. 73-99.

_____. *Línguas em contato*. Manuscrito sem data.

MATTOS E SILVA, R. V. Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004. p. 69-108.

MÉTRAUX, A. The Tupinamba. In: STWEARD, J. (Org.). *Handbook of south american indians*. Washington: Government printing office, 1948. p. 95-139.

MONTSERRAT, R. M. F. Línguas indígenas no Brasil contemporâneo. In: GRUPIONI, L. D. B. (Org.). *Índios no Brasil*. Brasília: MEC, 1994. p. 93-104.

MOTT, L. *Bahia: inquisição & sociedade*. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 195-293.

NARO, A.; SCHERRE, M. M. O conceito de transmissão linguística irregular e as origens estruturais do português brasileiro: um tema em debate. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contacto linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 285-302.

PESSOA DE CASTRO, Y. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001. p. 25-47.

_____. A matriz africana no português do Brasil. In: CARDOSO, S.; MOTA, J.; MATTOS E SILVA, R. V. (Org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 81-116.

PETTER, M. M. T. Línguas africanas no Brasil. In: CARDOSO, S.; MOTA, J.; MATTOS E SILVA, R. V. (Org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 117-142.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RODRIGUES, A. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

_____. As línguas gerais sul-americanas. *Laboratório de línguas indígenas*, Brasília, 1996. Disponível em: <<http://www.unb.br>>. Acesso em: 10 ago. 2009.

_____. As outras línguas da colonização do Brasil. In: CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 143-161.

SILVA NETO, S. da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença/MEC, 1979 [1957].

TEIXEIRA, R. As línguas indígenas no Brasil. In: GRUPIONI, L. D. B.; SILVA, A. L. da (Org.). *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995. p. 291-311.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. 3. ed. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VILHENA, L. dos S. *A Bahia no século XVIII*. Salvador: Editora Itapuã, 1969 [1798-1799]. p. 437- 514.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

Recebido em 08/03/2017. Aceito em 31/10/2017.

FIVE HUNDRED YEARS OF BRAZIL'S SOCIAL- LINGUISTIC HISTORY: A RETROSPECTIVE¹

QUINHENTOS ANOS DE HISTÓRIA SOCIAL-LINGÜÍSTICA DO BRASIL: UMA RETROSPECTIVA

QUINIENTOS AÑOS DE HISTORIA SOCIAL-LINGÜÍSTICA DE BRASIL: UNA RETROSPECTIVA

Wagner Argolo Nobre*

União Metropolitana de Educação e Cultura

ABSTRACT: In this article, we traced the five hundred years of Brazil's social-linguistic history, commenting and criticizing moments that we considered crucial along the way. Hence, we began in the 16th century, with the arrival of the Portuguese colonizers, dealing with aspects such as the adoption of *Tupinambá* as the language for the initial contact, together with its consequences. Later in the same century, we approached the arrival of Africans and the linguistic consequences that this important demographic fact would bring to the linguistic contact scene in the following centuries. Finally, we dealt with the Post-Independence Brazilian linguistic situation, emphasizing the remaining indigenous languages, the European and Asiatic immigration languages, which arrived during the 19th century, and the current frame of the Portuguese language in Brazil.

KEYWORDS: Historical Linguistics. Brazil. Multilingualism. Linguistic contact.

RESUMO: Neste artigo, procuramos traçar os quinhentos anos de história social-linguística do Brasil, abordando, comentando e criticando momentos que consideramos cruciais ao longo de tal percurso. Assim, começamos pelo século XVI, com a chegada dos colonizadores portugueses, tratando de aspectos como a adoção do tupinambá, por parte destes, como língua de contato inicial, assim como de suas consequências. Em seguida, ainda no mesmo século, abordamos a chegada dos africanos e as consequências linguísticas que este importante fator demográfico traria para o cenário de contato linguístico nos séculos seguintes. Por fim, tratamos da situação linguística brasileira pós-Independência, com ênfase para as línguas indígenas remanescentes, para as línguas da imigração europeia e asiática, que aqui chegaram no século XIX, e para o quadro atual da língua portuguesa no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Histórica. Brasil. Multilinguismo. Contato linguístico.

¹ Derived from my Master's dissertation *Introduction to the history of the general languages in Brazil: distinct formation processes at the colonial period* (2011), advised by professor Tânia Lobo, from UFBA, and with the financial support of CAPES. To all, I leave my thanks.

* Ph.D. (2015), Ph.M. (2011) and Licentiate (2008) in Letras and Linguistics by UFBA. E-mail: wagner.argolo@gmail.com.

RESUMEN: En este artículo, describimos los quinientos años de historia social-lingüística de Brasil, abordando, comentando y criticando momentos que consideramos cruciales, a lo largo de esa ruta. Así comenzamos por el siglo XVI, con la llegada de los colonizadores portugueses, discutiendo sobre cuestiones tales como la adopción del tupinambá, por su parte, como lengua de contacto inicial, así como sus consecuencias. Entonces, aún en el mismo siglo, nos acercamos a la llegada de los africanos y las consecuencias lingüísticas que este factor demográfico importante traería para el escenario de contacto de lenguas en los siglos siguientes. Finalmente, tratamos la situación lingüística posterior a la independencia de Brasil, con énfasis en los idiomas indígenas remanentes, en los idiomas de la inmigración europea y asiática, que llegaron aquí en el siglo XIX, y en la situación actual de la lengua portuguesa en Brasil.

PALABRAS-CLAVE: Lingüística Histórica. Brasil. Multilingüismo. Contacto lingüístico.

1 INTRODUCTION

In this article, we sought, as the expressed by the title itself, to present a retrospective of the five hundred years of the social-linguistic history of Brazil, having as a guide the course of the Portuguese language that began to be traced in our country, with the beginning of the Portuguese colonization.

This text is divided in different parts that address the facts we considered relevant and indispensable, distributed in their chronological and historical order, as follows: 2. *The coast interlanguage and its adoption by the Portuguese people*; 3. *A very brief information on the three Brazilian general languages*; 4. *Africans begin to be brought to Brazil*; 4.1. *Exogenous influences within the structure of Brazilian Portuguese*; 5. *The current linguistic situation of Brazil*; 5.1. *The current framework of indigenous languages in Brazil*; 5.2. *European and Asian languages that began to integrate the Brazilian language scenario since the 19th century*; and 5.3. *The current framework of the Portuguese language in Brazil*.

Finally, in 6. *Conclusion*, we briefly summarized the article as a whole, so that the facts, analyzes and criticisms exposed are not sparse in the reader's mind.

2 THE COAST INTERLANGUAGE AND ITS ADOPTION BY THE PORTUGUESE PEOPLE

It is important, beforehand, to emphasize we will follow here the generalization of Métraux (1946), who adopts the name “Tupinambá” for all the tribes of the coast and extends it to the main language spoken by these tribes. According to the testimonies of Anchieta (1595) and Cardim (2009 [1583-1601], p. 200), this language – whether as L1 or as L2 – was specifically acquired by the Portuguese in order to break the initial barrier of communication with Tupinambás. For this reason, when we refer to this language, we will also use the term “Tupinambá”, as Rodrigues did previously (1986), though he later abandoned it (1996).

However, as already mentioned, the Tupinambá was not the only language spoken on the Brazilian coast. If today, after such a marked process of glotocide – the number of indigenous languages in Brazil has been reduced, according to Rodrigues (2006), from 1,175 to around 180 languages, currently spoken by around 270 thousand Indians –, the Tupi-Guarani linguistic family still has 21 spoken languages, it is not feasible to think of only one language for the whole coast at the time of the arrival of the Portuguese people, even if it was the most functional language.

Houaiss (1985), on the other hand, estimates in the territory corresponding to the present Brazil, the number of Indians reached 8 to 9 million. Restricting these estimates to the coast, Darcy Ribeiro (2004 [1995]) calculated around 1 million Tupinambás were located there. In this sense, Tupinambá – the mother tongue of tribes of the same ethnic group and related ethnic groups – should function as the interlanguage of the coast, among other languages related to the Tupi-Guarani family. (SILVA NETO, 1986 [1950]).

Thus, considering the immense Indian contingent with which the Portuguese – in an infinitely smaller number – encountered in the first half of the 16th century, it became an unfeasible task trying to impose on the Tupinambás – in an infinitely greater number

– the Portuguese language, one that was completely alien to the natives and to the very needs of intelligibility that the new lands – with fauna, flora and culture very different from the European – demanded.

Silva Neto (1986 [1950]), based on Buarque de Holanda's book *Raízes do Brasil* ("Roots of Brazil"), also adds another plausible explanation – to be combined with the previous one – as to why, in the early days of the colonization of Brazil, the use of the Tupinambá language prevailed: the Portuguese domination, initially, was carried out predominantly by men; because of that, these Portuguese men began to have sexual relations with Brazilian Indians, giving birth to Mameluke children. As the Indian mothers spoke Tupinambá, their children, of course, acquired the language of their mothers as their first language; and, most of the time, as the only language, since it was with the Indian family that they lived socially, as their father's relatives were on the other side of the Atlantic (SILVA NETO, 1986 [1950]).

However, given the extent that the Portuguese colonization in Brazil was taking its course, some actions, carried out by the *donatários* of the captaincies and governors-generals, caused changes in the scenario that prevented the diffusion of Portuguese, easing its gradual implementation process in the Brazilian territory. We have, for example, actions such as the governor-general Mem de Sá's, who, in 1557, eliminated more than 130 villages of the Tupinambás from the Recôncavo Baiano; such as the decimation of the Tupinambás of the Ilhéus and Porto Seguro captaincies²; and such as Pernambuco's grantee's, Duarte Coelho, who decimated the Indians along 300 km of the coast.

Another interesting factor, as far as the linguistic scenario of the first two centuries of European colonization in Brazil goes, concerns other European languages, which were used here, though without leaving major influences. Thus, in the 16th and 17th centuries, Spanish, Italian, English, French and Dutch were spoken in Brazil. But the influence left by these languages, as already mentioned above, has not been characterized as meaningful. French influences, for example, even those of Antarctic France, in Rio de Janeiro (1555-1567), and Equinoctial France, in Maranhão (1612-1615), appear to have left traces only in the local toponymy.

The Dutch, in turn, left the biggest strands in the Northeast. Not in Bahia, where, in 1624, the Dutch, after two unsuccessful attempts, succeeded in overcoming Salvador for a year. But in Pernambuco, Paraíba, and Rio Grande do Norte, because the duration of their occupation was also larger in these regions, where the main Dutch invasion of Brazil occurred, from 1630 to 1653 (FERNANDES, 2017). In these places, there were time and sociolinguistic situations that allowed the contact between the Dutch and the Portuguese people, allowing the influences of the Dutch not to be limited only to the toponymy, but extended, besides the names of places, to the anthroponymy and to the colloquial vocabulary of the Portuguese from those regions.

The Spanish people, from the beginning of the colonization of Brazil, had under their dominion the regions that today make up the South of Brazil: the states of Paraná, Santa Catarina and Rio Grande do Sul. They also took part in colonizing other regions, both as colonists and as missionaries (as it was the case of the Spanish priest, Anchieta). This was probably because the preponderant criterion adopted by the Portuguese for settlers to get to Brazil was not their nationality, but whether they were Catholic or not. (FREYRE, 2002). In this way, the Spanish language "[...] was so familiar in the first century of colonization that several plays represented in São Vicente, Niterói, Vitória or Salvador were written by Anchieta in part or entirely in Spanish". (RODRIGUES, 2006, p. 147).³

Yet none of these European languages became an important communication vehicle in the colonial period.

² We may find such information in 14th and 15th century letters, from Vilhena (1969 [1798-1799]), and in documents transcribed by Mott (2010) in a very rich article on the South of Bahia, what raises serious doubts on the intensity of this decimation.

³ All direct quotations were translated by the author (Editor's Note).

3 A VERY BRIEF INFORMATION ON THE THREE BRAZILIAN GENERAL LANGUAGES

Currently, three general languages are known and outlined in different sociolinguistic contexts. The first ones – the general language of São Paulo and the general language of the South of Bahia –, as a result of the Tupinambá L1 / Portuguese L2 bilingualism, without language shift, whose expansion took place in the mouths of the Mamelukes, mainly from the 17th century, and whose lifespan was already exhausted in the 19th century. (RODRIGUES, 1996; ARGOLLO NOBRE, 2011, see footnote 1).

The third one – the general language of Amazon, currently Nheengatu –, as a result of the process of pidginization, followed by the creolization of Tupinambá, with language shift, during the 17th century, in the state of Maranhão e Grão-Pará, whose expansion occurred in the mouth of the Amazonian Tapuias and whose life time is still far from being exhausted in that region.

4 AFRICANS BEGIN TO BE BROUGHT TO BRAZIL

It is not possible to know exactly how many African languages came to Brazil from 1549 onwards, with the introduction of the first general government by Tomé de Souza until the end of the intercontinental slave trade in 1850, with the promulgation of the *Lei Eusébio de Queirós* (“Eusébio de Queirós Law”).

However, in addition to Petter’s (2006) estimation that 200-300 African languages arrived here, sources – in small numbers but of great value – make it possible to know which languages were present. This is the case of an eighteenth-century document, entitled *Nova obra da língua geral de Minna*, written between 1731 and 1741 by Antônio da Costa Peixoto.

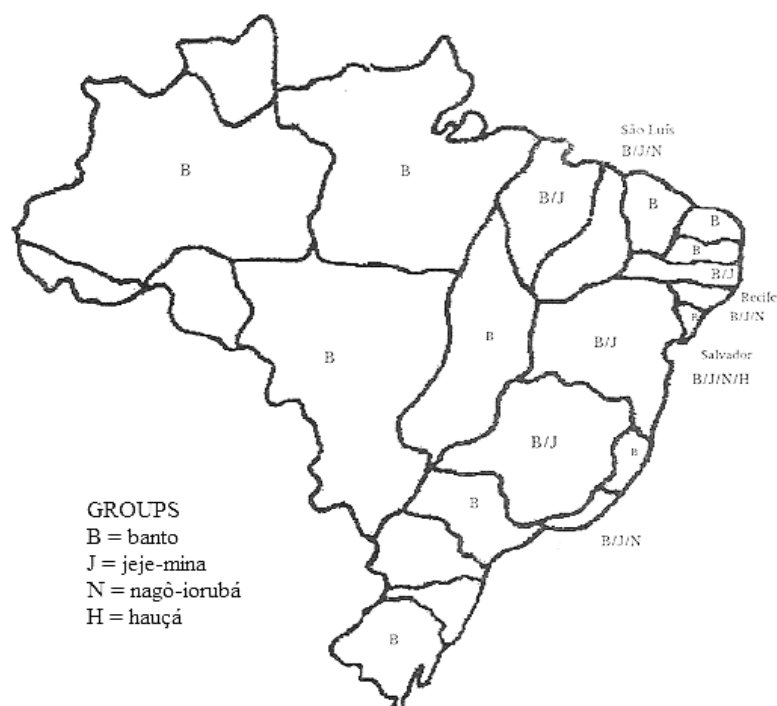
This document is a reflection of a peculiar linguistic situation, observed in the *Quadrilátero Mineiro* (“Quadrilateral Mining”), as it was named in that time, composed by Vila Rica, Vila do Carmo, Sabará and Rio dos Montes, in which 100,000 slaves were concentrated and renewed for about 50 years. Originally from the coast of Mina, between Ghana and Nigeria, this African general language, spoken in Minas Gerais, would be the result of the contact of the slaves’ languages from that region of Africa. According to Petter (2006), it is considered one of the most important documents on African languages in Brazil, due to the fact of witnessing the existence of an African language designated as a “general language” due to a probable analogy with the general languages of indigenous origin.

In 1890, still according to Petter (2006, p. 129), in Salvador, the doctor and anthropologist Nina Rodrigues began his studies on Afro-Brazilian anthropology. Despite admitting he was not prepared to undertake a linguistic study, he still had enough sensibility to elaborate questions that are important for the study of African languages throughout Brazil: 1. “What were the African languages spoken in Brazil?”; 2. “What influences did they have on Brazilian Portuguese?”.

Thus, with respect to the first question, Nina Rodrigues began to contribute to its answer when he collected samples of 122 words from 5 different African languages that were spoken in Salvador: Grunche, Jeje, Hauçá, Canúri and Tapa. With respect to the Iorubá, he affirms it was the most spoken language in Bahia, as much by old Africans as Creoles (slaves born in Brazil) and Mestizos.

But it is Pessoa de Castro (2001) who presents us an objective and enlightening map in which she points out in each state of Brazil which African languages were spoken, and then presenting a table where she organized the occurrences of these languages – on a vertical axis – according to the economic activities to which Africans were forcibly recruited, and distributing them – on a horizontal axis – throughout the centuries of the colonization of Brazil. Let’s look at the map and the picture:

SKETCH OF AN AFRICAN ETHNOLOGICAL MAP IN BRAZIL



main activity	century of massive introduction			
	16th	17th	18th	19th
agriculture	B	B/J	B/J/N	B/J/N
mining			B/J	
urban services				B/J/N/H

Image: Sketch of an African Ethnological map in Brazil

Source: Pessoa de Castro (2001, p. 47)

Thus, according to the information on the map, the languages of the Banto group predominated among the African languages that arrived in Brazil. Let us detail the information:

- In the states of Amazonas, Pará, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Sergipe, Mato Grosso (North and South), in the region that corresponds to the states of Goiás and Tocantins, Espírito Santo, São Paulo and Rio Grande do Sul, the languages of the Banto group were the only African languages spoken;
- In the states of Maranhão, Pernambuco, Bahia (in general) and Minas Gerais, besides the languages of the Banto group, languages of the Jeje-Mina group were also spoken;
- In the state of Rio de Janeiro, besides the languages of the Banto group, the languages of the Jeje-Mina and Nagô-Iorubá groups were spoken;
- In a restricted way, in the capitals of São Luís, Maranhão, and Recife, Pernambuco, languages of the Banto, Jeje-Mina and Nagô-Iorubá groups were spoken. In the capital, Salvador, Bahia, the languages of the four groups indicated by Pessoa de Castro (2001) were spoken: Banto, Jeje-Mina, Nago-Iorubá and Hauçá. Salvador was the most plurilingual city in Brazil concerning African languages.

With regard to the Banto language group, as we could see in the map above, besides the large number of states in which this group was isolated, it was also present in all others, either with the language group Jeje-Mina or with the language groups Jeje-Mina and Nagô-Iorubá, or with the language groups Jeje-Mina, Nagô-Iorubá and Hauçá. Finally, the languages of the Banto group were in all the regions that compose the current territory of Brazil, with few exceptions.

Analyzing the picture where the economic activities are crossed, the centuries in which they predominated and the groups of languages used in each of these activities and each of these centuries, we noticed agriculture was the economic activity that most welcomed African languages during all the centuries of colonization. Thus, the Negroes who were brought to work in this activity spoke, in the 16th century: languages of the Banto group; in the 17th century: languages of the Banto and Jeje-Mina groups; in the 18th century: languages of the Banto, Jeje-Mina and Nagô-Iorubá groups; and in the 19th century: languages also of the Banto, Jeje-Mina and Nagô-Iorubá groups.

Mining, however, only assumed a great importance during the 18th century, and Negroes that spoke languages from the Banto and Jeje-Mina groups were transported to the mining area.

As for the context of the cities, Pessoa de Castro (2001) only exposes to us data related to the 19th century, stating that Blacks used in urban services spoke the languages of the Banto, Jeje-Mina, Nagô-Iorubá and Hauçá groups.

On the Portuguese spoken by the Blacks in Brazil, Petter (2006) affirms the records on this issue are only from the 19th century. Thus, “on the first centuries of colonization no record has yet been found”; only records that travelers have left on the Portuguese spoken by the Blacks are available.

However, Oliveira (2006), in his doctoral thesis entitled *Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico* (“Negroes and writing in Brazil at the 19th century: socio-history, philological editing of documents and linguistic study”), reveals the existence not only of documents that record Portuguese written by Negroes in the 19th century, but also of documents written by these Negroes themselves, attesting that in the 19th century Portuguese was spoken as well as written by Africans and Afro-Descendants. Oliveira edited, among others, fourteen documents written by slaves (thirteen letters and a power of attorney) and fifty-five minutes written by African Blacks released from the *Sociedade Protetora dos Desvalidos* (“Protective Society of the Destitutes”), located in Salvador, Bahia.

From 1831 onwards, the Portuguese spoken by Blacks, nicknamed “xacoco”, began to be registered by the press and by literature. This literary material, besides other written sources, is being analyzed, today, by Alkmim. However, the aforementioned researcher makes the caveat that “[...] these data, in the case of the literary work, should also be considered as artistic creation and, in the case of periodicals, should be analyzed within the framework of stereotypes.” (ALKMIM, 1999 apud PETTER, 2006, p. 130).

In this way, the documents found, related to the 19th century, and to which we refer, show, especially in Salvador, there was an African plurilingualism. In addition, they allow us to verify the existence of a Portuguese peculiar to slaves. (PETTER, 2006).

Since 1930, the focus of linguistic studies on African languages has changed: the attention shifted from the African languages themselves to situations of contact in which these languages have been involved for more than three centuries with the Portuguese language in order to highlight and explain the national identity of the Portuguese spoken in Brazil. (PETTER, 2006).

Studies on the influence of African languages here are systematically inaugurated by the works *A influência africana no português do Brasil* (“African influence on the Portuguese of Brazil”), by Mendonça, and *O elemento afro-negro na língua portuguesa* (“The Afro-Black element in portuguese language”), by Raimundo, both published in 1933. In these works, their authors seek to identify the origin of African blacks transplanted to Brazil, as well as to point out some African influences in Brazilian Portuguese (henceforth, BP). In this way, both Mendonça and Raimundo conclude most of the aspects that characterize BP are the result of contact with the African languages, especially the Iorubá and the Kimbundo.

Two other works deal with this influence. The first, from 1946, entitled *A língua do Brasil* (“The language of Brazil”), by Chaves de Melo; the second, from 1950, entitled *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil* (“Introduction to the study of the Portuguese language in Brazil”), by Silva Neto. Both undertook an internal BP analysis. And let us not forget João Ribeiro, highlighted and quoted by Freyre (2002, p. 437), who affirmed in BP there were “[...] quite profound changes not only in terms of vocabulary, but to the grammatical system of the language [...]”. It should be noted, at the aforementioned vocabulary level, the influence of the Tupinambá, mainly on fauna, flora and toponymy, is given greater importance.

However, the work (now also of documentary value) that perhaps may be considered the most important record of an African language in Brazil is called *Arte da língua de Angola* (“The art of the language of Angola”), published in 1697. Its author, Pedro Dias, was a jesuit, jurist and doctor. This document is a grammar of the Kimbundo, spoken in Salvador by Angolan enslaved, who were estimated by father Antônio Vieira in 23 thousand individuals. The aim of this grammar was to ease the learning of the Kimbundo for the jesuits, since this was necessary for the catechesis of the Blacks who spoke the language. “This document reveals that in the 17th century, in Bahia, where the largest Black population of the time was concentrated, the language used by Black slaves was African”. In fact, the date of writing of the grammar, 1694, reinforces the hypothesis that, at *Quilombo dos Palmares* (“Quilombo of Palmares”), destroyed in 1695, the Kimbundo could have been the common language. (PETTER, 2006, p. 127). Still, it is not the earliest record of what African languages were spoken in that state.

According to the policy of acquiring the language of the peoples they wished to indoctrinate and master, the jesuits wrote grammars in the languages of the potential catechumens, as well as catechisms, in order to – after literalizing them into a writing system created by themselves – get them into Christian doctrine. As for the initiation of the peoples subdued in Christian doctrine, the catechisms were used. The grammars, which they elaborated in the languages of those who wished to convert to the “true faith”, were mainly intended for the members of the Order themselves, who used them to learn the languages described and framed in the Latin grammatical tradition. This is probably the case with the grammar of the Kimbundo, to which Petter (2006) refers.

However, as regards the use of African languages in the elaboration of jesuit catechisms, Martins Terra (1988 apud CASIMIRO, 2008) gives us information about its existence in 1580. This catechism was written in a context in which, according to Casimiro (2008), slaves initiated in the Order in Brazil realized interchanges with slaves initiated in the Order in Angola. In this way, some Black students of the Colony of Luanda contributed in Brazilian lands, in order to work in the missions here. These adventitious missionaries were responsible for the *Arte da língua de Angola*, published in Lisbon in 1697, and written by Pedro Dias – to which Petter (2006) refers –, by the *Catecismo na língua dos Ardas* (“Catechism in the language of the Ardas”) – whose exact date Martins Terra does not offer, but leaves implicit to be from the same time of the *Arte da língua de Angola* –, written by Manuel de Lima, and finally by the translation to an African language not specified by Martins Terra, of the *Doutrina Cristã* (“Christian Doctrine”), carried out by Baltazar Fernandes in the year 1580; that is to say, 117 years before the edition of the *Arte da língua de Angola*, by Pedro Dias.

Some African languages, which arrived in Brazil almost 500 years ago, survive as a way of speaking that is peculiar to an age group or to groups of people dedicated to certain activities. These languages are no longer syntactically full, but the result of a long contact with the Portuguese language, currently depending on its syntax. Its main functions are: use in religious rituals; and use as a “secret” language for recreational purposes. They can be identified in Black rural communities, composed by descendants of slaves, like Cafundó – in São Paulo, Brazil – and Tabatinga – in Minas Gerais, Brazil.

The candomblé religion, whether in Brazil or in Africa, uses, as its languages, the Iorubá, which is the main one, as it is in all candomblés, the Eve-Fon, the Kimbundo, the Kicongo and a mixture of Mina-Nagô languages (PETTER, 2006). As regards the use of African languages in candomblé, it is worth noting the observation made by Pessoa de Castro (2001, 2006), regarding the “methodological continuity”, which she criticizes, stating the emphasis given to the study of African languages in candomblé *terreiros*, especially those studied by Nina Rodrigues, led internationally renowned scholars, such as Roger Bastide and Pierre Verger, to attribute to Iorubá merits that actually belong to other African languages.

4.1 EXOGENOUS INFLUENCES WITHIN THE STRUCTURE OF BRAZILIAN PORTUGUESE

Considering that, in order to have the aforementioned exogenous influences, we must necessarily take into account the previous diffusion of the Portuguese language over our territory, we will quickly expose how such diffusion took place, using two paths that we consider valid of having occurred:

a) Through *spontaneous* diffusion of the Portuguese, mostly in its popular variety, spoken by Africans and Afro-Descendants, and that was displaced throughout vast regions of the national territory, according to the need of manpower that appeared in different regions, linked to the interests of the various economic cycles that characterized the colonial Brazil, namely: sugar-cane (16th and 17th centuries in the Northeast and part of the Southeast), gold and diamonds (17th and 18th centuries in Minas Gerais, Mato Grosso and Goiás) and coffee (19th century in the Southeast). (MATTOS E SILVA, 2004). It should be noted, however, Indians and Mamelukes, natives of the regions where these economic cycles flourished, were also spontaneous diffusers of Portuguese as a second language, in a situation of bilingualism with their native pre-colonial languages and with the general languages.

b) Through *planned* diffusion of the Portuguese, mainly in its school variety, which was carried out, mainly, through the measures foreseen in the Pombaline Directory from 1757-1758, translated, among others, in the elevation of a large number of small villages to villages, to which it was appointed directors of Indians, who were to administer and impose on them the use of the Portuguese language over local languages, by building schools. (RODRIGUES, 2006). Although this path presented a weaker effect in the diffusion of the Portuguese language in Brazil, it cannot be neglected, though as a complement to the first one exposed above.

Regarding the consequences of the linguistic contact in the structure of BP – the object of this subitem –, we hold on some considerations made by Lucchesi (1998, 2012) on how BP assumed its current polarized character – divided into a popular pole and a cult pole –, using the previous distinction between cult norm and standard norm that, along with Lobo (1988), helped to develop, rationalizing knowledge taken from previous experiences, such as the NURC project, coordinated by Castilho in the 1970s.

In this way, Lucchesi and Lobo (1988) quite clearly propose the distinction between cult and standard norm, defining the cult norm as the speech patterns observed in the most schooled social classes of the Brazilian population and the standard norm as the linguistic standards crystallized in traditional grammars. This distinction is justified by the discrepancy found between traditional models that the school seeks to convey and the models that are actually used by the more schooled segments of society and would have been triggered by the nationalist stance that gained clear features in Brazil during Post-Independence Romanticism, from 1822, and was concretized one hundred years later, during the *Semana de Arte Moderna de São Paulo* (“Week of Modern Art of São Paulo”), reflecting on the cultural and linguistic patterns of schooled Brazilians.

The cult norm and the standard norm, in turn, would be in opposition to the popular norm, used by less favored segments, in socioeconomic terms, of the Brazilian society.

Lucchesi (1998) argues when we understand the socio-historical process of formation of the popular norm and the cult norm of BP we begin to make use of an instrument of great value for the understanding of its current linguistic reality.

Thus, in order to delineate this reality, he locates, at one pole of the BP speech community – located mainly in coastal cities – the cult norm, “[...] where one can observe a certain direction of change, to which converge judgments of value that its members exhibit over the competing forms of expression that characterize their linguistic variables”, such as the tendency toward stable variation at high levels in the application of the verbal agreement rule in the 3rd person plural, verified by analyzing the apparent time, and considering the elderly, adults and young people, with, respectively, 98%, 93% and, again, 93% of application of the mentioned rule (LUCCHESI, 1998, p. 74, 2012).

At the other pole, located mainly in the rural zone, he locates the popular norm, “[...] where there are significant processes of changes in progress, which in many cases exhibit a direction opposite to that observed in the cult norm.” These processes “[...] refer to an earlier scenario of drastic changes that have taken place in the grammar of popular segments throughout the linguistic formation of Brazil [...]”, because “[...] the conditions of slave work in the sugar-cane plantations, in the mining zone and in the coffee plantations,

successively in the 16th, 17th, 18th and 19th centuries, developed typical situations of pidginization and creolization [...]” (LUCCHESI, 1998, p. 74-78) or situations that are framed into the larger scenario of irregular linguistic transmission.

In these situations, if the demographic proportion of the linguistic community is at least of 10 dominated, speakers of languages unintelligible among themselves, to 1 domineering, speaker of the target language, we have the necessary conditioning for the pidginization and creolization of the latter among the members of the dominated population – which necessarily involves the erosion and the subsequent original reassembling of its grammar, giving rise to a new language. However, if the proportion is less than 10 to 1, we have the conditioning that will only result in the formation of a new target language variety. In both cases, irregular linguistic transmission more readily affects the personal-number morphemes of verbs and the morphemes responsible for number and gender agreement in the noun phrase, either by eliminating them in the most extreme cases or by provoking a variation in its application, in milder cases – in the latter, the gender morpheme is generally preserved. However, if the dominated speech community, after irregular linguistic transmission, has more access to the target language, the marks of the precarious acquisition tend to be lost, giving rise to the acquisition of its morphosyntactic mechanisms, being the language of greater social prestige. (LUCCHESI, 2012).

For instance, considering the same analysis in the apparent time, Lucchesi (2012) finds that among the speakers of the popular norm, instead of a tendency to the stable variation in the application of the rule of verbal agreement in the 3rd person plural, whose results we have exposed above, there is an appreciable and progressively higher percentage in the application of this rule, as long as we compare the elderly speakers’ percentage of application with the adults and young’s ones, at the levels of, respectively, 10%, 14% and 22%, in a table characteristic of change in progress towards the acquisition of the rule.

Moreover, in isolated Afro-Brazilian rural communities, such as *Helvécia*, at the south of *Bahia*, in addition to the characteristics present in Brazil’s popular norm as a whole, such as the aforementioned variation in the application of the rule of verbal agreement in the 3rd person plural, we have a framework of variation in the verbal agreement that also affects the 1st person singular and, within the scope of the nominal phrase, a variation that reaches the application of the rule of agreement of gender between the determinant and the nucleus. Both the variation in verbal agreement in the 1st person singular and the variation in nominal gender agreement are absolutely uncommon in the rest of Brazil – except in a few isolated Afro-Brazilian communities, which had a socio-historical process of formation similar to *Helvécia* and in recent cases of the 20th century, such as that of the Indians of the *Alto Xingu*, as it will be seen below.

These factors, evidenced by empirical research and reinforced by socio-historical data, lead us to believe that in *Helvécia* the scenario of irregular linguistic transmission of Portuguese to the local enslaved population was even more pronounced than in the rest of Brazil (in the context of the popular norm). An important factor in this sense is the demographic proportion between dominated and domineering, which, in the case of *Helvécia*, was, respectively, 10 to 1 – as we have seen, a reference proportion for the initiation of processes of pidginization and creolization –, while in Brazil in general, this ratio was 10 to 3, respectively – thus inhibiting processes of pidginization and creolization, but sufficient to allow the appearance of a new target language variety, that is, BP popular norm.

4.1.1 Another important point of Lucchesi’s (2012) considerations lies in the assertion that the understanding of the nature of the processes of change that we can observe in popular Portuguese also contributes to the understanding of the changes occurred in the cult norm, thus contributing to the characterization of BP as a whole.

This is because the rural exodus – a social phenomenon that strongly affected Brazil in the first half of the 20th century – provoked an inversion of the country’s demographic characteristics, making eminently urban – and even more socially stratified – a territory that, in the colonial period, was eminently rural, making the popular Portuguese, spoken in the lower strata of Brazilian population, to interact closely with the cult Portuguese, spoken in the highest strata of the same population, through, for example, the labor relations that imply intense contact and lasting relationship between people from these two social classes, such as the relationships between domestic workers – often illiterate or semi-illiterate who migrated from the countryside to the city – and bosses – usually with high schooling and born in the cities.

In addition, Lucchesi (1998, 2012) uses demographic data on the aforementioned European immigrants – including, however, the Asians – who, in number of more than three million, arrived in Brazil between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century.

Having entered in the base of Brazilian social pyramid, working in the rural zone, and acquired BP in its popular variety, these immigrants, due to a strong tradition of schooling that, in some cases, they had from their countries of origin, quickly ascended in the social pyramid, taking with them some of the structures of popular Portuguese. Thus, by entering the middle and upper classes of Brazilian population, they allowed, through the doors they opened, the entrance of popular Portuguese in these same social strata, speaker of the cult Portuguese, accentuating the normative interaction and contributing even more to the distance between the cult norm of BP and the cult norm of European Portuguese (hereafter EP).

Teyssier (2007), however, disagrees the main cause of the changes that characterize the popular norm – and through it reaching the cult norm, helping to characterize the contemporary BP as a whole – has been the contact with African languages, when he affirms the characteristics of BP reflect, in fact, influences of the African substrate that precipitated the already latent drift present in the Portuguese language since its origin.

But it is from the linguists Naro and Scherre (2003) that there is now a greater opposition to the influence that Baxter and Lucchesi (2006) attribute to the African languages, the main responsible for the current characteristics of BP, especially with respect to its popular norm.

Thus, they seek to demonstrate that the characteristics of the irregular linguistic transmission of Portuguese in Brazilian lands – such as the wide range of variation in the number agreement and, to a lesser extent, in the gender agreement in the popular norm – actually existed in EP even before its arrival in Brazil and, in parallel, nowadays, continue to occur in Lusitanian territory.

For this, they used written examples of the pre-sixteenth-century EP (when the Portuguese people began the colonization of South America), present in the texts *Vida e feitos de Júlio César* (“Life and feats of Julius Caesar”), *Diálogos de São Gregório* (“Dialogues of St. Gregory”) and *A demanda do Santo Graal* (“The Quest for the Holy Grail”), and of written EP from the newspaper *Correio da Manhã* – which shows an even greater variation in speech – in which we have examples of the non-realization of verbal agreement of number. Regarding the gender agreement of EP, they cite examples in spoken language taken from Mira (1954) and Ratinho (1959). (NARO; SCHERRE, 2003).

On the consequences of this loss of morphology, as pointed out by Lucchesi (w/d), like the increase in the realization of the pronominal subject, in order to compensate the wide variation in the use of the personal-number endings of verbs in Brazil’s popular norm – and that would be an indication of irregular linguistic transmission, since the realization of the pronominal subject, contrary to Naro and Scherre’s claims, is a characteristic of Creole languages –, these authors argue in the opposite sense, because, according to data obtained by them within the speaking of 17 illiterates from Rio de Janeiro, there was a greater occurrence of pronominal subject precisely in situations where the verbs presented the plural morphology: 59% of “eles falaram” against 53% of “eles falou”. (NARO; SCHERRE, 2003).

Based, then, on the results exposed, Naro and Scherre concluded that *marks lead to marks and zeros lead to zeros*, because the percentage of realization of the pronominal subject was greater in cases where there was the plural mark in the verb with which this subject performed the agreement, whereas the percentage of achievement of the pronominal subject was lower in cases where there was no plural mark in the verb (absence of plural mark = zero) with which the subject was in agreement.

Thus, having as base of argumentation the occurrence of the variation of number and gender agreement – between verb and subject, between elements of the NP and between predicative and subject – also in EP, before the 16th century and even today, and the alleged fact that the tendency towards the realization of the pronominal subject would have no relation to the loss of verbal morphology due to the irregular linguistic transmission of Portuguese in the colonial period, Naro and Scherre (2003) affirm the current characteristics of the popular BP norm, in fact, would already be present in the language system ever since and that here in Brazil the

process of irregular linguistic transmission would have only intensified those characteristics already inherent to the Portuguese language system, which “navigated” through its structure, with no definite direction throughout the centuries, as a “drifting boat”, hence the analogy made by naming this process.

The authors’ argumentation, despite very well formulated, runs counter, however, to the linguistic phenomenon of dative alternation, related to the complementation of direct and indirect transitive verbs, observed in the popular variety of Portuguese spoken by the older members of the Afro-Brazilian community of Helvécia. This type of structure is characterized by the order V (verb) + IO (indirect object) + DO (direct object), with the elimination of the preposition before the IO, in contrast to the categorical structure of Portuguese language, characterized by the order V + DO + IO, and “[...] is not attested in any past stage of the evolution of Portuguese [...]”, forming an example of an original restructuring of grammar, which finds parallels with the Creoles of Guiné-Bissau and São Tomé e Príncipe. (LUCCHESI, 1998, p. 91-92; LUCCHESI, 2003, p. 281).

Still on the dialectic between the two lines of reasoning, which seek to explain the formation of the popular BP norm (and, indirectly, the characteristics of BP as a whole, in contrast to EP), the position defended by Baxter and Lucchesi (2006) finds another important parallel in pidginized Portuguese, spoken by the indigenous peoples from the *Alto Xingu* Reserve, in the state of Mato Grosso, named by Emmerich and Paiva (2009) as *Português Xinguano*.

In 1940, Marshal Rondon, in an expedition financed by the *Fundação Brasil Central* (“Central Brazil Foundation”), known as *Roncadour-Xingu*, set out to clear the Brazilian rural areas with two purposes: to build Brazilian telegraph lines and to establish contact with the Indians of the *Xingu*, whose interaction with the Brazilian society was very small, if nonexistent.

During the expedition’s passage through the region, the siblings Orlando, Leonardo and Cláudio Villas-Bôas decided to settle there, inaugurating a systematic contact with the indigenous peoples of the *Xingu* (in the case of some of these peoples), and re-establishing contact with others (in the case of peoples who, in the distant past, had already contacted the Jesuits).

The result of this contact established between the Villas-Bôas siblings and the peoples named Kamayurá, Aweti (speakers of Tupi-Guarani languages), Waurá, Mehinaku, Yawalapiti (speakers of the Aruák language), Kalapalo, Kuikuro, Matipu (speakers of languages of the Karib family) and Trumái (an isolated language) was the formation of a pidginized Portuguese, used in the communication between the various ethnic groups and the Villas-Bôas siblings. (EMMERICH; PAIVA, 2009).

However, with the arrival of naturalist researchers from the National Museum, doctors from the *Escola Paulista de Medicina* (“Paulista School of Medicine”) and with the installation of a group of the Brazilian Air Force in the region, the indigenous groups, then, could access structures of the target language – that is, the native and cult BP without grammatical erosion –, a fact that unleashed a process that came to be characterized as a continuum of several levels of Portuguese competence spoken by these Indians, from the pidginized level, which emerged at the beginning of the contact and was used by the older speakers, to the level where some of these Indians could be considered bilinguals in their mother tongue and in Portuguese, represented by the younger Indians. Thus, due to the greater insertion of these Indians in the Brazilian society, the Portuguese that was the result of a process of pidginization, nowadays, undergoes an inverse process of depidginization. This is because shortly after grammatical erosion the access to the structures of the target language increased, making no room for an original grammatical restructuring process, so that the situation of inter-language contact in the *Alto Xingu* resulted in non-formation of a language that is qualitatively distinct from Portuguese and other Indigenous languages of the region, but rather the formation of a new variety of Portuguese, in an analogous manner to what occurred in the popular varieties of Portuguese spoken in isolated Afro-Brazilian communities descendant from ancient *quilombos*, like the community of Helvécia.

In addition, Emmerich (2009, p. 157-161), when performing intralinguistic studies in *Português Xinguano*, already in process of depidginization, found phenomena, resulting from the contact, which resemble phenomena of the Portuguese of Helvécia, such as the “neutralization of the first and third person singular” and the fact that “the elements farther to the left of the nucleus tend to receive more plural marks than the elements to the right of the nucleus”.

We can also note the similarities between *Português Xinguano* and Helvécia Portuguese in the very fact that there is a continuum of linguistic competence, both in one variety and the other, and that can be perceived through a study in apparent time, which reveals a degree of ascending morphological competence in the use of Portuguese, as linguistic data are analyzed in relation to younger speakers.

Emmerich and Paiva (2009, p. 157) even compare the situation of the Portuguese of contact of the *Alto Xingu* with the variety of Portuguese that emerged in Helvécia, when they affirm, finally, the simplifications verified in these varieties “[...] approximate to characteristic aspects of Creole varieties of Portuguese”.

In this way, we have seen that the *Português Xinguano*, which underwent a recent process of pidginization – which could be more readily verified, because in the older speakers of the *Xingu* it is still possible to verify in loco the Portuguese with characteristics of a pidgin language –, presents characteristics similar to the variety of Helvécia Portuguese, which points to the confirmation of the hypothesis that, in cases in which the Portuguese language came into contact with Indigenous and African languages in the colonial period, the same process of pidginization may have occurred.

Therefore, in our view, denying the role of irregular linguistic transmission as the main responsible for the current structural characteristics of popular BP (and, indirectly, of BP as a whole) is to “shut the eyes” to a whole history marked by the violent Portuguese colonization in Brazil, as this historical context precisely defined the sociolinguistic conditions identified by creolistics as propitious to processes of pidginization and creolization of a language, such as the enslavement of Indigenous peoples in the *Estado do Maranhão e Grão-Pará* (“State of Maranhão and Grão-Pará”), and mainly of the enslavement of large African contingents, in the case of the State of Brazil, which were concentrated in the sugar-cane plantations in the beginning of the colonization in real pluri-ethnic and plurilingual agglomerations.

5 THE CURRENT LINGUISTIC SITUATION OF BRAZIL

5.1 THE CURRENT FRAMEWORK OF INDIGENOUS LANGUAGES IN BRAZIL

In order to emphasize Brazilian linguistic plurality, an interesting comparison by Teixeira (2004) underlines how Australia is a territory in which about 200 languages are spoken, but almost all of them belong to the same linguistic family, unlike Brazil, whose approximately 180 indigenous languages belong to 35 different language families.

This great linguistic diversification of South America can be attributed, according to Teixeira (2004), to the long period of isolation by which the groups that inhabited the American continent passed, since it is deduced that the inhabitation of South America began, at least, 10,000 years ago, which allowed the indigenous languages here to have at least this long period to be distinguished and to multiply. Thus, thanks to the Brazilian languages’ isolation, some of them could preserve characteristics that linguists thought did not exist in the languages of the world. This is the case of the Hixkaryana and Nadb languages, which organize their sentences beginning with the object (TEIXEIRA, 2004, p. 293).

The four largest groups of Indigenous languages in Brazil are the Tupi and Macro-Jê branches, and the Aruák and Karib families. They are distributed by large territorial extension and are integrated by a great amount of languages; there are also smaller families, which have fewer languages and are distributed over a smaller territorial extension; and there are isolated languages, named as such because they are not related to other Brazilian Indigenous languages. In this way, we could say they constitute families of a single member, that is, themselves (MONTSERRAT, 1994).

The Tupi branch includes the Tupi-Guarani family, which, having a large number of languages, extends over a large part of South America. Only in Brazil, 21 languages of this family are currently spoken. This branch also includes other smaller families.

With regard to the Macro-Jê branch, the evidences that may lead to establish kinship among the languages to be considered as its members are not so certain. The most important family that this branch includes is the Jê family – whose languages are spoken from southern Maranhão and Pará to Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina and Rio Grande do Sul –, which is subdivided in four other groups: Timbira, Kayapó, Akwén and Kaingáng. As for the affiliation of other families to the Macro-Jê branch, this is a still diffuse subject, since there is nothing more than indications. Even because the very constitution of the Macro-Jê branch is still hypothetical. (MONTSERRAT, 1994, p.96).

Karib is among the four largest groups of Indigenous languages in Brazil, as mentioned above. However, because this group includes languages with great similarities, Rodrigues (1985 apud MONTSERRAT, 1994) considers it a family, not a branch. The languages that integrate it are concentrated in the region of the Guianas, including the French Guiana, Suriname, Guiana, the Venezuelan Guiana and the Brazilian Guiana. In Brazil, 21 Karib languages are spoken, mostly distributed in the north of the Amazon River, Amapá, northern Pará, Roraima and Amazonas. Rodrigues points out a possible link between the Tupi, Jê and Karib languages. “This could then mean that there was a remote ancestor, common to the three largest language groups in Brazil: Karib, Tupi and Jê.” (MONTSERRAT, 1994, p. 97).

In relation to the group Aruák, this also was considered a branch, that comprised the Aruák and Arawá families. However, based on recent data, Rodrigues (1985 apud MONTSERRAT, 1994) prefers to consider it not an Aruák branch, which includes the Aruák and Arawá families, but only the latter two, without affixing them to a common linguistic branch, and referring to them only as the Aruák family and the Arawá family.

The languages of the Aruák family are spoken in Brazil (from the Guiana region to the west of Mato Grosso and Mato Grosso do Sul), Bolivia, Peru, Ecuador and Venezuela. According to Urban (1992 apud MONTSERRAT, 1994), this family exists for about 3,000 years, with the north-central part of Peru being the area from which the dispersion of the Aruák family languages probably began.

In the states of Amazonas and Acre, there is the Arawá family, which currently comprises only four very similar languages: Kulina, Dení, Yamamadí and Paumari.

The smaller linguistic families probably have less than 3,000 years of existence, and cover a greater territorial concentration, generally located in the periphery of the Amazon basin (MONTSERRAT, 1994).

Among the isolated languages, Tikuna is an exception because it has more than 20 thousand speakers. Still in relation to these isolated languages, and including very small families, Urban (1992 apud MONTSERRAT, 1994) raises the possibility of existing three points in South America from where they originated their dispersions: the Brazilian Northeast; the West of Brazil, including part of Bolivia; and Northern Peru and Ecuador.

In addition to Tikuna, the other isolated Indigenous languages – that is, those for which no kinship was identified so that it could allow them to be grouped into families and branches – still spoken in Brazil are: Aikaná, Koaiá (Arara), Kanoê (Kapixaná), Jabuti, Arikapú, Mky, Trumái, Awakê and Máku.

Concerning Northeastern Brazil, with the exception of Pernambuco and Maranhão, there are no more minority languages in the region. Thus, in Pernambuco the native language Yatê is spoken by the Indians Fulniô, from Águas Belas; and in Maranhão the indigenous languages Guajajara, Guajá, Ka'Apóre, Timbira and Mbyá are spoken.

5.2 EUROPEAN AND ASIAN LANGUAGES THAT BEGAN TO INTEGRATE THE BRAZILIAN LANGUAGE SCENARIO SINCE THE 19th CENTURY

From the 19th century onwards, in the South and Southeast of Brazil, the arrival of a large number of immigrants from various ethnic groups begins. A more intense immigration in these regions contributed to turn more evident the ethnic pluralism in these areas. Some of these groups of immigrants were Italians, Germans, Polish and Japanese that, meeting in population nuclei, with a strong ethnic-cultural characterization, mainly in rural areas, ended up, therefore, getting more visibility by the rest of Brazil. (KREUTZ, 2000).

The settlers who arrived in Brazil to work as substitutes of the enslaved labor force in the 19th century sought to maintain some form of ethnic identification, which used to be reflected in the continued using of the mother language, in the religious organization and in the formation of associations and schools, although the so-called ethnic schools of stronger cultural tradition only emerged between the late 19th century and the early 20th century.

But ethnic schools were not created solely as a result of the immigrants' concern to preserve their cultural traditions. Many of them were already literate and came from their countries with a strong school tradition. For this reason, aware of the importance of school, and not finding public schools in the regions where they settled, community schools were implemented.

As for the reasons that led the Brazilian government to encourage immigration, Kreutz (2000, p. 349) presents them: 1. The example of what occurred in the United States, where immigration has produced good results in terms of economic and social development for the country; 2. "Immigration has also begun to be a way of guaranteeing the occupation of geographical space, especially in the Southern region, in constant conflict with the River Plate countries"; and 3. The racial issue, as it is alleged that Brazilian government gave preference to European immigrants because it would be initiating the process of "whitening" the country.

Although the state preferred heterogeneous ethnic groups, the immigrants themselves converged in concentrations, in order to facilitate their religious, social and school organization.

If we consider the demographic importance of the immigrants who arrived in Brazil, in descending order, we have: 1. Italians; 2. Spanish; 3. Portuguese – already under the laws of independent Brazil; 4. Japanese⁴; and 5. Germans (KREUTZ, 2000).

With regard to the Polish, an assessment of their contingent becomes difficult, because many were classified as Russians, since Poland, at the time, was under Russian rule.

When immigrants began to arrive in Brazil, the world was experiencing the moment in which their countries sought the affirmation of a nationality, having as its mainstay the political and cultural unit. With Brazil, it was not different. Therefore, the context of the formation of a nationality here was based on such tendencies, which also implied linguistic unit. "A desired collective was sought, the universalization in the concept of people and nation was operated at the expense of cultural specificities and differentiations." (KREUTZ, 2000, p. 351).

Thus, the school system was supported by cultural uniformitarianism, which included the use of the Portuguese language only, and that would have as one of its functions its diffusion, as part of a project to strengthen the Brazilian national identity.

Ethnic schools of immigrants should be analyzed within this perspective, because, depending on the orientation of each state of the Federation, in the sense of imposing a national identity, such schools were favored or not.

In 1890, when more immigrants arrived in Brazil – about 1 million and 200 thousand – the public school system was deficient to the point where the country had more than 80% of illiterates. This situation led immigrants to pressure on the state in order to create more public schools. The more homogeneous nuclei of immigrants, however, instead of asking for the creation of new schools,

⁴ With 400 thousand speakers, it is the most numerically significant linguistic minority in Brazil. (RODRIGUES, 2006).

sought to fill this gap by creating ethnic schools, strongly identified with their cultural roots, solving this problem more quickly: “These ‘German’, ‘Italian’ and ‘Polish’ colonies, isolated for a long time, having little contact with the national population, have undertaken to broad community structure to support the school process [...], with characteristics of the countries of origin”. (KREUTZ, 2000, p. 354).

From the 1930s onwards, ethnic schools became viewed with hostility by the State, owing to the nationalist tendency that Brazil was going through. Thus, “in 1938-1939, at the time of compulsory nationalization, [ethnic schools] were closed or transformed into public schools by means of a sequence of nationalization decrees”. (KREUTZ, 2000, p. 354).

However, immigrants themselves, regardless of the process of compulsory nationalization, were already undergoing another process, triggered by themselves, with internal and external motivations, in order to begin giving preference to Brazilian public schools. As an internal motivation, parents and students felt the need for a better Portuguese language proficiency, so that they could acquire the conditions to compete with better chances in the job market.

As an external motivation, we have the transport and communication revolution, which removed the regions, where the immigrants were settled, from the previous isolation into which they were immersed. Thus, being forced to interact with the rest of the country, in which Portuguese was already broadly spoken, they understood the need that the better learning of that language represented. For this reason, Kreutz (2000, p. 367) states “measures of compulsory nationalization of education have only precipitated a process of undergoing transformation.”

The richness of data, presented in a clear and objective way by Kreutz (2000), allows us to have a precise notion of which other languages – besides Portuguese and the average of 180 Indigenous languages – became part of the – already located – multilingual scenario of Brazil. This allows us to have a precise notion, as well, of how Portuguese – whether by official paths or by the attitude of the immigrants themselves – became hegemonic among these immigrant groups that landed in Brazil, with their respective languages, from the 19th century onwards, though bilingualism – at least domestically, between their native languages and Portuguese – still remains among these groups.

5.3 THE CURRENT FRAMEWORK OF THE PORTUGUESE LANGUAGE IN BRAZIL

In subitem 4.1 of this article, we dealt with the diffusion of Portuguese in Brazil, presenting the hypotheses, which we consider to be complementary, of Mattos e Silva (2004) and Rodrigues (2006), in order to explain how the polarization process of the Portuguese language in Brazil took place, as Lucchesi (1998, 2003, 2012) considered it, and how this polarization started to fade because of the close and prolonged contact between the cult norm and the popular norm, as a result of the rural exodus and the rise of European and Asian immigrants to the socioeconomically privileged strata of Brazilian population.

With the migration of a large contingent from the rural zone to the urban zone, the two norms, cult and popular, found themselves and were redistributed diastatically throughout the Brazilian social pyramid, because the people from the rural zones, when arriving in the cities, began to exercise socially disadvantaged functions, beginning to thicken the contingent of the base of this pyramid. Thus, they became the depository of the popular norm, while the members of the top of the pyramid – who were already there and, there, remained – became the custodians of the cult norm, as we have seen. Hence Teyssier’s statement that, in Brazil, dialectic work should be more vertical than horizontal, that is, more multidimensional than one-dimensional (2007).

Without disagreeing with Teyssier (2007), regarding the greater relevance of a multidimensional dialectology, we must, however, disagree – without leaving the multidimensional bias – with the affirmation that the diastatic variations should have prevalence of analysis over the diatopic variations, since, as we can see in Cardoso (2006) – one of the authors of the first *Atlas Linguístico do Brasil* (“Linguistic Atlas of Brazil”), completed and published in 2014 –, the variation “[...] reaches Brazilian Portuguese in the horizontal plane, diversifying regions and areas, characterized by major or minor amplitude [mainly at the phonetic level], and in the vertical

plane, indicating particularizing traits of uses of the different social strata [mainly at the morphosyntactic level] [...]" (CARDOSO, 2006, p. 376), making it clear that both diatopic and diastratic variations reflect the reality of the BP.

In this case, according to the author, in order to have a precise idea of the Brazilian dialectal framework, it is necessary to deepen the empirical observations in all levels of variation of the Portuguese language, both in the diatopic axis and in the diastratic axis, not presenting conclusions based on empirical data that reflect only a certain level of variation and a single dimension of variation, otherwise the Brazilian dialectal framework will be traced with inaccuracies.

6 CONCLUSION

In this article, we tried to approach, simultaneously in a succinct and broad way, the points that we consider the main ones so that we could expose a panoramic view of the five hundred years of Brazil's social-linguistic history.

Thus, we began with the arrival of the Portuguese people in the 16th century, exposing the way through which they broke the initial linguistic barrier with the Autochthonous, passing through the formation of the three Brazilian general languages, by the process of enslavement of Africans in our territory – emphasizing the importance of the consequent linguistic contact provoked by this process – as well as by the current dialectal framework in Brazil, including both the remaining national Indigenous languages and the European and Asian languages which arrived here in the first half of the 19th century and which still persist as linguistic minorities, although they were not recognized by the 1988 Federal Constitution as national languages. In this way, we hope to have provided the reader a basic knowledge of both the historical course of the BP and the elements that constituted and strongly determined this course.

REFERENCES

- BAXTER, A.; LUCCHESI, D. Processos de crioulização na história sociolinguística do Brasil. In: CARDOSO, S.; MOTA, J.; MATTOS E SILVA, R. V. (Org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 163-218.
- _____. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 101-124.
- CARDIM, F. *Tratados da terra e gente do Brasil*. São Paulo: Hedra, 2009. p. 173-217.
- CARDOSO, S. Diatopia e diastratia no português do Brasil: prevalência ou convivência? In: CARDOSO, S.; MOTA, J.; MATTOS E SILVA, R. V. (Org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 359-380.
- CASIMIRO, A. P. B. S. Apontamentos sobre a educação no Brasil colonial. In: LUZ, José Augusto; SILVA, José Carlos (Org.). *História da educação na Bahia*. Salvador: Arcádia, 2008. p. 17-50.
- EMMERICH, C.; PAIVA, M. da C. de. Português xinguano: origem e trajetória. In: CARVALHO, A. M. (Org.). *Português em contato*. Madrid: Iberoamericana, 2009. p. 153-164.
- FERNANDES, F. R. Invasões holandesas no Brasil. *InfoEscola*, 2016. Disponível em <www.infoescola.com/historia/invasoes-holandesas-no-brasil/>. Acesso em: 03 mar. 2017.
- FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

HOUAISS, A. *O português no Brasil*. Rio de Janeiro: Unibrade – Centro de cultura, 1985. p. 46-68.

KREUTZ, L. A educação de imigrantes no Brasil. In: LOPES, E. et al. (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 347-367.

LOBO, T.; LUCCHESI, D. Gramática e ideologia. *Sitientibus*, Feira de Santana, n. 5/8, p. 73-81, 1988.

LUCCHESI, D. A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizador: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. In: GROBE, S.; ZIMMERMANN, K. (Org.). *“Substandard” e mudança no português do Brasil*. Lisboa: TFM, 1998. p. 73-99.

_____. *Línguas em contato*. Manuscrito sem data.

MATTOS E SILVA, R. V. Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004. p. 69-108.

MÉTRAUX, A. The Tupinamba. In: STWEARD, J. (Org.). *Handbook of south american indians*. Washington: Government printing office, 1948. p. 95-139.

MONTERRAT, R. M. F. Línguas indígenas no Brasil contemporâneo. In: GRUPIONI, L. D. B. (Org.). *Índios no Brasil*. Brasília: MEC, 1994. p. 93-104.

MOTT, L. *Bahia: inquisição & sociedade*. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 195-293.

NARO, A.; SCHERRE, M. M. O conceito de transmissão linguística irregular e as origens estruturais do português brasileiro: um tema em debate. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contacto linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 285-302.

PESSOA DE CASTRO, Y. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001. p. 25-47.

_____. A matriz africana no português do Brasil. In: CARDOSO, S.; MOTA, J.; MATTOS E SILVA, R. V. (Org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 81-116.

PETTER, M. M. T. Línguas africanas no Brasil. In: CARDOSO, S.; MOTA, J.; MATTOS E SILVA, R. V. (Org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 117-142.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RODRIGUES, A. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

_____. As línguas gerais sul-americanas. *Laboratório de línguas indígenas*, Brasília, 1996. Disponível em: <<http://www.unb.br>>. Acesso em: 10 ago. 2009.

_____. As outras línguas da colonização do Brasil. In: CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 143-161.

SILVA NETO, S. da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença/MEC, 1979 [1957].

TEIXEIRA, R. As línguas indígenas no Brasil. In: GRUPIONI, L. D. B.; SILVA, A. L. da (Org.). *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995. p. 291-311.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. 3. ed. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VILHENA, L. dos S. *A Bahia no século XVIII*. Salvador: Editora Itapuã, 1969 [1798-1799]. p. 437- 514.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

Received in March 8, 2017. Approved in October 31, 2017.